

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ÉRICA DANIELA DE ARAÚJO

**A LINGUÍSTICA GERAL DE ÉMILE BENVENISTE COMO UM
ACONTECIMENTO NO ESPAÇO POLÍTICO-SIMBÓLICO
DA LINGUÍSTICA:
*LÍNGUA, CULTURA, PERSONALIDADE***

UBERLÂNDIA-MG

2019

ÉRICA DANIELA DE ARAÚJO

**A LINGUÍSTICA GERAL DE ÉMILE BENVENISTE COMO UM
ACONTECIMENTO NO ESPAÇO POLÍTICO-SIMBÓLICO
DA LINGUÍSTICA:
*LÍNGUA, CULTURA, PERSONALIDADE***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Doutorado, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e em Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Cármen Lúcia
Hernandes Agostini

UBERLÂNDIA-MG

2019

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

A663 2019	<p>Araújo, Érica Daniela de, 1986- A Linguística Geral de Émile Benveniste como um acontecimento no espaço político-simbólico da Linguística: [recurso eletrônico] : língua, cultura, personalidade / Érica Daniela de Araújo. - 2019.</p> <p>Orientadora: Cármem Lúcia Hernandes Agustini. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós- graduação em Estudos Linguísticos. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2395 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Linguística. I. Agustini, Cármem Lúcia Hernandes , 1971-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.</p> <p>CDU: 801</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

ÉRICA DANIELA DE ARAÚJO

**A LINGUÍSTICA GERAL DE ÉMILE BENVENISTE COMO UM
ACONTECIMENTO NO ESPAÇO POLÍTICO-SIMBÓLICO
DA LINGUÍSTICA:
*LÍNGUA, CULTURA, PERSONALIDADE***

Tese aprovada para a obtenção do Título de Doutora no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Doutorado, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia (MG), pela banca examinadora formada por:

UBERLÂNDIA, 21 DE OUTUBRO DE 2019.

Profa. Dra. Cármen Lúcia Hernandes Agustini – UFU



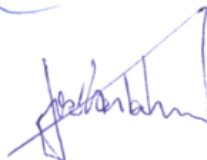
Prof. Dr. José Simão da Silva Sobrinho - UFU



Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo - UFU



Prof. Dr. José Horta Nunes – UNICAMP



Prof. Dr. Eduardo Alves Rodrigues - UNIVÁS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br

**ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese; PPGEL				
Data:	Vinte e um de outubro de dois mil e dezenove	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	11523ELI007				
Nome do Discente:	Érica Daniela de Araújo				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Linguagem e constituição do sujeito				

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 209 U, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: [José Simão da Silva Sobrinho, PPGEL/UFU](#); [Ernesto Sérgio Bertoldo, PPGEL/UFU](#); [José Horta Nunes/UNICAMP](#); [Eduardo Alves Rodrigues/ UNIVÁS](#); [Carmen Lúcia Hernandez Agustini, PPGEL/UFU](#) orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Carmen Lúcia Hernandez Agustini, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[Aprovado\(a\).](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Doutora](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Carmen Lucia Hernandez Agustini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/10/2019, às 13:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ernesto Sérgio Bertoldo, Membro de Comissão**, em 21/10/2019, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Simão da Silva Sobrinho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/10/2019, às 17:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Alves Rodrigues, Usuário Externo**, em 01/11/2019, às 09:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Horta Nunes, Usuário Externo**, em 01/11/2019, às 12:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1591808** e o código CRC **3F919748**.

DEDICO ESTE TRABALHO

*Aos meus pais, Amador e Rita,
que sempre me fizeram acreditar na realização dos meus sonhos e trabalharam muito
para que eu pudesse realizá-los.*

*Ao Rafael, companheiro no amor, na vida e nos
sonhos, que sempre me apoiou nas horas difíceis e compartilhou
comigo as alegrias. A você, todo meu amor.*

*À minha irmã (in memoriam) Renata, apesar de ausente fisicamente, se fez presente em
todo esse percurso. Nada poderia apagar dos meus pensamentos a suavidade e a
doçura da sua presença. Só o conforto divino e o amor de Deus têm tornado suportável
sua separação.*

E ao Lucas, cuja existência me faz sempre mais querer ser melhor.

AGRADECIMENTOS

*[...]E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
(Gonzaguinha - Caminhos do Coração)*

À Deus pela vida e por guiar meus passos e meu volante ao longo dos milhares de quilômetros percorridos, entre Araxá e Uberlândia, até a concretização deste trabalho. Na solidão das estradas, o Senhor iluminou os meus caminhos, dando-me forças para superar os momentos difíceis; coragem para continuar superando as dificuldades e paciência para não me entregar ao desânimo diante das minhas fraquezas.

Aos meus pais, Amador e Rita, que não mediram esforços para que eu alcançasse sempre os meus objetivos. Em seu trabalho diário, quer na chuva quer no sol, as mãos calejadas e as marcas do tempo na pele denunciavam o empenho de quem fez o projeto de ter filhos o dom de uma vida. A vocês, todo meu amor e gratidão!

Ao Rafael, meu esposo, pelo amor. Sua presença ao meu lado tornou mais amena minha caminhada pela vida. Seu incentivo, companheirismo e amor incondicional fizeram com que eu acreditasse que seria possível sonhar, planejar. Por isso, essa não é minha vitória, é nossa vitória, fruto de um projeto de vida comum, de um amor comum.

À minha irmã (*in memoriam*), Renata, que antecipou sua viagem aos braços do pai, mas que não se apartou de mim; e ao meu sobrinho, Lucas, que me ensina, com sua simples presença, o que é ser feliz.

À professora Cármen Agustini, que me apoiou incondicionalmente durante toda essa jornada. Nossos laços de trabalho e de amizade completam 14 anos e torço para que continuem por muitos e muitos outros anos. Cármen foi minha primeira professora na Universidade, minha orientadora em duas Iniciações Científicas, minha orientadora no Mestrado e, agora, também no Doutorado. Mais que isso: é meu exemplo de profissionalismo e de dedicação. Obrigada pelo carinho e pela dedicação com que me guiou ao longo de minha formação acadêmica e, em especial, no desenvolvimento deste trabalho. O amor à teorização de Émile Benveniste não teria sido possível sem a sementinha que plantou em mim a partir de suas reflexões.

Ao professor José Simão da Silva Sobrinho, pela orientação de trabalho de área complementar. Agradeço imensamente pela generosidade com que me orientou durante esse trabalho e por ter compartilhado comigo ricas interlocuções.

Aos professores José Simão da Silva Sobrinho, Ernesto Sérgio Bertoldo e João de Deus Leite quando da qualificação do projeto desta tese.

Aos professores Eduardo Alves Rodrigues (UNIVÁS), Luiza Kátia Andrade Castello Branco (UNIVÁS), José Simão da Silva Sobrinho (UFU), Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU) e Maurício Viana de Araújo (UFU), pelas ricas contribuições quando da qualificação desta tese.

Aos professores José Horta Nunes (UNICAMP), Eduardo Alves Rodrigues (UNIVÁS), José Simão da Silva Sobrinho (UFU) e Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU) por aceitarem o convite para participar da banca de defesa desta tese.

Aos meus colegas de trabalho no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG – Unidade Araxá) pelo carinho com que me apoiaram no decorrer dessa pesquisa. E à direção dessa instituição pelo afastamento de concedido para conclusão desta tese.

Às amigas que o Cefet meu deu de presente, Aline Bianco, Raquel Afonso e Alessandra Ribeiro, minhas #trutas, que compartilham comigo as angústias e as alegrias de existir. A vocês, todo meu carinho e gratidão por estarem sempre presentes em minha vida!

À minha amiga Keila Martins, cuja admiração, respeito e cumplicidade atravessam a distância física. Você, minha amiga, tem o dom de saber ouvir e falar quando necessário. À distância, sente e pressente minhas angústias, alegrando meus dias com as “Pílulas do Evangelho”; “pílulas” que acalentam meu coração e me dão forças para continuar!

À minha amiga Mariana Marinho, minha companheira dessa jornada acadêmica, agradeço pela disponibilidade por cada escuta e cada sorriso que compartilhamos juntas. Desejo a você uma imensidão de alegrias e de realizações!

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais pelo apoio financeiro concedido no desenvolvimento de parte desta pesquisa.

EPÍGRAFE A MINHA MÃE

NO DIA EM QUE EU SAÍ DE CASA

COMPOSITOR: JOEL MARQUES

NO DIA EM QUE EU SAÍ DE CASA, MINHA MÃE ME DISSE FILHO VENHA CÁ
PASSOU A MÃO EM MEUS CABELOS, OLHOU EM MEUS OLHOS COMEÇOU A FALAR
POR ONDE VOCÊ FOR EU SIGO COM MEU PENSAMENTO SEMPRE ONDE ESTIVER
EM MINHAS ORAÇÕES EU VOU PEDIR A DEUS
QUE ILUMINE OS PASSOS SEUS.

EU SEI QUE ELA NUNCA COMPREENDEU
OS MEUS MOTIVOS DE SAIR DE LÁ
MAS ELA SABE QUE DEPOIS QUE CRESCE
O FILHO VIRA PASSARINHO E QUER VOAR
EU BEM QUERIA CONTINUAR ALI
MAS O DESTINO QUIS ME CONTRARIAR
E O OLHAR DE MINHA MÃE NA PORTA
EU DEIXEI CHORANDO A ME ABENÇOAR

A MINHA MÃE NAQUELE DIA ME FALOU DO MUNDO COMO ELE É
PARECE QUE ELA CONHECIA CADA PEDRA QUE EU IRIA POR O PÉ
E SEMPRE AO LADO DO MEU PAI DA PEQUENA CIDADE ELA JAMAIS SAIU
ELA ME DISSE ASSIM, MEU FILHO VÁ COM DEUS
QUE ESTE MUNDO INTEIRO É SEU

EU SEI QUE ELA NUNCA COMPREENDEU
OS MEUS MOTIVOS DE SAIR DE LÁ
MAS ELA SABE QUE DEPOIS QUE CRESCE
O FILHO VIRA PASSARINHO E QUER VOAR

EU BEM QUERIA CONTINUAR ALI
MAS O DESTINO QUIS ME CONTRARIAR
E O OLHAR DE MINHA MÃE NA PORTA
EU DEIXEI CHORANDO A ME ABENÇOAR
E O OLHAR DE MINHA MÃE NA PORTA
EU DEIXEI CHORANDO A ME ABENÇOAR
E O OLHAR DE MINHA MÃE NA PORTA
EU DEIXEI CHORANDO A ME ABENÇOAR

EPÍGRAFE A MEU PAI

HISTÓRIA DE UM PREGO

COMPOSITOR: JOÃO PACÍFICO

MEU FILHO, VEM CÁ, CORRE!

VEM SENTAR AQUI COMIGO

SOU SEU PAI, SOU SEU AMIGO!

QUERO TE ACONSELHAR.

OLHE NA PAREDE, AQUELE PREGO, ALI PREGADO;

ELE SABE O MEU PASSADO, MAS EU QUERO TE CONTAR:

NAQUELE PREGO

EU JÁ PENDUREI MEU LAÇO,

O ARREIO DO PICASSO,

CAVALO DE ESTIMAÇÃO;

E UM PAR DE ESPORAS

QUE CUSTOU MUITO DINHEIRO

E O CHAPÉU DE BOIADEIRO

QUE EU LIDAVA NO SERTÃO.

NAQUELE PREGO

PENDUREI MUITO CANSAÇO,

MUITO SUOR DO MORMAÇO

E POEIRA DO ESTRADÃO;

E QUANTAS VEZES

MINHA MÁGOA PENDUREI

SENTIMENTOS EU GUARDEI

PRA NÃO MAGOAR TEU CORAÇÃO.

DE AGORA EM DIANTE

VOU TIRAR DELE MEU LAÇO,

O ARREIO DO PICASSO

E AS ESPORAS VOU GUARDAR.

NAQUELE PREGO

PENDURE UMA SACOLA

CHEIA DE LIVROS DA ESCOLA

E VONTADE DE ESTUDAR;

QUANDO AMANHÃ

VOCÊ ESTIVER AQUI SENTADO

LEMBRANDO NOSSO PASSADO

OLHANDO O PREGO PIONEIRO,

QUERO QUE SEJA

UM DOUTOR BEM AFAMADO

E DIGA SEMPRE EM ALTO BRADO:

SOU FILHA DE BOIADEIRO!

RESUMO

Objetivamos, com esta tese, analisar o estatuto teórico dos conceitos *língua, cultura, personalidade* na Linguística Geral de Émile Benveniste. De nosso ponto de vista, esse trinômio conceitual está na base teórica dessa Linguística, uma vez que o gesto teórico desse autor o impele a centrar seus “problemas” linguísticos no estudo da *significação*. Segundo ele, os estudos linguísticos de sua época extirparam do seio de seus interesses a *significação*, por ser considerada “elemento inapreensível, subjetivo, impossível de classificar” (BENVENISTE, 2005[1954a], p. 12). Esse fato fez com que os métodos forjados por muitos linguistas tomassem a língua como autônoma em relação ao homem. Benveniste critica severamente essa visão, salientando que “é de temer-se que, se esse método deve generalizar-se, a linguística não possa jamais reunir-se a nenhuma das outras ciências do homem nem da cultura” (BENVENISTE, 2005[1954a], p. 13). Para Benveniste, “antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano” (BENVENISTE, 2006[1966a], p. 222). Sendo assim, a teorização de Émile Benveniste postula como fundamental à análise linguística a *significação*; “essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam” (BENVENISTE, 2005[1962b], p. 135). Essa mudança de perspectiva com relação ao objeto da linguística é marcante ao longo de toda sua teorização acerca dos problemas da linguagem. Ante ao exposto, questionamos se o trinômio *língua, cultura, personalidade* constitui a base da Linguística Geral de Émile Benveniste e aventamos a hipótese de que esse trinômio fundamenta a Linguística Geral elaborada por Émile Benveniste, dado que permite a ele centrar seus questionamentos linguísticos no estudo da *significação*. Em outros termos, de nossa perspectiva, esses conceitos constituem o trinômio que fundamenta o projeto benvenistiano de estudo da *significação* e, conseqüentemente, sua Linguística Geral. Considerando, assim, a problematização apresentada, nossa pesquisa desenvolve-se a partir da articulação entre dois domínios do saber, quais sejam: Análise de Discurso (AD) e História das Ideias Linguísticas (HIL). Com essa “articulação, passa[mos] da perspectiva da função para a do funcionamento (processo) discursivo do instrumento linguístico” (SILVA SOBRINHO, 2013, p. 307). A partir dessa articulação, analisamos o funcionamento discursivo da teorização formulada por Émile Benveniste, compreendida como “instrumento linguístico”, levando em consideração as condições sócio-históricas de sua produção, tendo em vista sua *constituição, formulação e circulação* (cf. ORLANDI, 2012). Ou seja, confrontamos, por meio de análise, a dimensão interdiscursiva da *formulação* benvenistiana na qual os conceitos figuram, tendo em vista sua *constituição*, dimensão *intradiscursiva*, e sua *circulação*, condições sócio-históricas e ideológicas de divulgação. Instauramos, assim, um ponto de vista histórico-discursivo sobre a teorização desse linguista de modo estabelecer leituras que possibilitam a compreensão das relações teóricas engendradas na *constituição* dessa teorização. Com essa análise, expomos ao olhar-leitor que o trinômio conceitual, fundamento da Linguística Geral de Benveniste, determina a identidade teórica de seu mo(vi)mento de teorização como autoral, como um acontecimento na história das ideias linguísticas.

Palavras-chave: Émile Benveniste. Língua. Cultura. Personalidade. Análise de Discurso. História das Ideias Linguísticas.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette thèse est d'analyser le statut théorique des concepts *langue, culture, personnalité* dans la Linguistique Générale de Émile Benveniste. De notre point de vue, ce trinôme conceptuel est à la base théorique de cette Linguistique, puisque le geste théorique de l'auteur l'incite à concentrer ses « problèmes » linguistiques sur l'étude de la *signification*. Selon lui, les études linguistiques de son époque écarteraient la *signification* de ses intérêts, car il était considéré comme «élément insaisissable, subjectif, inclassable» (BENVENISTE, 2005[1954a], p. 12). Ce fait a amené les méthodes forgées par de nombreux linguistes à considérer le langage comme autonome de l'homme. Benveniste critique sévèrement ce point de vue, soulignant qu'«il est à craindre que, si cette méthode doit se généraliser, la linguistique ne puisse jamais rejoindre aucune des autres sciences de l'homme ni de la culture » (BENVENISTE, 2005[1954a] , p. 13). Pour Benveniste, «avant toute chose, le langage signifie, tel est son caractère primordial, sa vocation originelle qui transcende et explique toutes les fonctions qu'il assure dans le milieu humain » (BENVENISTE, 2006[1966], p. 222). Ainsi, la théorisation d'Émile Benveniste postule comme fondamental pour l'analyse linguistique la *signification*; « cette tête de Méduse est toujours là, au centre de la langue, fascinant ceux qui la contemplent » (BENVENISTE, 2005[1962b], p. 135). Ce changement de perspective concernant l'objet de la linguistique est frappant tout au long de sa théorisation sur les problèmes de la langue. Compte tenu de ce qui précède, nous questionnons si le trinôme *langue, culture, personnalité* constitue la base de la Linguistique Générale d'Émile Benveniste et nous émettons l'hypothèse que ce trinôme est à la base de la Linguistique Générale élaborée par Émile Benveniste, puisqu'il lui permet de centrer ses questions linguistiques sur l'étude de la *signification*. En d'autres termes, ces concepts constituent, de notre point de vue, le trinôme qui sous-tend le projet d'étude de la signification de Benveniste et, par conséquent, sa Linguistique Générale. Compte tenu de la problématisation présentée, notre recherche se développe à partir de l'articulation entre deux domaines de connaissance, à savoir: l'Analyse du Discours (AD) et l'Histoire des Idées Linguistiques (HIL). Avec cette «articulation, nous passons de la perspective de la fonction à celle du fonctionnement (processus) discursif de l'instrument linguistique» (SILVA SOBRINHO, 2013, p. 307). À partir de cette articulation, nous analysons le fonctionnement discursif de la théorisation formulée par Émile Benveniste, entendue comme un «instrument linguistique», prenant en compte les conditions socio-historiques de sa production, compte tenu de sa *constitution*, de sa *formulation* et de sa *circulation* (cf. ORLANDI, 2012).) C'est, nous sommes confrontés, cela nous permet donc d'analyser le fonctionnement discursif de la théorisation formulée par Émile Benveniste sur le langage, compris comme un «instrument linguistique», prenant en compte les conditions socio-historiques de production de ces discours, compte tenu de sa *constitution*, sa *formulation* et sa *circulation* (cf. ORLANDI, 2005). C'est-à-dire que, nous nous confrontons, par l'analyse, la dimension interdiscursive de la *formulation* benvenistienne dans laquelle les concepts figurent, compte tenu de leur *constitution*, de leur dimension intradiscursive, et de leur *circulation*, ainsi que des conditions de diffusion socio-historiques et idéologiques. Ainsi, nous établissons un point de vue discursif sur la théorisation de ce linguiste afin d'établir des lectures qui permettent de comprendre les relations théoriques engendrées dans la *constitution* de cette théorisation. Avec cette analyse, nous exposons au regard de lecteur que le trinôme conceptuel, le fondement de la Linguistique Générale de Benveniste, détermine l'identité théorique de son moment de théorisation en tant qu'auteur, comme un événement de l'histoire des idées linguistiques.

Mots-clés: Émile Benveniste. Langue. Culture. Personnalité. Analyse du discours. Histoire des Idées de Linguistiques.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to analyze the theoretical status of the concepts *language*, *culture*, *personality* in the General Linguistics of Émile Benveniste. From our point of view, this conceptual trinomial is the theoretical basis of this Linguistics, since the author's theoretical gesture impels him to focus their linguistic « problems » on the study of meaning. According to him, the linguistic studies of his time removed meaning from its interests, as it was considered « an element that was incomprehensible, subjective, impossible to classify » (BENVENISTE, 2005 [1954a], p. 12). This fact led the methods forged by many linguists to take language as autonomous from man. Benveniste severely criticizes this view, stressing that « it is to be feared that if this method is to be generalized, the linguistics can never merge with any of the other sciences of man or culture » (BENVENISTE, 2005 [1954a], p. 13). For Benveniste, « first of all, language means, such is its primordial character, its original vocation that it transcends and explains all the functions it performs in the human environment » (BENVENISTE, 2006 [1966a], p. 222). Thus, Émile Benveniste's theorization postulates as fundamental to linguistic analysis meaning; « this head of Medusa is always there, in the center of the language, fascinating those who contemplate it » (BENVENISTE, 2005 [1962b], p. 135). This change in perspective on the object of linguistics is striking throughout his theorizing about language problems. Given the above, we question whether the trinomial *language*, *culture*, *personality* constitutes the basis of the General Linguistics of Émile Benveniste and we hypothesize that this trinomium underlies the General Linguistics elaborated by Émile Benveniste, since it allows him to focus his linguistic questions on the study of meaning. In other words, from our perspective, these concepts constitute the trinomium that underlies the Benvenist project of the study of meaning and, consequently, its General Linguistics. Considering, thus, the problematization presented, our research develops from the articulation between two domains of knowledge, namely: Discourse Analysis (AD) and History of Linguistics Ideas (HIL). With this « articulation, we move from the perspective of function to that of the discursive functioning (process) of the linguistic instrument » (SILVA SOBRINHO, 2013, p. 307). From this articulation, we analyze the discursive functioning of the theory formulated by Émile Benveniste, understood as a “linguistic instrument”, taking into account the socio-historical conditions of its production, considering its *constitution*, *formulation* and *circulation* (cf. ORLANDI, 2012). That is, we analyze, through analysis, the interdiscursive dimension of the Benvenist *formulation* in which the concepts figure, in view of their *constitution*, intradiscursive dimension, and their *circulation*, socio-historical and ideological conditions of dissemination. Thus, we establish a historical-discursive point of view on the linguist's theorizing in order to establish readings that allow the understanding of the theoretical relations engendered in the *constitution* of this theorizing. With this analysis, we expose to the reader-look that the conceptual trinomial, the foundation of Benveniste's General Linguistics, determines the theoretical identity of his theorizing movement as authorial, as an event in the history of linguistics ideas.

Keywords: Émile Benveniste. Language. Culture. Personality. Discourse Analysis. History of Linguistics Ideas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	21
INTRODUÇÃO	24
APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO: ANÁLISE DE DISCURSO E HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS.....	34
1.1 Introdução	35
1.2 Articulando Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas	36
1.3 Construção do <i>corpus</i> e procedimentos de análise	53
O CONCEITO <i>LÍNGUA</i> NA LINGUÍSTICA GERAL DE BENVENISTE.....	64
2.1 Introdução	65
2.2 O conceito “língua” nas filiações de Benveniste	65
2.3 O conceito <i>língua</i> na teorização de Benveniste	78
O CONCEITO <i>CULTURA</i> NA LINGUÍSTICA GERAL DE BENVENISTE	122
3.1 Introdução	123
3.2 O conceito “cultura” nas filiações de Benveniste	123
3.3 O conceito <i>cultura</i> na teorização benvenistiana	130
O CONCEITO <i>PERSONALIDADE</i> NA LINGUÍSTICA GERAL DE BENVENISTE	166
4.1 Introdução	167
4.2 O conceito “personalidade” nas filiações de Benveniste	167
4.3 O conceito <i>personalidade</i> na teorização benvenistiana	177
O PROJETO DE LINGUÍSTICA GERAL DE ÉMILE BENVENISTE: O ESTUDO DA <i>SIGNIFICAÇÃO</i>	207
5.1 Introdução	208
5.2 O projeto de Linguística Geral de Émile Benveniste.....	208
CONSIDERAÇÕES “FINAIS”	221
REFERÊNCIAS	230

APRESENTAÇÃO

*O vento é sempre o mesmo:
mas sua resposta é diferente em cada folha.
Somente a árvore seca fica imóvel
entre borboletas e pássaros.*

Cecília Meireles (1983)

Quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia.

Alfredo Bosi (2003, p. 45)

Convidamos você, leitor, a acompanhar, por meio deste trabalho, a nossa leitura da Linguística Geral de Émile Benveniste. A teorização desse autor, no espaço político-simbólico da Linguística, possui uma história de *circulação* contraditória, uma vez que, ao ocupar a cátedra de Gramática Comparada na *École Pratique des Hautes Études* e no *Collège de France*, Benveniste é significado como comparatista no mo(vi)mento de emergência da Linguística Moderna, fundada sobre a perspectiva sincrônica de estudo da linguagem. Essa posição o torna um professor pouco requisitado. Com a publicação dos *Problemas de Linguística Geral I*, em 1966, a *circulação* de sua reflexão linguística assume outro estatuto, uma vez que sua Linguística Geral ganha visibilidade. Assim, os *Problemas de Linguística Geral* são alçados à condição de texto de apresentação de sua Linguística Geral.

Esse modo de *circulação* faz emergir discursividades que automatizam uma leitura de/sobre Benveniste que restringe sua Linguística à questão da *enunciação*. Assim, Benveniste passa a ser lembrado/significado como o linguista da enunciação. Esse mo(vi)mento de restrição silencia outros aspectos (relevantes) de sua Linguística Geral. Faz parte desse mo(vi)mento de restrição a *(re)*significação de sua teorização em alguns campos de estudo da linguagem, como a Pragmática e a Linguística Textual, o que contribuiu, sobremaneira, para essa automatização.

No que se refere à Pragmática, o estudo de Benveniste sobre os pronomes como marca da dêixis é recorrentemente retomado como ponto de apoio a suas pesquisas, as quais analisam as implicações da fala e o que faz do ato de fala uma ação. O trabalho teórico de Benveniste sobre os pronomes, de fato, é lido como atrelado ao contexto imediato e empírico da comunicação, e não a instâncias simbólicas por meio das quais é possível analisar a presença do *homem na língua*. De modo semelhante à Pragmática, a Linguística Textual também se utiliza dos estudos de Benveniste ao apoiar suas descrições textuais nos estudos da enunciação, em especial, nos artigos em que esse autor analisa os pronomes e os verbos. Esse “apoio”, contudo, restringe-se à descrição das *formas* linguísticas. De nossa posição teórica, esse movimento de *(re)*significar aspectos específicos da teorização de Benveniste decorre do modo como esses campos significam o saber instituído, dada a posição que assumem no espaço político-simbólico das ciências da linguagem. Dito poeticamente, “o vento é sempre o ‘mesmo’: mas sua resposta é diferente em cada folha” (MEIRELES, 1983).

Em nosso gesto de leitura, intentamos dar a ver como a tomada de posição de Benveniste pelo estudo da *significação* desloca sua reflexão de um certo estruturalismo ortodoxo que dominou o espaço político-simbólico da Linguística de seu tempo, produzindo uma Linguística

autoral. Em vista dessa tomada de posição, nossa proposta, com este trabalho, consiste em ler a Linguística Geral de Émile Benveniste, presente nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*, a partir do ponto de vista histórico-discursivo. Buscamos, por conseguinte, articulando Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas, analisar como esses conceitos fundam a base conceitual da Linguística Geral de Émile Benveniste. A Linguística Geral elaborada por esse autor, no espaço político-simbólico da Linguística, embora seja, de algum modo, reconhecida, permanece objeto de reflexão. Parafraseando Bosi (2003, p.45), elegemos a busca pela Linguística Geral de Émile Benveniste e, por isso, não podemos nos furtar de lê-la e de interpretá-la de outro lugar.

INTRODUÇÃO

Benveniste tem a coragem de colocar deliberadamente a linguística no ponto de partida de um movimento muito vasto e de já adivinhar o desenvolvimento futuro de uma verdadeira ciência da cultura, na medida em que a cultura é essencialmente linguagem; ele não hesita em notar o nascimento de uma nova objetividade, imposta ao cientista pela natureza simbólica dos fenômenos culturais: longe de abandonar a língua no limiar da sociedade, como se ela não fosse mais do que um utensílio, afirma com esperança que é “a sociedade que começa a reconhecer-se como língua”. Ora, é fundamental para todo um conjunto de pesquisas que um linguista tão rigoroso como Benveniste esteja consciente dos poderes de sua disciplina e que, recusando constituir-se proprietário dela, reconheça na mesma o germe de uma nova configuração das ciências humanas.

Roland Barthes (1988, p. 180)

Os dizeres presentes na epígrafe que encabeça esta introdução incluem-se entre aqueles que consideram a teorização elaborada por Émile Benveniste como significativa no espaço político-simbólico da Linguística e das Ciências Humanas. De acordo com Teixeira, (2012a, p. 72), “pensadores como, por exemplo, Paul Ricoeur, Roland Barthes e Jacques Lacan” – acrescentamos Lévi-Strauss, Todorov, Authier-Revuz, Agamben, Dufour, Dessons, entre inúmeros outros – “perceberam desde sempre que Benveniste não se ocupa apenas de aspectos avulsos de morfologia e sintaxe. Sob a descrição linguística miúda e pormenorizada, estão colocadas questões de interesse muito amplo” (TEIXEIRA, 2012, p. 72). Questões essas que, de nosso ponto de vista, ultrapassam os limites impostos pelo estruturalismo ortodoxo¹ vigente no período de sua *formulação*.

Ainda sobre a recepção dos estudos benvenistianos, retomamos Arrivé (2007, p. 9, tradução nossa), o qual afirma: “para um bom número de linguistas – principalmente francófonos, para dizer a verdade – o nome de Benveniste marca uma mudança considerável nas pesquisas sobre a linguagem, tão considerável quanto foi em seu tempo o efeito do *Curso de Linguística Geral*”². Em suas formulações teóricas, segundo Chiss e Puech (1999), Benveniste apresenta um “estilo” próprio de fazer ciência, de *retomar* questões tidas como evidentes no campo da Linguística e *recolocá-las* em cena, dando nova luz a essas questões. Dessons, por sua vez, salienta que Benveniste “questiona muitas das ideias aceitas sobre a linguagem, vai muito além de questões linguísticas estritas para lidar com problemas que, até agora, estavam confinados ao domínio filosófico”³ (DESSONS, 2006, p. 25, tradução nossa).

Retomemos: nos dizeres até aqui aludidos, é consenso o fato de Benveniste, em sua teorização, questionar as evidências no campo da Linguística, o que o leva a lidar com “questões de interesse muito amplo” (TEIXEIRA, 2012, p. 72), propiciando, com sua descrição e análise, uma “mudança considerável nas pesquisas sobre a linguagem” (ARRIVÉ, 2007, p. 9, tradução nossa). Esse estudioso “rigoroso”, nos dizeres de Barthes (1988, p. 90), muitas vezes

¹ Empregamos esse sintagma, tal qual fez Orlandi (cf. 2002a; 2009a), para designar a corrente linguística de tendência mecanicista, antimentalista, cujo objeto de análise era a língua em si e por si mesma, excluída de todos os fatores extralinguísticos. Em sua busca por critérios uniformes da língua, desprezaram por completo qualquer interesse semântico. Entre os estudiosos dessa corrente, citamos Bloomfield, Harris, Hjelmslev.

² « [...] pour bon nombre de linguistes – surtout francophones, à vrai dire – le nom de Benveniste marque une mutation considérable dans les recherches sur le langage, aussi considérable que fut en son temps l’effet du *Cours de linguistique générale* » (ARRIVÉ, 2007, p. 9).

³ « [...] met en question bon nombre d’idées reçues sur le langage, déborde largement les strictes questions linguistiques pour toucher des problèmes cantonnés jusque-là au seul domaine philosophique » (DESSONS, 2006, p. 25).

“subestimado”⁴ e mal compreendido, teve a “coragem” (BARTHES, 1988, p. 180) de reconhecer na Linguística “o germe de uma nova configuração das ciências humanas” (BARTHES, 1988, p. 180): configuração essa advinda, de nossa perspectiva, da tomada de posição desse autor pelo estudo e pela análise do uso da *língua*, a partir da *significação*; essa que, até então, estava confinada ao domínio filosófico. Contudo, conforme Dessons, é

[...] particularmente sugestivo, até mesmo perturbador, o pensamento de Benveniste ser frequentemente atenuado e desnaturalizado pela vulgarização de sua teoria linguística reduzida apenas às análises das marcas formais de enunciação, em detrimento das considerações teóricas de ordem mais geral, cujo alcance revela, no entanto, uma concepção forte e original das relações entre a linguagem e o homem⁵ (DESSONS, 2006, p. 26, tradução nossa).

Conforme salienta Dessons (2006, p. 26, tradução nossa), embora as pesquisas teóricas, de ordem mais geral, realizadas por Benveniste, revelem “uma concepção forte e original das relações entre a linguagem e o homem”, ainda assim o pensamento desse autor é “frequentemente atenuado e desnaturalizado pela vulgarização de sua teoria linguística reduzida apenas às análises das marcas formais de enunciação”. Para nós, assumindo o ponto de vista histórico-discursivo⁶, esse fato que Dessons assinala ser “particularmente sugestivo, até mesmo perturbador”, deve-se à divisão política dos sentidos, os quais não significam da mesma maneira para todos, uma vez que “esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história” (ORLANDI, 1998, p. 74). Assim sendo, o modo por meio do qual o pensamento de Benveniste *circulou/circula* o fez ser (*re*)conhecido como o linguista da enunciação, bem como ser frequentemente (*re*)tomado por seu estudo acerca das marcas formais da enunciação, o que silenciou⁷, em alguma medida, outros aspectos do trabalho na qual teoriza o “geral” da linguagem, lugar de associação com a teorização sobre o homem, ou seja, lugar de teorização acerca do efeito da língua e da linguagem sobre o constitutivo do homem, o que inscreve ao problema da *significação*.

Ao longo de sua trajetória intelectual, Benveniste dedicou-se arduamente a temas variados no seio dos estudos linguísticos, de tal modo que o itinerário por ele deixado, ainda

⁴ De acordo com Barthes, “o lugar de Benveniste no concerto dos grandes linguistas que marcam com a sua influência todo o trabalho intelectual da nossa época é totalmente original – a ponto de ser, por vezes, subestimado” (1988, p. 181).

⁵ « [...] particulièrement suggestive, voire dérangeante, la pensée de Benveniste se voit fréquemment atténuée et dénaturée par la vulgarisation de sa théorie linguistique réduite aux seules analyses des marques formelles de l'énonciation, au détriment des considérations théoriques d'ordre plus général, dont la portée révèle pourtant une conception forte et originale des relations entre le langage et l'homme » (DESSONS, 2006, p. 26).

⁶ Empregamos “histórico-discursivo” tal como o fez Nunes (2008).

⁷ Mobilizamos, em nosso trabalho, esse conceito tal como concebido por Orlandi (2007).

que interrompido bruscamente⁸ e tendo em vista sua aparente diversidade, gera controvérsias e dúvidas com relação à constituição de uma unidade teórico-metodológica. Benveniste publicou mais de 200 artigos científicos e 17 livros⁹; outros 3 livros¹⁰ foram publicados postumamente e possuem, cada qual, circunstâncias de publicação bastante distintas. Embora seja vasta a produção desse autor, ela é realizada, conforme Dessons (2006), em três áreas principais, quais sejam: os estudos iranianos, os estudos em gramática comparada das línguas indo-europeias e os estudos em Linguística Geral. Ainda com Dessons,

[...] considerado como um grande indo-europeísta, [...] **Benveniste não é realmente reconhecido como especialista em linguística geral até o final da década de 1960.** Provavelmente porque seus trabalhos nesse campo não foram objeto de um tratado específico, mas consistiram em estudos publicados de 1939 a 1972, e reagrupados em 1966, e novamente em 1974, em dois volumes intitulados *Problemas de Linguística Geral*. As datas da primeira publicação dos artigos mostram que a pesquisa “generalista” de Benveniste, e em particular a elaboração de sua teoria da enunciação, se não se materializou em uma obra específica, não deixa de ser uma preocupação constante, paralelamente a sua pesquisa comparatista. De fato, **embora a divisão de seu trabalho em um setor filológico e um setor generalista possa dar a impressão de duas atividades distintas, são dois momentos do mesmo projeto global, que estabelece a significação como ponto de vista fundamental sobre a linguagem**¹¹ (DESSONS, p. 26-27, tradução nossa e grito negrito nosso).

⁸ Em 6 de dezembro de 1969, Émile Benveniste sofre um acidente vascular cerebral, que o deixou paralisado e o privou da fala até sua morte em 3 de outubro de 1976.

⁹ Quais sejam: 1) *Essai de grammaire sogdienne*, Paris, 1929; 2) *The Persian Religion according to the Chief Greek Texts*, 1929; 3) *Grammaire du vieux perse d'A. Meillet*, 2e éd. entièrement corrigée et augmentée, Paris, 1931; 4) *Vrtra et Vrthragna, Étude de mythologie indo-iranienne*, Paris, 1934; 5) *Les infinitifs avestiques*, Paris, 1935; 6) *Origines de la formation des noms en indo-européen*, Paris, 1935; 7) *Les mages dans l'ancien Iran*, Paris, 1938; 8) *Codices sogdiani*, Copenhague, 1940; 9) *Textes sogdiens édités, traduits et commentés*, Paris, 1940; 10) *Vessantara Jātaka: texte sogdien édité, traduit et commenté*, Paris, 1946; 11) *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*, Paris, 1948; 12) *Études sur la langue ossète*, Paris, 1959; 13) *Hittite et indo-européen. Études comparatives*, Paris, 1962; 14) *Titres et noms propres en iranien ancien*, Paris, 1966; 15) *Problèmes de Linguistique Générale*, 1, Paris, Gallimard, 1966. (Edição brasileira: *Problemas de Linguística Geral I*, Campinas, SP: Editora Pontes, 1995.); 16) *Le Vocabulaire des Institutions Indo-européennes*, t. 1, Économie, parenté, société; t. 2, Pouvoir, droit, religion, Paris, Minuit, 1969. (Edição brasileira: *O Vocabulário das Instituições Indo-européias I e II*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1995); 17) *Problèmes de Linguistique Générale*, 2, Paris, Gallimard, 1974. (Edição brasileira: *Problemas de Linguística Geral II*, Campinas, SP: Editora Pontes, 1989).

¹⁰ A saber: 1) *Baudelaire*, Paris, Lambert-Lucas, 2011; 2) *Dernières Leçons*, França, Seuil, 2012; 3) *Langues, Cultures, Religions*, Limoges, Lambert-Lucas, 2015.

¹¹ « [...] son activité s'est exercée dans trois domaines principaux: celui des études iraniennes, de la grammaire comparée des langues indo-européennes, de la grammaire comparée des langues indo-européennes, et de la linguistique générale. [...] Considéré comme un grand indo-européaniste, [...] Benveniste n'est pas véritablement reconnu en tant que spécialiste de linguistique générale avant la fin des années 1960. Sans doute parce que ses travaux dans ce domaine n'ont pas fait l'objet d'un traité spécifique, mais ont consisté en études ponctuelles publiées de 1939 à 1972, et regroupées en 1966, puis en 1974, dans deux volumes intitulés *Problèmes de linguistique générale*. Les dates de première publication des articles montrent que la recherche « généraliste » de Benveniste, et notamment l'élaboration de sa théorie de l'énonciation, si elle ne s'est pas concrétisée dans un ouvrage spécifique, se révèle cependant une préoccupation constante, parallèlement à ses recherches comparatistes. En fait, et bien que la partition de son travail en un secteur philologique et un secteur généraliste puisse donner l'impression de deux activités distinctes, il s'agit plutôt de deux moments d'un même projet global, qui érige la signification en point de vue fondamental sur le langage » (DESSONS, 2006, p. 26-27).

De acordo com Dessons (2006, p. 26-27, tradução nossa), o trabalho elaborado por Benveniste em *Linguística Geral* ganhou notoriedade após a publicação dos *Problemas de Linguística Geral I* em 1966. Antes disso, embora essas pesquisas ocorressem paralelamente àquelas dos estudos iranianos e dos estudos em gramática comparada das línguas indo-europeias, em vista de um “mesmo projeto global”, elas não foram reconhecidas: Benveniste era considerado “um grande indo-europeísta” e ocupava na *École Pratique des Hautes Études* e no *Collège de France* a cátedra de Gramática Comparada, o que o fez ser significado como especialista no setor filológico. Consoante com Dessons (2006), de nossa perspectiva, o fato de Benveniste colocar a “significação como ponto de vista fundamental sobre a linguagem”, centro de suas preocupações, faz com que, entre seus estudos, aparentemente “distintos”, haja um fio condutor que os une, a questão da significação, de tal modo a formar uma unidade teórico-metodológica. Assim, “a obra de Benveniste apresenta uma coerência radical em sua diversidade e amplitude” (AGUSTINI; ARAUJO; LEITE, 2015, p. 121).

Nessa medida, a obra benvenistiana, devido a sua aparente diversidade e a sua extensão, coloca aos seus estudiosos certos desafios de leitura, tanto por ter sido bruscamente interrompida pela doença que o acometeu, quanto por ser refratária à linearidade, dado que suas obras mais conhecidas, por exemplo, são compostas por artigos organizados por temática e publicados em períodos muito distintos no tempo. Em vista dessa ressalva, nesta tese, objetivamos ler o trabalho teórico produzido por Benveniste em *Linguística Geral*, especificamente, aquele que foi compilado e divulgado nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*¹².

O determinante “geral”, assume, no espaço político-simbólico da Linguística, distintas significações. Para Auroux (1988, p. 44, tradução nossa), “do sentido o menos forçado que podemos dar a ‘geral’, [quer dizer], não restrito a uma língua qualquer”¹³. Colombat *et al.* (2007, p. 234), por sua vez, analisando os sentidos atribuídos a “geral” no campo da Linguística, afirmam que “a generalidade pode ser, ao mesmo tempo, um ponto de consenso e o lugar de todos os mal-entendidos”. Analisando historicamente o conceito, esses autores elencam três interpretações possíveis: (1) aquela que surge com o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand

¹² O *Problèmes de Linguistique Générale I* foi traduzido para o português por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, revisado por Isaac Nicolau Salum e publicado pela editora Pontes. O *Problèmes de Linguistique Générale II*, por seu turno, foi traduzido por Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandersi Sant’Ana Castro, João Wanderlei Geraldi e Ingedore G. Villaça Koch, revisado por Eduardo Guimarães e publicado pela editora Pontes.

¹³ « [...] le sens le moins contraignant qu’on puisse assigner « général », consiste à gloser le terme par « non restreint à une langue quelconque » (AUROUX, 1988, p. 44).

de Saussure, compreendido como “unidade geral, articulada, sistemática, dos princípios que permitem descrevê-los em sua própria diversidade e em seu parentesco” (COLOMBAT *et al.*; 2017, p. 235); (2) aquela em que “geral” surge como “definição muito ampla da linguística geral, inseparável do ponto de vista histórico sobre as línguas” (COLOMBAT *et al.*; 2017, p. 235), confundindo seu destino com uma *antropologia geral*; (3) aquela que surge como tentativa “de se representar a atividade linguageira como manifestação concreta, ‘real’, observável dos indivíduos e dos grupos no espaço completo e infinitamente variável de suas relações, a dinâmica produtiva de suas relações mútuas” (COLOMBAT *et al.*; 2017, p. 236-237).

Desses três sentidos possíveis, o terceiro sentido, menos restritivo, que surge no início do século XIX, assemelha-se àquele que compreendemos ser mobilizado por Benveniste em sua teorização, isso porque, em seus estudos, mesmo naqueles que versam sobre o iraniano e sobre a gramática comparada das línguas indo-europeias, sua descrição e análise pormenorizada colocam em questão a *significação*, fato que rompe com o estruturalismo ortodoxo em relação de dominância naquela época e produz deslocamentos na tradição linguística, produzindo uma Linguística Geral à sua maneira: autoral, na qual, de nosso ponto de vista, *língua, cultura, personalidade* constituem o trinômio basilar.

Benveniste, em suas descrições e análises linguísticas, não dissocia língua e homem – ele diz, como lembra Barthes na epígrafe desta introdução: “não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como língua” (BENVENISTE, 2005[1963c], p. 47)¹⁴. Esse fato o impele a considerar a Linguística uma Ciência Humana. Essa tomada de posição adotada por Benveniste em sua teorização difere-se consideravelmente das pesquisas linguísticas predominantes em sua época, especificamente aquelas que se voltaram à análise da forma linguística em detrimento da *significação*, por ser considerada “elemento inapreensível, subjetivo, impossível de classificar” (BENVENISTE, 2005[1954a], p. 12). Nessas pesquisas, conforme ressalta Benveniste, “a relação entre a forma e o sentido é pois reduzida à relação entre a expressão linguística e a situação [...] a significação reduz-se praticamente a um certo condicionamento linguístico” (2005[1954a], p. 12). Benveniste, na contramão desse pensamento, *reinsere* o homem no seio dos estudos linguísticos e produz uma [outra] Linguística Geral, cujas reflexões teórico-metodológicas objetivam compreender o uso da *língua*, o qual, de nosso prisma, implica *língua, cultura, personalidade*. Isso porque, para ele:

¹⁴ Nas citações de Benveniste, utilizamos o seguinte sistema de referência: ano de publicação do livro consultado, seguido, em chaves, do ano de publicação original do artigo, e, por fim, do número da página da tradução utilizada.

[...] podem-se, pois, conceber muitos tipos de descrição e muitos tipos de formalização, mas todos devem necessariamente supor que o seu objeto, a língua, é dotado de significação, que em vista disso é que é estruturado, e que essa condição é essencial ao funcionamento da língua entre os outros sistemas de signos (BENVENISTE, 2005[1954a], p. 13).

De acordo com Benveniste, o interesse em extirpar do seio dos problemas linguísticos a *significação*, por ser considerada subjetiva, fez com que os métodos forjados por muitos linguistas tomassem a língua como autônoma em relação ao homem. Benveniste, criticando severamente essa visão, salienta que: “é de temer-se que, se esse método deve generalizar-se, a linguística não possa jamais reunir-se a nenhuma das outras ciências do homem nem da cultura” (2005[1954a], p. 13). Isto é, para Benveniste, “antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano” (2006[1966a], p. 222). Notemos: Benveniste, no espaço político-simbólico da Linguística, assume, em sua *formulação* teórica, uma posição política que produz efeitos sobre seus modos de *constituição* e de *circulação*; posição essa que agrega como fundamental à análise linguística a *significação*; “essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam” (BENVENISTE, 2005[1962b], p. 135). Em outros termos, Benveniste interessou-se, entre outros aspectos, em estudar o poder significante da linguagem e, para isso, mudou a perspectiva de análise com relação ao objeto da linguística: ele considera que a *língua* possui uma dupla significância – o modo *semiótico* e o modo *semântico* –, conjugando em sua análise o emprego da *forma* e o uso da *língua*.

Essa mudança de perspectiva com relação ao objeto da linguística, isto é, o fato de ele se centrar no estudo da *língua* a partir da *significação*, é marcante ao longo de toda sua teorização acerca do problema da linguagem. Tanto é que, em 1954, no artigo “Tendências recentes em Linguística Geral”, publicado no *Journal de Psychologie*, Benveniste, ao esboçar “um panorama das recentes pesquisas sobre a teoria da linguagem e das perspectivas que elas abrem” (BENVENISTE, Prefácio dos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1966]), explicita:

[...] comprova-se assim em toda parte um esforço para submeter a linguística a métodos rigorosos, para afastar, ou quase, as construções subjetivas, o apriorismo filosófico. Os estudos linguísticos tornam-se hoje cada vez mais difíceis, exatamente por causa dessas exigências e porque os linguistas descobrem que a língua é um complexo de propriedades específicas que devem ser descritas por métodos que é preciso forjar. São tão particulares as condições próprias da linguagem que se pode estabelecer como um fato que há não apenas uma, porém várias estruturas da língua, cada uma das quais possibilitaria uma linguística completa. Tomar consciência disso ajudará, talvez, a ver claro dentro dos conflitos atuais. A linguagem tem, antes de

tudo, algo de eminentemente distintivo: estabelece-se sempre em dois planos, *significante e significado*. O simples estudo dessa propriedade constitutiva da linguagem e das relações de regularidade ou de desarmonia que acarreta, das tensões e das transformações que daí resultam em toda língua particular poderia servir de fundamento a uma linguística. **Entretanto, a linguagem é também um fato humano**; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação. **Uma outra linguística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade**¹⁵ (BENVENISTE, 2005[1954a], p. 17, grifo nosso).

Essa citação é, para nós, extremamente importante. Primeiro, porque nela Benveniste, mais uma vez, discorrendo sobre a complexidade da análise da linguagem, ressalta: “a linguagem é um fato humano”. Essa é uma evidência ignorada por grande parte dos linguistas de sua época, os quais, por focalizar o estudo da forma e apregoar a autonomia dos estudos da linguagem, expurgam a *significação* de suas preocupações e, conseqüentemente, a possibilidade de a Linguística fazer parte das Ciências Humanas. Segundo, porque, a partir dessa citação, propomos a pergunta de pesquisa que norteia nosso trabalho, qual seja: o trinômio *língua, cultura, personalidade* é a base da Linguística Geral de Émile Benveniste?

A partir dessa pergunta, aventamos a hipótese de que esse trinômio fundamenta a Linguística Geral elaborada por Émile Benveniste, dado que permite a ele centrar seus questionamentos linguísticos no estudo da *significação*. Em outros termos, de nossa perspectiva, esses conceitos constituem o trinômio que fundamenta o projeto benvenistiano de estudo da *significação* e, conseqüentemente, sua Linguística Geral. Benveniste produz uma Linguística Geral que coloca a *significação* no centro de suas preocupações, logo, desloca a análise linguística do estudo do emprego da forma ao considerá-la no uso da *língua*, o que implica a relação *língua, cultura, personalidade*.

Em nosso caso, considerando a problematização antes apresentada, nossa leitura dessa teorização desenvolve-se a partir da articulação entre dois domínios do saber, quais sejam: Análise de Discurso (AD) e História das Ideias Linguísticas (HIL), tal como proposto por Eni Orlandi e seu grupo de pesquisa. Do lado da HIL, elegemos como objeto de análise um instrumento linguístico concernente ao seu domínio, a saber: os textos científicos formulados por Émile Benveniste e publicados nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*. Do lado da AD, lançamos mão desse dispositivo teórico-metodológico para analisarmos o funcionamento discursivo dos textos científicos elaborados por Émile Benveniste, levando em

¹⁵ O conceito *personnalité*, nas referidas obras, é traduzido como *personalidade*, embora tal termo, em nosso idioma, tenha acepções bastante distintas do conceito *personnalité* formulado por Émile Benveniste em sua teorização (cf. AGUSTINI, 2018b).

consideração as condições sócio-históricas de produção desses discursos, tendo em vista sua *constituição, formulação e circulação* (cf. ORLANDI, 2012). De acordo com Nunes, sobre essa articulação entre AD-HIL,

[...] visto que a AD se constitui como um modo de leitura, sustentado por um dispositivo teórico e analítico, que considera a historicidade dos sujeitos e dos sentidos, ela traz uma contribuição considerável para o estudo da história das ideias linguísticas. Tomando as diversas formas de discurso sobre a(s) língua(s) para análise, efetuam-se leituras que remetem esses discursos a suas condições de produção, considerando-se a materialidade linguística na qual eles são produzidos e evitando-se tomá-los como documentos transparentes ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. Tais discursos atestam, de fato, modos específicos de se produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas. A visada discursiva faz com que temas comumente abordados na História das Ideias Linguísticas, como conceitos e teorias, obras, autores, instituições, periodização, recebam um tratamento específico quando vistos sob a ótica da AD (NUNES, 2008, p. 110).

Em nossa análise, consideramos, conforme Nunes (2008, p. 110), “a historicidade dos sujeitos e dos sentidos” na leitura que realizamos da teorização sobre a língua e a linguagem produzida por Benveniste, considerando-a em sua opacidade. À guisa dessas afirmações, analisamos as “ideias” produzidas por Émile Benveniste em sua *Linguística Geral*, as quais, por produzir diferença (cf. GUIMARÃES, 2004), fundam um campo de discursividades, constituindo-se, de nosso ponto de vista, enquanto *acontecimento* no seio da Linguística. Especificamente, analisamos o estatuto teórico dos conceitos *língua, cultura, personalidade* na Linguística Geral desse autor. Instauramos, para tanto, um ponto de vista histórico-discursivo sobre a teorização desse linguista de modo a estabelecermos leituras que nos possibilitem compreender as articulações teóricas engendradas na *constituição* dessa *formulação* teórica e o modo específico como o conhecimento é produzido nessa conjuntura histórica.

A partir desse direcionamento de pesquisa, nosso *corpus* é constituído pelas obras mais representativas da Linguística Geral desenvolvida por esse autor, quais sejam: *Problemas de Linguística Geral I* (2005[1966]) e *Problemas de Linguística Geral II* (2006[1974]). Julgamos que essas duas obras apresentam a base da Linguística Geral produzida por ele e, por conseguinte, nos são suficientes para mostrarmos a relação do trinômio como base de sua Linguística Geral. Essas duas obras constituem coletâneas nas quais Benveniste, a partir da demanda de outros, amigos e alunos, conforme prefácios, reúne trabalhos publicados em vários meios de divulgação científica de 1939 a 1972. Consideramos que, por se configurar como demanda, esse gesto científico-político de compilação e republicação permitiu a Benveniste dar visibilidade à Linguística Geral por ele produzida.

Em face do exposto, este trabalho é norteado pelos seguintes objetivos específicos:

- a) confrontar, por meio de análise, a textualização (*formulação*) na qual os conceitos *língua*, *cultura*, *personalidade* figuram, quer explicitamente quer implicitamente, de modo a compreender, por meio da análise da *constituição* e da *circulação* dessa teorização, os possíveis efeitos de sentidos produzidos por esses conceitos nessa teorização; e
- b) compreender e interpretar de que modo esses conceitos fundamentam a Linguística Geral proposta por Benveniste.

Ante ao apresentado, esta tese se estrutura, além desta introdução, em cinco capítulos. No capítulo “Aporte teórico-metodológico: Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas”, tratamos mais detidamente sobre a articulação que empreendemos entre esses dois domínios do saber, bem como discorremos sobre a construção do *corpus* e os procedimentos de análise que utilizamos em nossas análises. Nos capítulos “O conceito *língua* na Linguística Geral de Benveniste”, “O conceito *cultura* na Linguística Geral de Benveniste”, “O conceito *personalidade* na Linguística Geral de Benveniste” e “O trinômio *língua*, *cultura*, *personalidade*: o projeto de Linguística Geral de Émile Benveniste”, apresentamos nossas análises das *formulações* benvenistianas acerca do trinômio, as quais colocam em relação a *constituição* e a *circulação* desses dizeres, de tal modo a estabelecermos uma leitura da Linguística Geral *formulada* por esse autor, compreendendo-a em função de seu projeto: a Linguística concebida como Ciência Humana.

Assim procedendo, visamos desautomatizar certas leituras reducionistas que colocam/restringem o lugar de Benveniste como um precursor da teoria da enunciação; como um nome a ser lembrado, mas que já se encontra “ultrapassado”. Benveniste, como linguista, ocupa/significa um lugar de contradição no espaço político-simbólico da Linguística, visto que, ao mesmo tempo em que, ocupando as cátedras de Gramática Comparada na *École Pratique des Hautes Études* e no *Collège de France*, teorizou sobre e foi significado nesse lugar; ele também teorizou sobre Linguística Geral, embora essa teorização somente com a publicação dos *Problemas de Linguística Geral I*, em 1966, tenha sido reconhecida, muito em função de sua teoria da enunciação. Essa contradição evoca, em certo sentido, a produção deste trabalho. Estudamos a Linguística Geral de Benveniste a fim de compreender o mo(vi)mento de sentidos que sua obra provoca/provocou no espaço político-simbólico da Linguística.

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO: ANÁLISE DE DISCURSO E HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Todo conceito tem historicidade, de um lado, no sentido de que é conformado pela relação com outros conceitos que constituem uma determinada prática teórica; de outro, no sentido de que é configurado pelas práticas políticas e ideológicas da formação social na qual essa prática teórica tem existência. Tomar os conceitos assim, na perspectiva da historicidade que os constitui, implica considerar não apenas as relações entre conceitos, mas também considerar que toda prática teórica, no interior da qual os conceitos são forjados, é, fundamentalmente, uma prática política e ideológica intrincada nas lutas de classes. Abordadas desse modo, ciência (com os conceitos e técnicas que a configuram) e sociedade (com as relações de forças, de poder que a conformam) se constituem mutuamente na conjuntura das relações e modos de produção e nas lutas de classes.

Silva Sobrinho (2013, p. 309)

1.1 INTRODUÇÃO

Nosso trabalho de leitura da teorização de Émile Benveniste coloca em relação o domínio da História das Ideias Linguísticas (HIL) configurado a partir do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux e seus colaboradores na década de 60 do século XX. Isso significa que articulamos esses dois domínios do conhecimento a fim de analisarmos e compreendermos em que medida o trinômio *língua, cultura, personalidade* constitui a base da Linguística Geral de Émile Benveniste.

Do lado da HIL, elegemos por objeto de pesquisa um instrumento linguístico relativo ao seu domínio, a saber: textos científicos. Em nosso caso específico, aqueles formulados por Émile Benveniste no espaço político-simbólico da Linguística e publicados nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*. Do lado da AD, dispositivo teórico-metodológico de leitura, ela nos permite, colocando em relação língua-sujeito-história, no batimento entre descrição-interpretação, compreendermos como esse instrumento linguístico, concebido como objeto discursivo, se constitui “como um objeto simbólico que produz sentidos” (ORLANDI, 2005a, p. 26), que *circula* de certo modo e que ocupa lugar no espaço político-simbólico da Linguística.

É válido ressaltarmos, de início, que, em vista da articulação AD-HIL aqui empreendida, em nossa análise, consideramos que os efeitos de sentidos produzidos pela *formulação* teórica de Émile Benveniste “têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi” (ORLANDI, 2005a, p. 30). Logo, “o que praticamos, então, são novos gestos de leitura, percorrendo os caminhos dos sentidos. Em nosso caso, os sentidos que sustentam a produção de um conhecimento linguístico” (ORLANDI, 2001, p. 8): o conhecimento linguístico elaborado por Émile Benveniste e publicado nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*. É sob esse prisma que fazemos História das Ideias Linguísticas, o que, para nós, consoante com Guimarães (2004),

[...] é, então, em certo sentido, constituir, por um método próprio, uma temporalidade. Em outras palavras, é estabelecer procedimentos de identificação de acontecimentos por suas temporalidades. Por outro lado, **fazer história é, sob muitos aspectos, a desautomatização das narrativas cronológicas e dos relatos tornados oficiais, por qualquer razão que seja.** Inclusive os relatos tornados oficiais pelo próprio movimento da História. Cabe à história não dizer o que continua, mas na contínua sequência de fatos da vida humana compreender, ao contar, o que torna uma coisa outra. [...] é preciso especificar um pouco o que seria deste ponto de vista uma história das ideias. **Trata-se, para mim, de poder acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituíram e como ao permanecerem**

mudaram, ou ganharam contornos específicos. Ou seja, em que momento encontramos acontecimentos pelos quais um conceito se constitui, permanece ou se torna outro (GUIMARÃES, 2004, p. 13, grifo negrito nosso).

De acordo com Guimarães (2004, p. 13), fazer História das Ideias Linguísticas é, “sob muitos aspectos, a desautomatização das narrativas cronológicas e dos relatos tornados oficiais, por qualquer razão que seja”. Essa “desautomatização” ocorre em vista de uma tomada de posição histórico-discursiva na análise do instrumento linguístico, (d)enunciando a não-evidência dos sentidos e expondo o olhar-leitor à opacidade da linguagem, a qual serve “para comunicar e para não comunicar” (ORLANDI, 2005a, p. 21). Ademais, segundo Guimarães (2004, p. 13), fazer História é “poder acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituíram e como ao permanecerem mudaram, ou ganharam contornos específicos”. Em nosso caso particular, em nosso gesto de leitura, analisamos como os conceitos *língua, cultura, personalidade* são (re)significados na *formulação* teórica de Émile Benveniste, isto é, como esses conceitos, nessa teorização, “se constituíram e como ao permanecerem mudaram, ou ganharam contornos específicos”. De nossa perspectiva, a análise do funcionamento discursivo desse instrumento linguístico mostra-se relevante, uma vez que contribui com o conjunto das reflexões que compõem a História das Ciências, sobretudo, a História das Ciências da Linguagem.

Ante a essa contextualização, na sequência, primeiramente, (re)formulamos os pressupostos de cada um desses domínios a partir de nosso interesse analítico, qual seja: analisar o funcionamento discursivo do trinômio *língua, cultura, personalidade* na teorização benvenistiana presente nos *Problemas de Linguística Geral*. Posteriormente, detalhamos de que modo construímos o *corpus* dessa pesquisa, bem como os procedimentos de análise que lançamos mão em nosso gesto interpretativo.

1.2 ARTICULANDO ANÁLISE DE DISCURSO E HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

O campo de pesquisa denominado História das Ideias Linguísticas, tal qual o concebemos nesta tese, foi fundado, na década de 1980, conforme Silva Sobrinho e Orlandi (2015), em vista de três acontecimentos. O primeiro acontecimento foi o desenvolvimento, no Departamento de Linguística da Unicamp, do projeto coletivo “Discurso, Significação, Brasilidade”, coordenado por Eni Orlandi, o qual, fundamentado na Análise de Discurso, buscou analisar, tendo em vista o fato de o Brasil ser um país de colonização, os discursos construídos sobre a identidade nacional. O segundo acontecimento ocorreu entre 1987 e 1988,

momento em que Eni Orlandi realizou um pós-doutorado na Universidade de Paris VII, no qual explorou “a ideia da colonização como um acontecimento linguístico” (SILVA SOBRINHO; ORLANDI, 2015, p. 566). O terceiro acontecimento, datado de 1988, situa o encontro de Eni Orlandi com o grupo de pesquisa em História das Teorias (Ideias) Linguísticas¹⁶, coordenado por Sylvain Auroux, o qual contava com pesquisadores que colaboraram com Michel Pêcheux na fundação da Análise de Discurso, tais como Denise Maldidier, Francine Mazière, Françoise Gadet, Jacques Guilhaumou, entre outros¹⁷. Orlandi é convidada a participar do grupo e do programa de pesquisa desenvolvido e coordenado por Auroux. Formaliza-se, assim, um projeto internacional de pesquisa coordenado, na França, por Sylvain Auroux e, no Brasil, por Eni Orlandi, denominado “História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e a constituição da língua nacional”, cujo objetivo é analisar a história da língua nacional no Brasil e a constituição de saberes sobre ela. Ainda dessa relação, um segundo projeto de pesquisa colaborativo franco-brasileiro surge, intitulado “História das Ideias Linguísticas no Brasil: Ética e Política de Línguas”, o qual, coordenado, na França, por Sylvain Auroux e, no Brasil, por Eni Orlandi (Unicamp) e Diana Luz Pessoa de Barros (USP), pesquisa as relações de línguas com a questão política. Conforme Silva Sobrinho e Orlandi (2015, p. 568), o consequente desenvolvimento desses projetos resulta “na efetiva instalação de uma disciplina, e também em uma área de conhecimento no Brasil, com sua teoria, método e objeto”.

Os trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa coordenado por Sylvain Auroux, iniciados na década de 1970, na França, sobre História das Teorias (Ideias) Linguísticas¹⁸, visam a compreensão dos saberes (meta)linguísticos, dedicando-se à história e à epistemologia das Ciências da Linguagem, isto é, à “diversidade de saberes sobre a linguagem e as línguas e o modo de aparecimento desses saberes no tempo e no espaço” (BRANCO, 2013, p. 42). Em

¹⁶ O projeto desenvolvido e coordenado por Sylvain Auroux resultou na publicação dos três tomos do “Histoire des Idées Linguistiques”. O título desses tomos, em si, pode levar a crer que o trabalho desenvolvido pelo grupo de Auroux na França e as pesquisas desenvolvidas pelo grupo de Orlandi no Brasil possuem os mesmos pressupostos teórico-metodológicos. Contudo, conforme ressaltamos ainda nesse capítulo, isso não ocorre. Por isso, escolhemos grafar a perspectiva desenvolvida pelo grupo de Auroux como “História das Teorias (Ideias) Linguísticas”, tal como fez Orlandi (cf. por exemplo, ORLANDI, 2001, p. 11; SILVA SOBRINHO, ORLANDI, 2015, p. 567), de modo a, desde sempre-já, assinalar a diferença que as constitui: há a HIL desenvolvida por Auroux e seu grupo e há a HIL desenvolvida por Orlandi e seu grupo.

¹⁷ O grupo de trabalho coordenado por Auroux é heterogêneo, sendo composto por estudiosos de diversas áreas do conhecimento e não só por historiadores.

¹⁸ De acordo com Colombat et al. (2017, p. 16), “[...] a noção de ‘teoria’ apresenta o risco de tomar seu sentido apenas no contexto de certa concepção da ciência, na ocorrência daquela que se desenvolve no Ocidente a partir do século XVIII. Para evitar esse tipo de armadilha, que consiste em supor problemas já tidos como resolvidos, preferimos o termo *ideias* sobre a linguagem e as línguas, que tem a vantagem de ser menos comprometido epistemologicamente; ou, mais exatamente, que concerne a um engajamento diferente, menos normativo, e mais respeitoso com a diversidade de formas que pode tomar o saber na história, ou em outras culturas. Sob esse termo *ideia*, subsumem-se todos os tipos de objetos que ultrapassam largamente aquele de ‘teoria’: há os *conceitos* [...], os *procedimentos* [...], as *técnicas* [...]”.

outros termos, esse grupo se dedica a pesquisar os saberes que se constituíram a respeito da linguagem humana. Nos dizeres de Auroux: “seja a linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas; saberes se constituíram a seu respeito; este é nosso objeto” (AUROUX, 2009, p. 14). Esses “saberes” são compreendidos, nessa perspectiva, como “instrumentos linguísticos”, produtos do processo de gramatização, o qual “conduz a descrever uma língua na base de duas tecnologias ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 2009, p. 65). Segundo Auroux, esses pilares prologam e transformam a fala natural.

Em vista desse objeto, esse pesquisador e seus colaboradores desenvolveram e desenvolvem as condições acadêmico-científicas para a elaboração de pesquisas que buscam garantir a historicização no campo das Ciências da Linguagem, justificando que “uma ciência que não tem história é uma ciência morta, uma ciência que não existe ou mais. Os mortos não têm futuro”¹⁹ (AUROUX, 2006, p. 116, tradução nossa). Ainda nos dizeres desse autor:

[...] pode-se dizer com uma certeza suficiente que uma disciplina sem história e sem reprodução não pode ser uma ciência. Compromete-se o futuro da pesquisa como ciência se não se organiza a sua historicização, independentemente da temporalidade orçamentária da burocracia científica e da duração de vida necessariamente limitada dos seus programas prioritários. Qualquer organização da historicização passa pela investigação histórica e por uma larga divulgação dos seus resultados (AUROUX, 2006, p. 156, grifo itálico do autor).

Sendo assim, para Auroux (1995, p. 42, tradução nossa), “ser historiador das ciências da linguagem é tomá-la por objeto”²⁰; “é ser capaz de construir cronologias e elos causais [...]; além disso, é ser capaz de construir representações e explicações”²¹ (AUROUX, 2006, p. 104, tradução nossa). Para tanto, a temporalidade, na HIL, tal qual compreendida por Auroux e seu grupo de pesquisa, é elemento constitutivo, interno e essencial ao conhecimento (cf. AUROUX, 2006, p. 139). Por isso, trabalha-se a temporalidade extrínseca, isto é, a cronologia, analisando, a partir do horizonte de retrospecção²² e de projeção²³, a prática de um conhecimento (cf. AUROUX, 1989).

Vale ressaltar que, nessa perspectiva de análise, a tarefa do historiador não é

¹⁹ « [...] une science qui n’a pas d’histoire est une science morte, une science qui n’existe pas ou plus. Les morts n’ont pas d’avenir » (AUROUX, 2006, p. 116).

²⁰ « [...] être historien des sciences du langage, c’est les prendre pour objet » (AUROUX, 1995, p. 42).

²¹ « [...] c’est être capable d’établir des chronologies et des lignes causales [...]; plus encore, c’est être capable de se construire des représentations et des explications » (AUROUX, 2006, p. 104).

²² Entende-se por retrospecção como o conjunto de conhecimentos anteriores que podem afetar, de algum modo, a constituição/produção do conhecimento. Em outros termos, trata-se da “memória dos resultados, os problemas, os conceitos desenvolvidos antes deles” (COLOMBAT et al., 2017, p. 18).

²³ Por projeção compreende-se o futuro que um saber projeta como possibilidade (cf. AUROUX, 2009).

[...] restituir a história real na sua “realidade”; esta não é mais atingível que a opacidade do mundo natural. O historiador, como todos os colegas cientistas, constrói representações teóricas susceptíveis de serem corroboradas/invalidadas por dados empíricos. Algumas são melhores que outras; todas são necessariamente parciais. O trabalho histórico, a estrutura dos horizontes de retrospectão e os modos de historicização podem ter relações mais ou menos fortes. Na historicização, por acréscimo, tudo recai sobre o texto e os seus comentários (AUROUX, 2008, p. 151-152).

Dessa forma, em sua representação teórica, necessariamente parcial, a partir do material coletado para análise, o historiador projeta “fatos em um hiperespaço essencialmente composto por três tipos de dimensões: uma cronologia universal, uma geografia e um conjunto de temas”²⁴ (AUROUX, 1989, p. 33, tradução nossa). Segundo Auroux, a cronologia consiste no ordenamento dos fatos, o qual pode ocorrer de várias formas possíveis, a depender dos objetivos da pesquisa; a geografia refere-se ao espaço social no qual o conhecimento aparece; e o conjunto de temas representa a delimitação empreendida pelo historiador sobre o todo. A partir dessas três dimensões, o historiador deve “explicar porque X é construído, como é e ver se há (ou não) uma linha causal entre Y e B” (AUROUX, 2008, p. 138). Nessa medida, os resultados das pesquisas desenvolvidas nesse domínio do conhecimento são:

[...] ou o estabelecimento de um fato até então desconhecido, ou a construção de um modelo descritivo ou evolucionário correspondente a uma certa classe de fenômenos, seja a confirmação ou a falsificação de um modelo conhecido ou, finalmente, a constituição de materiais básicos (edições críticas, arquivamento, bibliografia, etc.). O problema básico é articular esses resultados com pesquisas nas ciências da linguagem²⁵ (AUROUX, 1995, p. 43, tradução nossa).

Colombat, Fournier e Puech (2017) abordam resumidamente os pontos fundamentais do campo de pesquisa História das Teorias (Ideias) Linguísticas, tal qual proposto por Auroux. Segundo esses autores, nessa perspectiva, o papel do historiador das Ciências da Linguagem é produzir a informação e permitir “então alargar, para os linguistas, o que se pode chamar seu próprio ‘horizonte de retrospectão’: a memória dos resultados, os problemas, os conceitos desenvolvidos antes deles” (COLOMBAT *et al.*, 2017, p. 18). De outra maneira,

²⁴ « [...] faits dans un hyper-espace comportant essentiellement trois types de dimensions : une chronologie universelle, une géographie, et un ensemble de thèmes » (AUROUX, 1989, p. 33).

²⁵ « [...] une recherche suppose des résultats. Par ‘résultat’ en histoire des théories linguistiques, il faut entendre : soit l’établissement d’un fait jusque-là inconnu, soit la construction d’un modèle descriptif ou évolutif correspondant à une certaine classe de phénomènes, soit la confirmation ou la falsification d’un modèle connu, soit enfin la constitution de matériaux de base (éditions critiques, dépouillements d’archives, bibliographie, etc.). Le problème de fond consiste à articuler ces résultats avec la recherche en sciences du langage » (AUROUX, 1995, p. 43).

[...] é, então, o de criar as condições de uma reflexão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem, pela produção de informações confiáveis sobre: a) as teorias antigas, os conhecimentos que elas produziram, os conceitos que elas elaboraram; b) a forma sob a qual os problemas foram colocados e conhecidos; c) ou, ainda, alargando um pouco a problemática sobre as questões mais gerais e mais fundamentais. Como os gramáticos e os linguistas concebem seu objeto em tal ou tal momento? Como foram apreendidos e concebidos os fatos e os dados, as regras e/ou as leis que organizam. Ou, ainda, como foram distinguidos o possível e o impossível de língua, o que se pode dizer, ou não se pode dizer, e por quê? Como foram definidas as condições de validação das descrições (COLOMBAT *et al.*, 2017, p. 18-19).

Para que isso seja possível, ainda conforme esses autores,

[...] exploram-se os textos (às vezes esquecidos), e restaura-se ou repara-se o esquecimento do qual são objeto as teorias ou as ideias que eles expõem. Manifestam-se, assim, duas das características essenciais dos saberes sobre a língua e a linguagem na longa duração do tempo: o fato de que esses saberes são precisamente construídos na longa duração do tempo, e que há uma certa forma de acumulação dos conhecimentos nas disciplinas que se ocupam das línguas e da linguagem (a gramática e a retórica transmitem os conhecimentos antigos e relativamente estáveis); e ao mesmo tempo que ao lado da transmissão dos conceitos a longo prazo, há também o esquecimento, os vazios na memória acumulativa, que não são necessariamente ligados à falsificação das teorias ou à desatualização dos resultados. O historiador, precisamente porque deixa evidentes essas duas características de saberes da língua, o esquecimento e a acumulação, cria igualmente as condições de uma reflexão de fundo sobre esse modo de ser particular dos conhecimentos na ciência da linguagem, a saber, que elas podem ser objeto, contraditoriamente, do esquecimento ou da acumulação (COLOMBAT *et al.*, 2017, p. 17).

Ante ao exposto, a HIL, tal como concebida por Auroux e seu grupo de pesquisa, é praticada por historiadores que concebem como essencial à sua análise a cronologia. Centrando-se na temporalidade, esses historiadores, buscando restaurar ou reparar “o esquecimento do qual são objeto as teorias ou as ideias que eles expõem” (COLOMBAT *et al.*, 2017, p. 17), (*re*)constroem, “pela produção de informações confiáveis” (COLOMBAT *et al.*, 2017, p. 17), a história de um determinado saber, por meio de um modelo descritivo de representações e explicações “susceptíveis de serem corroboradas/invalidadas por dados empíricos” (AUROUX, 2008, p. 151-152). Nessas representações e explicações, embora se considere a geografia (cf. AUROUX, 1989, p. 33) como uma dimensão de análise, isto é, o espaço social no qual o conhecimento aparece, a noção “contexto” ideológico e filosófico, considerada indispensável à compreensão das condições gerais de produção dos saberes linguísticos, “não tem *valor explicativo* em si mesmo e seu valor descritivo resta frágil” (COLOMBAT *et al.*, 2017, p. 48, grifo itálico dos autores).

A História das Ideias Linguísticas fundada no Brasil a partir dos estudos de Eni Orlandi e seu grupo de pesquisa difere-se daquela praticada na França por Sylvain Auroux e seu grupo, embora ambas as perspectivas tenham algo em comum: analisar a história da produção de ideias linguísticas. No Brasil, a articulação empreendida por Orlandi e seu grupo entre Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas imprime toda uma especificidade a essa área de conhecimento e ao seu modo de fazer *história*. Isso porque, dessa perspectiva, “não há fato ou acontecimento histórico que não faça sentido, que não espere interpretação, que não peça que se lhe encontrem causas e consequências. É isso que constitui, para nós, a história: esse *fazer sentido*, mesmo que se possa divergir desse sentido em cada caso” (HENRY, 1985, apud ORLANDI, 2008, p. 36).

Sobre a diferença que a articulação AD-HIL propicia à análise da história das ideias, recorreremos aos dizeres de Orlandi. Segundo essa autora,

[...] nós fazemos história das ideias linguísticas e não historiografia. Essa é uma diferença com consequências importantes. Fazer história das ideias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil mesmo antes da Linguística se instalar em sua forma definida; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem. Isso significa que não tomamos o olhar externo, o do historiador, mas falamos como especialistas de linguagem a propósito da história do conhecimento sobre a linguagem. Não se trata de uma história da Linguística, externa, o que poderia ser feito por um historiador da ciência simplesmente. Trata-se de uma história feita por especialistas da área e portanto capazes de avaliar teoricamente as diferentes filiações teóricas e suas consequências para a compreensão do seu próprio objeto, ou seja, a língua. [...] Em particular, insistimos na abordagem discursiva que nos permite analisar os discursos da e sobre a língua, o que [...] nos permite praticar as novas leituras de arquivo. Ao produzirmos nossa reflexão, organizamos, ao mesmo tempo, um arquivo dessa história que fica à disposição para novas leituras de outros pesquisadores (ORLANDI, 2001, p. 16).

Observemos: enquanto a HIL francesa, realizada pelo historiador, empreende uma análise externa da história do conhecimento nas Ciências da Linguagem a partir da cronologia; a HIL brasileira, conforme Orlandi (2001, p. 16), realizada por “estudiosos especialistas em linguagem”, empreende um “olhar interno” à história do conhecimento sobre a linguagem. A abordagem brasileira visa, “não a reconstrução de uma história, mas o processo pela qual ela se conta” (ORLANDI, 2002, p. 12), isto é, passamos “da perspectiva da função para a do funcionamento (processo) discursivo do instrumento linguístico” (SILVA SOBRINHO, 2013, p. 307). Ademais, segundo assinala Baldini, a perspectiva empreendida por Sylvain Auroux

[...] não irá trazer para sua reflexão a questão de classe nem a questão do sujeito. Em que pese sua fineza e rigor teóricos, pode-se perceber ali uma falta (não no sentido de algo que deva ser preenchido, mas no sentido de escolha teórica): não há nenhuma menção ao problema do sujeito. O que há são homens que veem suas relações com a língua alteradas de acordo com os saberes que sobre ela se constituem. A *definição fenomenológica* de Aurox, portanto, resvala para os dois lados: o homem e a língua. Se ele não irá diluir seu trabalho numa definição prévia de língua, também não irá levar em conta a definição de sujeito. Não haverá, então, nenhum problema a se colocar quanto à singularidade dos homens que fazem a história do saber sobre a linguagem, uma vez que esta discussão está primacialmente eliminada juntamente com a questão do objeto desse saber, a língua. Nesse caso, a história que Aurox procura descrever e analisar é a história dos produtos daquilo que Althusser chama de efeitos ideológicos (BALDINI, 2005, p. 31, grifo itálico do autor).

Continuamos a argumentação de Baldini: por outro lado, a *história* que Orlandi e seu grupo procura descrever e interpretar é a história dos processos discursivos, os quais levam em conta, necessariamente, a relação língua-sujeito-história. Nessa perspectiva, que é a nossa, “não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2002a, p. 28). Ademais, sendo a linguagem opaca, “não é possível ver diretamente na materialidade linguística um ‘reflexo’ dos processos históricos” (BALDINI, 2005, p. 31, aspas do autor); por isso, “o discurso, sendo o lugar de encontro entre esses reais [o real da língua e o real da história], permite compreender o funcionamento do processo histórico de constituição do sujeito” (BALDINI, 2005, p. 32). Isso posto, o prisma analítico empreendido pela articulação AD-HIL propicia a elaboração de uma *história* que leva em conta a questão do sujeito e a questão da ideologia, não consideradas por Aurox e seu grupo.

Nessa medida e consoante com Silva Sobrinho (2013, p. 313), “a teoria materialista do discurso se apropria, com deslocamentos, deslizamentos, transferências de sentidos, dos instrumentos científicos desenvolvidos pelo grupo francês”. Tanto é assim que o objeto de análise da HIL francesa, a gramática e o dicionário compreendidos como “instrumentos linguísticos”, são na HIL brasileira *resignificados*. Silva Sobrinho (2013), analisando a historicidade do conceito “instrumentos linguísticos”, salienta o fato de Aurox mobilizá-lo teoricamente de modo marcadamente instrumental, “como ‘objetos técnicos’ em sua função de ampliar a ‘competência linguística’ do falante” (SILVA SOBRINHO, 2013, p. 312). Por outro lado, de acordo com Silva Sobrinho, “na articulação da História das Ideias Linguísticas com a Análise de Discurso, os instrumentos linguísticos, como objetos simbólicos, são considerados em seu funcionamento, que é também histórico e ideológico” (SILVA SOBRINHO, 2013, p. 312).

Há, pois, na HIL brasileira, um deslocamento “necessário”, nos termos de Silva Sobrinho (2013), uma vez que “do ponto de vista da análise de discurso, o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção” (ORLANDI, 2011a, p. 117). Desse modo, na HIL brasileira, articulada teórico-metodologicamente ao dispositivo da Análise de Discurso, os “instrumentos linguísticos”, concebidos como objetos político-simbólicos, não se restringem apenas à gramática ou ao dicionário, mas a toda uma série de textos²⁶ que, de algum modo, permitem analisar a prática de produção do conhecimento sobre a língua e a linguagem como uma prática político-simbólica, visto que “o sentido sempre tem uma direção, é sempre dividido” (ORLANDI, 2008, p. 57).

Isto posto, a Análise de Discurso busca apreender os sentidos por meio de gestos de interpretação que considerem o social, o histórico e o ideológico do/no discurso. Por outra forma, analisa os processos discursivos em funcionamento, por isso volta-se para os fatos de linguagem, considerando sua historicidade. Nessa medida, a Análise de Discurso, tendo por objeto o discurso e considerando a opacidade da linguagem, “não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação” (ORLANDI, 2005a, p. 26), isso porque, de nossa perspectiva:

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 146-147, grifo itálico do autor).

Nessa citação, Pêcheux (2014[1975]), voltando-se à análise das mudanças de sentido das palavras, afirma que o sentido “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” no qual determinado sujeito se inscreve. De outro modo, os sentidos se constituem tendo em vista as posições assumidas pelos sujeitos no discurso, as quais são determinadas sócio-histórica e ideologicamente. Assim sendo, os sentidos não estão

²⁶ Por exemplo, “vocabulários, currículos, programas de ensino, acordos ortográficos, nomenclaturas oficiais, textos didáticos, **textos científicos**, periódicos, manuais, normas, instrumentos normativos elaborados por instituições ou organizações, ou, até mesmo, as próprias instituições, entre outros” (BRANCO, 2013, p. 43, grifo nosso).

contidos nas palavras ou expressões, mas são resultado da relação língua-sujeito-história. Em outras palavras, “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2005a, p. 42-43).

Por consequência, não há sentido único; o sentido se constrói a partir das relações possíveis de serem estabelecidas pelos sujeitos em uma determinada conjuntura sócio-histórica (cf. STEFANIU; RAIMO, 2016, p. 28). É, por isso, que “todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, de se deslocar discursivamente” (PÊCHEUX, 2008, p. 53), já que “o sujeito é afetado pela ideologia, pelo efeito de literalidade, pela ilusão de conteúdo, pela construção da evidência do sentido, pela impressão do sentido lá” (ORLANDI, 2004, p. 22). Ainda com Orlandi, “quando produzimos um sentido, ele nos parece evidente. Mas não é. Tanto não é que pode significar diferentemente para diferentes posições sujeitos” (ORLANDI, 2011b, p. 697), isso porque “a linguagem não é, pois, transparente, assim como a história também não o é. Tampouco o sujeito. No entanto, vivemos na ilusão da evidência” (ORLANDI, 2011b, p. 697). Dessa forma, nosso gesto de leitura é, de fato, uma “intervenção no real do sentido” (ORLANDI, 2004, p. 21-22), dado que possibilita a filiação, a depender da posição-sujeito em jogo, a determinados efeitos de sentidos e não a outros.

Em vista do exposto, quando articulada à História das Ideias Linguísticas, a Análise de Discurso permite-nos estudar os processos de constituição dos sentidos, de modo a trabalhar “(n)os limites da interpretação” (ORLANDI, 2005a, p. 61). Por conceber que “a temporalidade é construída em cada discurso” (NUNES, 2008, p. 111), isto é, está inscrita no discurso, essa perspectiva teórico-metodológica, em nosso gesto de leitura, possibilita-nos analisar os instrumentos linguísticos da HIL de modo a considerar, “além da elaboração do conhecimento da língua, o próprio sujeito e a conjuntura sócio-política como partes da produção desta história” (SILVA SOBRINHO; ORLANDI, 2015, p. 569). Nos dizeres de Nunes:

[...] tal articulação se dá, assim, na medida em que a AD faz com que esses objetos discursivos sejam relacionados as suas condições de produção e, portanto, sejam tomados não como documentos transparentes, mas modos específicos de produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas e que tecem determinados efeitos para os sujeitos, para os sentidos para a história dos saberes. Ademais, esse vínculo AD-HIL joga no entremeio da constituição disciplinar da AD e põe em movimento o político que necessariamente constitui as línguas (NUNES, 2008, p. 107).

De acordo com Nunes, “esse vínculo AD-HIL joga no entremeio da constituição disciplinar da AD e põe em movimento o político que necessariamente constitui as línguas” (NUNES, 2008, p. 107); acrescentamos: e o conhecimento sobre as línguas, já que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 82). De outra maneira: “não é o Homem que produz os conhecimentos científicos, são *os homens*, em sociedade e na história, isto é, *a atividade humana social e histórica* [...] que está inscrita, com sua especificidade, na história da luta de classes” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 172, grifo itálico do autor). Assim sendo, ao analista de discurso cabe a tomada de posição frente à história das ciências, deslocando a interpretação das evidências e reconhecendo as relações de força que presidem a produção de sentidos (cf. ORLANDI, 2008, p. 42). Logo,

[...] a relação da análise de discurso com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos. A relação com a história é dupla: o discurso é histórico porque se produz em condições determinadas e projeta-se no “futuro”, mas também é histórico porque cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos (ORLANDI, 2008, p. 42).

Desse modo, o analista de discurso, ao analisar o funcionamento discursivo de um objeto político-simbólico, possui como tarefa expor o olhar-leitor à opacidade da linguagem, desnaturalizando e desautomatizando “a relação com a língua, consigo mesmo e com a história” (ORLANDI, 2012, p. 14), buscando compreender como o discurso funciona e como produz sentidos. Logo, coloca em relação a materialidade linguística e a materialidade histórica. Em outras palavras, a estrutura e o acontecimento (cf. PÊCHEUX, 2008), o que propicia que a análise da forma material seja vista “como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história” (ORLANDI, 2005a, p. 19). Para tanto, leva em consideração o funcionamento ideológico da linguagem ligado ao inconsciente (cf. ORLANDI, 2012, p. 46).

Assim sendo, no batimento teoria-método-análise, o analista de discurso, sensível “às relações de sentido – seja pelo trabalho da memória (o interdiscurso) seja pela menção (a intertextualidade)” (ORLANDI, 2001, p. 8), lança mão da paráfrase e da polissemia como procedimentos privilegiados de análise, relacionando o que é estabilizado - reiteração do mesmo, o real da língua -, e o que é sujeito ao equívoco - ao deslizamento de sentido, o real da história. Nas palavras de Orlandi (2005b, p. 78): “é a paráfrase (pensada em relação à configuração das formações discursivas) que está na base da noção de deriva que, por sua vez, se liga ao que é definido como efeito metafórico”.

Esses dois procedimentos de análise estão imbricados - “onde está o mesmo, está o diferente” (ORLANDI, 2004, p. 93) - e são imprescindíveis ao funcionamento da linguagem e à constituição dos sentidos, isso porque conjugam o mesmo e o diferente, ou ainda, “o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos [...] movimentam” (ORLANDI, 2005a, p. 36). Esse “já dito”, memória discursiva, constitui o interdiscurso, isto é, “o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer” (ORLANDI, 2012, p. 59). Ainda com Orlandi: “toda vez que falamos, para que nossas palavras tenham sentido, é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva” (ORLANDI, 1998b, p. 9). Dessa maneira, conforme Orlandi, a interpretação leva em conta a relação entre memória institucional (*arquivo*) e os efeitos da memória (interdiscurso): “no domínio do arquivo, a repetição congela, estabiliza; no domínio do interdiscurso, a repetição é a possibilidade do sentido vir a ser outro, no movimento contraditório entre o mesmo e o diferente” (ORLANDI, 1998b, p. 16).

É nesse movimento entre o mesmo e o diferente, entre uma memória e uma atualidade, que se situa o *acontecimento discursivo* (cf. PÊCHEUX, 2008). Conforme Pêcheux,

[...] todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes [de memória] e trajetos [sociais]: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento em seu espaço (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

Logo, para Pêcheux, todo discurso é passível de “desestruturação-reestruturação” das redes de memória e trajetos sociais, em vista da tomada de posição do sujeito, isto é, de sua identificação ou contra-identificação a uma determinada filiação sócio-histórica e ideológica. Por isso, conforme Orlandi, “cada acontecimento discursivo é inédito e o retorno da memória não é simples reprodução” (2004, p. 93), dado que, nas palavras de Agustini (2007, p. 305), “(re)atualiza as relações entre o linguístico e a história, nas redes de memória face ao não-dito. É assim que o interdiscurso se faz memória discursiva e produz uma ‘mexida’ nas redes de memória, instaurando o efeito de diferente, de outro dizer”.

Ademais, conforme já mencionado, “o sujeito significa em condições determinadas” (ORLANDI, 2005a, p. 53): as condições de produção. Segundo Orlandi, essas “implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário” (ORLANDI, 2005a, p. 40). Por isso, as condições de produção, concebidas, em sentido estrito, como o contexto imediato e, em sentido amplo, como o contexto sócio-histórico e ideológico de produção do discurso, são

compreendidas como formações imaginárias que funcionam de acordo com certos fatores, a saber: *relações de forças*, *relações de sentido* e *antecipação*. Nas palavras de Orlandi:

[...] falar em discurso é falar em condições de produção e, em relação a essas condições, gostaríamos de destacar que, como exposto por Pêcheux (1979), são formações imaginárias, e nessas formações contam a **relação de forças** (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a **relação de sentido** (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e outros) e a **antecipação** (a maneira como o locutor representa as representações de seus interlocutores e vice-versa) (ORLANDI, 2011a, p. 158, grifo negrito nosso).

As *relações de forças* implicam as relações hierarquizadas a partir das quais nossa sociedade se constitui. Referem-se ao “lugar a partir do qual fala o sujeito” (ORLANDI, 2005a, p. 39), o qual é constitutivo do que ele diz. Sobre isso, é válido ressaltar que

[...] não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso (ORLANDI, 2005a, p. 40).

No tocante às *relações de sentido*, Orlandi assinala que “um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 2005a, p. 39), isto é, os discursos se relacionam com outros discursos “realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2005a, p. 39). No que concerne à *antecipação*, diz Pêcheux (2010, p. 76, grifo do autor): a “antecipação *do que o outro vai pensar* parece constitutiva de qualquer discurso” e se relaciona ao funcionamento das instituições. Sobre isso, conforme Orlandi:

[...] todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor (ORLANDI, 2005a, p. 39).

Só é possível pensarmos em *antecipação* porque já há sentidos postos em *circulação* na sociedade – há uma “zona de repetibilidade e que aí se representa na produção dos discursos” (ORLANDI, 2008, p. 52) – e, em virtude disso, há a possibilidade de os sentidos serem outros

– “o sentido ganha ‘corpo’ com história, nessa relação tensa entre o fixar-se e o transmutar-se” (ORLANDI, 2008, p. 52). De acordo com Orlandi,

[...] quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação. [...] É preciso dizer que todo discurso nasce de outro discurso e reenvia a outro, por isso não se pode falar em um discurso, mas em estado de um processo discursivo, e esse estado deve ser compreendido como resultando de processos discursivos sedimentados, institucionalizados. Finalmente, faz parte da estratégia discursiva prever, situar-se no lugar do ouvinte, antecipando representações, a partir de seu próprio lugar de locutor, o que regula a possibilidade de respostas (ORLANDI, 2011a, p. 26).

É nessa e por essa medida que Orlandi desloca a compreensão de Authier-Revuz acerca da *eneidade*, para pensá-la como *diferença*, já que “todo discurso atesta sua relação com outros (que ele exclui, ou inclui, ou pressupõe etc.) e com o interdiscurso (que o determina)” (ORLANDI, 2008, p. 50). Segundo Orlandi, as ponderações de Authier-Revuz acerca da *heterogeneidade constitutiva* são importantes, embora insuficientes para uma análise do ponto de vista discursivo. Em seus estudos enunciativos, Authier-Revuz propõe duas formas a partir das quais a alteridade no discurso se apresenta, quais sejam: a *heterogeneidade constitutiva* e a *heterogeneidade mostrada* (a qual se divide em *marcada* e *não marcada*). Segundo essa autora, essas formas

[...] representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais de representação, num discurso, de sua constituição. [...] A uma heterogeneidade radical, exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, **não localizável** e **não representável** no discurso que constitui, àquela do **Outro do discurso** – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente –, se opõe a **representação**, no discurso, das diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior pelas quais **um** – sujeito, discurso – **se delimita na pluralidade dos outros** e ao mesmo tempo afirma a figura dum enunciador exterior ao seu discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32, grifo negrito da autora).

Para Authier-Revuz, a *heterogeneidade constitutiva* é um princípio fundamental da própria natureza da linguagem e não se marca no fio do discurso. A *heterogeneidade mostrada*, por seu turno, revela a presença localizável do Outro na cadeia discursiva; ela pode ser: (a) *marcada*, quando se manifesta linguisticamente, designando o outro localmente no fio discursivo por meio de elementos descritíveis (aspas, itálicos, glosas, discurso direto, discurso indireto etc.); (b) *não marcada*, quando se manifesta na ordem do discurso a presença do outro sem marcas linguísticas nítidas entre o discurso do locutor e do outro (discurso indireto livre, ironia, alusão etc.). Sobre isso, segundo Orlandi,

[...] embora a noção de heterogeneidade, tal como é formulada por J. Authier, problematize a noção de enunciação e seus efeitos ilusórios, é uma noção que trabalha muito com a “formulação” (cf. COURTINE, 1982) e pouco com a “constituição” do sentido, ou seja, com a historicidade do discurso no sentido lato (interdiscurso). E é essa dimensão que nos interessa. Daí uma das razões de preferirmos a noção de diferença à de heterogeneidade. [...] Na concepção de J. Authier, [...] a ilusão do sujeito de estar na origem do sentido tem marcas linguísticas que permitem recuperar o seu processo. A possibilidade de “explicação” resulta, em grande medida, da recuperação da homogeneidade. Apesar do salto teórico, a noção de heterogeneidade convive com o paradigma do linguístico como nuclear: o visível, a unidade. Para nós, [...] não se recupera a origem. São só efeitos que estão lá (ORLANDI, 2008, p. 47).

Isso posto e assumindo essa tomada de posição, para nós, falar é “a) dizer entre outras palavras (o que seria a *heterogeneidade*), mas também b) proibir, apagar outras palavras (o que é mais propriamente o que chamamos *silêncio*)” (ORLANDI, 2008, p. 48). A noção de *diferença* formulada por Orlandi envolve o estudo do *silêncio* compreendido como “horizonte discursivo, o ‘a dizer’ e não o vazio” (ORLANDI, 2012, p. 111). Em suas pesquisas sobre o *silêncio*, Orlandi distingue o *silêncio fundador* das *políticas do silêncio*, as quais são divididas em *silêncio constitutivo* e *silêncio local*. Com relação ao primeiro, o *silêncio fundador*, é compreendido como princípio de toda significação, trata-se daquele “que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo condições para significar” (ORLANDI, 2007, p. 24). Por seu turno, o *silêncio constitutivo* se estabelece na cisão entre dizer e não dizer – “para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as ‘outras’ palavras)” (ORLANDI, 2007, p. 24). Nas palavras de Orlandi,

[...] o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz “X” para não (deixar) dizer Y, este sendo o sentido a se descartar do dito, é o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando os limites do dizer (ORLANDI, 2007, p. 73-74).

Por fim, o *silêncio local* refere-se à interdição do dizer, à produção do interdito, do proibido de se dizer em uma certa conjuntura (cf. ORLANDI, 2007). Logo, o *silêncio*, compreendido em seu sentido amplo, constitui o “reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é ‘um’, para o que permite movimento do sujeito. O real da linguagem – o discreto, o um – encontra sua contraparte no silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 13).

Sendo assim, por meio da reflexão sobre o *silêncio*, Orlandi permite-nos compreender como a incompletude da linguagem está na base da interpretação: o *silêncio* atravessa as palavras e abre espaço para que o sentido faça sentido, considerando que para se dizer é preciso não-dizer, efeitos materiais da inseparável relação entre memória e esquecimento.

No caso específico de nossa tese, analisamos a “relação do sujeito com a língua, incluindo-se aí não só a relação com as condições de produção imediatas, porém com a memória” (ORLANDI, 2002b, p. 112). Analisamos o funcionamento discursivo do trinômio conceitual *língua, cultura, personalidade* na teorização benvenistiana presente nos *Problemas de Linguística Geral*, isto é, analisamos as “ideias” formuladas por Émile Benveniste em sua Linguística Geral, pensando sua *constituição* e sua *circulação*. Consideramos essas “ideias” como *acontecimento*, no sentido pecheutiano do termo – “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008, p. 17). Sobre isso e em conformidade com Guimarães (2004), de nosso ponto de vista,

[...] fazer História é compreender os acontecimentos humanos ao contá-los. Em outras palavras, é compreender os sentidos dos acontecimentos humanos. Uma História é, então, de um lado, o relato de fatos acontecidos com certos personagens, e de outro, é a compreensão destes fatos quanto tomados como acontecimentos e enquanto tais contados. Segundo o que defini em outro lugar, e por outras razões, **“o acontecimento é o que faz diferença na sua própria ordem”** (GUIMARÃES, 1999a, 2002a). **“O que faz diferença”, pode aqui ser entendido como “o que produz diferença” ao ocorrer.** Nesta medida, a questão da história é encontrar o modo de impacto do presente sobre a temporalidade humana. O acontecimento é o que produz, numa ordem específica, uma temporalidade própria. Constitui um presente, um passado e um futuro. Ou seja, o acontecimento não se dá no tempo, ele constitui uma temporalidade pela qual ele significa (GUIMARÃES, 2004, p. 12, grifo nosso).

Sendo assim, Benveniste, ao formular sua teorização, no jogo entre o dito, o já-dito e o a se dizer, em sua tomada de posição, movimenta sentidos, “produz diferença ao ocorrer” (GUIMARÃES, 2004, p. 12), de modo a fundar uma “[outra] história de conhecimento” (ORLANDI, 2009, p. 123), uma [outra] Linguística, autoral, à qual se vincula um campo de discursividades. A Linguística Geral de Émile Benveniste constitui, para nós, um *acontecimento*, porque sua *formulação, constituição e circulação* produziram e produz efeitos no espaço político-simbólico da Linguística.

Ante ao apresentado, retomamos Pêcheux (1995, p. 64), sob o pseudônimo Thomas Herbert, que diz: “toda ciência é inicialmente ciência da ideologia da qual ela se destaca”. Explicitando esse enunciado, Henry assinala:

[...] *toda ciência*, escreve Herbert-Pêcheux, é produzida por uma mutação conceitual num campo ideológico em relação ao qual esta ciência produz uma ruptura através de um movimento que tanto lhe permite o conhecimento dos trâmites anteriores quanto lhe dá garantia de sua própria cientificidade. Ele acrescenta que, num certo sentido, toda ciência é, antes de tudo, a ciência da ideologia com a qual rompe. Logo, o objeto de uma ciência não é um objeto empírico, mas uma construção (HENRY, 2010, p. 15, grifo itálico do autor).

Deslizando o sentido do enunciado produzido por Herbert-Pêcheux e explicitado por Henry, podemos considerar que: toda teoria é inicialmente a teoria da ideologia da qual se destaca. Todo conhecimento científico, estando inscrito em condições sócio-históricas e ideológicas de produção específicas, se constitui como um produto histórico; logo, significa e produz efeitos em vista do posicionamento político-ideológico assumido. A tomada de posição no campo da ciência, frente aos demais conhecimentos já-ditos, implica ao sujeito-autor a filiação reivindicada ou não-reivindicada, por aproximação/deslocamento ou por ressonância/afastamento, ao conhecimento científico proposto por outros autores, na construção de outra teoria. De acordo com Orlandi (2009, p. 122), na elaboração científica, as referências a autores constituem “uma maneira de argumentar em relação a uma história própria. Não são nem simples influências nem mera recepção. São elaboração em função de uma nossa filiação de memória intelectual de estudos da linguagem”.

Desse modo, na elaboração científica, necessariamente, o sujeito-autor filia-se de modo reivindicado a determinados saberes científicos, citando-os explicitamente em sua *formulação*, e de modo não-reivindicado a outros, quando é possível encontrar ressonâncias entre os posicionamentos assumidos. Nessa medida, “filiar-se” a uma rede de memória, de nossa perspectiva teórico-metodológica, não implica concordância ou recusa a um determinado saber, mas sim “refletir através dos autores, em função de uma [outra] história de conhecimento” (ORLANDI, 2009, p. 123). Esses modos de filiação, reivindicada ou não-reivindicada, fazem parte “da constituição e do funcionamento da função-autor, ou seja, da maneira pela qual um sujeito de linguagem ocupa imaginariamente a posição de origem do sentido, constituindo por aí mesmo uma unidade significativa que é um texto” (ORLANDI, 2003b, p. 14). Ainda conforme Orlandi,

[...] a noção de autor é já uma função da noção de sujeito, responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto (instância da formulação). A autoria – a função autor – é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular no interior do formulável e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações. Isso quer dizer que é impossível ao autor evitar a repetição já que sem ela seu enunciado não faria sentido, não seria interpretável. Ele tem pois de se inscrever no meio dos outros. A repetição é assim, para o autor, parte da história e não mero exercício

mnemônico. Inscrevendo sua formulação no interdiscurso, na memória do dizer, o autor assume sua posição de autoria, produzindo um evento interpretativo, ou seja, o que faz sentido (ORLANDI, 1998b, p. 13).

Benveniste assume uma posição sujeito-autor, dado que se representa na origem do “seu” dizer, produzindo uma [outra] história de conhecimento a partir de suas *formulações*. Essa posição assumida não corresponde a um sujeito-autor empírico, conforme pontuamos, mas a uma posição sujeito discursiva, isso porque o sujeito, na Análise de Discurso, constitui uma “posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva)” (ORLANDI, 2012, p. 99).

No jogo paráfrase-polissemia, o efeito metafórico se produz, na teorização benvenistiana, como um deslocamento daquilo que está institucionalizado no espaço político-simbólico da Linguística da época de sua *formulação*. Por isso, suas palavras falam com outras palavras, impregnando-as/marcando-as com sua tomada de posição (sujeito). Em sua *formulação*, o sujeito-autor lida, na materialidade do texto, com um duplo efeito-leitor:

[...] não se pode falar do lugar do outro; no entanto, pelo mecanismo da antecipação, o sujeito-autor projeta-se imaginariamente no lugar em que o outro o espera com sua escuta e, assim, “guiado” por esse imaginário, constitui, na textualidade, um leitor virtual que lhe corresponde, como um seu duplo. Esse é um jogo de gestos de interpretação que se dá na ou a partir da materialidade mesma do texto e ao qual o analista deve ser sensível quando pensa o imaginário que constitui o sujeito leitor virtual e o sujeito leitor efetivo com suas determinações concretas (ORLANDI, 2012, p. 61).

Sendo assim, o sujeito-autor, em sua prática teórica, lida necessariamente com esse efeito imaginário de leitor, o que produz, na textualização política do discurso, determinados efeitos. Levando em consideração a relação sujeito-autor e sujeito-leitor, “explicitar os mecanismos de produção de sentidos inscritos no texto é uma maneira de tornar visível o modo como a exterioridade (sujeito, história) está presente nele, é trabalhar sua historicidade” (ORLANDI, 2012, p. 64). Quer dizer, em função de uma imagem de leitor virtual, o sujeito-autor empreende, em sua textualização, determinadas marcas de modo a buscar imaginariamente uma “unidade” ao sentido formulado. Esse jogo de antecipação atesta que “no discurso o que existem são efeitos de sentidos, dispersos, descontínuos, sendo sua unidade construção imaginária” (ORLANDI, 2012, p. 65-66).

No campo da ciência, a produção de conhecimento elaborada por um sujeito-autor “é submetid[a] já de saída a tensões que nascem de embates que nada têm a ver com a pretensa neutralidade da ciência, mas com as relações de força” (ORLANDI, 2008, p. 40) que presidem

o imaginário social. “A luta pela aceitação ou não, pela legitimidade ou não, de um trabalho, quando se ultrapassa o mero lance do tráfico de prestígios acadêmicos, representa justamente o lugar em que se chocam o poder de dizer e o seu parceiro, o silenciamento” (ORLANDI, 2008, p. 40), haja vista o fato de as práticas teóricas serem configuradas pelas práticas político-ideológicas das quais fazem parte; logo, não estão apartadas da luta de classes que as constitui.

Em vista do exposto, analisamos o funcionamento discursivo da teorização elaborada por Émile Benveniste, compreendendo-a como instrumento linguístico determinado sócio-histórico e ideologicamente. Buscamos expor o olhar-leitor à opacidade dessas *formulações* teóricas, lendo nessa teorização a construção de outros sentidos para/da história. Pretendemos descrever, interpretar e compreender a historicidade dos processos discursivos nos quais o trinômio em análise figura, os quais materializam o ideológico e o político na constituição dos sentidos.

1.3 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Articulando Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas, propomo-nos analisar as *formulações* teóricas, as relações de sentido, o conhecimento científico produzido por Émile Benveniste e compilado/republicado nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral* em vista do trinômio *língua, cultura, personalidade*. De acordo com Guimarães (2004), a HIL, configurada pela AD, pode envolver, em sua análise, três elementos: “as instituições; os acontecimentos nas instituições que organizam as práticas de produção de conhecimento; as obras que formulam este conhecimento” (GUIMARÃES, 2004, p. 11). Conforme ressalta o autor, “cada um desses elementos pode ser objeto de análises específicas [...] Para cada um destes casos é preciso estabelecer um modelo específico de trabalho” (GUIMARÃES, 2004, p. 11), o qual levará em conta, necessariamente, o estudo das instituições, uma vez que a prática científica

[...] é determinada pelas condições históricas gerais e pelas condições históricas do domínio do saber e é particularizada pelas instituições (pelo Estado) em que se desenvolve. Isto tem a ver com o fato de que, de um lado o sujeito da ciência não está fora da história. Poderia parafrasear em certa medida aqui Henry (1975) e dizer que o sujeito do conhecimento não está separado do sujeito do político (historicamente determinado). E mais que isso: o sujeito do conhecimento se subordina ao sujeito do político. Nos termos de que acabo de dizer: **o sujeito do conhecimento é determinado pelas condições históricas. Por outro lado, o sujeito da ciência também não está fora das relações institucionais de individuação** (GUIMARÃES, 2004, p. 16, grifo nosso).

Desse modo, conforme salienta Guimarães (2004), o sujeito do conhecimento se constitui sócio-histórica e ideologicamente, já que é “determinado pelas condições históricas” e pelas “relações institucionais de individuação”. Ademais, no que concerne à análise das obras, Guimarães ressalta que:

[...] a análise destas obras se faz considerando que elas são afetadas por uma exterioridade que as constitui. A própria análise do pensamento dos autores, enquanto análise de seu discurso, traz para cena um conhecimento sobre as instituições, pelo simples fato de que a análise das obras trará para cena sua relação com acontecimentos institucionais e suas condições históricas. Ou seja, **a produção de uma compreensão histórica das ideias de uma obra produz também elementos para uma história das instituições como parte dela. A análise dos trabalhos pertinentes específicos é feita considerando que: eles são produções de sujeitos constituídos ideologicamente em condições históricas específicas, a produção de conhecimento é uma prática histórica, materialmente determinada; os sujeitos, para produzirem conhecimento, se acham individualizados pelas instituições a que estão vinculados** (GUIMARÃES, 2004, p. 16, grifo negro nosso).

Ou seja, em nosso gesto de leitura das “ideias” *formuladas* por Émile Benveniste consideramos: o sujeito-autor das *formulações*, constituído e determinado “ideologicamente em condições históricas específicas”, o qual, ao produzir suas “ideias”, o faz no espaço político-simbólico da Linguística. Isso posto, no caso desta tese, a instituição constitui a Linguística, pensada como espaço político-simbólico e relacionada às condições sócio-históricas de produção do conhecimento; o *acontecimento* consiste nas *formulações* teóricas de Émile Benveniste, as quais fundam um campo de discursividades e produzem diferença ao ocorrer (cf. GUIMARÃES, 2004); e as obras, os instrumentos linguísticos que lançamos mão em nossa análise, são os dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*, os quais são analisados em função dos conceitos supracitados, na relação com a instituição e o acontecimento.

Considerando esses apontamentos e cientes de que “fazer História é, então, em certo sentido, constituir, por um método próprio, uma temporalidade” (GUIMARÃES, 2004, p. 13), explicitamos, em que medida, construímos o *corpus* e o método de análise que concebemos.

No que se refere ao *corpus*, em vista dos objetivos antes expostos, construímos um “arquivo de leitura” (PÊCHEUX, 2014b) que é aqui apresentado por meio de recortes²⁷ da teorização *formulada* por Benveniste e compilada/republicada nos *Problemas de Linguística Geral I e II*, haja vista o trinômio em análise. É válido ressaltar que “o arquivo nunca é dado a priori, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco” (GUILHAUMOU;

²⁷ Salientamos que, nos recortes que fundamentam nossas análises, o que aparece em *italico* refere-se às marcações do próprio Benveniste em seu texto; já o que aparece em **negrito** refere-se aos nossos destaques para análise.

MALDIDIER, 2014b, p. 170); logo, a possibilidade de se empreender vários gestos de leitura a partir dele lhe é constitutiva.

Nosso *arquivo* é composto por recortes, isto é, por unidades discursivas que compreendemos como “fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva [...] Pretendemos que a ideia de recorte remeta à polissemia e não à de informação” (ORLANDI, 1984, p. 14). Isso significa que os recortes “não são o fato do analista, mas da relação do analista com o material de análise, na detecção dos processos significativos que nele se inscrevem. Assim, não há uma passagem automática entre unidades (os recortes) e o todo que elas constituem” (ORLANDI, 1984, p. 14). Aí se coloca o analista a fim de correlacioná-los.

Nosso material de análise compreende as versões brasileiras²⁸ dos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral* de Émile Benveniste, os quais se constituem como coletâneas de artigos publicados pelo autor de 1939 a 1972. De nosso ponto de vista, o gesto político-simbólico de edição e de publicação dessas coletâneas por Benveniste permitiu a ele dar visibilidade à Linguística Geral por ele produzida, o que, conforme Coquet e Fenoglio (2014, p. 68), “garantiu tardiamente ampla publicidade a trabalhos mais importantes de Benveniste, mas também confinou outros, menos acessíveis sob todos os pontos de vista”. De nossa perspectiva, essas duas obras são representativas da Linguística Geral produzida pelo autor e suficientes, em nosso gesto analítico, para mostrarmos como se marca/é significado na *formulação* teórica o trinômio *língua, cultura, personalidade* como base de sua Linguística Geral.

Os *Problemas de Linguística Geral I*, editado originalmente em 1966, reúne artigos, publicados em outros meios de divulgação científica, entre os anos de 1939 e 1964, e compilados por Benveniste, de acordo com a temática, em seis partes, a saber: 1ª Transformações da linguística; 2ª A comunicação; 3ª Estruturas e análises; 4ª Funções sintáticas; 5ª O homem na língua; e 6ª Léxico e cultura. Em seu prefácio, Benveniste afirma que essa obra se trata de uma contribuição “ao grande problema da linguagem” (2005[1966]) e que “a unidade e a coerência do conjunto ressaltarão dessa exposição” (2005[1966]), embora isso nem sempre tenha sido percebido.

²⁸ Consideramos, para análise, as versões brasileiras dos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral* publicados por Émile Benveniste. Optamos pelas edições brasileiras, dado que foram/são elas que *circularam/circulam* no Brasil e, dessa *circulação*, determinadas discursividades sobre o *acontecimento* dessa publicação foram propagadas no espaço político-simbólico da Linguística.

Já os *Problemas de Linguística Geral II* foram publicados originalmente em 1974²⁹, e, também, constituem uma coletânea que reúne artigos diversos, veiculados em outros meios de divulgação científica entre os anos de 1965 e 1972, os quais foram selecionados por M. Dj. Moïnfar e por M. Lejeune, sob a supervisão cuidadosa de Émile Benveniste, de acordo com sua temática, em seis partes idênticas à edição dos *Problemas de Linguística Geral I*, a saber: 1ª Transformações da linguística; 2ª A comunicação; 3ª Estruturas e análises; 4ª Funções sintáticas; 5ª O homem na língua; e 6ª Léxico e cultura.

Nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*, compreendidos por nós como instrumentos linguísticos, realizamos recortes em função de nossa análise histórico-discursiva dos conceitos *língua*, *cultura*, *personalidade* no âmbito da teorização benvenistiana. Nos recortes empreendidos, os conceitos figuram, em alguns, explicitamente, e, em outros, implicitamente, estando associados a outros conceitos da trama teórica elaborada por esse autor. Ressaltamos que a ordem de apresentação dos recortes segue a ordem com que se apresentam nos *Problemas de Linguística Geral*, isso significa que nossa análise não versa sobre a cronologia do aparecimento das *formulações*, dado que os artigos compilados nessas obras são organizados por temática e não cronologicamente, embora essa não deixe de produzir efeitos.

Isso posto, levamos a sério, com Orlandi (2000), que “não se conta uma história sem se fazer recortes. Um cuidado importante com o efeito-leitor é o de fornecer-lhes a visibilidade dos instrumentos pelos quais estes recortes são feitos, para que o leitor possa se situar”, bem como o fato de o discurso ser “um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre ‘pedaços’, ‘trajetos’, estados do processo discursivo” (ORLANDI, 2012, p. 14). Para tanto, antes da apresentação de cada recorte selecionado, o qual compõe nosso “arquivo de leitura”, expomos em qual parte temática e em qual veículo de divulgação figura o artigo, bem como apresentamos um breve resumo do mesmo, de modo a circunstanciar para o leitor sobre o quê Benveniste discorre naquele determinado texto.

Nossa análise é dividida em quatro capítulos, quais sejam: “O conceito *língua* na Linguística Geral de Émile Benveniste”; “O conceito *cultura* na Linguística Geral de Émile Benveniste”; “O conceito *personalidade* na Linguística Geral de Émile Benveniste”; “O trinômio *língua*, *cultura*, *personalidade*: o projeto de Linguística Geral de Émile Benveniste”. Nesses capítulos, nos momentos em que recortes tenham sido selecionados de um mesmo

²⁹ Segundo Moïnfar, no prefácio da referida obra, Benveniste supervisionou a organização do livro, assim como o fez nos *Problemas de Linguística Geral I*. Contudo, em 6 de dezembro de 1969, Benveniste sofreu um acidente vascular cerebral, que o deixou afásico e paralítico até 3 de outubro de 1976, quando faleceu.

artigo, verificar-se-á certa repetibilidade na circunstanciação do texto. Assim o fizemos para que o leitor, se assim o preferir, possa realizar a leitura de capítulos específicos, sem com isso precisar recorrer ao todo.

No “arquivo de leitura” aqui construído, analisamos os efeitos de sentidos em jogo nas *formulações* benvenistianas, tendo em vista as condições sócio-históricas e ideológicas de produção desses discursos. Desse modo, nossa análise se faz por um procedimento analítico particular, o qual considera o funcionamento discursivo dos conceitos *língua, cultura, personalidade* na teorização de Benveniste e os analisa em vista de três mo(vi)mentos inter-relacionados, essenciais para compreendermos “como um discurso se realiza, como ele se formula, a partir da sua filiação a uma rede de memória e como ele se coloca em texto” (ORLANDI, 2003a, p. 10). Esses três mo(vi)mentos inter-relacionados são:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
3. Sua circulação, que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições (ORLANDI, 2012, p. 9).

Por *constituição*, compreendemos o interdiscurso, a memória do dizer; “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2005a, p. 31). Ainda nas palavras de Orlandi, “a constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória)” (ORLANDI, 2005a, p. 33). É na e por essa medida que “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2005a, p. 33).

No que concerne à *constituição*, consideramos a Linguística Geral produzida por Émile Benveniste como um *acontecimento* no espaço político-simbólico da Linguística, uma vez que tal produção de saber produziu e continua a produzir discursividades e faz diferença ao ocorrer (cf. GUIMARÃES, 2004). Ademais, como “todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos” (ORLANDI, 2005a, p. 36), analisamos de que modo, assumindo a posição de sujeito-autor, Benveniste filia-se a determinados saberes científicos.

A partir do conceito de filiação de Orlandi (2009a), concebemos dois modos de filiação teórica para a análise da obra de Benveniste. Um modo reivindicado (GUIMARÃES, 2018), citando explicitamente outros teóricos da Linguística e das outras Ciências Humanas, assim como conceitos (*re*)significados de outras teorias, e outro não-reivindicado, implícito, não-dito, que faz ressoar na *formulação* benvenistiana posicionamentos assumidos em outras *formulações* teóricas. Ressaltamos, contudo, que, do ponto de vista histórico-discursivo, é impossível analisarmos todas as relações de filiação passíveis de serem elencadas a partir do *corpus*. Logo, em nossa análise, contemplamos algumas dentre outras que poderiam ser relacionadas; mais especificamente contemplamos aquelas que têm implicação direta no trinômio *língua, cultura, personalidade*.

Por exemplo, a filiação reivindicada de Benveniste a Saussure produz, no âmbito de sua teorização e de sua *circulação*, determinados efeitos de sentidos. Alguns leem essa filiação:

a) como continuação ao pensamento de Saussure – “a distinção que ele [Benveniste] propõe entre ‘semiótica’ e ‘semântica’³⁰, longe de ser um progresso em relação à Saussure, é sobretudo a expressão de sua teoria de um valor *in absentia* ligado a um valor *in praesentia*” (BOUQUET, 2001, p. 268);

b) como continuação ao pensamento de Saussure para ultrapassá-lo – “longe de desfazer as oposições saussurianas, ele as complica, as reformula, constrói outras, de maneira a retomar o que foi primeiro excluído, o referente e o sujeito, passo necessário se se leva a sério o fato de que numa frase alguém fala de alguma coisa para alguém” (NORMAND, 1996b, p. 139);

c) como rompimento, em certa medida, com Saussure – “se a teoria do sentido de Benveniste contempla o legado saussuriano, particularmente no que diz respeito à noção de valor, não se pode dizer que ela faça coro à leitura de Saussure, feita no período estrutural, a partir de 1931” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 109) ou “Benveniste rompe com a *langue* de Saussure ao abarcar a exterioridade, a relação entre os falantes e o contexto enunciativo” (LORENSET, 2017).

Ao apresentarmos alguns efeitos de sentidos produzidos no espaço político-simbólico da Linguística com relação à filiação de Benveniste a Saussure, buscamos demonstrar como essa filiação, *constitutiva* da Linguística Geral de Benveniste, é significada diferentemente a depender do gesto de leitura empreendido. Em nossa análise do trinômio, essa filiação

³⁰ A tradução brasileira da obra “Introdução à leitura de Saussure” de Simon Bouquet foi realizada por Carlos Salum e Ana Faraco. Os autores traduzem os dois modos de significância da *língua*, o modo semiótico e o modo semântico, proposto por Benveniste, como “semiótica” e “semântica”.

comparece porque *constitui* essa Linguística Geral e produz efeitos nos modos como o trinômio é (*re*)significado ao longo dessa *formulação*.

A *formulação*, por sua vez, refere-se à materialidade da língua, ao intradiscurso; “momento em que o sujeito diz o que diz. Em que se assume autor. [...] Se faz materialmente pela colocação do discurso em texto, pela textualização” (ORLANDI, 2012, p. 10-11). As *formulações* “se caracterizam como agenciamentos específicos pelos quais o acontecimento do dizer mobiliza a língua em textualidades particulares” (GUIMARÃES, 2004, p. 16-17). Nos dizeres de Orlandi,

[...] formular é dar corpo aos sentidos. E, por ser um ser simbólico, o homem constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história para significar, tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos. Sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Assim entendemos a afirmação de que há um confronto do simbólico com o político. Ora, o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes. São atravessados de discursividade, isto é, de efeitos desse confronto, em processos da memória que tem sua forma e funciona ideologicamente (ORLANDI, 2012, p. 9-10).

Desse modo, na *formulação*, conforme Orlandi (2012), temos o “encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” por “um investimento do corpo do sujeito presente no corpo das palavras. O momento em que o sujeito diz o que diz. Em que se assume autor. Representa-se na origem do que diz com sua responsabilidade, suas necessidades” (ORLANDI, 2012, p. 10). Constitui, assim, a dimensão *intradiscursiva* de uma “produção efetiva, circunstanciada e relativa a um contexto específico de uma sequência discursiva concreta” (ORLANDI, 2008, p. 46-47).

No que diz respeito à *formulação* benvenistiana, que é o centro de nossa reflexão e análise, a qual leva em conta condições sócio-históricas e ideológicas de produção específicas, analisamos os jogos de antecipação que se marcam na textualidade a partir de vestígios que expõem a posição ideológica de Benveniste no interior da Linguística. O fato de privilegiarmos essa instância se dá porque o analista de discurso parte, necessariamente, do processo de textualização (política) do discurso. É na e sobre a textualização (política) do discurso que analisamos os efeitos de sentidos produzidos. Nas palavras de Orlandi: “o analista tem, pois, como objeto de observação o texto [compreendido como processo discursivo] e como objetivo da análise a sua compreensão enquanto discurso” (ORLANDI, 2012, p. 33). É válido ressaltarmos que não elegemos nenhuma categoria específica de análise, mas, por exemplo, *itálicos*, *aspas*, (*re*)*formulações*, *paráfrases discursivas*, etc., que, na *formulação* benvenistiana, permite-nos analisar os jogos de antecipação que esse sujeito-autor projeta em sua textualidade.

A título de exemplo, selecionamos um recorte da *formulação* benvenistiana presente no artigo “A natureza dos pronomes” (2005[1956b]), que figura na quinta parte dos *Problemas de Linguística Geral I*, a saber: “O homem na língua”. Nesse artigo, diz o autor: “[...] a linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de **signos ‘vazios’** não referenciais com relação à **‘realidade’**, sempre disponíveis, e que se tornam **‘plenos’** assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso” (BENVENISTE, 2005[1956b], p. 280, grifo negrito nosso). Nesse recorte, chama-nos a atenção, em nosso gesto de leitura, o jogo de antecipação empreendido pelo sujeito-autor em vista de um leitor virtual ao grafar as aspas nas palavras “vazios”, “realidade” e “plenos”.

Conforme Orlandi, essas marcas constituem, na textualização do discurso, um trabalho com a incompletude do sentido, sem eliminá-lo: há em jogo a falta e o equívoco. Nos dizeres da autora,

[...] a pontuação administra – sem eliminar – a falta e o equívoco. Ela não os resolve pragmaticamente, ela os trabalha como necessidade pragmática. Gesto de um sujeito que se situa em um mundo com suas dimensões em que o sentido é carregado de memória e o dizer tem sua extensão, seus segmentos, suas dimensões. A pontuação serve assim para marcar divisões, serve para separar sentidos, para separar formações discursivas, para distribuir diferentes posições dos sujeitos na superfície textual. Elas indicam modos de subjetivação. Mecanismos de colocação do discurso em texto, estas tecnologias, como a pontuação mas também as **aspas**, [os itálicos], os parênteses, as notas de rodapé, organizam a memória, produzindo legibilidade, uma relação regrada com os sentidos (ORLANDI, 2012, p. 116, grifo negrito nosso).

Essas marcas, vestígios, fazem “intervir aqui a abertura da memória, a dispersão dos sentidos, dos diferentes pontos de subjetivação possíveis” (ORLANDI, 2012, p. 120): “nem o exatamente dito, nem o não-dito: franja de um dizer indefinido, indeciso” (ORLANDI, 2012, p. 122). O acréscimo dessas marcações na *formulação* são “o vestígio da ameaça da proliferação sem limite, a invasão selvagem do empírico no simbólico, invasão da posição sujeito por outras regiões de sentidos possíveis” (ORLANDI, 2012, p. 122).

Em Benveniste, a referência é feita de *significação*. Portanto, “eu” significa aquele que diz “eu”, na condição de “pessoa”; logo, podemos ler que “eu” não é um signo plenamente “vazio”, talvez, por isso as aspas. Sendo assim, levando em conta a *enunciação* cada vez única, é incongruente afirmar que há signos na *língua* que são vazios ou plenos de *significação*: eles são “vazios” porque contraem, no discurso, cada vez, uma referência única; e são “plenos” só e somente só quando assumidos por um locutor em um ato de discurso específico. Com relação ao destaque tipográfico em “realidade”, podemos ler que o sujeito-autor convoca seu leitor a

considerar os sentidos específicos desse termo nessa *formulação*: “realidade”, nesse caso, pode ser lido como “realidade física” ou como “realidade do discurso”, por exemplo. Como, para Benveniste, a “realidade” é simbólica, lemos, essa realidade como “realidade do discurso”. Observemos: as marcas, os vestígios deixados pelo sujeito-autor na materialidade linguística, permitem-nos empreender determinados gestos de leitura, que não são únicos, dado que permitem outras possibilidades analíticas.

Por fim, a *circulação* diz respeito ao lugar no qual o discurso se mostra, se apresenta. Esse lugar não é indiferente aos sentidos, dado que “os ‘meios’ nunca são neutros” (ORLANDI, 2012, p. 11-12). Em nosso caso específico, contextualizamos os periódicos e/ou meios de divulgação científica nos quais os artigos compilados nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral* figuraram primeiramente. Essa contextualização nos é importante para compreendermos em que meios a posição político-ideológica de Benveniste *circulou* antes da compilação/republicação dos *Problemas de Linguística Geral* e como, com essa compilação, a Linguística Geral desse autor produziu/produz diferentes efeitos de sentidos no espaço político-simbólico da Linguística.

Listamos, na sequência, como a *circulação* da obra de Benveniste foi significada por alguns estudiosos. (1) Segundo Kristeva (2014, p. 31), a obra de Benveniste, “de uma audácia impressionante, embora discreta e aparentemente modesta, permanece hoje em dia relativamente desconhecida e pouco visível”. (2) De acordo com Todorov (2014, p. 244), antes da publicação dos *Problemas de Linguística Geral I*, em 1966, os cursos ministrados por Benveniste no *Collège de France* eram pouco frequentados. Após essa publicação, segundo Todorov (2014), Benveniste apresenta-se a um público mais amplo. (3) Já para Georges Redard (2014, p. 200), após o infarto em 1956, Benveniste foi obrigado a reorganizar sua vida - “não pode, no entanto, resistir ao crescimento de sua reputação. É solicitado por todo o lado [...] e há tarefas [muitas delas de caráter administrativo] das quais não poderia furtar-se”. (4) Nas palavras de Étienne Wolff (1972 apud REDARD, 2014, p. 211), “segundo os maiores especialistas, ele [Benveniste] foi o maior dentre eles; seu nome é cercado por uma universal veneração”. (5) Por fim, para Coquet e Fenoglio (2014, p. 68), “Benveniste segue uma linhagem ininterrupta de grandes figuras da linguística francesa e de suas instituições”. Notemos: enquanto para alguns a obra de Benveniste permanece ainda hoje “pouco visível”; para outros, com a publicação dos *Problemas de Linguística Geral*, cresce sua reputação e passa a ser “cercado por uma universal veneração”. De nosso ponto de vista, esses gestos de leitura da *circulação* do pensamento benvenistiano afetam o modo como o conhecimento científico *formulado* por ele produz sentidos.

Por conseguinte, nosso procedimento analítico, que leva em consideração o questionamento posto, a natureza do material e a finalidade da análise (cf. ORLANDI, 2005a, p. 27), é construído considerando a inter-relação entre *constituição*, *formulação* e *circulação*. Assim,

- a) primeiramente, realizamos a leitura dos *Problemas de Linguística Geral I* (2005[1966]) e dos *Problemas de Linguística Geral II* (2006[1974]). Nessa leitura, inventariamos as ocorrências dos conceitos *língua*, *cultura*, *personalidade*, explícita ou implicitamente presentes na *formulação* benvenistiana, e recortamos unidades discursivas em função de nossa questão de pesquisa: o trinômio *língua*, *cultura*, *personalidade* está na base da Linguística Geral de Émile Benveniste?

Com essa questão em mente, analisamos a *formulação* da Linguística Geral de Benveniste, a partir de recortes dos *Problemas de Linguística Geral I* (2005[1966]) e dos *Problemas de Linguística Geral II* (2006[1974]), focalizando o modo como o trinômio presentifica-se na sua obra e como é parafraseado no mo(vi)mento de seu pensamento linguístico. Assim procedendo, visamos compreender suas implicações na *constituição* da Linguística Geral desse autor.

Desse mo(vi)mento de análise, expõe-se sua Linguística Geral ao olhar-leitor como uma produção autoral, de modo a dar visibilidade à posição não-idealista de Benveniste. Esse autor, em seu mo(vi)mento de teorização, em nosso gesto analítico, não cai: a) nem no idealismo abstrato, uma vez que sua tomada de posição sobre a *língua* não pressupõe positividade, completude e transparência – lembremos, nos termos do autor: “a realidade da língua permanece, via de regra, inconsciente” (BENVENISTE, 2005[1958b], p. 68) e “as línguas não nos oferecem de fato senão construções diversas do real” (2006[1965a], p. 70) “; b) nem no idealismo subjetivista, já que a subjetividade da qual trata é a capacidade de o locutor colocar-se como *sujeito* no e pelo uso da *língua* – “É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo” (BENVENISTE, 2005[1958a], p. 288);

- b) na sequência, analisamos os possíveis efeitos de sentidos produzidos em cada *formulação*, haja vista sua *constituição* e sua *circulação*. Em outros termos, confrontamos, por meio de análise, a dimensão *interdiscursiva* da *formulação* na qual os conceitos figuram, tendo em vista sua *constituição* e sua rede de filiações teóricas,

dimensão *intradiscursiva*, e sua *circulação*, condições sócio-históricas e ideológicas de divulgação.

- c) por fim, relacionamos esses conceitos ao conceito *significação* proposto por Benveniste, de tal modo a situarmos a Linguística Geral por ele proposta como um *acontecimento* na história das ideias linguísticas e, assim procedendo, desautomatizar certas leituras vulgarizadas sobre o pensamento linguístico de Émile Benveniste.

O CONCEITO *LÍNGUA* NA LINGUÍSTICA GERAL DE BENVENISTE

A língua é posta na medida em que permite articular uma interpretação. A situação da língua é particular. Nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” na qual possa formular suas próprias interpretações, ao passo que a língua pode, em princípio, tudo interpretar, inclusive ela mesma.

Émile Benveniste (2014[2012], p. 190)

2.1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista a hipótese de que o trinômio *língua, cultura, personalidade* fundamenta a Linguística Geral elaborada por Benveniste, dado que permite a ele centrar seus questionamentos linguísticos no estudo da *significação*, neste capítulo, analisamos, especificamente, o conceito *língua* no âmbito dessa teorização. Em nosso gesto de leitura, intentamos analisar os efeitos de sentidos produzidos por essa teorização, no que concerne ao conceito *língua*, levando em conta, conforme Orlandi (2012), sua *constituição, formulação e circulação*. Para tanto, este capítulo está dividido em duas partes, a saber: “O conceito ‘língua’ nas filiações de Benveniste” e “O conceito *língua* na teorização benvenistiana”.

Na primeira parte, examinamos os sentidos do conceito “língua” cunhado por alguns autores do campo da Filosofia, da Antropologia, da Psicologia e da Linguística, com os quais Benveniste entretém relação de filiação. Na segunda parte, fragmentada em duas outras, “O conceito *língua* nos *Problemas de Linguística Geral I*” e “O conceito *língua* nos *Problemas de Linguística Geral II*”, analisamos a *formulação* de Benveniste, as discursividades que a *constituem*, as *filiações* que engendra e sua *circulação*. Em suma, objetivamos, neste capítulo, trabalhar com o conceito *língua* na Linguística Geral de Émile Benveniste, a fim de compreendê-lo e de expô-lo ao olhar-leitor. O que é *língua* para Émile Benveniste? Como esse modo de conceituar produz diferença?

2.2 O CONCEITO “LÍNGUA” NAS FILIAÇÕES DE BENVENISTE

No espaço científico, o conceito “língua” é concebido a partir de perspectivas muito variadas, por isso esse conceito está longe de ter uma definição única, constante e inequívoca. Ele *(re)cobre* várias definições, inclusive no interior de uma mesma teorização, sendo importante distingui-las com acuidade, de modo a compreendê-las em sua especificidade, haja vista o quadro teórico em que são mobilizadas. Várias ciências, entre elas, a Filosofia, a Antropologia, a Psicologia e a própria Linguística, definiram, cada qual a sua maneira e de modos específicos, a “língua”. Das diferentes definições possíveis de serem aqui lembradas, focalizamos algumas que, de alguma maneira, em nosso gesto de leitura, filiam-se à definição benvenistiana de *língua*, constituindo-a, seja por ressonância/afastamento, seja por aproximação/deslocamento.

No campo da Filosofia, várias foram as teorias que se voltaram ao problema da(s) língua(s) e da linguagem. Entre os estudiosos desse campo, retomamos aqui Aristóteles, o qual é citado por Benveniste com certa frequência³¹. Aristóteles (384-322 a.C.) considerava que somente por meio do estudo da linguagem seria possível examinar a “realidade”. Em sua análise dos corpos vivos, o autor salienta que o exercício da linguagem é um fato humano, sendo definidora da natureza humana, dado que torna possível a vida social. Em *Política*, sua análise leva-o a concluir que o homem é um animal político, já que é dotado de linguagem. Dessa forma, de acordo com Neves (1981, p. 58), para Aristóteles, “a linguagem como característica biologicamente natural do homem e a linguagem como característica natural humana de animal político organiza-se coerentemente e converge para uma teoria da significação”. Admitindo o caráter convencional da linguagem, o autor assume que a relação entre as palavras e as coisas não ocorre diretamente, sendo essa uma relação simbólica, convencional e não-natural.

Nos dizeres do autor, presentes no *Da interpretação*: “[...] quanto à significação convencional, dissemos que nenhuma locução é por natureza um nome, mas só quando o nome se assume como símbolo, pois, mesmo quando sons inarticulados como os dos animais significam algo, nenhum deles é chamado nome” (1985, p. 123). Aristóteles propõe, ainda, que a análise do significado ocorra por meio da interrelação entre linguagem, realidade e pensamento, sendo o signo empregado para expressar o pensamento e a realidade. Em *Categorias*, o autor, classificando e analisando dez tipos de predicados ou gêneros do ser, assinala que a estrutura da língua corresponderia à estrutura do mundo, instituindo relações “íntimas entre as categorias de ser, de significar e de compreender” (NEVES, p. 62).

Notemos: em Aristóteles, o signo é empregado para expressar o pensamento e a realidade; em Benveniste, o signo é empregado para significar o mundo, a realidade e o pensamento. Há, aí, um deslocamento significativo entre os pontos de vista dos dois autores. Ademais, no artigo “Categorias de pensamento e categorias de língua” (2005[1958b]), Benveniste dialoga com o trabalho de Aristóteles para (*re*)pensar a relação pensamento-língua em outros termos. Conforme Benveniste, revisando as categorias de Aristóteles, a análise do estudioso, embora pensando “definir os atributos dos objetos; não apresenta senão seres linguísticos” (2005[1958b], p. 76). Logo, as categorias propostas por Aristóteles para o pensamento, de acordo com Benveniste, “revelam-se como transposição das categorias de língua” (2005[1958b], p. 76). Isso porque, para Benveniste, “é o que se pode *dizer* que delimita

³¹ Cf., por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1958b], p. 70-76; 2005[1951a], p. 352; 2005[1951b], p. 363; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1970b], p. 285; 2006[1969c], p. 256-258; 2006[1966d], p. 269.

e organiza o que se pode pensar” (2005[1958b], p. 76, grifo itálico do autor). Por fim, Benveniste conclui: “a possibilidade do pensamento liga-se à faculdade de linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua” (2005[1958b], p. 80). Já aqui, o ponto de vista teórico que Benveniste imprime sobre o conceito *língua* produz diferenças significativas entre sua teorização e aquela de Aristóteles. Benveniste, em sua rede de filiações, cita, considera, deslocada e (*re*)significa as proposições de Aristóteles em vista de seu objetivo: compreender como a *língua significa* e, assim, compreender como a linguagem constitui o homem.

Na Antropologia, rememoramos as definições de “língua”, associadas à definição de “linguagem”, cunhadas por Sapir e por Lévi-Strauss, haja vista serem citados nominalmente por Benveniste ao longo de sua teorização³². Edward Sapir (1884-1939), em sua teorização, mobiliza o conceito “língua” ora associado a idiomas, por meio dos quais o homem expressaria seus pensamentos; ora compreendido como “sistema de símbolos fonéticos”. Em suas pesquisas, o autor defende a existência de diferentes estruturas linguísticas que correspondem a diferentes culturas, sendo essa variabilidade das línguas um fenômeno natural da linguagem. Nessa medida, para ele, a análise estrutural das línguas deve ocorrer paralela à análise estrutural de toda a cultura daqueles que falam essa língua (cf. COSTA, 2011, p. 125). Ademais, Sapir apregoa que a língua configura o pensamento e, por isso, as pessoas que dominam diferentes idiomas veriam o mundo diferentemente.

Observemos algumas passagens recortadas da obra do autor:

[...] a linguagem é um meio essencialmente perfeito de expressão e comunicação entre todas as pessoas conhecidas. [...] a linguagem foi a primeira a receber uma forma altamente desenvolvida e que a sua perfeição essencial é um pré-requisito para o desenvolvimento da cultura como um todo. [...] Em primeiro lugar, a linguagem é principalmente um sistema de símbolos fonéticos para a expressão do pensamento e sentimento comunicáveis. Em outras palavras, os símbolos da linguagem são produtos diferenciados do comportamento vocal que está associado à laringe dos mamíferos superiores. [...] A linguagem não é, portanto, uma simples função biológica. [...] Linguagem não é apenas som articulado; sua estrutura significativa depende da seleção inconsciente de um número fixo de “estações fonéticas” ou unidades sonoras. [...] Em todas as línguas conhecidas, os fonemas são construídos em sequências distintas e arbitrárias que são reconhecidas pelos falantes como símbolos significativos de referência. [...] enquanto as unidades funcionais mecânicas da linguagem são fonemas, as verdadeiras unidades da linguagem como simbolismo são agrupamentos convencionais de tais

³² Com relação a Sapir, confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1952-1953], p. 115-121; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1965a], p. 76; 2006[1966b], p. 110; 2006[1967], p. 158; 2006[1968a], p. 15; 2006[1968b], p. 94. Já com relação a Lévi-Strauss, confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1954a], p. 13; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1968c], p. 35; 2006[1970b], p. 278.

fonemas. [...] Diz-se geralmente que a função primária da linguagem é a comunicação. [...] A linguagem é uma grande força de socialização, provavelmente a maior que existe³³ (SAPIR, 1949[1934], p. 7-26, tradução nossa).

Em vista dessas colocações, compreendemos que, para Sapir, a “linguagem”, considerada “um pré-requisito para o desenvolvimento da cultura”, possibilita a “comunicação” e a “socialização” dos indivíduos. Definida como “sistema de símbolos fonéticos”, a “linguagem” distingue-se da mera produção de sons aleatórios relacionados à função biológica, dado que possui uma “estrutura significativa”, “arbitrária” e “convencional”. Desse modo, para o autor, a “língua”, concebida como um fenômeno de cultura, é característica primordial dos seres humanos.

Em certa medida, alguns dos apontamentos de Sapir parecem convergir para a “mesma” posição teórica de Benveniste. Por exemplo, Sapir considera a “língua” como “idioma”. Benveniste, em sua dupla definição de *língua*, também mobiliza *língua*, em seu *nível histórico*, como “idioma”, como veremos nas análises, conquanto o conceito *língua* de Benveniste seja muito mais amplo que isso. Outro ponto de aparente convergência refere-se ao distanciamento de ambos da compreensão de *língua* de uma mera função biológica. Para os dois autores, a *língua* não existe na natureza, mas na *cultura*, inseparável do homem. Embora existam certas convergências, as teorizações desses dois autores se diferenciam na base: Sapir parte do pressuposto de que a “língua” expressaria o pensamento, enquanto Benveniste assume que a *língua* constitui o pensamento. Em outra medida, enquanto Sapir concebe a linguagem como “sistema de símbolos fonéticos” com estrutura significativa, Benveniste concebe-a como “atividade significativa por excelência, a imagem mesma do que pode ser a significação” (2006[1966a], p. 223), não restringindo a *significação* da *língua* à ligação estabelecida entre os sons em seu aspecto fônico. Ademais, a relação língua e sociedade é tomada por Sapir, em seu corpo de definições, como não isomórfica e cujas variações são independentes, enquanto Benveniste, questionando essa consideração de Sapir, considera a relação *língua e sociedade*

³³ « [...] language is an essentially perfect means of expression and communication among every known people. [...] language was the first to receive a highly developed form and that its essential perfection is a prerequisite to the development of culture as a whole. [...] In the first place, language is primarily a system of phonetic symbols for the expression of communicable thought and feeling. In other words, the symbols of language are differentiated products of the vocal behavior which is associated with the larynx of the higher mammals. [...] Language is thus not a simple biological function. [...] Language is not merely articulated sound; its significant structure is dependent upon the unconscious selection of a fixed number of « phonetic stations » or sound units. [...] In all known languages, phonemes are built up into distinct and arbitrary sequences which are at once recognized by speakers as meaningful symbols of reference. [...] while the mechanical functional units of language are phonemes, the true units of language as symbolism are conventional groupings of such phonemes. [...] The primary function of language is generally said to be communication. [...] Language is a great force of socialization, probably the greatest that exists » (SAPIR, 1949[1934], p. 7-26).

em dois níveis, *histórico* e *fundamental*, evidenciando que somente no *nível fundamental* é possível constatar homologias entre elas.

Lévi-Strauss (1908-2009), por sua vez, mobiliza o conceito “língua” ora se referindo, assim como Sapir, a idiomas específicos (línguas) que analisa, ora remetendo ao conceito compreendido e mobilizado, por exemplo, na Linguística Geral de Benveniste³⁴, como “sistema de significação”. Vejamos os dizeres do autor:

[...] todos sabemos para que serve uma língua: serve à comunicação. [...] cada língua retém apenas um pequeno número de sons dentre todos os possíveis. [...] a língua é o sistema de significação por excelência. Ela não pode não significar, e toda a sua existência está na significação. A questão deve, ao contrário, ser examinada com rigor crescente à medida em que nos afastamos da língua para considerarmos outros sistemas, que possuem igualmente a intenção de significar, mas cujo valor de significação permanece parcial, fragmentário ou subjetivo, como a organização social, a arte etc. [...] a língua vive e se desenvolve como elaboração coletiva. [...] A linguagem pode ser tratada como *produto* de uma cultura: uma língua usada por uma sociedade reflete a cultura geral da população. Mas, num outro sentido, a linguagem é uma *parte* da cultura, constitui um de seus elementos, entre outros. [...] Não nos demos suficientemente conta de que língua e cultura são duas modalidades paralelas de uma atividade mais fundamental: refiro-me aqui ao hóspede sempre presente entre nós, embora ninguém tenha pensado em convidá-lo para nossos debates, o *espírito humano* (LÉVI-STRAUSS, 1989[1952], p. 46-83, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Desse recorte, é importante destacarmos o fato de Lévi-Strauss considerar a “língua” como “sistema de significação por excelência”. Essa tomada de posição singulariza sua abordagem antropológica, tornando-a autoral. Assim, assume que o caráter significativo da “língua” não se resume à ligação estabelecida entre os sons em si, mas à maneira como esses sons se combinam e formam unidades significantes. Voltando sua análise à cultura, Lévi-Strauss mostra que a cultura é também um sistema que possui, igualmente à língua, “intenção de significar”, restando-lhe entrever em que medida língua e cultura se relacionam como “modalidades paralelas de uma atividade mais fundamental [...] o espírito humano”. Lévi-Strauss e Émile Benveniste foram contemporâneos e fundaram, com o geógrafo francês Pierre Gourou (1900-1999), a revista de Ciências Humanas *L'Homme* em 1961. Embora interessados no projeto de constituir uma “Ciência Geral do Homem”, entre suas teorizações, há diferenças significativas, haja vista possuírem interesses e *circularem* em campos científicos distintos. Por

³⁴ Ressaltamos que essa definição de “língua”, tal qual mobilizada por Lévi-Strauss, não coaduna com a definição propalada pela Linguística dominante naquela época, a saber: a língua compreendida em si e por si mesma como forma que não leva em conta o sentido, mas com uma Linguística, a exemplo de Benveniste, que se propõe a teorizar acerca da *significação*.

exemplo, ao passo que, para Lévi-Strauss, a língua “serve à comunicação”; para Benveniste, a *língua serve à significação* e à vida; o homem vive na e pela linguagem.

No espaço da Psicologia, rememoramos aqui as colocações de Sigmund Freud (1856-1939), o qual consagra, em seus estudos, grande importância à linguagem. Considerando-a um fenômeno simbólico, Freud assinala o caráter fundamental da linguagem à vida humana. O autor compara a organização do inconsciente à organização da linguagem, defendendo a existência de um “simbolismo do inconsciente”, o qual, diferentemente do “simbolismo da linguagem”, conforme apontado por Benveniste (2005[1956a]), possui como particularidades: sua universalidade, seus significantes múltiplos, seu significado único etc. Assim sendo, por manifestar “universalidade”, esse “simbolismo do inconsciente” desconsideraria a *cultura*, dado que essa é compreendida por Benveniste como *cultura* de uma *sociedade-cultura*.

Desse modo, o “simbolismo do inconsciente” difere-se consideravelmente do que é simbolismo no campo da Linguística, uma vez que, para Benveniste, o simbolismo (ou função simbólica da linguagem) reporta-se ao modo como a linguagem relaciona-se ao mundo, produzindo referências significativas. Na Linguística Geral de Benveniste, essa função mostra-se como uma *reprodução* das referências objetivas, construídas na e pela linguagem e submetidas à organização da língua. A linguagem medeia a relação do homem com o mundo e com outros homens; ela lhe é constitutiva. Nas palavras de Benveniste: “ora, o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço, o que é típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição linguística” (2005[1952a], p. 65) e a faculdade de simbolizar constitui a “faculdade de representar o real por um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’ como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de ‘significação’ entre algo e algo diferente (2005[1963b], p. 27).

Benveniste, ao longo de sua obra, cita os estudos de Freud em diferentes momentos³⁵. Em uma dessas vezes, quando questionado sobre o que as reflexões de Freud informam acerca do funcionamento da linguagem, Benveniste responde:

[...] elas não são muito numerosas mas são importantes, sugestivas, instrutivas, mesmo que só incidam sobre a linguagem ordinária. [...] Ele descobriu que o sonho fala. Mas só o psicanalista pode compreender esta linguagem. Freud procurou encontrar seus rudimentos. [...] O senhor pode escrever uma carta cujo sentido profundo será exatamente o contrário daquilo que as palavras parecem significar. É assim que opera a significação no interior do sonho. Do mesmo modo, um discurso que procura sensibilizá-lo pode levá-lo a uma certa conduta sem jamais preconizá-la. O senhor tem neste

³⁵ Confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1956a], p. 81-94; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1966f], p. 260; 2006[1968c], p. 36; entre outras.

caso o retórico, ou seja, um sentido segundo, diferente do sentido literal e agindo sobre a afetividade (BENVENISTE, 2006[1968c], p. 36-37).

Freud e Benveniste estão em áreas diferentes da ciência, por isso seus interesses são distintos: Freud dedica-se à investigação de problemas psíquicos, enquanto Benveniste volta-se à compreensão da estrutura e do funcionamento da linguagem humana, especialmente, em seu uso ordinário³⁶. Benveniste, em sua rede de filiações, retoma Freud naquilo que lhe é importante, por exemplo, o conceito “ego”, para fundamentar a *subjetividade* na linguagem³⁷, bem como o fato de considerar que “a língua é um mecanismo inconsciente” (2006[1968a], p. 24). Essa tomada de posição de Benveniste diferencia, sobremaneira, sua teorização daquelas de seu tempo, as quais, por exemplo, consideram as operações linguísticas como da ordem do controle e da consciência. Assim, conforme veremos no capítulo sobre o conceito *personalidade*, a concepção de *sujeito* de Benveniste desloca-se da concepção de um *eu* consciente e controlador da *significação* do que diz.

No campo da Linguística, rememoramos, na sequência, Bréal (1832-1915); Saussure (1857-1913); Bally (1865-1947); Meillet (1866-1936) e Bloomfield (1887-1949) no que se refere às suas concepções de “língua”. Esses são alguns dos linguistas citados por Benveniste no que tange ao conceito *língua*. Ao citá-los, Benveniste instaura uma relação de filiação à Linguística por eles praticada. Essa filiação não implica concordância ou assumir o ponto de vista por eles tomado. Significa, antes, que Benveniste os convoca ao diálogo, a fim de constituir uma outra história de conhecimento, uma Linguística autoral, tendo em vista seu ponto de vista sobre a *língua* e seu funcionamento.

A posição teórica adotada por Michel Bréal (1832-1915) em seus estudos sobre a linguagem, ao questionar o comparativismo, o mecanicismo e o naturalismo (cf. GUIMARÃES, 1992, p. 11), imprime, no espaço político-simbólico da Linguística, um novo modo de conceber o funcionamento da linguagem, encaminhando sua pesquisa para a compreensão do processo de significação, *reinserindo* o homem nesse processo, dado que, para ele, “a linguagem é um ato do homem: ela não tem realidade fora da atividade humana” (BRÉAL, 1992[1897], p. 195).

De acordo com Dessons (2006, p. 29, tradução nossa), Bréal foi “contra a ideia, herdada do século XVIII, de que ‘o homem não é nada no desenvolvimento da linguagem’, que ‘palavras - forma e sentido - levam uma existência que lhes é própria’, e que as extinções de palavras ou

³⁶ Benveniste também se interessou sobre o funcionamento poético da linguagem. Esses estudos permaneceram registrados em notas de trabalho, as quais foram organizadas e publicadas por Laplantine em *Baudelaire* (2011).

³⁷ Discorremos mais detidamente sobre isso no capítulo “O conceito *personalidade* na Linguística Geral de Benveniste”.

de formas são ‘impostas pela fonética’”³⁸. Em outros termos, Bréal “desenhou o estudo da linguagem para a semântica, evitando que este se tornasse objeto de uma cientificidade física, como na fonética, e recolocou-o na história”³⁹ (DESSONS, 2006, p. 29, tradução nossa). História, aqui, compreendida como sentido resultante da relação entre linguagem e mundo. Conforme Guimarães (1992, p. 15), “em Bréal, o sentido é uma relação com o mundo”.

Enfatizando, assim, a importância de centrar seus questionamentos sobre a linguagem em “um domínio ainda não explorado” (BRÉAL, 1992[1897], p. 20), o estudo do sentido, Bréal assinala que

[...] a linguagem tem sua morada e sua sede em nossa inteligência; não seria possível concebê-la em outro lugar. Se ela nos precede, e sobrevive a nós, é que ela existe na inteligência de nossos concidadãos como na nossa, é que ela existiu antes de nós em nossos pais, e de nossa parte nós a transmitimos a nossos filhos. Ela é feita do consentimento de muitas inteligências, do acordo de muitas vontades, umas presentes e atuantes, outras depois de muito tempo desfeitas e desaparecidas. Isso não é ideal. É, ao contrário, colocá-la entre as coisas que ocupam o primeiro lugar e exercem a maior influência no mundo, já que essas existências ideais – religiões, leis, tradições, costumes – são o que dá uma forma à vida humana (BRÉAL, 1992[1897], p. 197).

Nesse recorte, chama-nos a atenção o modo como Bréal enfatiza o fato de a linguagem ser herdada – “ela nos precede, e sobrevive a nós” –; e o aspecto convencional do simbolismo linguístico – “ela é feita do consentimento de muitas inteligências”. Ademais, segundo ele, as palavras de uma língua não são espelho da realidade, uma vez que são “uma transposição da realidade através de signos particulares dos quais a maior parte não corresponde a nada de real” (BRÉAL, 1992[1897], p. 204). Assim sendo, “as palavras são colocadas cada vez num meio que lhe determina antecipadamente o valor” (BRÉAL, 1992[1897], p. 104). Em sua teoria, Bréal volta-se ao estudo do sentido atribuído às palavras e como esse sentido se altera ao longo do tempo.

Entre Benveniste e Bréal, o interesse pelo estudo do sentido é um ponto de encontro. Nos *Problemas de Linguística Geral*, Benveniste, quando cita Bréal, refere-se não aos seus trabalhos científicos, mas à importância de seu contato com os ensinamentos de Saussure, o qual também se filiou a Bréal. Segundo Guimarães (2018, p. 24), Bréal constitui uma filiação não-reivindicada no trabalho de Benveniste, uma vez que é possível encontrar ressonâncias entre suas obras, embora Benveniste não o cite diretamente em sua *formulação* teórica.

³⁸ «[...] contre l'idée, héritée du xviii^e siècle, que 'l'homme n'est pour rien dans le développement du langage', que 'les mots – forme et sens – mènent une existence qui leur est propre', et que les extinctions de mots ou de formes sont 'imposées par la phonétique'» (DESSONS, 2006, p. 29).

³⁹ «[...] il tirait l'étude du langage vers la sémantique, évitant que celui-ci ne devienne l'objet d'une scientificité physique, comme dans la phonétique, et le replaçait dans l'histoire» (DESSONS, 2006, p. 29).

Entre as ressonâncias possíveis de serem aqui citadas, no que concerne à *língua*, assinalamos o fato de ambos considerarem a necessidade de, nos estudos da linguagem, levar em conta a forma e a função/sentido. Entre os pontos de discordância entre eles, podemos citar, por exemplo, a compreensão de “sentido”: enquanto em Bréal o “sentido” resulta da relação do homem com o mundo; em Benveniste, o *sentido* é compreendido de modo duplo: no domínio *semiótico*, resulta do emprego da palavra; no domínio *semântico*, resulta da ideia que a frase exprime na instância de discurso que a provoca. Além disso, enquanto, para Bréal, as palavras são “uma transposição da realidade através de signos particulares dos quais **a maior parte** não corresponde a nada de real” (1992[1897], p. 204, grifo negrito nosso); para Benveniste, “as línguas não nos oferecem de fato senão **construções diversas do real**” (2006[1965a], p. 70, grifo negrito nosso).

Com Ferdinand de Saussure (1857-1913), “a ciência da linguagem foi pouco a pouco transformada”⁴⁰ (BENVENISTE, 2005[1963c], p. 34). Em seu *Curso de Linguística Geral* (2006[1916])⁴¹, Saussure define as bases da Linguística como ciência autônoma, seu objeto e o seu lugar no conjunto dos fatos humanos. Até então, os estudos comparados do século XIX consideravam a Linguística ou ramo da Biologia, compreendida como uma Ciência Natural, ou ramo da Antropologia, da História, da Psicologia ou da Sociologia, compreendida como uma Ciência Humana. Elegendo a “língua” como objeto da Linguística, apregoando a necessidade de “*colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem*” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 16-17, grifo itálico do autor e negrito nosso), Saussure apresenta uma nova concepção de “língua”, diferente daquelas que eram mobilizadas em sua época nos estudos diacrônicos a partir do indo-europeu. Segundo Saussure,

[...] [a língua] é, ao mesmo tempo, um **produto social** da faculdade da linguagem e um **conjunto de convenções** necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. [...] A língua

⁴⁰ Diz Benveniste: “essa linguística renovada é em Saussure que tem a sua origem, é em Saussure que se reconhece e se reúne [...] Essa semente de claridade, recolhida por alguns discípulos, tornou-se numa grande luz, que descortina uma paisagem cheia da sua presença. [...] [Saussure] lançou ideias inesquecíveis sobre a faculdade mais alta e mais misteriosa do homem” (BENVENISTE, 2005[1963c], p. 49).

⁴¹ A despeito de abstermo-nos aqui de comentar as circunstâncias de editoração do *Curso de Linguística Geral*, é o Saussure do *Curso* que transforma a Linguística e que importa ao nosso trabalho, dado que é a ele que Benveniste se reporta em sua *formulação* teórica. No entanto, reconhecemos os efeitos que essas circunstâncias propiciaram para a *circulação* do pensamento de Saussure. Os organizadores vislumbraram, nos *Cursos de Linguística Geral* de Saussure, ministrados na Universidade de Genebra nos anos 1907, 1908-1909 e 1910-1911, a possibilidade de a Linguística tomar a língua como objeto e, assim, instaurar-se como ciência. No *Curso*, o conceito “língua” é apresentado a partir de, pelo menos, três definições, a saber: a língua é um sistema de signos linguísticos; a língua é uma entidade psíquica e a língua é um princípio de classificação. Essas três definições partem de três pontos de vista sobre a língua, respectivamente, focados em: sua função simbólica, sua natureza e sua constituição formal.

[...] **é um todo por si e um princípio de classificação. [...] a língua constitui algo adquirido e convencional.** [Já] [...] a linguagem é multiforme e heteróclita [...]; ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2006[1916], p. 17, grifo negrito nosso).

Saussure diz ainda: “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24); por “signo” compreende a união entre um significante e um significado. A “língua”, fruto de um contrato coletivo, é “exterior ao indivíduo” que não pode nem criá-la, nem modificá-la; trata-se de um “tesouro depositado pela prática da fala nos indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 379). A definição saussuriana de “língua”, bem como a delimitação do conceito “signo” como unidade bilateral, “contribuiu para o advento do pensamento formal nas ciências da sociedade e da cultura e para a constituição de uma **semiologia geral**” (BENVENISTE, 2005[1963c], p. 49, grifo negrito nosso), isto é, de “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24). Para Benveniste, é a partir de Saussure que foi possível desenvolver “o pensamento formal” em outros setores das Ciências Humanas. No âmbito dessa ciência geral, segundo Saussure, “a Linguística não é senão uma parte” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24). Complementando nossas ideias, retomamos um recorte em que Benveniste assinala a importância desse teórico aos estudos da linguagem:

[...] Saussure, ele não é um começo, ele é outra coisa, ou é um outro tipo de começo. Sua contribuição consiste nisso: “A linguagem”, diz ele, “é forma, não substância”. Não há nada de substancial na linguagem. Todas as ciências da natureza encontram seu objeto constituído. A linguística, e é isto que a diferencia de qualquer outra disciplina científica, se ocupa de algo que não é objeto, não é substância, mas *que é forma*. Se não há nada de substancial na linguagem, o que há? Os dados da linguagem não existem senão por suas diferenças, eles não valem senão por suas oposições. Pode-se contemplar uma pedra em si, localizando-a na série dos minerais. Enquanto que a palavra, por si mesma, não significa absolutamente nada. Ela não é senão por oposição, por vizinhança ou por diferenciação em relação a um outro, um som em relação a um outro som, e assim por diante. [...] **Saussure reagiu contra a consideração histórica que prevalecia em linguística quando ele escrevia.** [...] tudo o que dizemos está compreendido em um contexto atual e no interior de discursos que são sempre sincrônicos. **Nenhuma parcela de história se mistura ao uso vivo da língua.** Eis o que Saussure quis afirmar. Hoje isto não surpreende mais ninguém. Quando ele enunciou isto, há aproximadamente sessenta anos, enquanto que a linguística era sobretudo marcada por uma concepção histórica, diacrônica da língua [...] isto era uma novidade importante (BENVENISTE, 2006[1968c], p. 31-32, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Salientamos a importância da proposição saussuriana de estudo da língua a partir de duas vertentes: o estudo diacrônico, muito difundido naquele momento, que analisa estados de língua ao longo do tempo; e o estudo sincrônico, que privilegia a análise de um estado de língua em um determinado momento no tempo. Saussure enfatizou a importância do estudo sincrônico, o qual permite analisar o “uso vivo da língua” e, conseqüentemente, a relação do sujeito falante com a língua.

Saussure é “uma filiação fortemente reivindicada” (GUIMARÃES, 2018, p. 24) por Benveniste ao longo de sua teorização. Apesar disso, de acordo com Agustini (no prelo, p. 1-2), “a concepção de língua em Benveniste não é a mesma que a concepção de língua em Saussure. [...] A concepção de língua em Benveniste é dupla, abarcando forma e sentido”, conforme veremos no tópico “O conceito *língua* na teorização de Benveniste” (cf. p. 59). De acordo com Agustini e Rodrigues (2018), o conceito *língua*, em Benveniste, é *formulado* a partir do lugar da *significação*, o que faz com que esse conceito seja distinto do de Saussure, isso porque “a linguística benvenistiana desloca a reflexão teórica para o uso da língua, para a língua enquanto discurso, tomada em seu funcionamento semântico, isto é, tomada em sua função significativa” (AGUSTINI; RODRIGUES, 2018, p. 27).

Charles Bally (1865-1947), por seu turno, juntamente com Albert Sechehaye e Albert Riedlinger, organizou e editou o *Curso de Linguística Geral* (2006[1916]), sendo constantemente lembrado por esse fato. Em suas pesquisas sobre a linguagem, Bally buscou analisar a expressividade, isto é, os aspectos afetivos da língua falada; a expressão dos sentimentos no uso da língua. Desse modo, examinou de que forma a língua, como sistema impessoal, é convertida em linguagem expressiva, afetiva. Para tanto, Bally assumiu, em seu corpo de definições, a distinção língua/fala proposta por Saussure. Segundo o autor,

[...] F. de Saussure nos familiarizou com a distinção entre *língua* e *fala*. Se a língua é o acervo dos signos e das relações entre signos, enquanto todos os indivíduos lhes atribuem os mesmos valores, a *fala* é o funcionamento desses signos e de suas relações para expressar o pensamento individual; é a língua em ação, a língua “atualizada”. Mas como entendemos às vezes sob o nome de fala as mudanças que os sujeitos fazem à língua, nós especificamos dizendo que aqui a *fala* se refere ao *funcionamento puro e simples da língua*, sem levar em conta quaisquer alterações que possam sofrer durante seu funcionamento⁴² (BALLY, 1952[1913], p. 76, grifo itálico do autor, tradução nossa).

⁴² « [...] F. de Saussure nous a rendu familière la distinction entre *langue* et *parole*. Si la langue est le trésor des signes et des rapports entre signes en tant que tous les individus leur attribuent les mêmes valeurs, la parole est la mise en oeuvre de ces signes et de ces rapports pour l’expression de la pensée individuelle ; c’est la langue en action, la langue « actualisée ». Mais comme on comprend parfois sous le nom de parole les modifications que les sujets font subir à la langue, nous précisons en disant qu’ici *parole* désigne le *fonctionnement pur et simple de la langue*, abstraction faite de tout changement que celle-ci peut subir au cours de son fonctionnement » (BALLY, 1952[1913], p. 76, grifo itálico do autor).

De nossa perspectiva e conforme Guimarães (2018), a filiação de Benveniste a Bally é não-reivindicada. No entanto, embora Benveniste não o cite diretamente em sua *formulação* teórica⁴³, é possível encontrarmos ressonâncias entre seus trabalhos. Por exemplo, Benveniste assinala que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (2006[1966a], p. 222); Bally, por seu turno, diz que “ela [a linguagem] está simplesmente a serviço da vida, não da vida de poucos, mas de todos, e em todas as suas manifestações: sua função é biológica e social”⁴⁴ (BALLY, 1952[1913], p. 14, tradução nossa). Além dessa ressonância, podemos dizer que ambos reivindicam filiação ao trabalho de Saussure em seu corpo de teorização. Outro ponto de aproximação entre eles é que ambos se voltam à análise do uso da *língua*, o que os leva a considerar aquele que fala em suas teorizações. Entre os pontos de discordância entre eles, mencionamos, por exemplo, a concepção de língua de ambos: enquanto Bally assume a definição saussuriana de língua; Benveniste concebe o conceito *língua* em um duplo aspecto: “a língua, que fora do discurso, é uma virtualidade – seu domínio como sistema de signos [...]; e a língua que, em discurso, é atualizada, informada de significação e relativa a uma situação de discurso específica” (AGUSTINI, RODRIGUES, 2018, p. 14).

Outra filiação reivindicada refere-se ao pensamento de Antoine Meillet (1866-1936). Esse foi professor de Benveniste e é recorrentemente citado ao longo da *formulação* teórica desse autor⁴⁵. Em seus estudos, assim como Durkheim e Saussure, ele também concebe a “língua” como um fato social. Enfatizando a natureza social da linguagem, ele considera a Linguística uma ciência social. Para ele,

[...] essa realidade (da língua) é tanto linguística quanto social. É linguística: porque uma língua constitui um sistema complexo de meios de expressão, sistema onde tudo permanece e onde uma inovação individual dificilmente pode encontrar um lugar se [...] não é exatamente adaptada a este sistema. [...]. Em outro aspecto, a realidade da língua é social: ela resulta do fato de que uma língua pertence a um grupo definido de sujeitos falantes, do qual ela é o meio de comunicação entre os membros do mesmo grupo e que não depende de nenhum dos membros para modificar⁴⁶ (MEILLET, 1948[1921], p. 16-17, tradução nossa).

⁴³ Ressaltamos que, no artigo “Tendências recentes em Linguística Geral” (2005[1954a], p. 16), Benveniste cita Bally, bem como Cressot, Marouzeau, Spitzer e Vossler, como estudiosos que se dedicaram ao problema do “estilo”, mencionando brevemente como esse simbolismo foi por eles abordado.

⁴⁴ «[...] il [le langage] est simplement au service de la vie, non de la vie de quelques-uns, mais de tous, et dans toutes ses manifestations: sa fonction est biologique et sociale» (BALLY, 1952[1913], p. 14).

⁴⁵ Confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1954a], p. 5 e 15-16; 2005[1963c], p. 37-38 e p. 48; 2005[1962a], p. 99; 2005[1950b], p. 163; 2005[1952b], p. 196 e 198; 2005[1960], p. 213, 215 e 225; 2005[1959], p. 268; 2005[1954b], p. 333; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1966d], p. 267; 2006[1968a], p. 11 e 15; 2006[1969d], p. 250; entre outras.

⁴⁶ «[...] cette réalité (de la langue) est à la fois linguistique et sociale. Elle est linguistique : car une langue constitue un système complexe de moyens d’expression, système où tout se tient et où une innovation individuelle ne peut

Meillet, em sua teorização, mobiliza a noção saussuriana de língua como “sistema complexo”, bem como os aspectos mutáveis e imutáveis da língua. Contudo, a posição desse autor, devido à ênfase colocada no aspecto social, é uma posição, “na verdade, mais sociológica que linguística”⁴⁷ (DESSONS, 2006, p. 35, tradução nossa), haja vista a relação de causalidade estrutural que considera existir entre as entidades língua e sociedade. Nas palavras do autor, “[...] portanto, é provável que qualquer mudança na estrutura social resulte em uma mudança nas condições nas quais se desenvolve a língua”⁴⁸ (MEILLET, 1948[1921], p. 17, tradução nossa). Para Benveniste, essa é uma visão simplista do problema, uma vez que coloca língua e sociedade em relação de espelhamento.

De nossa perspectiva, Benveniste filia-se a Meillet por aproximação/deslocamento, uma vez que, quase sempre, baseia-se nas descrições e análise realizadas por ele, deslocando-as em vista de seu objetivo: compreender como a *lingua significa*. Citamos, na sequência, uma passagem que mostra o deslocamento que Benveniste empreendeu no tocante ao posicionamento de Meillet sobre a relação língua e sociedade. Benveniste, assinalando que o programa proposto por Meillet não foi realizado, assevera: “não quer isso dizer que o plano de estudos indicado por Meillet seja irrealizável. O problema consistirá antes em descobrir a base comum à língua e à sociedade” (2005[1954a], p. 15-16). Outro ponto de desencontro entre essas teorizações refere-se à mobilização teórica da relação língua e fala proposta por Saussure: enquanto Meillet leva em consideração essa distinção em seu corpo de definições; Benveniste “não opera teoricamente com a relação língua-fala saussuriana” (AGUSTINI, no prelo, p. 6). Entre os pontos de encontro nas teorizações desses dois linguistas, podemos citar o aspecto social da língua, presente também em Saussure.

O conceito “língua” nos estudos descritivistas e mecanicistas de Leonard Bloomfield (1887-1949), considerado o fundador do Estruturalismo norte-americano, é empregado de modo autoral. Para esse autor, cada língua possui uma estrutura específica, a qual deve ser descrita fonológica, morfológica e sintaticamente, partindo das suas unidades mais simples até chegar às suas unidades mais complexas. Apregoando a necessidade de formalização e de objetivação na Linguística, Bloomfield exclui de sua análise o sentido e, em decorrência, há o

que difficilement trouver place si, [...] elle n'est pas exactement adaptée à ce système [...]. A un autre égard, la réalité de la langue est sociale : elle résulte de ce qu'une langue appartient à un ensemble défini de sujets parlants, de ce qu'elle est le moyen de communication entre les membres d'un même groupe et de ce qu'il ne dépend d'aucun des membres de la modifier » (MEILLET, 1948[1921], p. 16-17).

⁴⁷ «[...] en fait, est plus sociologique que linguistique» (DESSONS, 2006, p. 35).

⁴⁸ «[...] dès lors, il est probable *a priori* que toute modification de la structure sociale se traduit par un changement dans des conditions dans lesquelles se développe la langue» (MEILLET, 1921[1906], p. 17).

expurgo do estudo do sentido. Nesse campo de pesquisa, filiado à perspectiva behaviorista, a descrição das línguas ocorre a partir da constituição de um *corpus*. Em vista do inventário compilado das ocorrências, deve-se verificar as leis de combinação dos elementos constituintes de diferentes classes. Logo, a concepção de linguagem mobilizada por Bloomfield é a considerada como externa ao indivíduo, gerada por meio de um sistema de hábito (estímulo-resposta-consequência) e fixada pela repetição.

No caso de Bloomfield, Benveniste filia-se por afastamento, dado que, embora recorrentemente cite o autor⁴⁹, Benveniste o faz sempre em contraposição. Por conseguinte, as duas teorizações linguísticas elaboradas por eles são antagônicas. Para Bloomfield, é necessário considerar a forma linguística em si e por si, expurgando o sentido. Sobre esse expurgo, retomamos aqui a reflexão empreendida por Agustini:

[...] a omissão do sentido promove o expurgo do falante, na condição de sujeito de linguagem e de direito, da teorização sobre a língua, de modo que a linguística assim praticada sai do campo das ciências humanas e desloca-se do seio da vida social. Para haver significação, é necessário um sujeito, constituído de valores sociais e históricos, para fazer o jogo entre forma e sentido (AGUSTINI, no prelo, p. 12).

Diferentemente de Bloomfield, para Benveniste, *forma* e *sentido* são concepções gêmeas que devem ser consideradas em conjunto na análise linguística. Ademais, por propor a Linguística como disciplina no campo das Ciências Humanas, Benveniste centra sua teorização no estudo da *significação*, o que o faz considerar a relação entre *língua*, *cultura*, *personalidade* como constitutiva do funcionamento e do exercício da *língua*.

2.3 O CONCEITO *LÍNGUA* NA TEORIZAÇÃO DE BENVENISTE

Por defender a necessidade de *reinscrever* o homem no âmbito das preocupações linguísticas, Benveniste trabalha a função simbólica da *língua* em sua relação com a *língua-discurso*. O conceito *língua*, parte do tripé conceitual que constitui a base da teorização de Benveniste, devido à sua dupla significância; “pode, em princípio, tudo interpretar, inclusive ela mesma” (BENVENISTE, 2014[2012], p. 190). Assim, o conceito *língua*, nessa teorização, comporta um jogo entre a *língua-sistema* e a *língua-discurso*. Em vista desse jogo, neste tópico,

⁴⁹ Confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1954a], p. 7 e 12; 2005[1963c], p. 46; 2005[1952-1953], p. 107-108; 2005[1962b], p. 130; 2005[1950b], p. 168 e 170; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1966b], p. 112; 2006[1966a], p. 221; entre outras.

analisamos as *formulações* teóricas de Benveniste acerca do conceito *língua*, buscando compreender como esse conceito ganha corpo nessa Linguística Geral.

Objetivamos, ainda, demonstrar a filiação de Benveniste a alguns estudiosos, em especial, Saussure, com relação ao emprego desse conceito e em que medida essa filiação é fundante de uma outra perspectiva teórica, cujo foco é a *significação* na e pela *língua*. Benveniste diz ao linguista: é preciso tomar “consciência antecipadamente da singularidade da língua entre os objetos de ciência” (2006[1969a], p. 46), dado que “a língua ocupa uma situação particular no universo dos sistemas de signos” (2006[1969a], p. 55). Além de certa ressonância ao pensamento saussuriano, essa *formulação* abre espaço para questionarmos como é discursivizado, em Benveniste, essa situação particular da *língua*. Daí nossa análise pautar-se na questão: o que é *língua* na *formulação* teórica de Émile Benveniste?

2.3.1 O CONCEITO LÍNGUA NOS *PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL I*

PRIMEIRA PARTE – TRANSFORMAÇÕES DA LINGÜÍSTICA

CAPÍTULO 2. VISTA D’OLHOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LINGÜÍSTICA

Publicado em 1963⁵⁰, na *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*⁵¹, em Paris, Benveniste busca, nesse artigo, analisar “como e porque a linguística se transformou assim, a partir de seus inícios” (2005[1963b], p. 20). Segundo o autor, a linguística emerge da filosofia grega, embora, nesse contexto, “a língua permaneceu objeto de especulação, não de observação” (2005[1963b], p. 20). No fim do século XIX, com a “descoberta” do sânscrito, uma nova fase é instaurada: a gramática comparada. Durante muito tempo, o estudo da mudança linguística foi predominante na Linguística.

⁵⁰ Embora conste, tanto na publicação francesa quanto na publicação brasileira, o ano de 1963 como ano de publicação desse artigo, o texto pertence à « Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres », 106^e année, n. 2, 1962, p. 369-380, apresentado, exatamente, na sessão pública anual do dia 23 de novembro de 1962.

⁵¹ A *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* foi fundada em 1663 e tinha o intuito de compor as *inscrições* e *divisas* dos monumentos erguidos por Luís XIV e das medalhas cunhadas em sua homenagem. A partir de 1701, passou a lidar com toda a história da França e a compor as medalhas de seus principais eventos. De 1717 a 1783, passaram a ser escritas as *Mémoires de l’Académie*, que incluíam estudos de história, arqueologia, linguística etc. Em 1807, teve por missão continuar a *Histoire littéraire de la France*. Benveniste, em 1960, foi eleito, em apresentação única, membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, por indicação de seu amigo Louis Renou. Na ocasião, Benveniste substituiu Joseph Vendryes (1875-1960), que ocupava o lugar da Linguística. Os membros dessa *Academia* são distribuídos em quatro grupos, a saber: “orientalistas”, “do mundo antigo”, “medievalistas” e “diversos”. Benveniste, juntamente com Antoine Meillet e Georges Dumézil, fez parte do grupo “diversos”, que reúne linguistas, historiadores da lei, historiadores das religiões, historiadores do pensamento e pré-historiadores.

Após Saussure, esse método foi renovado e possibilitou novos rumos para as pesquisas linguísticas. As línguas indígenas – não escritas e sem história – exigiram a elaboração de novos aparatos de análise e descrição. Uma outra noção de língua surge após e com o *Curso de Linguística Geral* e os linguistas tomam consciência de sua tarefa (cf. 2005[1963b], p. 21). Essa terceira fase da linguística concebe por objeto “a realidade intrínseca da língua [...] Trata-se, com efeito, de saber em que consiste e como funciona uma língua” (2005[1963b], p. 22). Ao fazê-lo, os linguistas depararam-se com o princípio fundamental da linguística moderna: “a língua forma um sistema [...] é um arranjo sistemático de partes” (2005[1963b], p. 22) – a Linguística chega, assim, a uma teoria da língua.

Recortamos, desse artigo, três *formulações* para análise, as quais nos propiciam discussões importantes sobre o conceito *língua* nessa teorização. Benveniste, ressaltando as transformações pelas quais a Linguística passou a partir de seus inícios, afirma⁵²:

RECORTE 1:

[...] comecemos por observar que a linguística tem duplo objeto: é **ciência da linguagem** e **ciência das línguas**. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: **a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas**. Dentro da perspectiva em que nos aqui colocamos, veremos que **essas vias diferentes se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem**, pois **os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que**, a um certo grau de generalidade, **põem sempre em questão a linguagem** (2005[1963b], p. 20, grifo nosso).

Nessa *formulação*, a diferenciação empreendida por Benveniste entre “ciência da linguagem” e “ciência das línguas” possibilita-nos ler, aqui, o que o autor compreende pelos conceitos *linguagem* e *línguas* (no plural). Segundo ele, no recorte, a *linguagem* é uma “faculdade humana”, isto é, uma propriedade que constitui a natureza humana, a qual possui como características ser “universal” e “imutável do homem”: “universal”, dado que é relativa ao universo inteiro dos homens; “imutável” porque, estando na própria natureza do homem, não pode ser alterada. Temos, aqui, em 1963b, a paráfrase discursiva da argumentação já apresentada por Benveniste em 1958, a saber: “[...] a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (2005[1958a], p. 285), por isso “universal” e “imutável”. Ao retomar já-

⁵² Salientamos que, nos recortes, o que aparece em *italico* refere-se às marcações do próprio Benveniste em seu texto. Já o que aparece em **negrito** refere-se aos nossos destaques para análise.

ditos, Benveniste investe discursivamente na construção de sua identidade teórica, dando consistência e permanência à sua teorização por meio de paráfrases discursivas.

No que diz respeito ao conceito *línguas*, no recorte 1, Benveniste assinala que são “sempre particulares e variáveis”: “particulares” porque são próprias a determinada *sociedade-cultura*⁵³; “variáveis” porque se alteram em vista da *sociedade-cultura* em que são empregadas. Ao empregar o termo *língua* no plural, nesse momento da *formulação* teórica de Benveniste e em outros momentos, o autor utiliza o conceito *língua* compreendido em seu *nível histórico* como “idioma” (BENVENISTE, 2006[1968b], p. 96), remetendo-se aos diferentes idiomas/*línguas* que são “sempre particulares e variáveis”.

Na sequência, o autor assevera: “é das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas”. Nessa *formulação*, notamos a relação de filiação de Benveniste a Saussure, quando esse expressa a tarefa da Linguística. Rememoremos: “a tarefa da Linguística será: a) fazer a descrição e a história de todas as **línguas** que puder abranger [...]; b) procurar as forças que estão em jogo [...] em todas as **línguas** e deduzir as leis gerais [...]” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 13, grifo negrito nosso). Para nós, a *formulação* “é das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas” constitui-se como paráfrase discursiva de “fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger” e também como paráfrase de “procurar as forças que estão em jogo [...] em todas as línguas e deduzir as leis gerais”. Benveniste, como “linguista das línguas” (cf. GUIMARÃES, 2018, p. 53), compreende sua tarefa como linguista, a rememora por meio de paráfrase discursiva e a *formula* em sua teoria. Embora tenhamos, nessa *formulação*, uma relação parafrástica, há outros momentos no *Curso de Linguística Geral* em que Saussure diz que o objeto da Linguística é a “língua”, no singular, por exemplo: “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24), o que fissura esse efeito de encaixe.

Contudo, Benveniste, de sua perspectiva teórica, salienta: “essas vias diferentes se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem”. Em outros termos, a “ciência da linguagem” e a “ciência das línguas” se cruzam “dentro da perspectiva” em que ele se coloca, haja vista os problemas das línguas colocarem “em questão a linguagem”. Sobre isso, diz Guimarães (2018, p. 53): “o que ele [Benveniste] faz é um trabalho permanente de teorização que se desenvolve na medida em que as análises das línguas exige”. Em outros termos, é executando sua tarefa de linguista das línguas que Benveniste teoriza sobre a linguagem.

⁵³ No capítulo “O conceito *cultura* na Linguística Geral de Benveniste” discutimos, mais detalhadamente, a relação entre os conceitos *sociedade* e *cultura* no âmbito dessa teorização, fato que nos faz hifenizar esses conceitos para evidenciar o aspecto relacional de sua constituição.

RECORTE 2:

[...] quando os linguistas começaram, a exemplo de **Saussure**, a encarar a **língua em si mesma e por ela mesma**, reconheceram este princípio que se tornaria o **princípio fundamental da linguística moderna: a língua forma um sistema**. Isso vale para qualquer língua, qualquer que seja a cultura onde se use, em qualquer estado histórico em que a tomemos. Da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes. **Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de estrutura**. Eis aí o segundo termo da linguística, a estrutura. Entende-se, em primeiro lugar, por aí a estrutura do sistema linguístico, revelada progressivamente a partir da seguinte observação: uma língua jamais comporta senão um número reduzido de elementos de base, mas esses elementos, em si mesmos pouco numerosos, prestam-se a grande número de combinações. [...] **o que se entende por estrutura: tipos particulares de relações que articulam as unidades de um certo nível. Cada uma das unidades de um sistema define-se assim pelo conjunto das relações que mantém com as outras unidades e pelas oposições em que entra**: é uma entidade relativa e opositiva, dizia **Saussure**. Abandona-se pois a ideia de que os dados da língua valem por si mesmos e são “fatos” objetivos, grandezas absolutas, susceptíveis de se considerarem isoladamente. Na realidade, as entidades linguísticas não se deixam determinar senão no interior do sistema que as organiza e as domina, e umas em razão das outras. Não têm valor a não ser como elementos de uma estrutura. Logo em primeiro lugar, é o sistema que é preciso destacar e descrever. **Elabora-se assim uma teoria da língua como sistema de signos e como organização de unidades hierarquizadas**. [...] Isso é que faz com que a língua seja um sistema em que nada signifique em si por vocação natural, mas em tudo signifique em função do conjunto; **a estrutura confere às partes a sua “significação” ou a sua função**. Isso é também o que permite a comunicação indefinida: como a língua é organizada sistematicamente e funciona segundo as regras de um código, aquele que fala pode, a partir de um pequeníssimo número de elementos de base, constituir signos, depois grupos de signos e finalmente uma variedade indefinida de enunciados, todos identificáveis por aquele que os percebe pois o mesmo sistema está estabelecido nele (2005[1963b], p. 22-24, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Benveniste, retomando historicamente as mudanças pelas quais passou a Linguística ao longo de sua história, chega ao momento em que “os linguistas”, “a exemplo de Saussure”, voltaram-se à investigação da língua “em si mesma e por ela mesma”. Essa *formulação*, discursivamente, rememora a última frase presente no *Curso de Linguística Geral*, a saber: “*A Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*” (2006[1916], p. 271), a qual, inserida pelos editores da obra, causou, no campo da Linguística, acirradas discussões⁵⁴. Benveniste leu Godel: em alguns momentos dos *Problemas*

⁵⁴ De acordo com de Mauro, « [...] como revelado primeiro por R. Godel (S.M. 119 e 181), o último parágrafo do C.L.G. é a “conclusão dos editores: em outras palavras, nada nas fontes manuscritas mostra que Saussure tenha proferido essa famosa frase, e obviamente ainda menos que ela represente a “ideia fundamental” de seu ensino.

de *Linguística Geral*, ele o cita, por exemplo: “ver R. Godel, *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*, Genebra, 1957” (BENVENISTE, 2005[1962a], p. 98, nota 38). Desse modo, de nosso ponto de vista, ao parafrasear discursivamente o posicionamento dos editores do *Curso*, Benveniste discursiviza aquela que era a interpretação dos linguistas naquela época: “Quando os linguistas começaram, a exemplo de Saussure”. Esse modo de ver/analisar a língua, segundo Benveniste, fez com que os linguistas reconhecessem o “princípio fundamental da linguística moderna: a língua forma um **sistema**”. Novamente, é a Saussure e a uma certa rede de filiações⁵⁵ que Benveniste reivindica. Diz Saussure: “a língua é um **sistema** de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24, grifo negrito nosso).

Na sequência, Benveniste assevera: “a língua é um arranjo sistemático de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de **estrutura**”. Observemos: nesses dois momentos de sua *formulação*, marcando tipograficamente em itálico “sistema” e “estrutura”, no recorte 2, Benveniste chama a atenção de seu leitor a esses termos, basilares de um fazer linguístico que se instala após Saussure. Por “sistema”, compreende-se o conjunto de relações e de oposições por meio das quais as unidades da língua mantêm-se – no recorte 2, “tudo” significa “em função do conjunto”. Por “estrutura”, concebe-se “tipos particulares de relações [hierárquicas] que articulam as unidades [da língua] de um certo nível” – no recorte (2), “a estrutura confere às partes a sua “significação” ou a sua função”. Ao aspear “significação”, em sua *formulação* teórica, Benveniste afasta o uso desse termo de seu “emprego comum” e convoca o leitor, em seu gesto de leitura, às possibilidades de *significação* que esse termo possibilita. A *significação*, em Benveniste, não é dada pela

[...]. Os editores, para escrever esta frase, certamente não a criaram do ‘nada’: Godel já havia sublinhado o fato de que eles pensavam em escrever algo em conformidade com o princípio do C.L.G. (p. 25): “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem”. Mas Saussure, como já foi apontado várias vezes (nota supra 303), não pretendia de modo algum decretar uma atitude exclusivista” (MAURO, 1972, p. 476, tradução nossa). « [...] comme l’a révélé le premier R. Godel (S. M. 119 et 181), le dernier alinéa du C. L. G. est la « conclusion des éditeurs » : autrement dit, rien dans les sources manuscrites ne montre que Saussure ait prononcé cette célèbre phrase, et évidemment encore moins qu’elle représente « l’idée fondamentale » de son enseignement. [...]. Les éditeurs, pour écrire cette phrase, n’ont certainement pas crée e nihilo : Godel avait déjà souligné le fait qu’ils ont cru écrire quelque chose de conforme au principe du C. L. G. 25 : « il faut se placer de prime abord sur le terrain de la langue et la prendre pour norme de toutes les autres manifestations du langage ». Mais Saussure, comme on l’a plusieurs fois relevé (supra note 303), n’entendait pas du tout décréter par là une attitude exclusiviste » (MAURO, 1972, p. 476).

⁵⁵ De acordo com Trask (2004, p. 177), Humboldt (1767-1835) “é reconhecido como sendo o primeiro linguista europeu a identificar a linguagem humana como um sistema governado por regras, e não simplesmente uma coleção de palavras e frases acompanhadas de significados. Por volta do século XVII, alguns estudiosos europeus estavam começando a interessar-se por questões gerais a respeito da língua, e entre os séculos XVII e XIX, estudiosos como Descartes, Locke e Humboldt deram contribuições significativas a esse estudo. Mas, com poucas exceções, esses autores não sabiam nada a respeito de línguas que não fossem as principais línguas europeias, e seu trabalho foi prejudicado pela falta de dados, sendo consequentemente, especulativo e apriorístico”.

estrutura, mas pelo entrelaçamento do trinômio em análise, porque a *língua* não é apenas *forma*, mas é também *sentido*. A “língua” é compreendida como “sistema de signos” e como “organização de unidades hierárquicas”.

Ademais, a *formulação* “compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de *estrutura*” (2005[1963b], p. 22), no recorte 2 em tela, contrai relação parafrástica com outra *formulação* de Benveniste, qual seja: “de um número bastante reduzido de morfemas permite um número considerável de combinações” (2005[1952a], p. 66). Há, entre essas duas formulações, um interstício de 11 anos, o que sugere certa continuidade/permanência na elaboração teórica desse autor.

No recorte 2, diferentemente do recorte 1 anterior, no qual Benveniste refere-se à “ciência das línguas”, ele vai dizer “elabora-se assim uma **teoria da língua**”. Para nós, há uma diferença fundante entre esse conceito “língua” mobilizado no sintagma “teoria da língua” e o conceito “línguas” mobilizado, no recorte 1 anteriormente analisado, no sintagma “ciências das línguas”. Como dissemos, “línguas”, em “ciência das línguas”, refere-se ao uso do conceito *língua*, no âmbito dessa teorização, compreendido, em seu *nível histórico*, como “idioma”. Já “língua”, em “teoria da língua”, está empregado, em seu *nível fundamental*, como “sistema de formas significantes”. Nesse caso específico, refere-se à *língua* compreendida por Benveniste no modo de significância *semiótico*; relaciona-se àquilo que Benveniste denomina, em sua *formulação*, como *forma*.

Ao final desse recorte, analisando a relação “sistema” e “estrutura”, Benveniste destaca que a “língua”, no processo de comunicação, é “organizada sistematicamente e funciona segundo as regras de um código”, o que permite a comunicação entre “aquele que fala” e “aquele que os [enunciados] percebe”, pois, entre ambos, o “mesmo sistema está estabelecido”, pois “cada uma das unidades de um sistema define-se [...] pelo conjunto das *relações* que mantém com outras unidades e pelas *oposições* em que entra”. Assim, cada sistema produz estruturas que lhe são específicas e que assinalam a distinção entre as *línguas-idiomas*.

No recorte 2, a filiação de Benveniste a Saussure é fortemente notada. O conceito *língua*, empregado aqui, é o conceito “língua” concebido por Saussure, o qual Benveniste considera em seu corpo de definições no plano que denomina *semiótico*. O artigo em análise é de 1963b. O *acontecimento* da distinção entre os dois modos de significância da *língua*, o modo *semiótico* e o modo *semântico*, embora figure nominalmente somente no artigo “A forma e o sentido na linguagem” (2006[1966a]), já está em funcionamento, no corpo dessa teorização, muito antes disso (cf. GUIMARÃES, 2018; AGUSTINI e RODRIGUES, 2018). No caso específico do conceito *língua* aqui mobilizado, atrelado ao corpo teórico edificado por Saussure, em 1969a,

Benveniste diz explicitamente: “para o que denominamos semiótico, a teoria saussuriana do signo linguístico servirá de base à pesquisa” (2006[1969a], p. 67). De nossa perspectiva, a *formulação* “servirá de base” pode ser compreendida como o ponto de partida para a pesquisa sobre as línguas e seus funcionamentos. Essa posição de Benveniste indicia o caráter provisório de suas análises das línguas, dado que o uso da *língua* pode provocar outros funcionamentos para além daqueles já cristalizados/descritos. Isso mantém a compreensão da linguagem em aberto.

RECORTE 3:

[...] de fato, **a faculdade simbólica no homem atinge a sua realidade suprema na linguagem, que é a expressão simbólica por excelência**; todos os outros sistemas de comunicações, gráficos, gestuais, visuais, etc., derivam dela e a supõem. Mas a linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos. **De um lado é um fato físico**: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. Sob esse aspecto material presta-se à observação, à descrição e ao registro. **De outro lado, é uma estrutura imaterial**, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua “evocação”. Assim é a linguagem, uma **entidade de dupla face**. É por isso que o símbolo linguístico é *mediatizante*. Organiza o pensamento e realiza-se numa forma específica, torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, e não por meio de um sinal como um grito modulado; realiza-se numa determinada língua, própria de uma sociedade particular, não numa emissão comum à espécie inteira. [...] O fato de existir semelhante sistema de símbolos revela-nos um dos dados essenciais, talvez o mais profundo, da condição humana: o de que **não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem**. É preciso haver um **intermediário**, esse aparato simbólico, que tornou possíveis o pensamento e a linguagem. Fora da esfera biológica, **a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano** (2005[1963b], p. 30-31, grifo negrito nosso).

Anteriormente, em sua teorização, Benveniste já assinalava em sua *formulação*: “ao dizermos que a linguagem é simbólica, enunciamos ainda apenas sua propriedade mais manifesta” (2005[1956a], p. 92). Se a linguagem se realiza nas *línguas*, então as *línguas* também apresentam, por assimilação constitutiva, a função simbólica e essa se manifesta no uso da *língua* em *discurso*, ou seja, na *língua-discurso*. No recorte (3), Benveniste volta a asseverar essa realidade da linguagem, indicando que a “linguagem” é “a faculdade simbólica do homem” e “a expressão simbólica por excelência”. Essa constatação o levará a empreender diferenças entre os modos de significância da *língua* e dos outros sistemas semiológicos, o que desencadeará, em 1966a, no *acontecimento* da nomeação *semiótico-semântico*.

Ao destacar, no recorte 3 em tela, que “todos os outros sistemas de comunicações, gráficos, gestuais, visuais, etc., derivam dela [da *língua*] e a supõem”, Benveniste coloca a *língua* em uma situação particular frente aos outros sistemas semiológicos. Consoante com Guimarães (2018) e Agustini e Rodrigues (2018), observamos que, embora a nomeação dos dois modos de significância da *língua* seja *formulada* textualmente apenas de 1966a para frente, o *acontecimento* dessa distinção está em operação, na *formulação* teórica de Benveniste, muito antes disso. Segundo Agustini e Rodrigues (2018, p. 13), “no mínimo, desde 1939”.

Ainda no recorte 3, Benveniste assinala: “a linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos”, trata-se de uma “entidade de dupla face”: de um lado, o fato físico, o “aparelho vocal” e o “aparelho auditivo” por meio dos quais é produzida e percebida; do outro lado, sua “estrutura imaterial”, por meio da qual se realiza, de tal modo que “não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem”, haja vista o símbolo linguístico ser compreendido como “*mediatizante*”⁵⁶, “intermediário”. Benveniste parafraseia discursivamente sua *formulação* de 2005[1952a], na qual pondera: “na linguagem humana, o símbolo em geral não configura os dados das experiências, no sentido de que não há relação necessária entre a referência objetiva e a forma linguística” (2005[1952a], p. 66). Assim sendo, a relação que se estabelece “entre o homem e o mundo” e “entre o homem e o homem” é uma relação simbólica, mediada pela linguagem. Por fim, o autor determina: “a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano”, isso porque nenhum animal conhece o diálogo, que é a realidade humana (cf. 2005[1952a], p. 65).

Estabelecida a definição do conceito *linguagem* em Benveniste, observamos a filiação desse ao pensamento de Michel Bréal, quando esse diz: “a linguagem é um ato do homem: ela não tem realidade fora da atividade humana” (BRÉAL, 1992, p. 195). Benveniste, por seu turno, diz, no recorte 3: “a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano”. Para esses dois estudiosos, a linguagem é própria ao homem, definindo-o como ser simbólico.

SEGUNDA PARTE – A COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 4. NATUREZA DO SIGNO LINGUÍSTICO

⁵⁶ É válido destacar que o grifo itálico, nesse caso, refere-se à formatação dos tradutores, e não a uma marcação empreendida pelo próprio Benveniste em sua *formulação*.

Esse artigo, o mais antigo da coletânea *Problemas de Linguística Geral*, foi publicado na revista *Acta linguística* ⁵⁷, em 1939, em Copenhague. Sua publicação provocou e ainda provoca inúmeras controvérsias no campo de estudos da Linguística. Nele, Benveniste retoma a teoria do signo linguístico proposta por Saussure de modo a analisar o caráter arbitrário atribuído pelo autor. Em suas considerações, Benveniste analisa que Saussure, ao estabelecer a arbitrariedade, embora querendo excluir, *reintroduziu a realidade* nessa definição, gerando uma “contradição entre a maneira fundamental como [...] define o signo linguístico e a natureza fundamental que lhe atribui” (BENVENISTE, 2005[1939], p. 55). Para Benveniste, do ponto de vista do locutor, o laço que une o significante e o significado é *necessário*, não arbitrário, dado que o caráter arbitrário se aplica à realidade, ao exterior à língua, e não à constituição do signo. Saussure pensa, segundo Benveniste, na “representação do objeto real”, quando exemplifica a arbitrariedade. Isso, do ponto de vista de Benveniste, produz uma contradição no projeto teórico de Saussure, conforme veremos na sequência. Desse artigo, selecionamos um recorte para análise.

RECORTE 4:

[...] o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro. [...] O domínio do arbitrário fica assim relegado para fora da compreensão do signo linguístico. [...] O arbitrário só existe aqui em relação com o fenômeno ou objeto *material* e não intervém na constituição própria do signo. [...] O mérito dessa análise [a de Saussure] não é diminuído em nada, mas ao contrário muito reforçado se se especifica melhor a relação à qual realmente se aplica [...] **O que Saussure demonstra permanece verdadeiro, mas a respeito da *significação*, não do signo.** [...] Na realidade Saussure pensa sempre, embora fale de “ideia”, na representação do *objeto real* e no caráter evidentemente não necessário, imotivado, do elo que une o signo à *coisa* significada. [...] Trata-se, aqui, não mais do signo isolado mas da **língua como sistema de signos** e ninguém, tão firmemente como Saussure, concebeu e descreveu a economia sistemática da língua. Quem diz sistema diz a organização e adequação das partes numa estrutura que transcende e explica os seus elementos. Tudo aí é tão *necessário* que as modificações do conjunto e do pormenor se condicionam reciprocamente. A relatividade dos valores é a melhor prova de que dependem estreitamente uns dos outros na sincronia de um sistema sempre ameaçado, sempre restaurado. [...] Se a língua é algo além de um conglomerado fortuito de noções erráticas e de sons emitidos ao acaso, é porque há uma necessidade imanente à sua estrutura como a toda estrutura. [...] **o signo, elemento primordial do sistema linguístico, encerra um significante e um significado cuja ligação deve ser reconhecida como**

⁵⁷ A *Acta Linguistica: Revue Internationale de Linguistique Structurale* foi fundada em 1939, em Copenhague, por Louis Hjelmslev e Viggo Brøndal, constituindo um periódico voltado à divulgação de estudos em linguística estrutural. No volume em que o artigo de Benveniste foi publicado, autores importantes ao estruturalismo dito ortodoxo publicam trabalhos, tais como Hjelmslev, Brøndal, Trubetzkoy.

necessária, sendo esses dois componentes consubstanciais um com o outro (2005[1939], p. 56-59, grifo itálico do autor e negrito nosso).

É válido destacar, de início, que Benveniste refere-se à recepção desse artigo no prefácio dos *Problemas de Linguística Geral I*. Nesse momento, ele afirma: “o estudo ‘Natureza do signo linguístico’ [...] provocou vivas controvérsias e deu origem a uma longa série de artigos”. Embora isso tenha ocorrido e tenha sido constatado por Benveniste, mesmo assim, ele opta por figurá-lo, em 1966, em seu *Problemas de Linguística Geral I*, vinte e sete anos após a divulgação do artigo, tal qual foi escrito em 1939. Esse ato, em si, constitui um *acontecimento* importante, dado que nos permite ler que o autor não voltou atrás em sua argumentação, mantendo seu posicionamento teórico. De nosso ponto de vista, esse artigo é, sem sombra de dúvidas, relevante ao ponto de vista teórico de Benveniste, dado que nele já está apresentada sua tomada de posição pelo estudo da *significação*.

No recorte 4, Benveniste retoma o princípio da arbitrariedade do signo linguístico, tal como proposto por Saussure, e explicita em que medida, de seu ponto de vista, que é o da *significação* e o do uso da *língua*, há uma contradição na compreensão saussuriana desse princípio. De acordo com Saussure: “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 81, grifo itálico do autor). Pela palavra “arbitrário”, Saussure ressalta:

[...] a palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significante dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 2006[1916], p. 83, grifo itálico do autor).

Em outros termos, Saussure, em sua análise, visa mostrar que não há ligação natural entre signo e realidade. A “arbitrariedade” de que fala Saussure se estabelece entre o significado e o significante. Para ele, cada signo só adquire valor pela relação e pela oposição que estabelece com outros signos no interior do sistema. Benveniste mostra, por sua vez, que o signo, para estar estabelecido num grupo linguístico, deve significar algo simbolicamente, deve efetivar sua função simbólica. Benveniste leu Saussure e isso o leva a *formular* dois níveis de compreensão da *língua*: o *nível histórico* e o *nível fundamental*, que em Saussure aparecem

indistintos produzindo certa indistinção entre eles. É Benveniste quem capta essa diferença e a *formula*.

Benveniste, voltando sua análise sobre esse princípio saussuriano, no recorte (4), constata que, contrariamente ao que defende Saussure, a relação estabelecida entre significante e significado, do ponto de vista do locutor, não é arbitrária, mas *necessária*. Para Benveniste, entre o significante e o significado, no *nível semiótico, língua-sistema*, a relação é *necessária*, uma vez que se lida com possibilidades. Sendo que, quando se efetiva/estabelece o uso da *língua*, no *nível semântico, língua-discurso*, a relação é *arbitrária*. Benveniste, ao distinguir *nível histórico* e *nível fundamental*, expõe a impossibilidade de separá-los, isso porque, quando se volta sobre o princípio de classificação, não tem como se furtar ao uso da *língua*, dado que irá mobilizar uma língua específica, um idioma, lidando com o *nível histórico*. Diz Benveniste que “esses dois componentes [são] consubstanciais um com o outro” e não remetem à realidade. Sendo assim, é *necessária* a união de um significante a um significado para a constituição de um signo linguístico, sendo que, entre eles, nada da realidade fundamenta e vincula essa relação; refere-se, assim, à *designação*, à *forma*. A arbitrariedade, para Benveniste, no uso da *língua*, constitui a relação entre o *sentido* e a *referência*; refere-se à *significação*, ao *sentido*. Sobre isso, retomamos aqui Agustini e Rodrigues (2018), os quais, ao analisar o conceito *língua* na teorização de Benveniste, assinalam que, para Benveniste,

[...] o signo, unidade de uma álgebra de valores puros, é arbitrário em sua constituição, como afirma Saussure; mas, do ponto de vista do locutor, não há signo que não seja determinado por seu exterior constitutivo: a referência e, em decorrência, o sentido. Portanto, analisada do ponto de vista da significação, do discurso, do locutor, a relação indissociável entre significante e significado que constitui o signo linguístico é necessária. Esse laço necessário é fundamental para que a língua exerça sua função própria que é, segundo lemos em Benveniste, a de significar: a “língua [...] não tem outra função a não ser ‘significar’” (AGUSTINI; RODRIGUES, 2018, p. 26-27).

Benveniste, em 1939, já coloca em operação, em sua *formulação*, os dois domínios de significância da *língua* que só serão nomeados em 1966a. Nessa data, vinte e sete anos após a publicação do artigo objeto dessa análise, Benveniste *reafirma*: “[...] é desta confusão extremamente frequente entre sentido e referência, ou entre referente e signo, que nascem tantas discussões vãs sobre o que se chama o princípio da arbitrariedade do signo” (2006[1966a], p. 231). O autor parece dialogar, aqui, com os trabalhos produzidos a partir do artigo “Natureza do signo linguístico”, asseverando a incompreensão da distinção entre “sentido e referência”.

O ponto de vista de Benveniste faz com que ele veja ali um ponto de distinção entre o seu pensamento e o de Saussure. Esse ponto participa constitutivamente da produção do efeito

autoral que incide sob sua reflexão teórica. É na e por meio dessa análise que Benveniste propõe sua Linguística Geral. Ele diz: “o que Saussure demonstra permanece verdadeiro, mas a respeito da *significação*, não do signo”. Observemos: o grifo em itálico feito por Benveniste em “significação” produz ambiguidades, aberturas nas quais o equívoco produz diferentes efeitos de sentidos. Em outros termos, por meio do acréscimo dessa marcação tipográfica, “o sujeito trapaceia com a incompletude e com sua dispersão, produzindo imaginariamente a imagem do Um, do Completo, do Acabado, do Finito” (ORLANDI, 2012, p. 126), resistindo à dispersão dos sentidos. Esse conceito, na teorização dos dois autores, não se reveste de uma mesma definição. Saussure compreende por “significação” a constituição interna do signo linguístico (cf. SAUSSURE, 2006[1916], p. 133). Benveniste, por seu turno, estabelece que a *significação* da *língua* é dada pela articulação em duas dimensões: o modo *semiótico* e o modo *semântico*, isto é, relaciona *forma* e *sentido*, a realidade do signo e o uso da *língua* em uma situação discursiva. Daí podermos dizer que a *significação* se refere ao funcionamento do *semiótico* e do *semântico* no processo discursivo.

Já aqui, sem nomear diretamente, Benveniste esboça o *acontecimento* fundante de sua Linguística Geral. De acordo com Guimarães (2018, p. 37-38), esse artigo constitui um *acontecimento* no âmbito dessa teorização, dado que “a distinção entre forma e sentido opera como fundamental”. Essa distinção é decisiva para a concepção benvenistiana dos dois modos de significância da *língua*. Agustini e Rodrigues (2018), por seu turno, analisando o estatuto do conceito *língua* em/de Benveniste, afirmam que esse conceito, na teorização do autor, é distinto do conceito “língua” em Saussure. Em sua análise, Agustini e Rodrigues (2018, p. 19) asseveram que

[...] o conceito de língua em Benveniste é um conceito forjado nos limites da própria linguística de Benveniste; é um conceito autoral, embora em relação de filiação a Saussure. O traço decisivo que sustenta esse efeito autoral em Benveniste, no que concerne à concepção de língua, como procuramos mostrar, diz respeito ao modo como a língua é ali pensada a partir do lugar da significação – a cabeça de Medusa que marca o que é central na língua, em seu funcionamento. A partir desse lugar, compreende a língua como funcionamento que é duplo, o que coloca a forma como correlato do sentido: o semiótico como correlato do semântico.

O conceito *língua* é mobilizado por Benveniste em seu *nível fundamental*, como sistema de formas significantes, isto é, a *língua-sistema*, retomando a definição saussuriana de língua como “sistema de signos linguísticos”. Mas não só: Benveniste, ao explorar o princípio arbitrário próprio à *significação*, mobiliza o conceito *língua*, também no *nível fundamental*, compreendido como atividade discursiva, ou seja, como *língua-discurso*.

SEGUNDA PARTE – A COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 7. OBSERVAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DA LINGUAGEM NA DESCOBERTA FREUDIANA

Nesse artigo, publicado na revista *La Psychanalyse*⁵⁸, I, em 1956, Benveniste retoma a obra de Freud para dar a ver como a linguagem é o campo de ação e o instrumento privilegiado da Psicanálise. Nele, Benveniste apresenta uma distinção entre “simbolismo do inconsciente” e “simbolismo da linguagem”, de modo a apresentar as diferenças e as analogias que são passíveis de serem consideradas aí, tendo em vista a teorização de Freud e de Lacan e a teorização linguística. Benveniste, nesse momento de sua teorização, em sua rede de filiações, dialoga com os estudos psicanalíticos desses dois teóricos de modo a circunscrever a especificidade do simbolismo da linguagem, sobre o qual teoriza.

Desse artigo, tomamos o recorte 5 para análise do conceito *língua* em operação na *formulação* benvenistiana.

RECORTE 5:

[...] ao dizermos que a linguagem é simbólica, enunciamos ainda apenas a sua propriedade mais manifesta. **É preciso acrescentar que a linguagem se realiza necessariamente numa língua**, e então surge uma diferença, que define para o homem o simbolismo linguístico: consiste em que **ela é aprendida, é coextensiva à aquisição que o homem faz do mundo e da inteligência, com os quais acaba por unificar-se**. Segue-se que os principais desses símbolos e a sua sintaxe não se separam, para ele, das coisas e da experiência que delas adquire; deve tornar-se o seu senhor à medida que as descobre como realidades (2005[1956a], p. 92, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Nessa *formulação*, Benveniste, voltando-se à análise do simbolismo linguístico, afirma que a “propriedade mais manifesta” da linguagem é seu aspecto simbólico, acrescentando a essa propriedade o fato de “a linguagem se realiza[r] necessariamente numa língua”. Notemos: Benveniste assevera o aspecto geral da linguagem que está presente em qualquer sistema linguístico particular/*histórico*. Ademais, para ele, a *linguagem* é “aprendida” e “coextensiva à aquisição que o homem faz do mundo e da inteligência, com os quais acaba por unificar-se”. É

⁵⁸ *La Psychanalyse: Revue de la Société Française de Psychanalyse*, em seu volume I, de 1956, dirigida e organizada por Jacques Lacan, possuía como temática « de l’usage de la parole et des structures de langage dans la conduite et dans le champ de la psychanalyse », tendo como texto de abertura o artigo de Benveniste, que figura entre as páginas 3-16. Benveniste escreve esse artigo, para essa revista, a convite de Lacan. Sobre esse artigo, diz Lacan (2003, p. 408); trata-se de “uma contribuição que pedi ao maior [linguista] que existiu entre os franceses, para ilustrar o lançamento de uma revista de minha criação (...) – *La Psychanalyse*, nada menos”.

“aprendida” porque o homem a adquire no contato social com outros homens de sua comunidade linguística. Nessa colocação, Benveniste filia-se aos estudos que vão contra o inatismo, como aqueles elaborados por Saussure, Meillet etc. E é “coextensiva à aquisição que o homem faz do mundo e da inteligência” porque sua aquisição não ocorre separadamente, mas concomitante a sua inserção como sujeito de linguagem no mundo. Em sua argumentação, Benveniste apresenta o ponto de vista do falante sobre a linguagem, para quem, adquirindo o simbolismo linguístico, torna-se “o seu senhor”, isto é, acredita dominar o sistema socialmente herdado, tendo a ilusão de fazer com ele o que lhe convier. Contudo, a *língua*, do ponto de vista do linguista, é um sistema cuja regularidade e ordenação impõe certos limites ao falante, o qual, no ato individual de apropriação do aparelho formal da *língua*, pode “dominar” a parte executiva que a ação voluntária do ato vocal requer, mas não a parte simbólica, isso porque, conforme Benveniste, esse sistema simbólico possui dois planos: de um lado, o fato físico, o aspecto material do aparelho vocal e do aparelho auditivo; de outro lado, a estrutura imaterial, a significação (cf. 2005[1963b], p. 30), conforme analisamos no recorte 3.

TERCEIRA PARTE – ESTRUTURAS E ANÁLISES

CAPÍTULO 8. “ESTRUTURA” EM LINGUÍSTICA

Primeiro artigo da terceira parte, publicado no livro *Sens et usages du terme « structure » dans les sciences humaines et sociales*⁵⁹, em 1962, apresenta a explicação de Benveniste para o uso do termo técnico “estrutura” em Linguística e qual sentido esse termo adquiriu entre os linguistas franceses. Conforme Benveniste, o termo “estrutura”, como objeto de estudo, foi proposto um pouco antes de 1930 por linguistas inspirados nos ensinamentos de Saussure propalados pelo *Curso de Linguística Geral*, os quais reagiram contra a concepção exclusivamente histórica da língua. Benveniste, no entanto, salienta que, para Saussure, a noção essencial é a de “sistema” e que a noção de “estrutura” aparece só embrionariamente em sua reflexão teórica, estando ela intimamente atrelada às relações no interior do sistema.

⁵⁹ Esse livro, editado por Roger Bastide e publicado pela La Haye em 1962, deriva de um colóquio, organizado pela UNESCO, em Paris, entre os dias 10 e 12 de janeiro de 1959, o qual reuniu pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Humanas a fim de circunstanciar os usos possíveis do termo “structure” nas diversas áreas. Esse colóquio foi proposto pela UNESCO em vista da dificuldade encontrada em se sistematizar o termo “structure” para ser apresentado no *Dictionnaire terminologique des Sciences Sociales*. Dos 18 artigos que compõem o livro, os quais perpassam o uso do termo na Linguística, na Psicologia, na Sociologia, na História, na Política etc., há o artigo de Benveniste, que figura entre as páginas 31 e 39, e o artigo de Lévi-Strauss, « Les limites de la notion de structure em ethnologie ». Não se trata, portanto, de um livro da área da Linguística, mas das Ciências Humanas. É válido salientar o fato de ele ser o linguista convocado pelas Ciências Humanas.

RECORTE 6:

[...] o princípio fundamental é que **a língua constitui um sistema do qual todas as partes são unidas por uma relação de solidariedade e de dependência. Esse sistema organiza unidades, que são os signos articulados, que se diferenciam e se delimitam mutuamente.** A doutrina estruturalista ensina a predominância do sistema sobre os elementos, visa a destacar a estrutura do sistema através das relações dos elementos, tanto na cadeia falada como nos paradigmas formais, e mostra o caráter orgânico das mudanças às quais a língua é submetida (2005[1962a], p. 104, grifo negrito nosso).

Mais uma vez, em sua *formulação*, Benveniste mobiliza o conceito língua de Saussure: “o princípio fundamental é que a língua constitui um sistema do qual todas as partes são unidas por uma relação de solidariedade e de dependência”. Esse retorno de Benveniste a Saussure, com o qual se filia de modo reivindicado, relaciona-se, sobremaneira, com o modo como o conceito “estrutura”, no campo da Linguística, edificou-se com base na leitura realizada, naquela época, do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006[1916]). Benveniste, “o mais saussuriano dos linguistas” (cf. NORMAND, 2006, p. 14), assinala a associação feita pelos linguistas franceses entre as noções *sistema* e *estrutura*, a qual propiciou um novo horizonte às pesquisas linguísticas. A corrente estruturalista, tal como foi denominada, surgiu em reação aos estudos exclusivamente históricos da língua, apregoando a “predominância do *sistema*” sob a *estrutura*. Ressaltamos, desde já, que esse modo de considerar a *estrutura* difere-se significativamente da concepção americana de “estrutura”, proposta por Bloomfield, como repartição de elementos, associação ou substituição, com a qual Benveniste se opõe, haja vista focalizar a *forma* em si e por si só, em detrimento do *sentido*.

TERCEIRA PARTE – ESTRUTURAS E ANÁLISES

CAPÍTULO 10. OS NÍVEIS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA

Fruto de uma conferência realizada no 9º Congresso Internacional de Linguística, em Cambridge⁶⁰, 1962, Benveniste, nesse artigo, propõe, a partir da noção de “nível”, estabelecer procedimentos de análise e critérios adequados à descrição da linguagem, isso porque é o nível que fundamenta a relação de segmentação (sintagmática) e a relação de substituição

⁶⁰ O referido congresso foi realizado, em Cambridge, entre os dias 27 e 31 de agosto de 1962, e seus resultados foram publicados, em formato de livro, em 1964. O livro foi editado por Horace G. Lunt e publicado pela editora Mouton.

(paradigmática), ambas constantes do método de distribuição. Para Benveniste, há quatro níveis: o nível merismático, dos traços distintivos; o nível fonemático, das entidades segmentáveis; o nível do signo, da palavra; e o nível da frase, o nível superior. Segundo o autor, “em vez de ziguezaguear com o ‘sentido’ e de imaginar processos complicados – e inoperantes – para deixá-lo fora do jogo retendo somente os traços formais, é preferível reconhecer francamente que ele é uma condição indispensável da análise linguística” (2005[1962b], p. 130-131). Esse posicionamento de Benveniste diz muito sobre sua relação de filiação por oposição aos estudos de Bloomfield, o qual, interessado em analisar a língua em sua estrutura formal, expurga o *sentido* de sua reflexão linguística. Desse artigo, selecionamos o recorte 7 para análise.

RECORTE 7:

[...] concluímos que se deixa com a frase o domínio da **língua como sistema de signos** e se entra num outro universo, o da **língua** como instrumento de comunicação, **cuja expressão é o discurso**. Eis aí verdadeiramente **dois universos diferentes**, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem **duas linguísticas diferentes**, embora os seus caminhos se cruzem a todo instante. **Há de um lado a língua, conjunto de signos formais**, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; **de outro, a manifestação da língua na comunicação viva** (2005[1962b], p. 139, grifo negro no nosso).

No recorte 7, o autor apresenta explicitamente a dupla significância da língua; os “dois universos diferentes” pelos quais a Linguística, tendo como objeto de estudo a *língua*, pode, do ponto de vista de Benveniste, se realizar. Esses “dois universos diferentes”, essas “duas linguísticas diferentes”, constituem os domínios *semiótico* e *semântico*, não nomeados nesse momento, mas em operação na *formulação* teórica de Benveniste. Diz ele: “há de um lado a língua, conjunto de signos formais” tal qual teorizou Saussure; “de outro, a manifestação da língua na comunicação viva”, “cuja expressão é o discurso”. No primeiro caso, o conceito *língua* mobilizado é *língua-sistema*; no segundo caso, o conceito *língua* empregado é *língua-discurso*. Esses são os dois modos/domínios/planos que possibilitam ao linguista análises diferentes de seu objeto, embora a *língua-discurso* pressuponha a *língua-sistema*.

QUINTA PARTE – O HOMEM NA LÍNGUA

CAPÍTULO 20. A NATUREZA DOS PRONOMES

Divulgado em 1956, no *For Roman Jakobson: Essays on the occasion of his sixtieth birthday, 11 October 1956*⁶¹, esse artigo apresenta a análise de Benveniste sobre a natureza dos pronomes; formas linguísticas que não constituem uma classe unitária, dado que uns pertencem à “sintaxe da língua” e outros às “instâncias de discurso”. Benveniste inicia sua análise a partir dos pronomes pessoais, salientando que a noção de “pessoa” é própria apenas para *eu-tu* e falta a *ele*, a não-pessoa. Nesse artigo, ele afirma, ainda, que as operações linguísticas são da ordem do inconsciente, fato importante de ser mencionado e que será melhor abordado no capítulo sobre o conceito *personalidade*.

RECORTE 8:

[...] uma análise, mesmo sumária, das formas classificadas indistintamente como pronominais leva assim a reconhecer classes de natureza totalmente diferentes e, em consequência, **a distinguir, de um lado, a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso** caracterizadas como tais por índices próprios (2005[1956b], p. 283, grifo negrito nosso).

A partir da análise da natureza dos pronomes, Benveniste distingue “de um lado, a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações” e “de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso”. Esse artigo data de 1956, dez anos antes da nomeação explícita em sua *formulação* dos dois modos de significância da *língua*, o modo *semiótico* e o modo *semântico*, no artigo “A forma e o sentido na linguagem” (2006[1966a]). Benveniste, aqui, argumenta em prol da existência de duas linguísticas possíveis: uma linguística, cujo objeto será a “língua como repertório de signos e sistema das suas combinações”, tal como Saussure estabeleceu, investigando o aspecto semiótico; e uma linguística, cujo objeto será “a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso”, a qual Benveniste estabelece e apresenta as bases em sua teorização. Na primeira linguística, o objeto é a *língua-sistema*; na segunda linguística, o objeto é a *língua-discurso*. São dois modos de conceber e analisar a *língua*, uma em sua *forma* e a outra na relação entre *forma* e *sentido*, de tal modo que é possível observarmos aí, já em operação, a dupla significância da *língua*.

O recorte 7, já analisado, de 2005[1962b], constitui-se, em sua *formulação*, como paráfrase discursiva do recorte 8, de 2005[1956b], em especial, nos seguintes pontos, respectivamente: “concluimos que se deixa com a frase o domínio da **língua como sistema de signos** e se entra num outro universo, **o da língua como instrumento de comunicação, cuja**

⁶¹ O artigo de Benveniste figura entre as páginas 34 e 37 do referido livro, publicado em homenagem a Jakobson.

expressão é o discurso” (recorte 7) e **“a distinguir, de um lado, a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso”** (recorte 8).

Em nosso gesto de leitura, a rede parafrástica empreendida entre os artigos que constituem os dois tomos *Problemas de Linguística Geral* mostra que há entre eles uma relação de identidade teórica. Por conseguinte, essas coletâneas não constituem estudos sem unidade entre eles. O que observamos, em nossa análise, é um esforço de Benveniste em estabelecer a abordagem teórica que empreende, a qual, de nossa perspectiva, é autoral e constitui um *acontecimento* político-simbólico na Linguística. Ao longo de seus artigos, Benveniste ratifica seu posicionamento teórico por meio da *(re)formulação*. Nesse sentido, esse movimento nos remete ao processo discursivo, à historicidade dessa *(re)formulação*. Por exemplo, há, entre os artigos, paráfrases discursivas, retornando aos mesmos espaços do dizer (cf. ORLANDI, 1998b), as quais indiciam marcas linguístico-discursivas de já-ditos, de modo a marcar a identidade teórica de sua posição de linguista.

2.3.2 O CONCEITO LÍNGUA NOS *PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL II*

PRIMEIRA PARTE – TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA

CAPÍTULO 1. ESTRUTURALISMO E LINGUÍSTICA

O capítulo 1 dos *Problemas de Linguística Geral II*, intitulado “Estruturalismo e linguística”, constitui-se de uma entrevista realizada por Pierre Daix com Émile Benveniste, em julho de 1968, a qual foi publicada no periódico *Les Lettres Françaises*⁶². Pierre inicia suas questões indagando Benveniste sobre as transformações por que passou a Linguística naqueles últimos 40 anos, as quais possibilitaram a ascensão dessa disciplina à posição central nas Ciências Humanas. Situando esse contexto, Pierre questiona Benveniste sobre o que o levou à Linguística. Benveniste responde contextualizando seu encontro, ainda muito jovem, com Antoine Meillet; esse que lhe ensinou gramática comparada, a qual foi modelada por Saussure. Dito isso, Benveniste salienta as transformações pelas quais a Linguística Comparada sofreu

⁶² Trata-se de um jornal de cunho literário, criado por Jacques Decour e Jean Paulhan, na França, em 1941, no período da Segunda Guerra Mundial. *Les Lettres Françaises* contou com publicações semanais de 1942 a 1972. Suas publicações, no panorama intelectual francês, se posicionavam contra o movimento nazista, sendo consideradas como atreladas ao movimento de resistência e militância. Entre 1948 e 1972, o jornal possuía como editor-chefe Pierre Daix, o qual realiza com Benveniste a referida entrevista. Após 1990, o jornal *L'Humanité* publica suplementos com o nome *Les Lettres Françaises*.

nos últimos anos e a Linguística Geral que “transpunha em traços gerais as características extraídas pelos métodos comparativos” (2006[1968a], p. 13). A Linguística Comparada e a Linguística Geral eram, para Benveniste, os dois polos em que se concentravam os estudos linguísticos no início daquele século. A partir disso, Benveniste assinala a importância de Saussure, “um homem que agiu sobretudo depois de sua morte” (2006[1968a], p. 14)⁶³, e a incidência dos pensamentos desse linguista no ensino de Meillet. Pontuando sobre as grandes modificações pelas quais a Linguística passou após Saussure, Benveniste situa o estruturalismo e as vertentes a partir das quais se desenvolveu.

Na sequência, o autor pondera sobre o problema do *sentido*, o qual, ignorado por grande parte dos estudiosos da Linguística, coloca-se, para Benveniste, na ordem do dia. O autor se propõe, assim, a analisar os dois domínios do sentido: o *semiótico* e o *semântico*. No primeiro, reconhece-se o signo como detentor de *sentido*. No segundo, analisa-se o *sentido* decorrente do encadeamento dos signos no uso da *língua*, o que requer *distinguir* e *compreender*. A partir disso, Benveniste diz: “é neste nível [o da *significação*] que o estudo da língua pode tornar-se uma ciência piloto” (2006[1968a], p. 24), dado que, segundo ele, “como fundamento de tudo encontra-se o simbólico da língua como poder de significação” (2006[1968a], p. 25).

Desse artigo, analisamos o recorte 9 abaixo:

RECORTE 9:

[...] então, em geral, se diz: o uso da língua regula tudo isso. Mas **nós tendemos então para as questões fundamentais: como a língua admite esta “polissemia”? Como o sentido se organiza? Mais genericamente, quais são as condições para que alguma coisa seja dada como significante?** Qualquer pessoa pode fabricar uma língua, mas ela não existe, no sentido o mais literal, desde que não haja dois indivíduos que possam manejá-la como nativos. **Uma língua é primeiro um consenso coletivo.** Como ele se dá? **A criança nasce em uma comunidade linguística, ela aprende sua língua, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade “natural”, é o mundo do homem.** A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. **É algo de fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo.** Muito bem! **Tudo isso é o domínio do “sentido”** (2006[1968a], p. 20-21, grifo negrito nosso).

⁶³ Foi a partir da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral* (2006[1916]) que *circulou* o pensamento de Saussure e produziu efeitos importantes no desenvolvimento da Linguística, inclusive com a emergência do que se convencionou chamar “Linguística Moderna”.

Considerando que “uma língua não tem outra função a não ser ‘significar’” (2005[1958b], p. 69), Benveniste, nessa *formulação*, volta-se a “questões fundamentais” que permeiam o estudo da *língua* como objeto de investigação: “como a língua admite esta ‘polissemia’? Como o sentido se organiza? Mais genericamente, quais são as condições para que alguma coisa seja dada como significante?”. Essas questões, de nosso ponto de vista, ou seja, do ponto de vista do histórico-discursivo, relacionam-se ao projeto benvenistiano de Linguística Geral: colocar no centro das investigações linguísticas o estudo da *significação*, concebido a partir do trinômio *língua-cultura-personalidade*, de tal modo a *reinsserir* a Linguística no campo das Ciências Humanas.

Na sequência do recorte 9, Benveniste afirma que “uma língua é primeiro um consenso coletivo”. Em outro momento, desse mesmo artigo, o autor afirma: “não há existência comum sem língua” (2006[1968a], p. 23). Essas afirmações, em sua rede de filiações, relacionam Benveniste, novamente, a Saussure, para quem: “a língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 27). É por considerar o aspecto convencional da língua que é possível a Saussure falar em arbitrariedade do signo linguístico, e a Benveniste falar na relação de *necessidade* entre significante e significado. Observemos: a partir de um princípio comum, cada um desses autores traça raciocínios teóricos distintos em vista de seus objetivos.

Ratificando seu posicionamento, na sequência, Benveniste argumenta: “**a criança** nasce em uma comunidade linguística, ela **aprende sua língua**, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade ‘natural’, é o mundo do homem”. Essa afirmação filia Benveniste aos estudos da linguagem que consideram que a língua é “aprendida”, e não inata ao homem. Por exemplo, Saussure, em sua reflexão linguística, afirma: “o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento [da língua]; somente pouco a pouco a criança a assimila” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 22) e “é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 27). De modo contrário, Chomsky, defendendo o inatismo, argumenta que “a aquisição de língua se parece muito com o crescimento dos órgãos em geral; é algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz” (2000, p. 23).

Ainda no recorte 9, o autor, reivindicando uma posição contrária ao inatismo e ao naturalismo, assevera que o processo de aprendizagem de uma língua “**parece instintivo**, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela [a criança] aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade ‘**natural**’, é o mundo do homem”. Essa

aprendizagem, “parece instintiv[a]”, mas não é; parece “natural”, mas não é. Aqui Benveniste parafraseia discursivamente outros momentos de sua teorização, tais como: “a linguagem não está na natureza do homem, que não a fabricou” (2005[1958a], p. 285) e “o homem não nasce na natureza, mas na cultura” (2006[1968a], p. 23). Ao afirmar categoricamente que “não é o exercício de uma faculdade ‘natural’”, o autor coloca aspas em “natural”, abrindo os sentidos à equivocidade, jogando com sentidos que o termo pode assumir. Por exemplo, podemos ler “natural” como: a) vindo da natureza, produzido pela natureza, por isso, externo ao homem, instrumento; b) natural, próprio ao homem, inerente, inato. Benveniste, ao aspear o termo, joga com os sentidos propalados pelas teorias de seu tempo. Diz ele: “vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura” (2006[1968a], p. 23). Para Benveniste, a *língua* não é produto da natureza, ela não está fora do homem, não há existência humana sem *língua*.

Tendo em vista as questões expressas por Benveniste na *formulação* do recorte 9, ele assevera que, de onde quer que se analise “o processo dinâmico da língua”, “tudo isso é do domínio do ‘sentido’”. Essa afirmação foi parafraseada discursivamente por Benveniste em 2005[1962b], quando afirma que o sentido, “essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam” (2005[1962b], p. 135). Ao aspear “sentido”, nessa *formulação*, Benveniste emprega uma marca que remete ao discursivo: trata-se de um elemento formal que não significa em si, “porque o sentido é estabelecido sempre em relação ao texto e sua exterioridade” (COSTA; SANTOS, 2012, p. 102). De nosso ponto de vista, algumas leituras aceitáveis para esse gesto relacionam-se ao fato de o autor conceber que a *língua* possui duas formas de significar; logo, há “sentido” no *domínio semiótico* e há “sentido” no *domínio semântico*. No primeiro caso, no *domínio semiótico*, a significância em jogo é a significância dos signos, em seu caráter conceitual, genérico, não circunstancial, haja vista serem puramente distintivos. No segundo caso, no *domínio semântico*, a significância em jogo é a significância da *enunciação*, que é provocada pela instância de *discurso* e pelo simbolismo que implica. São esses, conforme o autor, dois modos de analisar a *língua*, duas Linguísticas possíveis que não escapam ao *sentido*. Assim sendo, ao aspear, o sujeito-autor possibilita ao sujeito-leitor ler o termo de distintas formas, haja vista os sentidos que pode contrair nessa *formulação*.

SEGUNDA PARTE – A COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 3. SEMIOLOGIA DA LÍNGUA

Este artigo, dividido em duas partes, foi publicado em 1969, no periódico *Semiotica*⁶⁴. Nele, Benveniste discute “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos” (2006[1969a], p. 43), para tanto, na sua primeira parte, retoma os estudos de Peirce e de Saussure, delineando os objetivos e os fundamentos dessas pesquisas, bem como os limites a elas impostos. Com relação a Peirce, em seu aparelho de definições, Benveniste assinala que ele não se interessou pelo funcionamento da língua e que o signo foi “colocado na base do universo inteiro” (2006[1969a], p. 45), não tendo, pois, especificidade. Já no que se refere aos estudos de Saussure, em posição oposta a Peirce, segundo Benveniste, há a preocupação em delimitar o objeto da Linguística, a língua, bem como a tarefa do linguista. Saussure define a língua, do ponto de vista da *forma*, como sistema de signos linguísticos e cria uma visão prospectiva da Semiologia.

Partindo do ponto que Saussure parou, Benveniste propõe, na segunda parte do referido artigo, “abordar o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos” (2006[1969a], p. 51). Inicialmente, analisa os sistemas não linguísticos, posteriormente, volta-se à análise da *língua*. Segundo ele, as relações entre sistemas semióticos devem ter como princípio a não-redundância, dado que não há reversibilidade entre sistemas; o que há entre os sistemas é uma relação de concorrência por significar. Esse princípio o impele a colocar a *língua* como sistema *interpretante* e os demais sistemas como *interpretados*. Segundo ele, entre os sistemas semióticos, há relações: de engendramento – um gera outro; de homologia – correlação; de interpretância. A partir disso, Benveniste propõe a dupla significância da *língua*: o modo *semiótico*, próprio do signo; e o modo *semântico*, próprio do *discurso*.

Desse artigo, selecionamos para análise três recortes importantes na delimitação do conceito *língua* no âmbito da Linguística Geral de Benveniste. É válido ressaltar que esses recortes (10, 11 e 12) estão presentes na segunda parte do referido artigo.

RECORTE 10:

[...] uma coisa ao menos é certa: nenhuma semiologia do som, da cor, da imagem será formulada em sons, em cores, em imagens. **Toda semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua.** Que a língua seja aqui **instrumento** e não **objeto de análise** não muda nada nesta situação, que comanda todas as

⁶⁴ A *International Association for Semiotic Studies*, criada em 1969, constitui um grupo de estudiosos interessados nos estudos semióticos. Entre seus membros, podemos citar: Algirdas Julien Greimas, Roman Jakobson, Julia Kristeva, Émile Benveniste, André Martinet, Roland Barthes, entre outros. *Semiotica* é um periódico acadêmico e oficial da *International Association for Semiotic Studies* criado para divulgar os estudos da área. O primeiro presidente da Associação foi Benveniste, entre os anos de 1969 e 1972.

relações semióticas; **a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos** (2006[1969a], p. 61, grifo negrito nosso).

Antes do recorte 10, no artigo em tela, Benveniste retoma a afirmação saussuriana de que entre os sistemas de signos, a língua “é apenas o principal⁶⁵ desses sistemas” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24). Sobre essa afirmação, Benveniste questiona: “o mais importante [principal] sob qual aspecto? Será simplesmente por que a língua tem um lugar maior na vida social do que qualquer outro sistema?” e conclui que, em sua análise da obra saussuriana, “nada permite chegar a uma decisão” (BENVENISTE, 2006[1969a], p. 49). Em vista disso, Benveniste se propõe a “abordar o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos” (2006[1969a], p. 51), haja vista ser “a tarefa do linguista [...] definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24), isto é, no campo da Semiologia. Essa ciência, que estuda os signos no seio da vida social, de acordo com Saussure:

[...] nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. **A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral**; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24, grifo negrito nosso).

Observemos: entre a afirmação de que a língua “é apenas o principal desses sistemas” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24) e a afirmação de que “a Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24), há contradição no ponto de vista adotado por Saussure no tocante ao lugar da Linguística com relação à Semiologia, isso porque, sendo a Linguística a ciência que possui como objeto de estudo a língua, ela será: ou “o principal” sistema dessa ciência geral ou “uma parte” dessa ciência geral. Benveniste, de modo contrário, assevera, no recorte 10: “a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos”. “É o interpretante” porque todos os demais sistemas de signos que compõem a Semiologia “não pode[m] existir senão pela e na semiologia da língua”. Logo, Benveniste concebe a semiologia da *língua* como fundamental à Semiologia, tão fundamental que, sem ela, os demais sistemas de signos não podem ter existência. Essa tomada de posição de Benveniste

⁶⁵ No *Cours de Linguistique Générale*: « est seulement **le plus important** de ces systèmes ». Na edição brasileira do *Curso de Linguística Geral*: “é apenas **o principal** desses sistemas” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24). No artigo « Sémiologie de la langue », « est seulement **le plus important** de ces systèmes ». Na versão brasileira do artigo “Semiologia da língua”: “é apenas **o mais importante** destes sistemas”. Ressaltamos, assim, as distinções no que diz respeito às traduções da referida citação no *Curso de Linguística Geral* e nos *Problemas de Linguística Geral II*, especificamente, no artigo “Semiologia da língua” (BENVENISTE, 2006[1969a]).

alça a Linguística, a ciência que possui como “objeto de análise” a *língua*, à posição central no campo da Semiologia.

Em resumo: se para Saussure a Linguística é um ramo da Semiologia, para Benveniste a Linguística constitui a disciplina central da Semiologia: o seu fundamento. De nosso ponto de vista, esse gesto benvenistiano produz, em toda a sua teorização e, em especial, em seu conceito *língua*, uma distinção fundante de uma nova identidade teórica. O conceito *língua* de Benveniste não é o mesmo de Saussure, como dito por Agustini e Rodrigues (2018). A filiação a Saussure na edificação desse conceito é inegável e recorrentemente reivindicada por Benveniste em sua teorização; contudo, não se limita a reproduzi-lo. Essa recorrente reivindicação se deve, em nosso gesto de leitura, ao modo como o *Curso de Linguística Geral* circulou naquela época, fundando, inclusive, a Linguística Moderna. Esse *acontecimento* imprimiu, no espaço político-simbólico dos estudos linguísticos, uma relação de dominância do estruturalismo ortodoxo, o que fez com que Benveniste respondesse a ele reiteradamente, uma vez que dele se destaca. Conforme asseveramos, a partir de Pêcheux (1995, p. 64), para nós, toda teoria é inicialmente a teoria da ideologia da qual se destaca.

Avancemos ainda sobre o texto “Semiologia da língua”.

RECORTE 11:

[...] **a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos**. Nenhum outro sistema dispõe de **uma “língua”** na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que **a língua** pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma. Aqui se vê como a relação semiológica se distingue de todas as outras, notadamente da relação sociológica. Se se interroga, por exemplo, sobre a situação respectiva da língua e da sociedade – tema de muitos debates – e sobre seu modo de dependência mútua, **o sociólogo**, e provavelmente qualquer um que enfoca a questão em termos dimensionais, observará que a língua funciona no interior da sociedade, a qual a engloba; decidirá então em que **a sociedade é o todo, e a língua, a parte**. Mas **a consideração semiológica** inverte este [sic] relação, porque somente **a língua torna possível a sociedade**. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade. Poder-se-á dizer, nesse caso, que é a língua que contém a sociedade. Assim **a relação de interpretância, que é semiótica, inverte a relação de encaixe, que é sociológica**. Esta, objetivando as dependências externas, reifica de modo semelhante a linguagem e a sociedade, enquanto que aquela as coloca em dependência mútua segundo sua capacidade de semiotização (2006[1969a], p. 62-63, grifo negrito nosso).

No recorte 11, Benveniste retoma o seu posicionamento de que “a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos”. Para justificá-lo, discorre sobre a relação, “tema

de muitos debates”, entre a *língua* e a *sociedade*, apresentando a perspectiva sociológica e a perspectiva semiológica⁶⁶. Na perspectiva sociológica, cujo enfoque é a “relação de encaixe”, “a sociedade é o todo, e a língua, a parte”. Na perspectiva semiológica, por seu turno, cuja relação em jogo é a de *interpretância*, “a língua torna possível a sociedade”. É do ponto de vista semiológico que Benveniste analisa a *língua* e atribui a ela o caráter de “sistema interpretante” e à *sociedade* o caráter de “sistema interpretado”. O ponto de vista sociológico, para o autor, “não nos aproxima muito de uma solução” para o problema da relação entre *língua* e *sociedade* (2006[1968b], p. 94-95). Logo, o conceito *língua* em Benveniste ganha especificidade, dado esse estatuto de *interpretante* conferido pelo autor.

Em sua argumentação, Benveniste diz ainda: “nenhum outro sistema dispõe de **uma ‘língua’** na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que **a língua** pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma”. Nessa *formulação*, Benveniste empreende um jogo de sentidos entre “uma ‘língua’” e “a língua”. No primeiro caso, “uma ‘língua’”, Benveniste grifa “língua” entre aspas, acompanhada por artigo indefinido. Nesse caso, podemos ler essa marcação tipográfica como um distanciamento do sentido desse termo de seu uso habitual no âmbito dessa teorização, haja vista o autor se referir a outros sistemas semiológicos que não o sistema da *língua*. É possível ler, aqui, “uma ‘língua’” no sentido de ter um mecanismo *interpretante* que funcione do modo como “a língua” funciona.

No segundo caso, “a língua”, o artigo definido acompanha a palavra sem qualquer marcação tipográfica. Aqui, Benveniste, em nosso gesto de leitura, refere-se à *língua*, sistema *interpretante* de todos os demais que não possuem uma “língua” por meio da qual possam ser significados. O emprego das aspas e dos artigos acompanhando o termo/conceito, nesse caso, convoca o leitor a ver no emprego distinto do termo/conceito um argumento a favor de sua posição.

RECORTE 12:

[...] há então uma MODELAGEM SEMIÓTICA que a língua exerce e da qual não se concebe que o princípio se ache em outro lugar senão na língua. A natureza da língua, sua função representativa, seu poder dinâmico, seu papel na vida de relação fazem dela a grande matriz semiótica, **a estrutura modelante da qual as outras estruturas reproduzem os traços e o modo de ação.** [...] Podemos descobri-lo [o princípio semiológico] tomando consciência do fato de que a língua significa de

⁶⁶ Essa discussão sobre a relação *língua* e *sociedade* foi apresentada por Benveniste, nos *Problemas de Linguística Geral*, em, pelo menos, dois artigos: “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (2006[1968b]) e “Dois modelos linguísticos da cidade” (2006[1970b]), os quais são analisados na sequência.

uma maneira específica e que não está senão nela, de tal maneira que nenhum outro sistema o pode reproduzir. **Ela é investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA.** Trata-se propriamente de um modelo sem analogia. **A língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro.** [...] O semiótico designa o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade. [...] Todo estudo semiótico, em sentido estrito, consistirá em identificar as unidades, em descrever suas marcas distintivas e em descobrir os critérios *cada vez mais sutis* da distintividade. [...] Com o semântico entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO. [...] A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso. [...] **A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional:** ou semiótica (gestos de cortesia; *mudrãs*), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas), sem semiótica. **O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação.** Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da **relação de interpretância** pela qual a língua engloba os outros sistemas (2006[1969a], p. 64-66, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Com o recorte 12, buscamos dar a ver de que modo Benveniste *formulou*, nesse artigo, o *acontecimento* da distinção *semiótico* e *semântico*. Com relação à nomeação desses dois modos de significância da *língua*, os quais figuraram explicitamente na teorização desse autor primeiramente em 2006[1966a], Benveniste, na nota de rodapé 28 do artigo em análise, mostra-se incomodado com a semelhança entre essa nomeação e os sentidos técnicos que esses termos possuem na Linguística. Contudo, segundo ele, pela necessidade de que ambos “evoquem a noção de *sema*”⁶⁷, escolheu os nomear assim, ressaltando que “esta questão terminológica não deveria incomodar àqueles que quiserem considerar adequadamente a perspectiva total de nossa análise” (2006[1969a], p. 64). Observemos: se há “perspectiva total”, há efeito de unidade, há efeito de coerência na ordem do imaginário.

Voltando-se à explicação da “modelagem semiótica” própria à *língua*, Benveniste afirma que ela possui uma “estrutura modelante da qual as outras estruturas reproduzem os traços e o modo de ação”. Segundo o autor, somente o sistema semiológico da *língua* possui “dupla significância” – “a língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões”; os demais sistemas possuem “significância unidimensional”. Diz ele, no

⁶⁷ Essa noção é lida, por Dubois et al. (1973, p. 526-527), como “unidade mínima da significação, não susceptível de realização independente e, portanto, sempre realizada no interior de uma configuração semântica ou semema. [...] sinônimo dos termos *traços semânticos* e *componente semântico*”. Ducrot e Todorov (2001, p. 246) compreendem essa noção como traços semânticos que compõem, por combinatória, o sentido de um lexema, os quais distinguem, por oposição, lexemas pertencentes ao mesmo campo semântico.

recorte 12 em tela: “a língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro”.

Com relação ao modo *semiótico*, “próprio do signo linguístico”, há *forma* e há *sentido*: a *forma* é o signo linguístico e o *sentido* provém da distintividade dessa unidade que deve ser reconhecida como tal, paradigmaticamente, tendo em vista a *língua-sistema* na qual é mobilizada; lida-se com “a significância dos signos”. No modo *semântico*, por sua vez, que “se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso”, também há *forma* e há *sentido*: a *forma* é a frase e o *sentido* provém, sintagmaticamente, da referência a uma situação de *discurso* e à atitude do locutor, tendo em vista a *língua-discurso* na qual é mobilizada; lida-se com “a significância da enunciação”. Ressaltamos, ainda, que Benveniste considera que a *língua* “combina”/“articula” esses dois modos distintos de significância, isto é, para ele, é por combinar essa dupla significância que a *língua* é uma “estrutura modelante” capaz de interpretar a si mesma e aos demais sistemas.

SEGUNDA PARTE – A COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 4. A LINGUAGEM E A EXPERIÊNCIA HUMANA

Esse artigo foi publicado no periódico *Diogène*⁶⁸, em Paris, em 1965. Nele, Benveniste se propõe a analisar duas categorias fundamentais do *discurso*, a saber: a pessoa e o tempo. Segundo o autor, essas categorias tiveram suas *formas* registradas nas descrições, contudo, suas *funções*, que estão relacionadas à produção do *discurso*, não. Nos dizeres do autor: “são categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos” (2006[1965a], p. 68).

Voltando-se à análise da categoria tempo como relevadora da experiência subjetiva, Benveniste esclarece duas confusões: a primeira, a de que se acredita que as línguas não flexionais não têm expressão temporal; a segunda, a de que a língua reproduz a natureza do tempo objetivo. Nesse momento, o autor assevera:

⁶⁸ *Diogène* é um periódico francês fundado em 1952 por Roger Caillois, com o apoio da UNESCO. Esse periódico trimestral publica trabalhos do *Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines*, sendo de caráter transdisciplinar, divulga trabalhos relacionados às humanidades em geral. O artigo de Benveniste foi publicado na *Diogène* cuja temática era *Problèmes du langage*, edição n. 51, de julho a setembro de 1965. O referido artigo abre a edição da revista e a seção « Nature du langage ». Ainda na seção « Nature du langage » figuram os artigos « De quelques constantes de la théorie linguistique », de Noam Chomsky, e « À la recherche de l'essence du langage », de Roman Jakobson. As demais seções desse volume eram: « Le mots »; « Structures du langage » e « Langage e Société ».

RECORTE 13:

[...] mais geral e, se se pode dizer, natural é uma outra confusão que consiste em pensar que o sistema temporal de uma língua reproduz a natureza do tempo “objetivo”, **tão forte é a propensão a ver na língua o decalque da realidade. As línguas não nos oferecem de fato senão construções diversas do real** (2006[1965a], p. 70, grifo negrito nosso).

Sobre essas confusões, o autor assevera: “há, com efeito, um tempo específico da língua” (2006[1965a], p. 71). Nesse momento, o autor distingue duas noções de tempo - o tempo físico e o tempo crônico -, as quais comportam duas versões, a objetiva e a subjetiva. O tempo físico compreende o tempo uniforme e linear. O tempo crônico, por seu turno, é o tempo dos acontecimentos, cuja estrutura é caracterizada pela fixidez, “é estranho ao tempo vivido e não pode coincidir com ele” (2006[1965a], p. 74). O tempo linguístico, o terceiro nível do tempo, segundo Benveniste, é o tempo da língua – “É pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo [...]. O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso” (2006[1965a], p. 74).

Sendo assim, no recorte 13, Benveniste caracteriza a particularidade do tempo linguístico que não “reproduz a natureza do tempo ‘objetivo’”, uma vez que, por não ser “decalque da realidade”, a *língua*, como sistema semiológico, representa em seus termos “construções diversas do real”. Observemos, na *formulação* em análise, que Benveniste mobiliza “língua” e “as línguas”. No primeiro caso, haja vista a natureza semiológica de sua constituição, o conceito, em nosso gesto de leitura, está empregado em seu *nível fundamental: língua-sistema e língua-discurso*. No segundo caso, ao pluralizar “língua”, o autor refere-se ao conceito em seu *nível histórico*, idioma.

TERCEIRA PARTE – ESTRUTURAS E ANÁLISES

CAPÍTULO 6. ESTRUTURA DA LÍNGUA E ESTRUTURA DA SOCIEDADE

Esse artigo expõe a fala pronunciada por Benveniste em uma conferência, em 1968, em Milão, na *Convegno Internazionale Olivetti*⁶⁹. Nessa ocasião, Benveniste se propõe “examinar

⁶⁹ A *Convegno Internazionale Olivetti*, realizada em Milão, entre os dias 14 e 17 de outubro de 1968, tinha como tema “Linguaggi nella società e nella tecnica” (“Linguagem na sociedade e na tecnologia”). O congresso homenageava o centenário do nascimento de Camillo Olivetti, fundador da empresa italiana Olivetti, que produzia máquinas de escrever. As apresentações realizadas nessa conferência foram publicadas, pela Edizioni di Comunità, em 1970.

as relações entre duas grandes entidades que são respectivamente a língua e a sociedade” (2006[1968b], p. 93), expondo as evidências e colocando uma contradição. Segundo o autor, “não se descobre da língua para a sociedade nenhuma relação que revelaria uma analogia em sua respectiva estrutura” (2006[1968b], p. 93); ademais, para ele, a sociedade não é independente da *língua*. Retomando Sapir, Benveniste discorda do ponto de vista adotado, dizendo que as ponderações desse autor levar-nos-ia a “concluir que língua e sociedade não são isomórficas, que sua estrutura não coincide, que suas variações são independentes” (2006[1968b], p. 94). Benveniste, também, coloca-se contrário àqueles que concebem a *língua* como espelho da sociedade. De acordo com ele, “não se pode conciliar estes pontos de vista. Eles mostram em todo caso que o problema está longe de ser simples” (2006[1968b], p. 95), propondo-se a examiná-lo. Conforme Benveniste, essas noções/entidades, *língua* e sociedade, “são grandezas não-isomórficas, vê-se logo na diferença que as separa em sua organização estrutural” (2006[1968b], p. 95). Analisando suas estruturas, Benveniste constata: “não existe correspondência nem de natureza nem de estrutura entre os elementos constitutivos da língua e os elementos constitutivos da sociedade” (2006[1968b], p. 95). Para ele, ao comparar essas noções, cai-se frequentemente em uma confusão, que ele busca esclarecer, entre duas acepções desses termos. Segundo ele:

RECORTE 14:

[...] existe de uma parte a sociedade como dado empírico, histórico. Fala-se da sociedade chinesa, da sociedade francesa, da sociedade assíria; existe de outra parte a sociedade como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens. **Da mesma maneira existe a língua como idioma empírico, histórico, a língua chinesa, a língua francesa, a língua assíria; e existe a língua como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação.** Operando esta primeira distinção, **separamos em cada uma das duas entidades dois níveis, um histórico, outro fundamental.** Percebe-se então que o problema das relações possíveis entre a língua e a sociedade se coloca em cada um destes dois níveis, e que podemos, portanto, admitir duas respostas diferentes. Vimos que, **entre uma língua histórica e uma sociedade histórica, não se pode estabelecer correlação como um signo de necessidade; mas num nível fundamental, podemos perceber imediatamente homologias.** Alguns caracteres são comuns a uma e outra, à língua e à sociedade – repito eu – neste nível. **Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes,** uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural, coisas que não podem ser concebidas como outras que não são e que não podem ser imaginadas como ausentes. **Uma e outra são sempre herdadas,** e não se imagina no exercício da língua e na prática da sociedade, neste nível fundamental, que tenha podido existir um começo tanto em uma quanto em outra. **Nem uma nem a outra podem ser mudadas pela vontade dos homens.** O que os homens veem mudar, o que eles podem mudar, o que eles efetivamente mudam através da história, são as instituições, às vezes a

forma inteira de uma sociedade particular, mas nunca o princípio da sociedade que é o suporte e a condição da vida coletiva e individual. Da mesma maneira, o que muda na língua, o que os homens podem mudar, são as designações, que se multiplicam, que se substituem e são sempre conscientes, mas jamais o sistema fundamental da língua. É que se a diversificação constante, crescente das atividades sociais, das necessidades, das noções, exige designações sempre novas, é preciso que em troca exista uma força unificante que faça equilíbrio. Acima das classes, acima dos grupos e das atividades particularizadas, reina um poder coesivo que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva. **Este poder é a língua e apenas a língua. É porque a língua representa uma permanência no seio da sociedade que muda, uma constância que interliga as atividades sempre diversificadas. Ela é uma identidade em meio às diversidades individuais. E daí procede a dupla natureza profundamente paradoxal da língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade. Esta dualidade se reencontra em todas as propriedades da linguagem.** Então como podemos supor a relação da língua e da sociedade para esclarecer pela análise de uma (a língua), a análise da outra (a sociedade)? **Esta relação não será uma correlação estrutural**, já que vimos que a organização dos homens não é comparável à da língua. **Ela não será tipológica**, pois o tipo da língua – monossilábica, polissilábica, tonal ou morfológica – não influi absolutamente sobre a natureza específica da sociedade. **Ela também não será histórica ou genética**, porque não fazemos depender o nascimento de uma do nascimento da outra. **A língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana**, ela se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência, de transformar a natureza e de multiplicar os instrumentos (2006[1968b], p. 96-97, grifo negro nosso).

No recorte 14, Benveniste separa em dois níveis – *nível histórico* e *nível fundamental* – as entidades *língua* e sociedade. De acordo com ele, há sociedade: no *nível histórico* – sociedade brasileira, sociedade francesa; no *nível fundamental* – “coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens”. Por seu turno, há *língua*, no *nível histórico* – idioma – língua chinesa, língua francesa; no *nível fundamental* – “sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação”. É *na e por meio* dessa definição de *língua*, tal qual apresentada por Benveniste nesse momento de sua *formulação* teórica, que concebemos nossa compreensão do conceito *língua* nessa teorização, bem como derivamos a definição dos conceitos *cultura* e *personalidade* nos níveis *histórico* e *fundamental*. Em outros termos: é em virtude dessa distinção em *nível histórico* e em *nível fundamental* que julgamos ser possível compreender o trinômio que, em nosso gesto de leitura, fundamenta a Linguística Geral de Émile Benveniste.

Segundo o autor, no recorte 14, as análises comparativas das entidades *língua* e sociedade, por não considerarem as diferenças entre esses *níveis*, caem frequentemente em confusões, isso porque, nos dizeres do autor: no *nível histórico*, “entre língua histórica e uma sociedade histórica, não se pode estabelecer correlação como um signo de necessidade; mas

num *nível fundamental*, podemos perceber imediatamente homologias” (2006[1968b], p. 96). As homologias possíveis entre essas entidades, *língua* e sociedade, no *nível fundamental*, de acordo com Benveniste, são: a) elas constituem “realidades inconscientes”; b) “são sempre herdadas”; c) não são “mudadas pela vontade dos homens”. Essas ponderações do autor, em sua rede de filiações, retomam parafrasticamente as discursividades presentes nas teorizações de Freud e de Saussure.

Em a), ao afirmar a natureza “inconsciente” da *língua* e da sociedade, Benveniste dialoga com a concepção freudiana de inconsciente. Embora, em sua análise, Benveniste tenha salientado as diferenças entre o simbolismo linguístico e o simbolismo do inconsciente, o qual “só o psicanalista pode compreender esta linguagem” (2006[1968c], p. 36), em outros momentos de sua teorização, o autor, analisando a *língua* do ponto de vista do falante, parafraseia discursivamente a afirmação de que a “língua [...] é uma realidade inconsciente”: “a realidade da língua permanece, via de regra, inconsciente; [...] não temos senão uma consciência fraca e fugidia das operações que efetuamos para falar” (2005[1958b], p. 68) e que “a língua é um mecanismo inconsciente” (2006[1968a], p. 24).

Em b) e em c), por seu turno, a filiação benvenistiana relaciona-se à teorização saussuriana. Vejamos alguns recortes que rememoram essa discursividade. Com relação a b) – “são sempre herdadas” – diz Saussure: “a língua aparece sempre como uma herança da época precedente” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 85) e “a língua é uma herança” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 86). No que concerne a c) – não são “mudadas pela vontade dos homens” – temos: “o signo linguístico escapa à nossa vontade” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 85); “o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 86); “se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 88) e a língua “situada, simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 90-91).

Na sequência do recorte 14, Benveniste assinala que as alterações possíveis na sociedade e na *língua* se restringem, respectivamente, às instituições e às designações. Com isso, o autor ressalta que não se altera jamais o princípio fundamental que rege essas entidades. No caso da *língua*, seu “sistema fundamental” fornece, conforme o autor, “uma força unificante que faça equilíbrio”, “um poder coesivo”, “uma permanência no seio da sociedade que muda”, “uma constância” e “uma identidade em meio às diversidades individuais”; esse é um “poder” restrito à *língua*. Dito isso, Benveniste assevera a natureza paradoxal da *língua*, dado que é, “ao mesmo

tempo, imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade” (2006[1968b], p. 97). “Imanente” porque se constitui como “emanação irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo” (2006[1968b], p. 101). “Transcendente” porque é uma “realidade supra-individual e coextensiva à toda a coletividade” (2006[1968b], p. 101). Logo, a *língua* possui, ao mesmo tempo, “funcionamento subjetivo e referencial do discurso” (2006[1968b], p. 101). Eis a *língua* compreendida em seu duplo funcionamento significativo: os modos *semiótico* e *semântico*. O modo *semiótico* é “imanente” ao indivíduo, que herda o sistema de formas significantes que é a *língua*, o qual, pelo ato individual de apropriação, “introduz aquele que fala em sua fala” (2006[1970a], p. 84). O modo *semântico*, por seu turno, por colocar em emprego a *língua* em uma situação de *discurso*, é “transcendente à sociedade”, uma vez que coloca em operação um *eu* e um *outro* mutuamente implicados.

Voltando-se à análise da relação entre *língua* e sociedade, Benveniste assinala que não há correlação estrutural, tipológica, histórica ou genética entre ambas. Considerando a *língua* como meio de análise da sociedade, haja vista a relação semiológica aí implicada, o autor pondera: “a língua é o interpretante da sociedade” e “a língua contém a sociedade” (2006[1968b], p. 97). Tirando as consequências dessas constatações, Benveniste diz:

[...] se pode isolar a língua, estudá-la e descrevê-la por ela mesma sem se referir a seu emprego na sociedade e sem se referir a suas relações com as normas e as representações sociais que formam a cultura. Em contrapartida, é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas. Neste sentido a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por esta. [...] a língua fornece a base constante e necessária da diferenciação entre indivíduo e sociedade. Eu digo a língua em si mesma, sempre e necessariamente (2006[1968b], p. 98).

Em nosso gesto de leitura, é nessa e por essa medida que Benveniste concebe a *língua* como *interpretante* da sociedade e dos demais sistemas semiológicos. Vejamos, no recorte 15, a argumentação benvenistiana sobre esse ponto de vista.

RECORTE 15:

[...] agora, **o que é que atribui à língua esta posição de interpretante?** É que a língua é – como é sabido – o **instrumento de comunicação** que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade. Se a língua é um instrumento de comunicação ou o instrumento da comunicação, é porque **ela está investida de propriedades semânticas e porque ela funciona como uma máquina de produzir sentido**, em virtude de sua própria estrutura. E aqui estamos no âmago do problema. **A língua permite a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas.** Esta propriedade única deve-se à **estrutura da língua que é composta de signos, de unidades de sentido, numerosas mas sempre em número finito, que entram em**

combinações regidas por um código e que permitem um número de enunciações que ultrapassa qualquer cálculo, e que o ultrapassa necessariamente cada vez mais, uma vez que o efetivo dos signos vai sempre aumentando e que as possibilidades de utilização dos signos e de combinação destes signos aumentam em consequência. **Há portanto duas propriedades inerentes à língua, em seu nível mais profundo. Há a propriedade que é constitutiva de sua natureza de ser formada de unidades significantes, e há a propriedade que é constitutiva de seu emprego de poder arranjar esses signos de maneira significativa.** Estão aí as duas propriedades que é preciso manter distintas, que comandam duas análises diferentes e que se organizam em duas estruturas particulares. Entre estas duas propriedades o **elo** é estabelecido por uma **terceira propriedade**. Nós dissemos que existem de um lado unidades significantes, em segundo lugar a capacidade de arranjar estes signos de maneira significativa, e em terceiro lugar, diríamos, **existe a propriedade sintagmática**, ou seja, a de combiná-los em certas regras de consecução e somente de certa maneira. **Nada pode ser compreendido – é preciso se convencer disto – que não tenha sido reduzido à língua.** Por consequência, a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, portanto este composto de natureza e de experiência que se chama a sociedade. É graças a este **poder de transmutação da experiência em signos** e de redução categorial que a língua pode tomar como objeto qualquer ordem de dados e até a sua própria natureza. Há uma metalinguagem, não há metassociedade (2006[1968b], p. 99-100, grifo itálico do autor e negrito nosso).

No recorte 15, Benveniste apresenta os motivos pelos quais a *língua* constitui o sistema *interpretante* de todos os demais sistemas semiológicos, inclusive dela mesma. Propondo a questão “o que é que atribui à língua esta posição de interpretante?”, o autor assinala que a *língua*, do ponto de vista do falante, constitui um “instrumento de comunicação” investido “de propriedades semânticas”, isto é, trata-se de uma “máquina de produzir sentido”, isso porque, embora sua estrutura seja composta por signos em “número finito”, o agenciamento e/ou a combinação desses signos gera a “produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas”. Em vista dessa colocação, na sequência, Benveniste assinala as “duas propriedades inerentes à língua”: a primeira, que a natureza da *língua* é “formada de unidades significantes”; e a segunda, “constitutiva de seu emprego”, o fato “de poder arranjar estes signos de maneira significativa”. Está em operação, nessa *formulação*, o *acontecimento* da dupla significância da *língua*, o modo *semiótico* e o modo *semântico*, embora não nomeados.

Por conseguinte, diz Benveniste: “Estão aí as duas propriedades que é preciso manter distintas, que comandam duas análises diferentes e que se organizam em duas estruturas particulares”. Essa afirmação foi parafraseada discursivamente por Benveniste, ao longo de sua *formulação*, em diferentes momentos, por exemplo: “[...] eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes,

embora os seus caminhos se cruzem a todo instante” (2005[1962b], p. 139) e “[...] concebo então duas linguísticas distintas. Esta, é, no estágio presente de estudos, uma fase necessária desta reconstrução que somente começamos por empreender” (2006[1966a], p. 240). Observemos: há uma constância na reflexão linguística de Benveniste que dá a ela identidade e a constitui como *acontecimento* no espaço político-simbólico da Linguística.

Interessante ressaltarmos que Benveniste estabelece como “elo” entre essas duas propriedades, o modo *semiótico* (formado por “unidades significantes”) e o modo *semântico* (“capacidade de arranjar estes signos de maneira significativa”), “uma terceira propriedade”, a saber: “*sintagmática*”, que constitui a propriedade que combina as duas anteriores, tendo em vista “certas regras de consecução”, de arranjo das unidades de maneira significativa. Notemos: Benveniste grafa tipograficamente em itálico “*sintagmática*” e esse gesto de Benveniste não deixa de produzir efeitos de sentido em seu leitor, uma vez que, de nossa perspectiva, o processo de significação dessa marca instaura sentidos através da falta e do excesso, do não-dito e um discurso outro; são “manifestação da incompletude da linguagem” (ORLANDI, 2012, p. 110), abertura do simbólico.

Benveniste, ao longo de sua *formulação*, emprega o conceito “sintagmática” de modo distinto daquele convencionalmente concebido na Linguística, em especial, aquele mobilizado por Saussure (2006[1916]), haja vista sua definição de “frase”. Conforme Agustini e Silva (2015), em sua análise do conceito “frase” no âmbito dessa teorização, “a frase torna-se um tipo de enunciado, cuja premissa básica é poder significar uma ideia. Para tanto, a frase não se restringe ao somatório de suas partes; a sua significação é de outra ordem; embora dependa de suas partes, ela as transpõe” (AGUSTINI; SILVA, 2015, p. 233). Isso porque, a “sintagmatização” em Benveniste está a serviço da “semantização”, da conversão da *língua* em *discurso*. Nessa medida, ao grafar de modo distinto o conceito “*sintagmática*”, compreendemos, em nosso gesto de leitura, que Benveniste destaca-se do conceito saussuriano.

Dando decorrência à questão proposta no início do recorte 14, Benveniste assevera: “nada pode ser compreendido – é preciso se convencer disto – que não tenha sido reduzido à língua”. A *língua*, segundo o autor, “descreve”, “conceitualiza”, “interpreta” a si mesma e a sociedade. É por isso que ela é o *interpretante* da sociedade, que é o *interpretado*. Esses sistemas semióticos, de acordo com Benveniste, são de natureza diferente; logo, não existem em condição de homologia. O “poder de transmutação da experiência em signos” é somente da *língua*; nenhum outro sistema possui essa propriedade.

QUARTA PARTE – FUNÇÕES SINTÁTICAS

CAPÍTULO 11. FUNDAMENTOS SINTÁTICOS DA COMPOSIÇÃO NOMINAL

Publicado no *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*⁷⁰, em 1967, Benveniste, nesse artigo, considera que a composição nominal não é morfológica, mas sintática. Em vista dessa tese, o autor analisa as principais classes de compostos, de modo a mostrar os fundamentos sintáticos e a função comum. Essas classes principais analisadas são: aquelas “cuja relação se contém entre os dois termos e lhes é equidimensional” (2006[1967], p. 148), e aquelas “em que a relação ultrapassa os dois termos e, englobando-os em uma nova função, modifica-se ela própria” (2006[1967], p. 148). A partir dessas classes, o autor divide o artigo em duas partes.

Na primeira parte, voltando-se à análise dos compostos que contraem relação equidimensional entre os dois termos, Benveniste, partindo de exemplos do védico e do grego, analisa o tipo de composição que une dois substantivos, sendo os dois termos equipotentes (Ex: noite-dia). O segundo tipo analisado refere-se à união de dois substantivos, na qual o primeiro denomina e o segundo especifica, estabelecendo uma relação de assimilação semântica entre os termos (Ex. peixe-boi). O terceiro tipo refere-se aos compostos formados por substantivos em relação de determinação (Ex. carro de boi), cujas variáveis aparecem sob a forma sintática de predicação “x é de y”. O quarto tipo de composto analisado é formado por substantivo (determinante) e verbo (determinado) (Ex. que faz sapatos); ou de verbo (determinado) e substantivo (determinante) em sua sequência inversa, cuja distinção deve-se ao fundamento sintático.

Na segunda parte, Benveniste analisa a segunda classe dos compostos, cuja relação ultrapassa os dois termos (Ex. de olhos azuis). Segundo o autor, essa classe implica uma construção sintática complexa, cujo termo não enunciado, virtual, mas necessário, é o possuidor. Há, assim, dois planos da predicação: aquele que predica qualidade com função sintática entre signos; e aquele que predica atribuição com função semântica entre signos e referentes (cf. 2006[1967], p. 161).

⁷⁰ *Bulletin de la Société Linguistique de Paris* é um periódico científico criado pela *Société de Linguistique de Paris*. Essa sociedade, fundada em 1864, dedica-se à pesquisa científica no campo da Linguística. Entre seus membros, constava Bréal, Meillet e Benveniste. Entre os anos de 1945 e 1959, Benveniste foi vice-secretário e, entre 1959 e 1970, foi membro secretário da *Société de Linguistique de Paris*. O *Bulletin de la Société Linguistique de Paris* constitui o mais antigo periódico em língua francesa dedicado à Linguística. Sua divulgação é feita em duas partes, a saber: a primeira dedicada a artigos em Linguística; e a segunda parte é dedicada à análise de livros publicados na área. O artigo “Fundamentos sintáticos da composição nominal” foi publicado no volume 62, em 1967, entre as páginas 15 e 31, na primeira parte.

Desse artigo, selecionamos o recorte 16 que se mostra interessante aos nossos propósitos. Vamos a ele!

RECORTE 16:

[...] a língua não é um repertório imóvel que cada locutor só teria que mobilizar para os fins de sua expressão própria. Ela é em si mesma o **lugar de um trabalho incessante** que age sobre o aparelho formal, transforma suas categorias e produz classes novas (2006[1967], p. 163, grifo nosso).

Interessante notar, no recorte 16, que Benveniste concebe a composição nominal como sintática, e não morfológica. Essa consideração está em coerência com a definição de “sintagmatização” concebida por esse autor, a qual, descrita e interpretada na análise do recorte 15, está a serviço da “semantização”.

No recorte 16, Benveniste estabelece uma relação entre “língua” e “locutor”. Segundo ele, “a língua não é um repertório imóvel que cada locutor só teria que mobilizar para os fins de sua expressão própria”. Essa *formulação* rememora a asserção saussuriana: “a língua evolui sem cessar” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 37). Contudo, não era objetivo de Saussure tratar da relação sujeito-língua, questão sobre a qual Benveniste não pôde se furtar em sua compreensão do processo linguístico de produção de *significação*. A língua “é em si mesma o lugar de um trabalho incessante que age sobre o aparelho formal, transforma suas categorias e produz classes novas”; por exemplo, os compostos nominais por ele analisados. Esse “trabalho incessante” só é possível, de nosso ponto de vista, porque há em jogo o trinômio *língua, cultura, personalidade*, o qual permite conceber a *língua* como uma *sintagmática* não fechada e sujeita a alterações de *semantização*, a fim de atender às evocações da situação de *discurso*, ou seja, ao uso da *língua* em *discurso*. Ou seja, não se reduz ao homem, embora a relação *língua-homem* seja indissociável. Assim, a *enunciação* em Benveniste pressupõe uma relação entre locutor e *língua* no processo de constituição do *sujeito*.

QUINTA PARTE – O HOMEM NA LÍNGUA

CAPÍTULO 15. A FORMA E O SENTIDO NA LINGUAGEM

Esse artigo constitui a fala proferida por Benveniste, em 1966, na conferência inaugural de um congresso para filósofos⁷¹. Posteriormente, essa fala foi publicada, em 1967, na *Le Langage*⁷². Na primeira parte do artigo, há a exposição de Benveniste sobre o tema e, na segunda parte, é transcrito o debate ocorrido.

Inicialmente, o autor pondera que falará sobre a *forma* e o *sentido* na linguagem do ponto de vista do linguista, mais particularmente, do ponto de vista dele, dado que entre os linguistas não há concordância sobre o tema e muitos deles têm “uma aversão a tais problemas e uma tendência a deixá-los fora da linguística” (2006[1966a], p. 221), tal como o fez Bloomfield. Essa tendência levou os estudos linguísticos a privilegiarem a *forma*, deixando o *sentido* a descoberto, podendo então ser tomado como objeto por qualquer outro campo. Em vista disso, esse interdito gera desconfiças pelo caráter vago das obras consagradas à semântica. Nessa medida, em um esforço pessoal, Benveniste propõe situar, organizar e analisar as funções das noções *forma* e *sentido*.

Em sua primeira aproximação dessas noções, Benveniste definiu *sentido* como “conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” (2006[1966a], p. 222); e *forma* como “matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante” (2006[1966a], p. 222). Convencionou-se opor *forma* e *sentido*, contudo, ao analisá-los no funcionamento da *língua*, Benveniste vê como essas noções, juntas e articuladas, colocam o problema da *significação*.

De acordo com o autor, os lógicos americanos Carnap e Quine se dedicaram aos estudos da significação, entretanto, não definiram precisamente esse conceito. Carnap aborda-o, em suas análises, a partir do critério de aceitabilidade do sujeito falante. Quine, por seu turno, utilizando um procedimento lógico de Russel, toma a significação como sinonímia, ou “mesma significação”. Para Benveniste, o linguista, incluindo ele, não deve “se contentar com um

⁷¹ Especificamente, o 13º *Congrès des Sociétés de Philosophie de langue française*, que ocorreu em Génova, entre os dias 2 e 6 de setembro de 1966. Esse congresso teve como temática o estudo da linguagem, para tanto, os filósofos reuniram estudiosos de diferentes áreas das Ciências Humanas, por exemplo, linguistas e historiadores, para debaterem sobre a temática. Benveniste e Mircea Eliade, um historiador, foram os conferencistas da abertura. Segundo Coppieters (1966, p. 612, tradução nossa), “não só a linguística experimenta hoje em dia um desenvolvimento considerável, mas tende a fornecer seu modelo e ferramentas conceituais às ciências humanas, em particular, à antropologia, à crítica, e, assim, forjar uma nova chave para inteligibilidade, o estruturalismo, que, na medida em que se pretende universal, diz respeito diretamente ao filósofo”. No original, « non seulement la linguistique connaît de nos jours un développement considérable, mais elle tend à fournir leur modèle et leur outillage conceptuels aux sciences humaines, en particulier à l'anthropologie, à la critique, et, par là, à forger une nouvelle clé d'intelligibilité, le structuralisme, qui, dans la mesure où elle se veut universelle, concerne directement le philosophe » (COPPIETERS, 1966, p. 612).

⁷² *Le Langage* é uma revista francesa de divulgação científica da área da Linguística reconhecida internacionalmente.

conceito global como aquele de significação definida em si e de uma vez por todas. O curso mesmo de nossa reflexão nos levará a particularizar esta noção, que nós entendemos de modo diferente do que o fazem os lógicos” (2006[1966a], p. 223). Tanto é especificado esse conceito nessa teorização que, para nós, é por centrar-se nele que Benveniste funda uma Linguística autoral.

Em vista disso, Benveniste retoma os pressupostos de Saussure sobre a natureza da língua, assinalando que Saussure “não parece ter visto que ela [a língua] podia ser outra coisa ao mesmo tempo” (2006[1966a], p. 224). Logo, analisa a relação das noções *forma* e *sentido* a partir da teoria saussuriana do signo, focando especificamente no significante e no significado. A partir de sua análise, Benveniste pondera sobre a *natureza semiótica* da *língua*, ligada à função de significar, mas acrescenta a *natureza semântica*, aquela de comunicar.

Desse artigo, selecionamos os recortes 17 e 18 para análise.

RECORTE 17:

[...] parece-nos que se deve traçar, através da língua inteira, uma linha que distingue **duas espécies e dois domínios do sentido e da forma**, ainda que, eis ainda aí **um dos paradoxos da linguagem**, sejam os mesmos elementos que se encontrem em uma e outra parte, dotados, no entanto, de estatutos diferentes. **Há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma**. Acabamos de definir uma delas: **a língua como *semiótica***; é necessário justificar a segunda, que chamamos de **língua como *semântica***. Esta condição essencial aparece de forma bastante clara, esperamo-lo, para que **nos perdoem o emprego de termos tão semelhantes, e que nos concedam o direito de especializá-los**, distinguindo “*semiótico*” de “*semântico*”; **não conseguimos encontrar termos melhores para definir as duas modalidades fundamentais da função linguística, aquela de significar para a semiótica, aquela de comunicar para a semântica** (2006[1966a], p. 229, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Salientamos, de início, o emprego tipográfico de itálico e de aspas em “*semiótico*” e em “*semântico*” no recorte 17. O uso dessas marcações, pelo autor, relaciona-se aos diferentes sentidos que esses conceitos podem contrair na *formulação*; “ao mesmo tempo, elas atestam seu fechamento, pois anunciam que numa determinada discursividade, o sentido que se constitui é um e não outro, embora saibamos que o outro é parte constitutiva de todo dizer” (COSTA; SANTOS, 2012, p. 110). Ao destacá-los, o autor adverte o emprego não usual desses conceitos, momento em que Benveniste convoca o leitor a lhe conceder “o direito de especializá-los”, no âmbito de sua teorização, dado que, segundo ele, não conseguiu “encontrar termos melhores para definir as duas modalidades fundamentais da função linguística, aquela de significar para a semiótica, aquela de comunicar para a semântica”.

Benveniste volta-se, novamente, à explicitação de “um dos paradoxos da linguagem”, a saber: “há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma”; há “duas espécies e dois domínios do sentido e da forma”. Há “a língua como *semiótica*” e há a “língua como *semântica*”. Nesses dois domínios, conforme ressalta o autor ao longo de sua teorização, há *forma* e há *sentido*: no *semiótico*, a *forma* é o signo e o *sentido* da designação é distintivo; no *semântico*, a *forma* é a frase e o *sentido* é a *significação* decorrente da *referência* à atitude do locutor em uma situação de *discurso* específica. Esses dois domínios constituem, conforme Guimarães (2018, p. 39), “um acontecimento decisivo na obra de Benveniste” e na *formulação* de uma “semiologia geral”.

Ressaltamos, também, que o recorte 17 contrai relação parafrástica com o recorte 15, já analisado, no qual Benveniste assevera a dupla propriedade inerente à língua: “há a propriedade que é constitutiva de sua natureza de ser formada de unidades significantes”, cuja função linguística é significar; “e há a propriedade que é constitutiva de seu emprego de poder arranjar esses signos de maneira significativa”, cuja função linguística é comunicar (2006[1968b], p. 99). Notemos: Benveniste, ao retomar já-ditos e *(re)formular* seus dizeres teóricos, produz o efeito de investir na construção de sua identidade autoral.

RECORTE 18:

[...] esses dois sistemas se superpõem assim na língua tal como a utilizamos. **Na base, há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação**, tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa sub-unidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos. **Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada**⁷³, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. Uma descrição distinta é então necessária para cada elemento segundo o domínio no qual está encaixado, conforme é tomado como signo ou como palavra. Em outros termos, é necessário traçar uma distinção no interior do domínio semântico entre a multiplicidade indefinida das frases possíveis, quer por sua diversidade quer por sua possibilidade de se determinarem umas pelas outras, e o

⁷³ Benveniste diz: « sur ce fondement sémiotique, la langue-discours construit une sémantique propre, **une signification de l'intenté** produite par syntagmation de mots où chaque mot ne retient qu'une petite partie de la valeur qu'il a en tant que signe » (1974[1966a], p. 229, grifo negrito nosso). Na edição brasileira dos *Problemas de Linguística Geral II*, esse trecho é assim traduzido: “sobre esse fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, **uma significação intencionada**, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (2006[1966a], p. 233-234, grifo negrito nosso). De acordo com Teixeira e Mello (2013, p. 12), a expressão « une signification de l'intenté », em língua portuguesa, seria melhor traduzida por “uma significação do intentado”, uma vez que, tendo em vista a teorização benvenistiana, nada tem de relação com algo que seja da intenção consciente do locutor, mas com o modo como o locutor age sobre o interlocutor de modo a instaurar uma nova realidade. O locutor atua na e pela *língua* de modo a tentar “influenciar” o outro, contudo, não há garantias de que isso se dará, haja vista a *experiência de linguagem* de cada um.

número sempre limitado, não só de lexemas utilizados como palavras, mas também dos tipos de esquemas sintáticos a que necessariamente a linguagem recorre. **Este é o duplo sistema, constantemente em ação na língua, e que funciona tão velozmente, de um modo tão sutil, que exige um longo esforço de análise e um longo esforço para dele se desprender, se se quer separar o que é do domínio de um e do outro. Mas no fundo de tudo está o poder significativo da língua, que é anterior ao dizer qualquer coisa** (2006[1966a], p. 233-234, grifo negrito nosso).

Continuando sua argumentação, Benveniste, nessa *formulação*, ressalta que, no uso da *língua*, os domínios *semiótico* e *semântico* se “superpõem”, isto é, estão “constantemente em ação na língua”. Segundo o autor, o “sistema semiótico” está ligado à “organização de signos, segundo o critério da significação”, relacionando-se ao eixo paradigmático. O conceito *língua*, em operação, nesse domínio, é o *língua-sistema*. O “sistema semântico”, por seu turno, relaciona-se a “uma significação intencionada [intentada], produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo”; logo, relaciona-se ao eixo sintagmático. O conceito *língua*, em operação, nesse domínio, é o *língua-discurso*. Esse duplo sistema, conforme o autor, permite descrições e análises distintas, sendo que, “no fundo de tudo está o poder significativo da língua, que é anterior ao dizer qualquer coisa”. É esse “poder significativo” que interessa a Benveniste e que permite a ele fundar sua Linguística Geral, uma linguística autoral.

No recorte 18, Benveniste parafraseia discursivamente sua *formulação* analisada no recorte 15, ao asseverar que: no *domínio semiótico* lida-se com um “número sempre limitado” de unidades significantes; e no *domínio semântico* lida-se com a “multiplicidade indefinida das frases possíveis”. No recorte 15, que data de 1968b, o autor (*re*)afirma essa colocação dizendo que a estrutura da língua “é composta de signos, de unidades de sentido, numerosas mas sempre em número finito, que entram em combinações regidas por um código e que permitem um número de enunciações que ultrapassa qualquer cálculo” (2006[1968b], p. 99). Discursivamente, Benveniste vai, ao longo de sua (*re*)*formulação*, conforme já salientado, (*re*)dizendo e (*re*)afirmando seu posicionamento teórico.

É válido ressaltar, ainda, que no debate decorrente da apresentação desse estudo em uma conferência, Benveniste afirma:

[...] acho totalmente e altamente vantajoso, para a clarificação das noções pelas quais nos interessamos, que se avance por **linguísticas diferentes**, se elas devem, separadas, conquistar cada uma maior rigor, deixando para ver em seguida como elas podem se juntar e se articular (2006[1966a], p. 240, grifo negrito nosso).

Benveniste parafraseia discursivamente, aqui, em 2006[1966a], as “duas linguísticas diferentes” apresentadas em 2005[1962b] e analisadas no recorte 7, e às “duas análises diferentes” de 2006[1968b], analisadas no recorte 15. Logo, observamos o efeito de consistência significativa que a teorização benvenistiana edifica e constrói ao longo do processo de sua *(re)formulação*. O *acontecimento* da distinção *semiótico* e *semântico*, embora nomeado somente em 2006[1966a], está em operação, na *formulação* teórica desse autor, desde, no mínimo, 2005[1939] (cf. AGUSTINI; RODRIGUES, 2018).

SEXTA PARTE – LÉXICO E CULTURA

CAPÍTULO 20. DOIS MODELOS LINGUÍSTICOS DA CIDADE

Publicado em 1970⁷⁴, no livro *Échanges et Communications: Mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire*, Benveniste analisa, nesse texto, a relação intralinguística entre um termo de base e um derivado, especificamente, sobre a noção “cidade”. Antes, contudo, o autor apresenta uma ressalva importante, como é possível observarmos no recorte 19 abaixo:

RECORTE 19:

[...] no debate incessante sobre a **relação entre língua e sociedade** limitamo-nos geralmente à **visão tradicional da língua como espelho da sociedade**. É preciso desconfiar muitíssimo desse gênero de imagens. **Como poderia a língua “refletir” a sociedade?** Essas grandes abstrações e as relações, falsamente concretas, em que as colocamos juntas, produzem apenas ilusões ou confusões. De fato, **é somente uma parte da língua e uma parte da sociedade que se põem assim em comparação. Do lado da língua, é o vocabulário** que detém o papel de representante, e é do vocabulário que se conclui – indevidamente, já que sem justificação prévia – para a língua inteira. **Do lado da sociedade, é o fato atômico** que se isola, o **dado social** justamente enquanto objeto de denominação. Uma coisa remete à outra indefinidamente, e, neste acoplamento um a um, o termo designante e o fato não contribuem senão para **uma espécie de inventário lexicológico da cultura. Consideramos aqui um outro tipo de comparação, a partir da língua.** A análise recairá sobre um fato de *derivação*, profundamente ligado à estrutura própria da língua. A partir desse fato, **uma mudança de perspectiva é introduzida na pesquisa** (2006[1970b], p. 278, grifo itálico do autor e negrito nosso).

⁷⁴ Esse artigo de Benveniste foi publicado no livro *Échanges et Communications: Mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire*, organizado e editado por Jean Pouillon e Pierre Maranda, publicado em 1970 pela editora Mouton. Essa obra reúne contribuições de estudiosos de diversas áreas do saber, entre eles, os linguistas Émile Benveniste e Roman Jakobson.

No recorte 19, Benveniste, retomando a relação entre *língua* e *sociedade*, haja vista se tratar de um artigo em homenagem ao antropólogo Lévi-Strauss, rebate a “visão tradicional da língua como espelho da sociedade”, questionando-se: “como poderia a língua “refletir” a sociedade?”. Segundo o autor, parafraseando sua argumentação apresentada em 2006[1968b] e analisada no recorte 14: “é somente uma parte da língua e uma parte da sociedade que se põem assim em comparação”. Isso porque, separando essas duas entidades – *língua* e *sociedade* – em dois níveis, um *histórico* e outro *fundamental*, Benveniste constata que, no *nível histórico*, não há comparação possível, enquanto, no *nível fundamental*, é possível depreender homologias (cf. 2006[1968b], p. 96-97).

De acordo com o autor, as comparações realizadas entre essas duas entidades partem: “do lado da língua”, do “vocabulário”; “do lado da sociedade”, do “dado social”. Esse tipo de comparação, criticada por Benveniste, constrói “uma espécie de inventário lexicológico da cultura”. A comparação que Benveniste considera e opera em suas análises é de outra ordem: ele parte da *língua*, dado que ela é compreendida, no âmbito dessa teorização, como a *interpretante* de todos os outros sistemas semiológicos. Essa consideração introduz “uma mudança de perspectiva” na pesquisa, uma vez que “não é mais uma substância, um dado lexical sobre o qual se exerce a comparação sócio-linguística, mas uma relação entre um termo de base e um derivado” (2006[1970b], p. 278). Somente assim, segundo o autor, “a maneira como se configura na língua essa relação nocional evocará no campo das realidades sociais a possibilidade (é tudo o que se pode dizer *a priori*) de uma situação paralela” (2006[1970b], p. 279). Essa “mudança de perspectiva” é fruto da tomada de posição de Benveniste frente à Linguística. Essa tomada de posição, de nosso ponto de vista, possibilita-o fundar uma outra Linguística, autoral.



Ao longo de nossa leitura dos *Problemas de Linguística Geral I* e dos *Problemas de Linguística Geral II*, o conceito *língua* é empregado por Benveniste, conforme as análises apresentadas, a partir da distinção entre: *nível histórico*, sinônimo de idioma, por exemplo, língua portuguesa, língua francesa etc.; e *nível fundamental*, significando sistema de formas significantes (*língua-sistema*) e atividade manifestada na instância de *discurso* (*língua-discurso*). Desse modo, no *nível fundamental*, a *língua* possui natureza paradoxal, haja vista abarcar o *acontecimento* da distinção *semiótico* e *semântico*. Consoante com Guimarães (2018)

e Agustini e Rodrigues (2018), concebemos que esse *acontecimento*, embora só nomeado na *formulação* benvenistiana muito tardiamente, 1966a, já está em operação, nessa teorização, ao menos, desde 1939. É *no e por meio* desse *acontecimento* que Benveniste especifica seu conceito *língua*. Esse mo(vi)mento de reflexão linguística em Émile Benveniste produz, com efeito, uma Linguística Geral autoral, haja vista analisar a *língua* do ponto de vista da *significação*.

Em sendo assim, por acreditar que “o nível significante uniu o conjunto das ciências do homem” (BENVENISTE, 2006[1968c], p. 38), Benveniste alça a *língua* à condição de *interpretante* de todos os demais sistemas semiológicos, deslocando a posição da Linguística de “uma parte dessa ciência geral” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24) para o centro dessa ciência, dado que a *língua* é por ele concebida como o “fundamento de toda vida de relação” (BENVENISTE, 2006[1968a], p. 26). Logo, para Benveniste, “o estudo da língua pode tornar-se uma ciência piloto” (BENVENISTE, 2006[1968a], p. 24) do conjunto das Ciências Humanas se se voltar ao estudo da *significação*, o qual coloca em operação o trinômio em foco. De acordo com Agustini (no prelo, p. 1), a filiação de Benveniste a Saussure é “contundentemente assumida”, contudo, conforme discorreremos em nossas análises, “a concepção de língua em Benveniste não é a mesma que a concepção de língua em Saussure”: “em Benveniste, a língua é concebida como base em sua função primordial: significar” (AGUSTINI, no prelo, p. 10). Em Benveniste, o conceito *língua* é um conceito duplo: ele engloba, ao defini-la como um sistema de signos linguísticos, o plano da *forma*, e como forma significante, o plano do *sentido*. Enquanto sistema de signos, o signo representa algo que está ausente, a *forma designa*. Enquanto forma significante, transcende, porque a referência é feita de *significação*. Daí o princípio da *língua* ser *significar*.

Assim, Émile Benveniste, ao assumir o ponto de vista da *significação* para analisar o uso da *língua*, “rompe”, em certo sentido, com o estruturalismo ortodoxo vigente à época de sua produção intelectual, sem, contudo, desconsiderar a *língua-sistema* e suas estruturas (*língua-idioma*). Em Benveniste, as estruturas estão abertas às necessidades dos processos discursivos de colocar a *língua* em funcionamento para *significar* o mundo e as relações sociais dos homens. Essa posição de Benveniste permite que ele seja convocado/evocado a *circular* tanto pelo espaço político-simbólico das Ciências Humanas, quanto pelo espaço político-simbólico da Linguística, uma relação contraditória que o significa, no trajeto de sua produção, como o linguista das línguas e da linguagem.

O CONCEITO *CULTURA* NA LINGUÍSTICA GERAL DE BENVENISTE

O trabalho de Benveniste é sempre crítico; desmistificador, ele se dedica incansavelmente em derrubar preconceitos eruditos e em aclarar com luz implacável (pois esse homem de ciência é rigoroso) o fundo social da linguagem.

Roland Barthes (1988, p. 182)

3.1 INTRODUÇÃO

Intentamos, com esta tese, analisar, compreender e ler de que modo os conceitos *língua*, *cultura*, *personalidade* fundamentam a Linguística Geral de Benveniste, uma vez que permite a ele centrar seus questionamentos linguísticos no estudo da *significação*. Neste capítulo, voltamo-nos à análise do conceito *cultura*. Para tanto, este capítulo é dividido em duas partes, quais sejam: “O conceito ‘cultura’ nas filiações de Benveniste” e “O conceito *cultura* na teorização benvenistiana”. Na primeira parte, analisamos os sentidos do conceito “cultura” formulado por alguns autores do campo da Antropologia e da Linguística, com os quais Benveniste entretém relações de filiação. Na segunda parte, subdividida em “O conceito *cultura* nos *Problemas de Linguística Geral I*” e “O conceito *cultura* nos *Problemas de Linguística Geral II*”, analisamos, em alguns recortes da *formulação* benvenistiana, os efeitos de sentidos produzidos em sua *constituição*, as *filiações* que engendram, bem como sua *circulação*. Isso posto, a pergunta que buscamos responder ao longo deste capítulo é: Qual o conceito de *cultura* na Linguística Geral de Émile Benveniste? Esse conceito, de nosso ponto de vista, é fundamental à reivindicação de Benveniste de que a Linguística se inscreve no campo das Ciências Humanas.

3.2 O CONCEITO “CULTURA” NAS FILIAÇÕES DE BENVENISTE

O conceito “cultura” é importante a diversas áreas do conhecimento, em especial, ao campo de estudos da Antropologia, no qual é objeto de investigação. Na Antropologia, a sua concepção nem sempre está diretamente definida, dada a sua complexidade que requer uma rede de relações conceituais. Por muito tempo, o conceito “cultura” esteve confundido à compreensão de “civilização”, no sentido de “progresso humano”. Os antropólogos Kroeber e Kluckhohn (1952), por exemplo, analisaram 162 diferentes definições do termo “cultura”, evidenciando os diferentes sentidos com que ele é mobilizado.

A primeira definição formulada, no campo das ciências, para esse termo foi elaborada pelo antropólogo inglês Edward Tylor (1832-1917), em 1871, o qual definiu “cultura” como: “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871 apud LARAIA, 1986, p. 25). Nessa primeira definição, Tylor considera “cultura” como algo que se aprende e que independe da

herança genética, perspectiva contrária ao que era propalado naquela época pelos estudos antropológicos.

No campo da Antropologia, o debate em torno desse conceito fundamental ainda permanece, sendo compreendido de distintas formas. Por exemplo, conforme Sapir (2012 [1924]), o conceito “cultura” é mobilizado, minimamente, a partir de três concepções: “cultura” entendida como herança social; “cultura” compreendida como aquilo que foi cultivado pela tradição e “cultura” relacionada aos traços característicos de um grupo. Nas teorias antropológicas modernas, esse conceito também é visto de modo heterogêneo. Há teorias que definem “cultura” como um sistema adaptativo; há aquelas que consideram “cultura” como um sistema estrutural e há aquelas que tomam “cultura” como um sistema simbólico (cf. KEESING 1974 apud LARAIA, 1986, p. 59-63). Por conseguinte, várias são as definições dadas a esse termo na Antropologia a depender dos interesses de investigação e do ponto de vista sobre o qual é analisado/teorizado.

Entre os estudiosos em antropologia com os quais Benveniste entretém relações de filiação, citamos aqui Edward Sapir (1884-1939) e Lévi-Strauss (1908-2009). Benveniste os cita com relativa frequência ao longo de sua *formulação* teórica⁷⁵, às vezes de modo elogioso⁷⁶, considerando suas descrições, às vezes de modo questionador/crítico⁷⁷, *(re)formulando* as problemáticas por seu ângulo de análise e *reconstruindo*-as semanticamente tendo em vista a *significação*.

Com Lévi-Strauss (1908-2009), Benveniste manteve, a partir de 1948, estreita relação profissional e de amizade. Nesse ano, Lévi-Strauss defendeu sua tese e Benveniste foi um dos membros de sua banca de avaliação⁷⁸. No livro *Antropologia Estrutural*, Lévi-Strauss faz constantes menções ao trabalho de Benveniste, em especial, ao artigo “Natureza do signo linguístico” (2005[1939]). Em 1961, eles fundaram, com o geógrafo francês Pierre Gourou (1900-1999), a revista *L’Homme: Revue Française d’Anthropologie*. Esse gesto, em si, indicia

⁷⁵ Confira, por exemplo, com relação a Sapir, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1952-1953], p. 115-121; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1965a], p. 76; 2006[1966b], p. 110; 2006[1967], p. 158; 2006[1968a], p. 15; 2006[1968b], p. 94. Já com relação a Lévi-Strauss, confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1954a], p. 13; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1968c], p. 35; 2006[1970b], p. 278.

⁷⁶ Por exemplo: “a língua paiute meridional [...], da qual Edward Sapir fez uma descrição magistral” (2006[1966b], p. 110); “é a que visa a classificação mais elaborada até hoje proposta, a de Sapir” (2005[1952-1953], p. 119).

⁷⁷ Por exemplo: “será possível destacar, no aparato da cultura, estruturas formais do tipo das que Lévi-Strauss introduziu nos sistemas de parentesco? É o problema do futuro” (2005[1954a], p. 13). Outro exemplo: retomando a relação língua e sociedade proposta por Sapir, Benveniste diz: “dever-se-ia portanto concluir que língua e sociedade não são isomórficas, que sua estrutura não coincide, que suas variações são independentes, e se limitar a constatar esta discordância” (2006[1968b], p. 94).

⁷⁸ Em carta a Jakobson, Lévi-Strauss diz que Benveniste era o único membro do júri de sua tese capaz de entender o que ele queria fazer.

a relação contundente que Benveniste mantém com as Ciências Humanas, em particular, nesse caso, com a Antropologia. Tanto é assim que, em 1968, quando questionado, em entrevista, por Guy Dumur, sobre “o que um antropólogo como Lévi-Strauss pode dar à linguística?”, Benveniste responde que:

[...] [é] sempre útil ver como um **etnólogo** conceptualiza as categorias sociais [...]. Nas línguas das sociedades arcaicas, o que se conhece delas, são textos, transmitidos oralmente, lendas ou mitos, são textos tradicionais, não simples narrações. [...] Neste sentido, se está muito mais perto da realidade vivida, da experiência. Deste ponto de vista, as análises dos **etnógrafos** podem ser muito esclarecedoras (BENVENISTE, 2006[1968c], p. 35-36, grifo nosso).

Interessante notar, aqui, o jogo empreendido entre a pergunta de Dumur e a resposta dada por Benveniste, nas quais os termos “antropólogo”, “etnólogo” e “etnógrafos” são colocados em relação. De acordo com Lévi-Strauss, “[...] etnografia, etnologia e antropologia não constituem três disciplinas diferentes, ou três concepções diferentes dos mesmos estudos. São, de fato, três etapas ou três momentos de uma mesma pesquisa” (1989[1952], p. 396). A “etnografia” corresponde, para Lévi-Strauss, à fase inicial da pesquisa, que compreende a observação, a classificação, a descrição e a análise dos fenômenos culturais particulares. A “etnologia”, por seu turno, equivale à análise comparativa dos dados obtidos na fase inicial. A “antropologia”, por fim, representa a última etapa da pesquisa, na qual se sintetizam as análises empreendidas nas fases anteriores e se produzem conclusões a diferentes sociedades. Observemos: Benveniste, em sua resposta, cita as fases das pesquisas antropológicas e, em que medida, elas são “esclarecedoras” ao linguista.

Em 1970, Benveniste publicou “Dois modelos linguísticos da cidade”, no livro *Échanges et communications: mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire*. Nesse artigo, Benveniste analisa a relação intralinguística entre o termo de base e um derivado, especificamente, entre a da noção *civitas* que é derivada de *civis*. Em sua análise, Benveniste constata o equívoco da tradução de *civis* por cidadão, sendo seu sentido o de concidadão. Na sequência, coloca em relação *civis* e *hostis*, os quais estão em dependência recíproca. Posteriormente, relaciona o grego *pólis* (cité) e *polítes* (citoyen). Em sua análise, o autor verifica que esses termos se contrapõem um ao outro, dado que, em latim, *civis* qualifica o homem em relação mútua e, em grego, *polítes*, termo derivado, designa o participante humano. Ao final, ele assevera: “esta conclusão, fruto de uma análise interna, deveria ser o ponto de partida de um novo estudo comparado das próprias instituições” (2006[1970b], p. 286).

Benveniste e Lévi-Strauss empenham-se, cada qual em sua área de atuação, na tarefa de fundar uma Ciência Geral do Homem. Nessa medida, o convite benvenistiano de realizar “um novo estudo comparado das próprias instituições” coloca em relação as disciplinas que fundam essa ciência, em especial, a Linguística, uma vez que, para ele, esse “novo estudo comparado” deve partir do estudo da *língua*, o que introduzirá uma mudança de perspectiva na análise das instituições e alçará a Linguística à posição central no seio da Semiologia e *reinserindo-a* entre as Ciências Gerais do Homem. Nas palavras de Benveniste: “consideramos aqui um outro tipo de comparação [entre língua e sociedade], a partir da língua. [...] A partir desse fato, uma mudança de perspectiva é introduzida na pesquisa”, isso porque, conforme o autor, “[...] a maneira como se configura na língua essa relação nocional evocará no campo das realidades sociais a possibilidade (é tudo o que se pode dizer *a priori*) de uma situação paralela” (2006[1970b], p. 278-279).

Lévi-Strauss, leitor do *Curso de Linguística Geral*, crítico da arbitrariedade do signo linguístico tal como proposto por Saussure, admirador do trabalho teórico de Benveniste e de Jakobson, inspirou-se na Linguística, em seus métodos de análise estruturais, para analisar, a partir de uma lógica de sistema, a “cultura”. Sobre as relações estabelecidas com alguns linguistas, Lévi-Strauss pontua:

[...] durante nossas discussões, pareceu-me que os motivos que incitaram os **antropólogos e linguistas** a se reunir não eram de mesma natureza, e que estas diferenças iam às vezes até a contradição. Os **linguistas** não cessaram de nos explicar que a orientação atual de sua ciência os inquietava. **Temem perder o contato com as outras ciências do homem, inteiramente ocupados que estão com as análises onde intervêm noções abstratas** [...] Os linguistas – e sobretudo, entre eles, os estruturalistas – se interrogam: que estudam, na realidade? Que é esta coisa linguística que parece se despregar da cultura, da vida social, da história e até destes homens que falam?” (LÉVI-STRAUSS, 1989[1952], p. 87, grifo negrito nosso).

Dessa citação, interessa-nos, sobretudo, a *formulação* de Lévi-Strauss na qual ele assinala que alguns linguistas “temem perder o contato com as outras ciências do homem”, por isso o diálogo com a Antropologia. De nossa perspectiva, por colocar a *significação* no centro de suas preocupações, é inevitável a Benveniste estabelecer relações fortes com outras áreas das Ciências Humanas, entre elas, a Antropologia, para teorizar, por exemplo, sobre o que é o homem na *língua*.

Com relação ao conceito “cultura” mobilizado por Lévi-Strauss ao longo de seus estudos, vejamos duas citações que julgamos representativas de seu ponto de vista.

[...] a noção de “cultura” é de origem inglesa, posto que se deve a Tylor tê-la definido a primeira vez como: “este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume, e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Ela relaciona-se pois com as diferenças características existentes entre o homem e o animal, dando assim origem à oposição, que ficou clássica desde então, entre *natureza e cultura* (LÉVI-STRAUSS, 1989[1954], p. 397, grifo itálico do autor e negrito nosso).

[...] toda cultura pode ser considerada como um **conjunto de sistemas simbólicos**, à frente dos quais situam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos esses sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e, mais ainda, as relações que esses dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros (LÉVI-STRAUSS, 2003[1950], p. 19, grifo negrito nosso).

O conceito “cultura”, em Lévi-Strauss, relaciona as dualidades “animal”/“homem” e “natureza”/“cultura”, as quais permearam os estudos antropológicos da época. Além disso, em vista de sua vertente estruturalista, o autor considera “cultura” como “um conjunto de sistemas simbólicos” estruturado “à frente dos quais situam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião”. Nessa medida, para o autor, a “linguagem” compõem o sistema simbólico da cultura.

Conforme veremos, o conceito “cultura” cunhado por Lévi-Strauss aproxima-se do conceito *cultura* de Benveniste, na medida em que coloca em relação as dualidades “animal”/“homem” e “natureza”/“cultura” e na medida em que o considera um sistema simbólico. Contudo, diferencia-se/afasta-se, sobremaneira, no que concerne à relação entre *língua* e *cultura*, uma vez que, para Benveniste, o sistema semiológico da *língua* é o sistema *interpretante* de todos os demais sistemas, inclusive, da *cultura* (cf. 2006[1969a]). Nessa medida, a *língua* é produtora de *cultura*. Para Lévi-Strauss, contrariamente a isso, a “linguagem” é parte da cultura e, como parte, simboliza a cultura.

Sapir (1884-1939), por seu turno, define “cultura”, em 1921, como “‘o que’ a sociedade faz e pensa” (1980[1921], p. 171). Segundo o antropólogo e linguista alemão: “a língua não existe separada da cultura, isto é, do conjunto socialmente herdado de práticas que determina a textura de nossas vidas” (SAPIR, 1980[1921], p. 165). Os estudos de Sapir propiciaram vultosas reflexões sobre a relação entre “língua” e “cultura” e contribuíram, assim, para desconstruir a crença, forte naquele período, de que o desenvolvimento cultural resulta da ideia de “civilização”. Em outros termos: não há, para Sapir, sociedades ditas superiores culturalmente frente a outras sociedades consideradas “primitivas”. Além disso, em 1924, Sapir, no artigo “Cultura: autêntica e espúria”, salienta que “não existe oposição real, no fim das contas, entre

o conceito de uma cultura do grupo e o conceito de uma cultura individual. Os dois são interdependentes” (2012[1924], p. 48). Essa tomada de posição do autor coloca o indivíduo na posição de agente no todo cultural; logo, há indivíduo porque há grupo social, a existência de ambos se dá de modo simultâneo e interdependente.

Ante ao exposto, a relação que Benveniste estabelece, em sua teorização, com os estudos de Sapir, de nosso ponto de vista, é de filiação por aproximação/deslocamento. Por exemplo, no que concerne à relação entre *língua* e *sociedade*, Benveniste diz que a argumentação de Sapir nos leva a concluir que “língua e sociedade não são isomórficas, que sua estrutura não coincide, que suas variações são independentes, e se limita[r] a constatar esta discordância” (2006[1968b], p. 94). Benveniste, ao discorrer sobre essa relação, concorda com Sapir com relação à natureza não-isomórfica dessas duas entidades. Contudo, Benveniste pontua que “[...] a maneira pela qual este problema foi debatido até agora não nos aproxima muito de uma solução” (2006[1968b], p. 95), propondo-se, portanto, a analisar essa relação a partir da distinção entre *nível histórico* e *nível fundamental*. No *nível histórico*, não há homologia possível, mas no *nível fundamental* é possível perceber homologias (cf. BENVENISTE, 2006[1968b], p. 96).

Além de Benveniste, outros teóricos, no campo da Linguística, enveredaram-se sobre o estudo da relação entre *língua* e *sociedade*, tais como Meillet. Em seus estudos, Meillet definiu, “influenciado”⁷⁹ pelos estudos de Durkheim⁸⁰, a “língua” como fato social (cf. MEILLET, 1948[1921], p. 230). Para Meillet, as análises linguísticas de seu tempo, por desconsiderarem a natureza social da linguagem, eram limitadas em suas exposições. Sobre essa questão, diz ele:

[...] os procedimentos pelos quais se realizam os fatos da língua tornaram-se em parte mais claros, porém as causas que os determinam permanecem obscuras; observa-se melhor como as línguas se desenvolvem, mas continua-se a ignorar quais ações determinam as inovações e as conservações cujo conjunto constitui a história da linguagem” (MEILLET, 1948[1921], p. 232).

Meillet defende, assim, que:

[...] se o meio no qual evolui a linguagem é um meio social, se o objetivo da linguagem é permitir as relações sociais, se a linguagem é mantida e conservada somente por essas relações, se enfim os limites das línguas tendem

⁷⁹ Dizemos “influenciado” com aspas porque não se trata de uma ação exercida por Durkheim sobre Meillet; o gesto de leitura de Meillet o leva a se filiar, em certo sentido, ao pensamento de Durkheim. Trata-se, antes de tudo, de teorizar, a partir do ponto de vista da Linguística, o conceito “fato social” concebido do ponto de vista da Sociologia. Para tanto, o movimento de inscrever esse conceito na Linguística suscita sua (*re*)significação.

⁸⁰ Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo francês, um dos fundadores da Sociologia Moderna. Seus estudos contribuíram sobremaneira para a sistematização científica dessa ciência. Para ele, a tarefa da Sociologia é estudar os *fatos sociais*, de modo a voltar-se aos aspectos gerais e não individuais dos sujeitos.

a coincidir com aqueles dos grupos sociais, é evidente que as causas das quais dependem os fatos linguísticos devem ser de natureza social (MEILLET, 1948[1921], p. 232).

Essa tomada de posição do autor imprime, no espaço político-simbólico da Linguística, outras possibilidades de análise e de compreensão da relação entre “língua” e “sociedade”.

Diante do exposto, Benveniste, em sua rede de filiações, dialoga, de nossa perspectiva, com concepções de “cultura” elaboradas no campo da Antropologia e da Linguística, a fim de formular seu conceito *cultura*. Consideramos que o *acontecimento* da distinção benvenistiana entre os dois modos de significância da *língua*, bem como a diferenciação entre *designar* e *significar*, a qual recorrentemente Benveniste pondera, dão nova luz à relação entre *língua* e *cultura*, já abordada anteriormente⁸¹, mas que, na teorização benvenistiana, inscrita no espaço político-simbólico da Linguística, é (*re*)significada considerando o ponto de vista teórico adotado, o da *significação*, que, em nosso gesto de leitura, possui como base o trinômio em análise: *língua, cultura, personalidade*.

Sobre essa relação entre *língua* e *cultura* na teorização benvenistiana, diz Perrot (1984, p. 23, tradução nossa) que: “[a] ideia da solidariedade estreita entre língua e cultura é uma das principais ideias que Benveniste expressou com frequência em muitas fórmulas”⁸². Embora Perrot (1984) assim se expresse, em muitas leituras da obra de Benveniste, em *circulação* no espaço político-simbólico da Linguística, o conceito em análise nem figura como importante ao corpo de definições desse teórico. Tradicionalmente, Benveniste é considerado o precursor dos estudos da *enunciação*, sendo citado sobremaneira no que se refere às suas definições desse conceito. Esse modo de *circulação* da obra benvenistiana o significa como o teórico da enunciação, emoldurando-o nesse lugar. Contudo, tal como buscamos refletir nesta tese, em nosso gesto de leitura, a obra benvenistiana vai além do que a tradição consagrou a ele, dado que elabora uma teorização linguística que o particulariza frente aos teóricos do seu tempo, a qual tem por centro de interesse a *significação*. Nesse sentido, o conceito *cultura* é basilar em sua teorização, uma vez que o distancia das descrições puramente abstratas e da separação entre homem e *língua*, porque particulariza sua compreensão de *significação*, a qual implica relacionar *língua* e homem, o que o leva a teorizar sobre a *cultura*. No gesto de leitura consagrado pela tradição, o conceito *cultura* permanece apagado, silenciado.

⁸¹ Cf. Sapir (1980[1921]).

⁸² No original: « [...] l’idée de la solidarité étroite entre langue et culture est une des idées maitresses de benveniste il l’a souvent exprimée dans des formules très » (PERROT, 1984, p. 23).

3.3 O CONCEITO *CULTURA* NA TEORIZAÇÃO BENVENISTIANA

Neste tópico, propomo-nos analisar as *formulações* de Émile Benveniste, presentes nos *Problemas de Linguística Geral I e II*, nas quais o conceito *cultura* figura, quer explicitamente, quer implicitamente. Examinamos a *formulação* do conceito e interpretamo-las de modo a compreender os possíveis efeitos de sentidos produzidos em vista de sua *constituição* e *circulação* (cf. ORLANDI, 2012, p. 9). Assim procedendo, trabalhamos o como a elaboração de Benveniste inscreve-se no espaço político-simbólico da Linguística como uma produção autoral, que permanece produzindo efeitos na história das ideias linguísticas.

3.3.1 O CONCEITO *CULTURA* NOS *PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL I*

PRIMEIRA PARTE – TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA

CAPÍTULO 1. TENDÊNCIAS RECENTES EM LINGUÍSTICA GERAL

Esse capítulo, que abre os *Problemas de Linguística Geral I*, constitui um artigo publicado no *Journal de Psychologie*⁸³, em Paris, em 1954. Essa revista francesa da área de Psicologia, editada e publicada de 1904 até 1986, adquiriu grande prestígio internacional ao longo dos anos. Observamos, assim, que a obra de Benveniste *circula* em espaços outros de estudo e pesquisa científica, não se restringindo ao domínio de divulgação da Linguística.

Benveniste, nesse trabalho, apresenta “um panorama das recentes pesquisas sobre a teoria da linguagem e das perspectivas que elas abrem” (Prefácio dos *Problemas de Linguística Geral I*). Segundo ele, a multiplicação considerável de trabalhos na área da Linguística (*re*)vela “as profundas transformações que há alguns anos vem sofrendo o método e o espírito da

⁸³ O *Journal de Psychologie: normale et pathologique* foi fundado por Pierre Janet e Georges Dumas em 1903, sendo considerado um dos principais periódicos franceses de Psicologia, com renome internacional. O artigo de Benveniste figura em oitavo lugar no volume de jan.-juin. de 1954, o qual foi dirigido por P. Guillaume e I. Meyerson. O referido volume tem como temática: « La Psychologie du XX^e siècle ». Os estudos divulgados nesse volume versam, em especial, sobre o contexto da Psicologia no século XX, abordando questões da Psicologia relacionadas com história, estrutura, pensamento, afasia, arte, linguística etc. Em certo sentido, o trabalho de Benveniste, se tomado em relação aos títulos desse volume, destoa dos demais. Contudo, na análise de sua *formulação*, é possível compreendermos que o fato mesmo de figurar num periódico voltado à Psicologia diz muito da Linguística Geral proposta por Benveniste. Trata-se de uma Linguística que, alçada à posição central no seio da Semiologia, *circulou* entre estudiosos das diferentes áreas das Ciências Humanas que, em certa medida, demandam da Linguística seus métodos. Relembremos os dizeres de Benveniste: “Comprova-se, ao mesmo tempo, que esses métodos novos da linguística assumem o valor de exemplo e mesmo de modelo para outras disciplinas” (2005[1963b], p. 19) e “As ciências vizinhas seguem esse progresso e cooperam com ele, por sua conta, inspirando-se nos métodos e às vezes na terminologia da linguística” (2005[1954a], p. 32).

linguística e os conflitos que a dividem hoje” (2005[1954a], p. 4). Benveniste cita alguns estudos, dentre os quais se destacam os de Saussure e os de Bloomfield, perspectivas distintas, porém muito significativas naquela época por sua *circulação* e por sua dominância no espaço político-simbólico da Linguística. Ao final, o autor apresenta algumas perspectivas futuras para as pesquisas na Linguística.

Esse artigo, apresentado na primeira parte dos *Problemas de Linguística Geral I*, intitulada “Transformações da Linguística”, constitui o primeiro capítulo da obra em análise. O fato de Benveniste colocá-lo como texto de abertura de sua obra, em si, é bastante significativo, dado que dá a ver, ao seu leitor, certos caminhos pelos quais a Linguística percorreu até ali e certas possibilidades de desenvolvimento. Entre essas possibilidades, lemos aquela a que, de nosso ponto de vista, Benveniste executa ao longo de sua teorização e constitui, em si, uma transformação no espaço político-simbólico de pesquisa daquela época. Saussure, ponderando sobre a Semiologia, ciência que estuda os “signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 24), defende que “a Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral” (2006[1916], p. 24). Benveniste, por seu turno, defende a existência de uma “Ciência da Cultura”, na qual a Linguística se insere, uma vez que ela possui como objeto “a língua como fundamento de toda vida de relação” (2006[1968a], p. 26). Assim sendo, é possível ler que, para Benveniste, a “Ciência da Cultura” abarcaria as Ciências Humanas e, entre elas, a Linguística. É possível, também, a partir da leitura do texto “Semiologia da língua” (2006[1969a]), conceber que “Ciência da Cultura” parafraseia discursivamente “Semiologia Geral”.

Desse artigo, analisamos o recorte 1 e 2 abaixo. No recorte 1, Benveniste, discorrendo sobre os estudos linguísticos predominantes naqueles últimos anos, retoma os trabalhos de Harris (1951) e de Bloomfield (1933) ponderando que as perspectivas por eles adotadas na análise linguística, por focalizarem a descrição formal das línguas a partir de um aparato metodológico “quase matemático” (2005[1954a], p. 11), desconsideram a *significação* em prol de uma busca por cientificidade. Nos dizeres de Benveniste: “admite-se, por princípio, que a análise linguística, para ser científica, deve abster-se da significação e prender-se unicamente à definição e à distribuição dos elementos” (2005[1954a], p. 12). Na sequência, ele assinala:

RECORTE 1:

[...] quanto à relação entre a expressão e o mundo, é um problema que se deixa para os especialistas do universo físico. “O sentido (*meaning*) de uma forma linguística”, diz Bloomfield, “se define como a situação na qual o falante a enuncia e a resposta

que ela provoca no ouvinte” (*Language*, p. 139). E Harris insiste na dificuldade de analisar as situações: “Não há atualmente nenhum método para medir as situações sociais e para identificar unicamente as situações sociais como compostas de partes constituintes, de tal modo que possamos divisar o enunciado linguístico que sobrevém nessa situação social, ou que a ela corresponde, em segmentos que corresponderão às partes constituintes da situação. De maneira geral, não podemos atualmente fiar-nos em nenhuma subdivisão natural ou cientificamente controlável do campo semântico da cultura local, porque não existe no momento nenhuma técnica para esse tipo de análise completa da cultura em elementos discretos: ao contrário, a linguagem é que é uma das nossas principais fontes de conhecimento da cultura (ou do *mundo da significação*) de um povo e das distinções ou divisões que aí se praticam” (op. cit., p. 188). **É de temer-se que, se esse método deve generalizar-se, a linguística não possa jamais reunir-se a nenhuma das outras ciências do homem e nem da cultura.** A segmentação do enunciado em elementos discretos não leva a uma análise da língua, da mesma forma que uma segmentação do universo físico não leva a uma teoria do mundo físico. Essa maneira de formalizar as partes do enunciado arrisca-se a acabar numa nova atomização da língua, pois a língua empírica é o resultado de um processo de simbolização em muitos níveis, cuja análise nem foi ainda tentada; o “dado” linguístico não é, sob esse aspecto, um dado primeiro, do qual bastaria dissociar as partes constitutivas: é, já, um complexo, cujos valores resultam uns das propriedades particulares de cada elemento, outros das condições de sua organização, outros ainda da situação objetiva. Pode-se, pois, conceber muitos tipos de descrição e muitos tipos de formalização, mas **todos devem necessariamente supor que o seu objeto, a língua, é dotado de significação, que em vista disso é que é estruturado, e que essa condição é essencial ao funcionamento da língua entre os outros sistemas de signos.** É difícil imaginar o que resultaria de uma segmentação da cultura em elementos discretos. **Numa cultura, como numa língua, há um conjunto de símbolos cujas relações é necessário definir.** Até aqui, a ciência das culturas permanece forte e deliberadamente “substancial”. Será possível destacar, no aparato da cultura, estruturas formais do tipo das que Lévi-Strauss introduziu nos sistemas de parentesco? É o problema do futuro. Vê-se em todo caso como será necessária, para o conjunto das ciências que operam com formas simbólicas, uma investigação das propriedades do símbolo. As pesquisas iniciadas por Pierce não foram retomadas e é uma pena. **É do progresso na análise dos símbolos que se poderia esperar principalmente uma compreensão melhor dos complexos processos de significação na língua e provavelmente também fora da língua. E uma vez que esse funcionamento é inconsciente, como é inconsciente a estrutura dos comportamentos, psicólogos, sociólogos e linguistas associariam com vantagem os seus esforços nessa pesquisa** (2005[1954a], p. 12-13, grifo itálico do autor e negrito nosso).

No recorte 1, Benveniste, após citar Bloomfield e Harris, assinala: “**É de temer-se** que, se esse método deve generalizar-se, a linguística **não** possa **jamais** reunir-se a **nenhuma** das outras ciências do homem e **nem** da cultura”. Nessa *formulação* em destaque, o “É de temer-se”, bem como as quatro negativas negritadas, produzem efeitos de crítica ao posicionamento teórico de Bloomfield e de Harris, linguistas expoentes em sua época, os quais, em suas

pesquisas, expurgam da análise linguística a *significação* em prol de um método de pesquisa baseado na definição e na distribuição dos elementos discretos. Essa retomada aos estudos desses linguistas marca, desde já, o posicionamento de Benveniste em relação àquilo que é fundamental, de seu ponto de vista, à análise linguística: a *significação*. Nas palavras do autor: “todos devem necessariamente supor que o seu objeto, a língua, é dotado de significação, que em vista disso é que é estruturado, e que essa condição é essencial ao funcionamento da língua entre os outros sistemas de signos”.

No que concerne ao recorte 1 em análise, lemos nele uma paráfrase discursiva entre as obras de Lévi-Strauss e de Benveniste. Enquanto o primeiro diz, “**Temem** perder o contato com as outras **ciências do homem**, inteiramente ocupados que estão com as análises onde intervêm noções abstratas (LÉVI-STRAUSS, 1989[1952], p. 87, grifo negrito nosso); Benveniste assinala: “É de **temer-se** que, se esse método deve generalizar-se, a linguística não possa jamais reunir-se a nenhuma das outras **ciências do homem** e nem da cultura”.

A crítica que Benveniste apresenta às pesquisas de Bloomfield e de Harris refere-se ao fato de que, desconsiderando a *significação* e analisando a língua por ela mesma, a Linguística, desse ponto de vista, buscando adequar-se ao “rigor científico” da época, ao estruturalismo ortodoxo em relação de dominância, não possa se reunir às ciências “do homem” e “da cultura”. Os sintagmas “ciências do homem” e “ciências da cultura” retomam, a partir das locuções adjetivas, Ciências Humanas e Ciências Culturais, as quais colocam em relação *homem* e *cultura*. Conforme apontamos, Benveniste considera a Linguística uma Ciência Humana, e isso já nesse recorte aparece produzindo efeitos como um saber que se inscreve e inscreve sentidos nessa teorização.

Ainda no recorte 1 em análise, diz Benveniste: “numa **cultura**, como numa **língua**, há um **conjunto de símbolos** cujas relações é necessário definir”. Benveniste propõe a necessidade de se (*re*)pensar a relação *língua* e *cultura*, dado que ambas (com)portam um “conjunto de símbolos”. Do ponto de vista de Benveniste, tanto *língua* quanto *cultura* lidam com formas simbólicas a partir das quais são estruturadas; são, portanto, sistemas semiológicos que precisam ser considerados em sua relação. Nesse mo(vi)mento de *formulação* teórica, Benveniste cita os estudos do antropólogo Lévi-Strauss, questionando que: “será possível destacar, no aparato da cultura, estruturas formais do tipo das que Lévi-Strauss introduziu nos sistemas de parentesco? É o problema do futuro”. Essa citação, no gesto de leitura que empreendemos dessa *formulação*, não nos passa despercebida, dado que, o conceito *cultura* que Benveniste formula aproxima-se daquele forjado pelo antropólogo Lévi-Strauss, embora deste se destaque.

Outra menção importante, no recorte 1 em tela, é a que Benveniste faz a Pierce. Diz Benveniste: “[...] as pesquisas iniciadas por Pierce não foram retomadas e é uma pena. É do progresso na análise dos símbolos que se poderia esperar principalmente uma compreensão melhor dos complexos processos de significação na língua e provavelmente também fora da língua”. Não só nesse trabalho, mas também em outros, Benveniste lamenta ainda faltar “um estudo aprofundado sobre o pensamento simbólico de Peirce” (2014[2012], p. 98), mas reconhece as “limitações” de sua pesquisa, a qual “nunca se interessou pelo funcionamento da língua” (2014[2012], p. 93). O fato de Peirce voltar-se à análise dos símbolos pode, para Benveniste, melhor elucidar os “complexos processos de significação na língua e provavelmente também fora da língua”. Por essa *formulação* podemos ler: na *língua* e na *cultura*. Essa tomada de posição particular possibilita a Benveniste afastar-se da “atomização da língua”, tal como ele (d)enuncia em relação à Linguística de Bloomfield e de Harris. Possibilita-o, assim, afastar-se da análise da língua pela língua, pensando-a em seu funcionamento, o qual coloca em jogo a *significação*, por isso a compreensão das propriedades do símbolo é tão importante para Benveniste, dado que tanto *língua* quanto *cultura* lidam com um conjunto de símbolos.

Ao final desse recorte, Benveniste, ressaltando a complexidade dos processos de *significação*, cita que “psicólogos, sociólogos e linguistas associariam com vantagem os seus esforços nessa pesquisa”. Benveniste analisa a problemática da *significação* do ponto de vista do linguista, contudo admite que outros estudiosos, de áreas distintas das Ciências Humanas, dedicam-se, cada qual com suas particularidades, à sua análise; tanto o é que esse artigo é publicado em uma revista de Psicologia. Essa recorrência em Benveniste em dirigir-se a outros estudiosos das Ciências Humanas, de certa forma, constitui um convite a esses estudiosos para “se unirem, sob a égide da linguística” (NORMAND, 2006, p. 14), em uma Semiologia Geral. Uma *formulação* benvenistiana que resume bem essa questão é a seguinte:

[...] para que a língua possa preencher este papel de interpretante que é inicialmente e do ponto de vista puramente literal fazer existir o interpretado e transformá-lo em noção inteligível, a língua deve preencher duas condições face à sociedade. Visto que esta sociedade é da natureza humana fixada em instituições e modelada pela técnica, pelas condições da produção, a sociedade está apta a se diferenciar ou a evoluir constantemente, ora lenta, ora muito rapidamente. Mas o interpretante não deve mudar enquanto tal, permanecendo capaz de registrar, de designar e mesmo de orientar as mudanças que sobrevêm no interpretado. Aí está uma condição de **semiologia geral**. Um princípio que eu gostaria de colocar é que dois sistemas semióticos não podem coexistir em condição de homologia, se eles são de natureza diferente; eles não podem ser mutuamente interpretantes um do outro, nem ser conversíveis um no outro (BENVENISTE, 2006[1968b], p. 98, grifo nosso).

Em nosso gesto de leitura, consideramos que Benveniste, no recorte 1 em análise, retoma as teorizações de Bloomfield, Harris, Lévi-Strauss e Pierce de modo a marcar uma diferença/um afastamento com relação a esses e a constituir, a partir de um ponto de vista distinto, um lugar próprio no domínio da Linguística. Nessa medida, é possível dizer, retomando Pêcheux (1995), que a teoria de Benveniste é uma teoria da teoria produzida por outros e com a qual ela rompe, dado que, ao retomá-los, mesmo negando-os, a teorização benvenistiana, mantendo-se no lugar da Linguística, por contemplar a análise de seu objeto, produz uma diferença e constitui-se nesse lugar.

No recorte 2, Benveniste, apontando as relações que a Linguística entretinha com as outras áreas das Ciências Humanas, cita Meillet, em sua *formulação*, no que concerne à sua pesquisa sobre a relação entre estrutura social e estrutura linguística⁸⁴. Benveniste diz:

RECORTE 2:

[...] a despeito de algumas tentativas (Sommerfelt), esse programa não foi cumprido pois, à própria medida que se tentava comparar sistematicamente a língua e a sociedade, apareciam as discordâncias. Descobriu-se que a correspondência de uma e de outra era constantemente perturbada sobretudo pela difusão, tanto na língua como na estrutura social, de modo que sociedades de cultura semelhante podem ter línguas heterogêneas, assim como línguas muito vizinhas podem servir para a expressão de culturas inteiramente dessemelhantes. **Levando mais longe a reflexão, encontram-se os problemas inerentes à análise da língua, de um lado, da cultura de outro, e os da “significação”, que lhes são comuns;** em suma, exatamente os mesmos que acima lembramos. Não quer isso dizer que o plano de estudos indicado por Meillet seja irrealizável. O problema consistirá antes em descobrir a base comum à língua e à sociedade, os princípios que regem essas duas estruturas, definindo-se primeiro as unidades que, numa e noutra, se prestariam à comparação, ressaltando-se-lhes a interdependência. Há naturalmente maneiras mais fáceis de abordar a questão, mais que na realidade a transformam; por exemplo, o estudo da impressão cultural na língua. Na prática, limitamo-nos ao léxico. Já, então, não é da língua que se trata, mas da composição do seu vocabulário (2005[1954a], p. 15-16, grifo negrito nosso).

É válido ressaltar, de início, que Benveniste, na *formulação* em análise, refere-se, entre parênteses, ao linguista norueguês, também colaborador de Meillet, Alf Sommerfelt (1892-1965), que, afetado pela reflexão de Meillet, propôs análises linguísticas nas quais busca delinear a influência da estrutura social na linguagem, tais como: « Le langage comme instrument social »; « Le langage et les hommes »; « Langage, société et culture »; « La langue

⁸⁴ Esse recorte possui uma estreita relação com outro artigo, publicado por Benveniste em 1968b, intitulado “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, o qual analisamos posteriormente (cf. p. 153).

et la société : caractères sociaux d'une langue de type archaïque ». Sommerfelt foi um dos primeiros teóricos a tentar trilhar o caminho de pesquisa proposto por Meillet. Benveniste vê, nessa tentativa, problemas. Benveniste, que também foi colaborador de Antoine Meillet⁸⁵, embora tenha demonstrado devoção e admiração por este, não deu continuidade ao seu projeto. Benveniste imprime sobre a relação entre *língua* e *sociedade* um olhar autoral e não idealista.

Importante destacar, no recorte 2, as aspas que acompanham a palavra “significação” na *formulação*: “levando mais longe a reflexão, encontram-se os problemas inerentes à análise da **língua**, de um lado, da **cultura** de outro, e os da ‘**significação**’, que lhes são comuns”. De nosso ponto de vista, ao aspear um termo em sua *formulação*, o sujeito-autor “[...]se articula a um discurso, como ele se inscreve em uma formação discursiva, comprometendo-se com uma certa filiação de sentidos, ao fazer certos gestos de leitura, produzindo dessa maneira um texto específico, em seus limites aparentes (ou seja, imaginários)” (ORLANDI, 2012, p. 113). Em outros termos, trata-se de momentos

[...] em que, ao se subjetivar, o sujeito pratica a política do dizer: exclui, liga, inclui, apaga, acentua etc. Tudo isso, na maior parte das vezes, não consciente e intencionalmente, mas premido pela necessidade de, ao textualizar uma discursividade – isto é, colocá-la em uma dimensão bidimensional e achatada, linear –, produzir formulações que são efeitos de memória, afetados pelo esquecimento, pela ideologia. O sujeito não tem acesso ao modo como os sentidos se constituem nele. Ele se filia a sentidos, ele se reconhece neles. E é assim que, ao textualizar uma discursividade, ele produz gestos de interpretação (ORLANDI, 2002b, p. 117).

Em nosso gesto de leitura, ao aspear “significação”, Benveniste joga com os efeitos de sentidos que o conceito pode contrair na presente *formulação*: quais problemas da “significação” são comuns à *língua* e à *cultura*? Que “significação” é essa a qual ele se refere? Ao longo de sua teorização, Benveniste salienta que a relação entre *língua* e *sociedade* não é simples, porque uma e outra são herdadas; uma e outra não existem *a priori*; uma e outra não estão em relação direta com o mundo. Segundo o autor, recebemos a *língua* e a *cultura* do *outro* e nos tornamos humanos na relação com o *outro*; sendo assim, qualquer modo de simbolização, de acordo com ele, já é nessa relação, dado que “pela **língua**, o **homem** assimila a **cultura**, a perpetua ou a transforma” (BENVENISTE, 2005[1963b], p. 32).

Nessa medida, para ele, a relação *língua* e *cultura* não é de natureza horizontal e homóloga, dado que, cada uma, à sua maneira, como sistema semiológico que é, possui características próprias: a *cultura* recebe realidade na e pela *língua*, ela é produtora de

⁸⁵ Benveniste sucedeu a Antoine Meillet, em 1927, na *École Pratique des Hautes Études*, e, em 1937, no *Collège de France*, em ambos os casos, na cátedra de Gramática Comparada.

significação e engloba em si diferentes sistemas semiológicos; entretanto, é a significância da *língua* que funda a própria possibilidade da *cultura* (cf. BENVENISTE, 2006[1969a], p. 60). Sendo assim, *língua* e *cultura* são sistemas semiológicos cujos valores produzem *significação*: eis o ponto de encontro entre esses conceitos na teorização benvenistiana.

Outro aspecto importante de ser ressaltado, no recorte 2, relaciona-se à seguinte *formulação*: “o problema consistirá antes em descobrir a base comum à língua e à sociedade, os princípios que regem essas duas estruturas, definindo-se primeiro as unidades que, numa e noutra, se prestariam à comparação, ressaltando-se-lhes a interdependência” - isso é o que Benveniste fez em 2006[1968b], 14 anos após a publicação do artigo em análise, no texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, dando “decorrência”⁸⁶ ao plano de estudos indicado por Meillet.

PRIMEIRA PARTE – TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA

CAPÍTULO 2. VISTA D’OLHOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LINGUÍSTICA

Publicado em 1963⁸⁷, na *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*⁸⁸, em Paris, Benveniste analisa, nesse artigo, “como e porque a Linguística se transformou assim, a partir de seus inícios” (2005[1963b], p. 20). Segundo o autor, a Linguística nasce da filosofia grega, embora, nesse contexto, “a língua permaneceu objeto de especulação, não de observação” (2005[1963b], p. 20). No fim do século XIX, com a “descoberta” do sânscrito, uma nova fase inicia-se nos e para os estudos da linguagem: a gramática comparada. Durante muito tempo, a Linguística reduziu-se a uma genética de línguas. Após Saussure, o método linguístico foi renovado e possibilitou outros rumos às pesquisas. Uma outra noção de “língua” emerge com

⁸⁶ “Decorrencia” não significa concordância ou desenvolvimento, mas busca por aquilo que seria comparável entre as entidades *língua* e *sociedade*.

⁸⁷ Embora conste, tanto na publicação francesa quanto na publicação brasileira, o ano de 1963 como ano de publicação desse artigo, o texto pertence à “Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres”, 106^e année, n. 2, 1962, p. 369-380, apresentado, exatamente, na sessão pública anual do dia 23 de novembro de 1962.

⁸⁸ A *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* foi fundada em 1663 e tinha o intuito de compor as *inscrições* e *divisas* dos monumentos erguidos por Luís XIV e das medalhas cunhadas em sua homenagem. A partir de 1701, passou a lidar com toda a história da França e a compor as medalhas de seus principais eventos. De 1717 a 1783, passaram a ser escritas as *Mémoires de l’Académie*, que incluíam estudos de história, arqueologia, linguística etc. Em 1807, teve por missão continuar a *Histoire littéraire de la France*. Benveniste, em 1960, foi eleito, em apresentação única, membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, por indicação de seu amigo Louis Renou. Na ocasião, Benveniste substituiu Joseph Vendryes (1875-1960), que ocupava o lugar da Linguística. Os membros dessa *Academia* são distribuídos em quatro grupos, a saber: “orientalistas”, “do mundo antigo”, “medievalistas” e “diversos”. Benveniste, juntamente com Antoine Meillet e Georges Dumézil, fez parte do grupo “diversos”, que reúne linguistas, historiadores da lei, historiadores das religiões, historiadores do pensamento e pré-historiadores.

a *circulação* do *Curso de Linguística Geral* (cf. 2005[1963b], p. 21). Essa terceira fase da Linguística toma por objeto “a realidade intrínseca da língua [...] Trata-se, com efeito, de saber em que consiste e como funciona uma língua” (2005[1963b], p. 22). Ao fazê-lo, os linguistas depararam-se com o princípio fundamental da linguística moderna: “a língua forma um sistema [...] é um arranjo sistemático de partes” (2005[1963b], p. 22) – foi possível, assim, conceber a Linguística como ciência, dada a delimitação de seu objeto e a possibilidade de produzir um saber sobre a língua para além de seu uso particular.

Interessante notar que esse artigo, assim como outros de Benveniste, é dividido em duas partes, não intituladas. Na parte I, conforme a síntese exposta, Benveniste explana, de modo sucinto, sobre as fases pelas quais a Linguística passou até aquele momento. Nessa parte, há uma recorrência contundente ao pensamento de Saussure. Em seguida, na parte II, Benveniste apresenta “as perspectivas que elas [as pesquisas sobre a teoria da linguagem] abrem” (Prefácio, 2005). Ao apresentar essas perspectivas, Benveniste expõe a posição por ele defendida com relação ao estado da arte, a saber: que a Linguística é uma Ciência Humana. Na sequência, para expor o olhar-leitor a essa questão, analisamos os recortes 3 e 4 recortados da parte II.

No recorte 3, retomando o estudo intitulado “Comunicação animal e linguagem humana” (2005[1952a]), Benveniste estabelece uma distinção entre sinal e símbolo. Segundo ele,

RECORTE 3:

[...] um sinal é um fato físico ligado a um outro fato físico por uma relação natural ou convencional: um relâmpago anunciando a tempestade; sino anunciando a refeição; grito anunciando o perigo. [...] O **homem** também, enquanto **animal**, reage a um **sinal**. Mas utiliza além disso o *símbolo* que é *instituído pelo homem*; é preciso aprender o sentido do símbolo, é preciso ser capaz de interpretá-lo na sua função significativa e não mais, apenas, de percebê-lo como impressão sensorial, pois o símbolo não tem relação natural com o que simboliza. O homem inventa e compreende símbolos; o animal, não. [...] Entre a função sensório-motora e a função representativa, há um limiar que só a humanidade transpôs (2005[1963b], p. 28-29, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Benveniste, no recorte 3 em análise, considera que o sinal é “um fato físico” estabelecido “por uma relação natural ou convencional”; já o símbolo, é “*instituído* pelo homem”, “não tem relação natural com o que simboliza”. A partir dessa distinção, Benveniste mobiliza o trinômio *língua, cultura, personalidade*, dado que, conforme apontamos anteriormente, tanto *língua* quanto *cultura* lidam com um conjunto de símbolos; esses símbolos são “*instituídos*”, “aprendidos” e “interpretados” pelo homem [personalidade]. Nessa

formulação, Benveniste, ao grafar em itálico “símbolo” e “instituído”, joga com os efeitos de sentidos que esses termos engendram. Ao grifar de modo distinto a palavra “símbolo”, a qual aparece acompanhada do artigo definido “o”, Benveniste suprime sentidos possíveis de universalidade – “o símbolo” –, colocando-o em relação com a *cultura*, isso porque, segundo ele, a *cultura* é sempre a *cultura* de uma determinada *sociedade*, sendo assim, não há “o” símbolo, no sentido de totalidade, universal, mas “símbolos” que “o homem inventa e compreende”, levando em conta *língua* e *cultura* dos quais não está apartado. Logo, “símbolo” é, na *sociedade*, na relação indissociável língua-cultura-homem, ou seja, na relação indissociável *língua, cultura, personalidade*.

Ademais, o fato de o *símbolo* ser “*instituído* pelo homem” poderia dar a ler que o homem possui controle sobre a criação/difusão/interpretação de símbolos, o que contradiria a própria teorização de Benveniste. Tanto o é que, na sequência, ele salienta que o homem tem que “aprender o sentido do símbolo” – o sentido não está no homem – e “ser capaz de interpretá-lo” – o sentido se estabelece no jogo *língua, cultura, personalidade*, que coloca em cena as instituições, as quais (con)figuram (n)a *sociedade*, simbolizando-a como uma rede de relações vigentes. As instituições testemunham a identidade da sociedade e “cristalizam” sentidos. Por instituições, Benveniste compreende: “não apenas as instituições clássicas do direito, do governo, da religião, mas também aquelas, menos aparentes, que se desenham nas técnicas, nos modos de vida, nas relações sociais, nos processos de fala e de pensamento” (BENVENISTE, 1995[1969], p. 9). Sendo assim, em seu sentido amplo, refere-se à divisão institucional da *significação*, a qual implica o trinômio em análise.

Outro aspecto importante no recorte 3 é que Benveniste destaca o caráter significativo e representativo do símbolo, o qual não possui “relação natural com o que simboliza”. Essa função simbólica atinge, com a *língua*, sua expressão máxima, dado que somente esse sistema semiológico é simultaneamente dotado de dupla significância: o modo *semiótico*, que compreende o *reconhecimento* e liga-se ao mundo dos signos; e o modo *semântico*, que implica o *compreender* e é engendrado pelo *discurso* (cf. BENVENISTE, 2006[1969a]). Nenhum outro sistema semiológico – entre eles, a *cultura* – é dotado dessa dupla significância; logo, é por isso que a Linguística, para Benveniste, ocupa posição central na Semiologia.

Em nosso gesto de leitura, observamos, no recorte 3, o autor dialogar com a distinção, bastante propalada no campo da Antropologia, entre natureza – “função sensório-motora” – e cultura – “função representativa”. Lévi-Strauss foi um dos antropólogos que se voltou a essa questão, defendendo que: “[...] nenhuma análise real permite apreender o ponto de passagem entre os fatos da natureza e os fatos da cultura, além do mecanismo de articulação deles” (LÉVI-

STRAUSS, 2009[1949], p. 22); “[...] tudo quanto é universal no homem depende da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e [...] tudo quanto está ligado a uma norma pertence à cultura [e] apresenta os atributos do relativo e do particular” (LÉVI-STRAUSS, 2009[1949], p. 22). Isto é, aquilo que é da natureza relaciona-se à “impressão sensorial” e aquilo que é cultural relaciona-se à “função significativa”. Benveniste encaminha sua compreensão nessa direção ao pontuar, no recorte 3, que “entre a função sensório-motora e a função representativa, há um limiar que só a humanidade transpôs”.

Essa questão continuará a aparecer na teorização benvenistiana, como veremos no próximo recorte, também presente no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (2005[1963b]), em sua parte II. Nesse, expondo sobre o poder simbólico da *língua*, que garante a relação homem-mundo, Benveniste assinala que:

RECORTE 4:

[...] de fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura linguística definida e particular, **inseparável** de uma sociedade definida e particular. **Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra.** Uma e outra são *dadas*. Mas também uma e outra são *aprendidas* pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. [...] À medida que se torna capaz de operações intelectuais mais complexas, [a criança] integra-se na *cultura* que a rodeia. **Chamo cultura ao meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização.** Consiste numa multidão de noções e de prescrições, e também em *interdições* específicas; o que numa cultura proíbe a caracteriza ao menos tanto quanto aquilo que prescreve. O mundo animal não conhece proibição. **Ora, esse fenômeno humano, a cultura, é um fenômeno inteiramente simbólico. A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade,** o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? **Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica.** A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. **É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura.** Eis em grandes traços a perspectiva aberta pelo recente desenvolvimento dos estudos de linguística. Aprofundando a natureza da linguagem, descobrindo as suas relações tanto com a inteligência como com o comportamento humano ou os fundamentos da cultura, essa investigação começa a esclarecer o funcionamento profundo do espírito nas suas operações. As ciências vizinhas seguem esse progresso e cooperam com ele, por sua conta,

inspirando-se nos métodos e às vezes na terminologia da linguística. Tudo leva a crer que essas pesquisas paralelas gerarão novas disciplinas e concorrerão para uma verdadeira **ciência da cultura** que fundará a teoria das atividades simbólicas do homem. Por outro lado, sabe-se que as descrições formais das línguas foram de utilidade direta para a construção das máquinas lógicas aptas a efetuar traduções; e inversamente pode esperar-se das teorias da informação algum esclarecimento sobre a maneira como o pensamento está codificado na linguagem. **No desenvolvimento dessas pesquisas e dessas técnicas, que marcarão a nossa época, percebemos o resultado de simbolizações sucessivas, cada vez mais abstratas, que têm o seu fundamento primeiro e necessário no simbolismo linguístico.** Essa crescente formalização do pensamento nos encaminha talvez para a descoberta de uma realidade maior. Não poderíamos nem mesmo conceber essas representações se a estrutura da linguagem não contivesse o seu modelo inicial e como que o seu longínquo pressentimento (2005[1963b], p. 31-33, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Nesse recorte, Benveniste apresenta sua definição de *cultura*. Antes, contudo, o autor discorre sobre a relação entre *língua* e *sociedade*; diz ele: “a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. **Língua** e sociedade não se concebem uma sem a outra”. Chama-nos a atenção, de imediato, a configuração gráfica dada por Benveniste ao conceito “língua” nas duas ocorrências: em uma, o conceito figura em itálico; na outra, aparece em configuração não marcada. O autor joga com os sentidos desse conceito, convocando o leitor, a partir da diferença tipográfica de sua *formulação* teórica, a refletir sobre a especificidade do uso do conceito que não é uno em sua teorização, tendo em vista as redes de filiações de sentidos que engendra.

Na primeira ocorrência, o conceito “*língua*” aparece precedido do artigo indefinido “uma”, de modo a não particularizar ou especificar de qual língua se trata. Essa indeterminação leva-nos, em nosso gesto de leitura, a compreender “*língua*” como idioma. Já na segunda ocorrência, o conceito “língua”, colocado em relação à sociedade, é mobilizado tendo em vista a dupla significância da *língua* – o modo *semiótico* (*língua-sistema*) e o modo *semântico* (*língua-discurso*).

A problemática envolvendo a relação entre *língua* e *sociedade*, como citamos anteriormente, delineada por Meillet, Sapir e outros, é aqui retomada por Benveniste, dando-lhe outros contornos teóricos. Ao considerar *língua* e *sociedade* como indissociáveis, Benveniste analisa o quê dessa relação é passível de comparação, dado que se trata de entidades complexas (cf. BENVENISTE, 2006[1968b], p. 93-104). Filiado ao posicionamento teórico de Meillet, bem como ao de Saussure, Benveniste compreende *língua* e *sociedade* como “*dadas*”, “*aprendidas*” e não como inatas. Essa consideração de Benveniste referencia sua posição histórica em detrimento de uma posição naturalista, tal qual sua concepção da Linguística como

fundamento da Semiologia. Benveniste toma, assim, posição de que a Linguística está no centro da Semiologia e essa posição coloca o trinômio *língua-cultura-personalidade* na base de sua Linguística Geral.

Importante mencionar aqui os efeitos de sentidos que os itálicos grafados por Benveniste em “*dadas*” e “*aprendidas*” podem produzir como efeitos de sentidos. Os dois termos em questão, se lidos sem relacioná-los ao corpo teórico edificado por Benveniste, podem dar a ler que: a) *língua* e *sociedade* são “dadas” no sentido de serem “colocadas” em posse de alguém, como se fossem fechadas e acabadas, restando ao homem apenas reproduzi-las; e que b) *língua* e *sociedade* podem ser “aprendidas” no sentido de “adquiridas” e “fixadas”. A filiação de Benveniste, aqui, é de oposição aos estudos inatistas, tais como os de Chomsky, e a qualquer leitura que limite e ignore que “é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 27).

Na sequência, Benveniste apresenta sua definição de *cultura*: “[...] chamo cultura ao meio humano, tudo o que, **do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo**”. O itálico grafado pelo autor em “meio humano” dialoga com a distinção antropológica entre *natureza* e *cultura*, tal como anteriormente exposta, admitindo como traço natural o que é biológico ao homem como animal, o que se mostra constante na diversidade cultural (cf. LÉVI-STRAUSS, 2009[1949]); e estabelecendo como traço cultural o que “dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo”, isto é, trata-se de um sistema de valores cujas regras, variáveis entre os grupos humanos, regula o comportamento – “prescrições”, “interdições” – e normatiza a vida do homem no seio da vida social.

Outro aspecto, no recorte 4, que merece destaque é a *formulação*: “a **cultura é inerente à sociedade** dos homens, qualquer que seja o nível de civilização”. Há, para Benveniste, uma relação de implicação, uma relação de indissociabilidade – “inerente” – entre *cultura* e *sociedade*. Sendo assim, quando Benveniste diz “sociedade”, ele também diz “cultura”; quando ele diz “cultura”, ele também diz “sociedade”. Esses são conceitos que, nessa teorização, são concebidos como inseparáveis. Ademais, Benveniste, nessa *formulação*, afasta seu conceito *cultura* das discursividades que o compreendem como relacionado ao estado de desenvolvimento intelectual de uma sociedade, servindo para distinguir sociedades ditas “civilizadas” daquelas consideradas como “não-civilizadas”, fato comum na época dos estudos comparatistas. Para Benveniste, se há *sociedade*, há *cultura*; se há *cultura*, há *sociedade*. Em

vista dessa nossa leitura, optamos por grafar *sociedade-cultura* com hífen, de modo a dar a ver a relação de implicação entre esses conceitos no interior dessa teorização.

O autor, na sequência, continua a delimitar a sua compreensão de *cultura*; diz ele: “esse fenômeno humano, a cultura, é um **fenômeno inteiramente simbólico**. A cultura define-se como um **conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores**: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade”. Observemos: Benveniste (*re*) afirma que a *cultura* é um sistema semiológico – “fenômeno inteiramente simbólico – organizado “por um código de relações e de valores”, que se altera de *sociedade-cultura* para *sociedade-cultura*, e que regula o comportamento humano, tanto materialmente (ex. vestimentas, utensílios, arquitetura etc.) quanto imaterialmente (ex. ética, crenças, tradições etc.), uma vez que o “meio humano” é um meio político-simbólico⁸⁹.

É válido salientar que, para Benveniste, “não há existência comum sem língua” (2006[1968a], p. 23); “nada pode ser compreendido – é preciso se convencer disto – que não tenha sido reduzido à língua” (2006[1968b], p. 99); e que “é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas” (2006[1968b], p. 98). Isso significa que *cultura* é, na *formulação* teórica de Benveniste, um sistema semiológico “cuja semiótica não aparece senão através da matriz de um outro modo de expressão” (BENVENISTE, 2006[1969a], p. 62): primordialmente, a *língua*. Portanto, *língua* e *cultura* estão em “relação de integração necessária” (2006[1968a], p. 24). Diz ele, no recorte 4 em análise: “Pela **língua**, o **homem** assimila a **cultura**, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as mudanças mostram a **natureza convencional do simbolismo que as articula**. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o **homem**, a **língua** e a **cultura**”. Nessa *formulação*, Benveniste, mobilizando de modo parafrástico o trinômio que, de nosso ponto de vista, sustenta sua teorização, assevera a “natureza convencional do simbolismo” que articula *língua* e *cultura*. Um efeito de sentido que essa *formulação* provoca e que, para nós, é relevante, refere-se à compreensão de que a função

⁸⁹ O “meio humano” é um meio simbólico-político: simbólico, porque a linguagem institui as relações humanas; político, porque compreende a existência de diferentes posições discursivas disputando sentidos. Em outros termos, os sentidos não são indiferentes às relações de força que dividem a sociedade. Nos dizeres de Orlandi: “os sujeitos se constituem em processos nos quais se confrontam o simbólico e o político, instituindo modos de subjetivação específicos ao modo de existência da sociedade na história. Se assim é, os sentidos, por sua vez, não são evidentes, ao contrário, são sujeitos ao equívoco da língua” (ORLANDI, 1999a, p. 8-9).

simbólica da *língua* está em prevalência no pensamento de Benveniste e isso pode ser entendido como uma resultante de sua posição: Benveniste considera a *língua*, antes de tudo, como sistema semiológico, isto é, considera a *língua* do ponto de vista da Semiologia, ou seja, do uso da *língua*.

Esse posicionamento benvenistiano dialoga com a *formulação* saussuriana de que: “todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 82). Saussure atribui à língua um lugar entre os sistemas semiológicos, mas não explica porque isso ocorre. Benveniste teorizando, entre outros aspectos, sobre o duplo funcionamento da *língua* e sobre a relação de interpretância da *língua*, assume a posição, conforme asseveramos, de que a *língua* é o sistema semiológico por excelência; ela está no centro da Semiologia; ela é fundante.

Na sequência do recorte 4, Benveniste assinala que o recente desenvolvimento dos estudos linguísticos e das ciências vizinhas “gerarão novas disciplinas e concorrerão para uma verdadeira **ciência da cultura** que fundará a teoria das atividades simbólicas do homem”. É essa a aposta feita por Benveniste, é esse o seu projeto: (*re*)integrando a Linguística às Ciências do Homem, fundar-se-ia a Ciência da Cultura, a qual abarcaria todas as disciplinas interessadas na “teoria das atividades simbólicas do homem”. A Linguística ocuparia a posição central no seio da Semiologia, dado que “o resultado de simbolizações sucessivas, cada vez mais abstratas, [...] têm o seu fundamento primeiro e necessário no simbolismo linguístico”. Isso levará, segundo o autor, à “descoberta de uma realidade maior”, qual seja: que a *língua*, por ser investida de uma dupla significância, “significa de uma maneira específica e que não está senão nela, de tal maneira que nenhum outro sistema o pode reproduzir” (2006[1969a], p. 64). Essa “realidade maior” justifica a consideração de Benveniste, ainda no recorte 4 em análise, de que “não poderíamos nem mesmo conceber essas representações [da *cultura*, por exemplo] se a estrutura da linguagem não contivesse o seu modelo inicial”. Eis, portanto, porque, do ponto de vista teórico de Benveniste, a *língua* é *interpretante* de todos os outros sistemas semiológicos e dela mesma.

As considerações expressas por Benveniste sobre a especificidade da *língua* se relacionam à argumentação feita pelo antropólogo Lévi-Strauss, para quem a *cultura*, compreendida como um sistema estruturado, pode ser analisada somente na e pela linguagem. Nas palavras do autor:

[...] somente o conhecimento da língua permite penetrar num sistema de categorias lógicas e de valores morais diferentes [...], a linguística, melhor que nenhuma outra ciência, é capaz de ensinar o meio de passar da consideração

de elementos, em si mesmos privados de significação, a um sistema semântico, e de mostrar como o segundo se pode edificar por meio dos primeiros: o que é talvez, antes de tudo, o problema da linguagem, mas depois dela e através dela, o problema da cultura em seu todo (LÉVI-STRAUSS, 1989[1952], p. 411).

Lévi-Strauss, assim como Benveniste, enfatiza certa primazia à Linguística frente às outras Ciências Humanas, haja vista seu corpo teórico-metodológico que permite analisar os “problemas da linguagem” que são também “o problema da cultura em seu todo”.

Diante do exposto, a ideia de que tanto *língua* quanto *cultura* sejam sistemas constituídos por signos, sistemas homólogos que possuem funcionamento semelhante, na teorização benvenistiana, não se sustenta. Igualar *língua* e *cultura* é sepultar o fundamento linguístico da teoria benvenistiana. Conforme argumentamos, os conceitos do trinômio em análise são colocados em relação em virtude da *significação*. Questionamos: se fosse possível igualar *língua* e *cultura*, qual seria a realidade material da *cultura*? Para Benveniste, o *modo semântico* é próprio do *discurso*, seu sentido implica a instância de *discurso* e sua forma é a frase, considerada, pelo autor, a unidade do *discurso*. É por isso que a Linguística, para Benveniste, é dotada de uma especificidade frente às outras disciplinas das Ciências Humanas.

PRIMEIRA PARTE – TRANSFORMAÇÕES DA LINGÜÍSTICA

CAPÍTULO 3. SAUSSURE APÓS MEIO SÉCULO

Publicado no *Cahiers Ferdinand de Saussure*⁹⁰, em Genebra, em 1963, Benveniste analisa, nesse artigo, fruto de uma conferência proferida em um evento em homenagem ao cinquentenário da morte de Saussure, as contribuições desse estudioso após meio século de sua morte. Em um tom poético, Benveniste mostra a importância dos estudos saussurianos para o desenvolvimento da Linguística.

Desse artigo, selecionamos para análise o recorte 5, no qual, ponderando sobre o princípio do signo linguístico como unidade da língua, tal como proposto por Saussure, Benveniste destaca:

⁹⁰ O artigo de Benveniste abre a edição do volume 20 do *Cahiers Ferdinand de Saussure: Revue de Linguistique Générale*, de 1963. O conselho editorial desse periódico, na apresentação desse volume, pontua que em 22 de fevereiro de 1963, sob a presidência de Bernard Gagnebin, comemorou-se, em cerimônia pública, o quinquagésimo aniversário da morte de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Nesse evento, Robert Gödel circunstanciou o que foi a carreira de Saussure e Émile Benveniste, do *Collège de France*, em sua apresentação, marcou a originalidade e a influência do pensamento saussuriano. Diz os editores: “agradecemos ao Sr. Benveniste por nos ter feito a honra e a bondade de se juntar a nós nesta ocasião solene, e estamos felizes em poder publicar neste caderno o texto de sua bela conferência” (*Cahiers Ferdinand de Saussure*, 1963, p. 7, tradução nossa).

RECORTE 5:

[...] ora, vemos agora propagar-se esse princípio [signo como unidade da língua] para fora das disciplinas linguísticas e penetrar nas **ciências do homem**, que tomam consciência da sua própria semiótica. **Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como “língua”**. Analistas da sociedade perguntam-se se determinadas estruturas sociais ou, em outro plano, esses discursos complexos que são os mitos não deveriam considerar-se como significantes cujos significados seria preciso procurar. **Essas investigações inovadoras levam a crer que o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a *cultura***. Parece-nos que se deveria estabelecer uma distinção fundamental entre duas ordens de fenômenos: de um lado os dados físicos e biológicos, que apresentam uma natureza “simples” (qualquer que seja a sua complexidade) porque pertencem inteiramente ao campo em que se manifestam, e porque todas as suas estruturas se formam e se diversificam em níveis sucessivamente atingidos na ordem das mesmas relações; e, de outro, os fenômenos próprios ao meio interumano, que têm essa característica de não poderem jamais ser tomados como dados simples nem definir-se dentro da ordem da sua própria natureza, mas devem sempre ser recebidos como duplos, pelo fato de que se ligam a outra coisa que seja o seu “referente”. **Um fato de cultura não o é a não ser na medida em que remete a algo diferente**. No dia em que uma **ciência da cultura** tomar forma, fundar-se-á provavelmente sobre esse caráter primordial e elaborará as suas dualidades próprias a partir do modelo que Saussure deu para a língua, sem se submeter necessariamente a ele. **Nenhuma ciência do homem escapará a essa reflexão sobre o seu objeto e sobre o seu lugar no seio de uma ciência geral da cultura, pois o homem não nasce dentro da natureza mas dentro da cultura** (2005[1963c], p. 47-48, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Nessa *formulação*, no que se refere à formatação do texto, em “Não é a **língua** que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como ‘**língua**’”, o autor joga com os sentidos do conceito *língua*, formatando-o de modo distinto. Na primeira ocorrência, o conceito *língua* é empregado como sistema de formas significantes, o qual não “se dilui na sociedade”, dado que é esse sistema que possibilita a *sociedade-cultura* e que constitui a condição primeira da comunicação. Na segunda ocorrência, “é a sociedade que começa a reconhecer-se como ‘língua’”, podemos ler o conceito aspeado como referindo-se à natureza simbólica da língua: “é a sociedade que começa a reconhecer-se como” significante no “conjunto dos fenômenos sociais que constituem a *cultura*”. *Cultura*, figura em itálico, convocando o leitor a pensar/considerar os sentidos que o conceito pode engendrar nessa *formulação*. Podemos ler “cultura”, acompanhado do artigo definido “a”, como: uma cultura específica, o conjunto cultural humano e/ou “conjunto de fenômenos sociais”. Ao destacar o

conceito, Benveniste, em seu efeito-autor, busca afastar sua *formulação* dessas possibilidades para, então, circunstanciar o que, no seu corpo teórico, é compreendido por *cultura*.

Nesse sentido, argumenta ele: “Parece-nos que se deveria estabelecer uma distinção fundamental entre duas ordens de fenômenos: de um lado os dados físicos e biológicos [...] e, de outro, os fenômenos próprios ao meio interumano”. Observemos: mais uma vez, em sua *formulação*, Benveniste recorre à distinção antropológica estabelecida entre *natureza* – “dados físicos e biológicos” – e *cultura* – “fenômenos próprios ao meio interumano”. Com base nessa distinção, o autor afirma: “um fato de cultura não o é a não ser na medida em que remete a algo diferente”; esse algo diferente, seu “referente”, é a *língua* que torna a *cultura* possível. Sendo assim, *cultura* – sistema semiológico *interpretado* – não é independente da *língua* – sistema semiológico *interpretante*: juntas elas nascem; juntas elas significam; por isso, elas estão em uma “relação de integração necessária” (BENVENISTE, 2006[1968a], p. 24).

Ao final do recorte 5, Benveniste apresenta como perspectiva futura de estudos uma “ciência geral da cultura”, por meio da qual todas as Ciências do Homem, incluindo aí a Linguística do modo como ele a concebe, refletirão “sobre o seu objeto e sobre o seu lugar no seio de uma ciência geral da cultura”. Para tanto, continua asseverando a distinção entre *natureza* e *cultura*: “pois o homem não nasce dentro da natureza mas dentro da cultura”. Essa argumentação de Benveniste, em sua rede de filiações, relaciona-se com aquela defendida por Lévi-Strauss, qual seja:

[...] minha hipótese de trabalho [sobre a relação língua e cultura] se vale, pois, de uma posição média: certas correlações são provavelmente reveláveis, entre certos aspectos e em certos níveis, e trata-se, para nós, de encontrar quais são estes aspectos e onde estão estes níveis. Antropólogos e linguistas podem colaborar nesta tarefa. Mas a principal beneficiária de nossas descobertas eventuais não seria nem a antropologia, nem a linguística, tal como as concebemos atualmente: estas descobertas seriam aproveitáveis para uma ciência ao mesmo tempo muito antiga e muito nova, uma **antropologia** entendida em sentido lato, ou seja, um conhecimento do homem que associe diversos métodos e diversas disciplinas, e que nos revelará um dia as molas secretas que movem este hóspede, presente sem ser convidado aos nossos debates: o espírito humano (LÉVI-STRAUSS, 1989[1952], p. 99, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Esse antropólogo também argumenta a favor de uma ciência – “uma antropologia em sentido lato” – que abarcaria as disciplinas interessadas em analisar o homem. Além disso, Lévi-Strauss, voltando-se sobre a relação *língua* e *cultura*, nos diz: “certas correlações são provavelmente reveláveis, entre certos aspectos e em certos níveis, e trata-se, para nós, de

encontrar quais são estes aspectos e onde estão estes níveis”. Benveniste se propõe a analisar essas correlações no artigo, publicado em 1968b, “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”.

QUINTA PARTE – O HOMEM NA LÍNGUA

CAPÍTULO 21. DA SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM

Publicado também no *Journal de Psychologie*⁹¹, em 1958, esse artigo apresenta a análise realizada por Benveniste da *subjetividade* na linguagem a partir da categoria de pessoa e da polaridade entre *eu-tu*. No recorte 6 selecionado, Benveniste, discorrendo sobre o fundamento linguístico da *subjetividade*, afirma:

RECORTE 6:

[...] uma **língua** sem expressão da **pessoa** é inconcebível. Pode acontecer somente que, em certas **línguas**, em certas circunstâncias, esses “pronomes” sejam deliberadamente omitidos; é o caso na maioria das **sociedades** do extremo oriente, onde uma convenção de polidez impõe o emprego de perífrases ou de formas especiais entre certos **grupos de indivíduos**, para substituir as referências pessoais diretas. Esses usos, no entanto, não fazem mais que sublinhar o valor das formas evitadas; é a existência implícita desses pronomes que dá o seu **valor social e cultural** aos substitutos impostos pelas relações de classe (2005[1958a], p. 287, grifo negrito nosso).

Benveniste pondera que “uma **língua** sem expressão da **pessoa** é inconcebível”. Essa afirmação, associada ao modo como o autor concebe a *déixis*⁹², é muito importante, pois coloca em relação os conceitos do trinômio em análise. *Língua*, nesse caso, refere-se à *língua-discurso*, isto é, à *língua* mobilizada em uma instância de *discurso*, assumida por um falante na condição de locutor, que coloca em exercício as formas pessoais “vazias” de referência⁹³, e fala de sua posição, em uma determinada *sociedade-cultura*.

⁹¹ O *Journal de Psychologie : normale et pathologique* foi fundado por Pierre Janet e Georges Dumas em 1903, sendo considerado um dos principais periódicos franceses de Psicologia, com renome internacional. O artigo de Benveniste foi publicado no terceiro volume de 1958, de juill-sept. Esse volume foi dirigido por P. Guillaume e I. Meyerson e teve como secretário da redação J.-P. Vernant. A temática do periódico era « Formes nouvelles d’analyse du langage », sendo o artigo de Benveniste o texto de abertura.

⁹² Nas palavras de Benveniste: “[...] são os indicadores da *déixis* [sic], demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do ‘sujeito’ tomado como ponto de referência: ‘isto, aqui, agora’ e as suas numerosas correlações ‘isso, ontem, no ano passado, amanhã’ etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia” (BENVENISTE, 2005[1958a], p. 288). Sendo assim, para Benveniste, as unidades linguísticas consideradas dêiticas – signos “vazios” – só adquirem referência na instância de *discurso* na qual se apresentam.

⁹³ Em Benveniste, a referência é feita de *significação*. Portanto, como significa aquele que diz “eu”, na condição de “pessoa”, não dá para dizer que é plenamente “vazio”, por isso as aspas. Nos dizeres do autor: “a linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de ‘signos vazios’, não referenciais com relação à ‘realidade’, sempre

Na sequência, Benveniste diz: “é a existência implícita desses pronomes que dá o seu **valor social e cultural** aos substitutos impostos pelas relações de classe”. Nesse caso, “valor social e cultural”, correlacionados por meio do emprego da conjunção “e”, ao mesmo tempo, marca: a) a associação entre *sociedade* e *cultura* nessa teorização: uma implica a outra; uma é inerente à outra; b) a distinção entre *sociedade* e *cultura* nessa teorização: embora estejam em relação de implicação e de indissociabilidade uma com a outra, se distinguem, uma vez que “cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica” (2005[1963b], p. 32); sendo assim, os valores culturais definem uma sociedade em relação às outras.

SEXTA PARTE – LÉXICO E CULTURA

CAPÍTULO 24. PROBLEMAS SEMÂNTICOS DA RECONSTRUÇÃO

Benveniste salienta, nesse artigo, publicado na revista *Word*⁹⁴, volume X, em 1954, a necessidade de se “propor um corpo de definições rigorosas” (2005[1954b], p. 319) para tratar as noções semânticas. Além disso, ele visa discutir alguns problemas que o linguista encontra quando se ocupa da tarefa da reconstrução linguística. Segundo Benveniste, a resposta a uma indagação “só pode ser fornecida por um estudo atento do conjunto dos contextos nos quais a forma é susceptível de aparecer” (2005[1954b], p. 320), de modo a “desacreditar nesse empirismo ‘intuitivo’ que serve de método na maioria das reconstruções” (2005[1954b], p. 323). Por isso, Benveniste reforça a necessidade de se recorrer aos contextos, para que a perspectiva não se baseie em apreciações que sejam falseáveis. Nos dizeres do autor: “se essa pesquisa ainda está por fazer, ao menos em parte é porque uma apreciação inexata da natureza do processo obscureceu o seu alcance” (2005[1954b], p. 327). Observamos, novamente, Benveniste, em sua *formulação*, criticar os estudos linguísticos que não consideram o emprego efetivo da *forma* e seu *sentido*.

disponíveis e que se tornam ‘plenos’ assim que um locutor os assume em cada instância de *discurso*. Desprovidos de referência material, não podem ser mal empregados; não afirmando nada, não são submetidos à condição de verdade e escapam a toda negação” (BENVENISTE, 2005[1956b], p. 280).

⁹⁴ *Word: Journal of the International Linguistic Association* é um periódico científico, da área da Linguística, fundado em 1945 e publicado pela *International Linguistic Association* (ILA). Essa associação iniciou suas atividades em 1943, começando com a fundação do Círculo Linguístico de Nova York. O objetivo desse periódico é refletir e registrar o conhecimento linguístico contemporâneo, divulgando trabalhos acadêmicos em Linguística Geral. O artigo de Benveniste foi publicado no volume 10, nº 2-3, de ago.-dez. de 1954. Nesse volume, além do artigo de Benveniste, outros 18 artigos foram publicados, entre eles, os artigos de « La stratification du langage » de Louis Hjelmsley, « Distributional Structure », de Zellig S. Harris e « The unity of Linguistics » de André Martinet, para citarmos alguns.

Desse artigo, selecionamos o recorte 7 para análise. Nele, analisando os quadros comparativos em grande escala, Benveniste salienta que “formas evidentemente aparentadas se distinguem cada uma por uma modalidade particular de sentido” (2005[1954b], p. 327), fato sobre o qual os comparatistas, focados na busca por correspondências formais, não assinalaram. A partir disso, ele explica:

RECORTE 7:

[...] no indo-irânico, no eslavo e no báltico, trata-se do “caminho”. O gr. *póntos*, no entanto, significa “mar”; o lat. *pons* designa a “ponte” e o arm. *hun*, o “vau”. Como esses sentidos não se equivalem e como na distribuição dialetal é especialmente no grego e no latim que a diferença se manifesta, **somos levados a pensar que esse desacordo provém de razões de estilo ou de cultura.** [...] **Não estamos em condições de dar as razões precisas – resultantes da geografia ou da cultura – dessas determinações particulares, todas pré-históricas.** Pelo menos, percebe-se que “caminho”, “braço de mar”, “vau”, “ponte” são como as variantes de uma significação que permitem reconstruir, e que o problema não concerne ao aspecto semântico do termo **nesta ou naquela língua**, mas se apresenta para cada um dos termos e para a família inteira de que são os membros (2005[1954b], p. 327-329, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Benveniste, nessa *formulação*, retomando análises das reconstruções linguísticas dos termos em questão, salienta que o apego à análise da *forma*, desconsiderando o *sentido*, levou os estudiosos a várias incompreensões. No recorte 7 em análise, o autor apresenta a semelhança formal entre os termos, discorrendo que as diferenças semânticas, nesse caso, poderiam ser interpretadas, intuitivamente, como provenientes “de razões de estilo ou **de cultura**”. E acrescenta: “não estamos em condições de dar as razões precisas – resultantes da geografia ou **da cultura** – dessas determinações particulares, todas pré-históricas”. Nas duas ocorrências, “cultura” figura em uma locução adjetiva, sendo mobilizado, em uma análise específica, em seu *nível histórico*, isto é, referindo-se a culturas específicas, particulares, as quais, por serem pré-históricas, não se está em “condições de dar as razões precisas”.

Na sequência, o autor assinala: “o problema não concerne ao aspecto semântico do termo **nesta ou naquela língua**, mas se apresenta para cada um dos termos e para a família inteira de que são os membros”. Nessa *formulação*, o conceito *língua* figura, também, em seu *nível histórico*, referindo-se a línguas particulares, idiomas.

Conforme explicita Benveniste, qualquer análise linguística, de qualquer termo que se venha a reconstruir, deve necessariamente considerar a *significação*; isso significa, do modo como estamos lendo essa teorização, considerar o trinômio *língua, cultura, personalidade*. Assim sendo, a análise das *formas*, levando em consideração o *sentido*, o qual coloca em relação

o trinômio em foco, permitiria, segundo o autor, uma reconstrução semântica livre das “falsas evidências, das referências às categorias semânticas ‘universais’” (BENVENISTE, 2005[1954b], p. 339). Benveniste afasta-se dessa tomada de posição que apregoa a possibilidade de “universalização”, dado que coloca como um dos eixos de sua teorização o conceito *cultura*.

3.3.2 O CONCEITO *CULTURA* NOS *PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL II*

PRIMEIRA PARTE – TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA

CAPÍTULO 1. ESTRUTURALISMO E LINGUÍSTICA

O capítulo 1 do *Problemas de Linguística Geral II*, intitulado “Estruturalismo e linguística”, constitui uma entrevista realizada por Pierre Daix com Émile Benveniste, em julho de 1968, a qual foi publicada no jornal *Les Lettres Françaises*⁹⁵. Pierre inicia a entrevista questionando Benveniste sobre as transformações por que passou a linguística nos últimos 40 anos, as quais possibilitaram a ascensão dessa disciplina à posição central nas Ciências Humanas. Situando esse contexto, Pierre questiona Benveniste sobre o que o levou à linguística. Benveniste responde apontando seu encontro, ainda muito jovem, com seu mestre, Antoine Meillet; esse que lhe ensinou gramática comparada, a qual foi modelada por Saussure. Dito isso, Benveniste salienta as transformações que a Linguística Comparada e que a Linguística Geral, que “transpunha em traços gerais as características extraídas pelos métodos comparativos” (2006[1968a], p. 13), sofreram nos últimos anos. A Linguística Comparada e a Linguística Geral eram, para Benveniste, os dois polos em que se concentravam os estudos linguísticos no início daquele século. A partir disso, Benveniste assevera a importância de Saussure, “um homem que agiu sobretudo depois de sua morte” (2006[1968a], p. 14), e a influência dos pensamentos desse linguista no pensamento de Meillet, o que reverberou em seus ensinamentos. Pontuando sobre as grandes modificações pelas quais a linguística passou após Saussure, Benveniste situa o estruturalismo e as vertentes a partir das quais se desenvolveu.

⁹⁵ Esse é um periódico, de cunho literário, criado por Jacques Decour e Jean Paulhan, na França, em 1941, no período da Segunda Guerra Mundial. *Les Lettres Françaises* contou com publicações semanais de 1942 a 1972. Suas publicações, no panorama intelectual francês, se posicionavam contra o movimento nazista, sendo consideradas como atreladas ao movimento de resistência e militância. Entre 1948 e 1972, o jornal possuía como editor-chefe Pierre Daix, o qual realiza com Benveniste a referida entrevista. Após 1990, o jornal *L’Humanité* publica suplementos com o nome *Les Lettres Françaises*.

Na sequência, Benveniste pondera sobre o problema do *sentido*, o qual, ignorado por grande parte dos linguistas, coloca-se na ordem do dia para ele. O autor propõe, assim, analisar os dois domínios de sentido: o *semiótico* e o *semântico*. No primeiro, reconhece-se o signo como detentor de *sentido* distintivo. No segundo, analisa-se o *sentido* decorrente da *sintagmatização/semantização* da *língua* em uma instância de *discurso* específica, o que requer *distinguir e compreender*. A partir disso, ele diz: “é neste nível [o da *significação*] que o estudo da língua pode tornar-se uma ciência piloto” (2006[1968a], p. 24), dado que, segundo ele, “como fundamento de tudo encontra-se o simbólico da língua como poder de *significação*” (2006[1968a], p. 25).

Desse artigo, selecionamos para análise os recortes 8, 9 e 10. Vamos a eles!

RECORTE 8:

[...] trata-se, pois, de duas dimensões totalmente diferentes. E se não se começa por reconhecer esta distinção, creio que se fica na vaguidade. **Mas é ainda um ponto de vista que me é pessoal, que precisa ser demonstrado. Temos que elaborar pouco a pouco um corpo de definições neste imenso domínio, que não compreende somente a língua. E isto me leva à cultura. A cultura é também um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem.** Tomo um exemplo que não é linguístico: para nós a cor branca é a cor da luz, da alegria, da juventude. Na China, é a cor do luto. Eis um exemplo de **interpretação de sentido no seio da cultura; uma articulação entre uma certa cor e um certo comportamento e, finalmente, um valor inerente à vida social.** Tudo isso se integra numa rede de diferenças: o branco, o preto não vale na cultura ocidental como na cultura do extremo oriente. **Tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistemas de valores. Da articulação entre os valores. Muito bem! Estes valores são os que se imprimem na língua. É, no entanto, um trabalho difícil trazê-los à luz, porque a língua carrega consigo toda uma série de dados herdados; a língua não se transforma automaticamente à medida que a cultura se transforma.** E é justamente isto que faz frequentemente o leque semântico. Considere a palavra *homem* (tomo o primeiro exemplo que me vem à cabeça). Você terá de um lado o emprego do termo como designação; de outro lado as ligações de que esta palavra *homem* é suscetível, que são muito numerosas. Por exemplo, “o homem honesto”, concepção que data, que remonta a uma certa fase do vocabulário, a um aspecto da cultura francesa clássica. Ao mesmo tempo, uma locução como “eu sou seu homem” refere-se à época feudal. **Você vê aí uma estratificação da cultura que deixa seu traço nos diferentes empregos possíveis.** Estes estão todos compreendidos hoje na definição da palavra, porque são ainda suscetíveis de serem empregados no seu verdadeiro sentido na mesma época. Vemos aqui a contrapartida de uma definição cumulativa das culturas. **Em nossa cultura atual integra-se toda a espessura de outras culturas. É nisto que a língua pode ser reveladora da cultura** (2006[1968a], p. 22-23, grifo itálico do autor e negrito nosso).

No recorte 8, discorrendo sobre a distinção entre os dois níveis de *significação*, o *semiótico* e o *semântico*, Benveniste atesta: “[...] trata-se, pois, de duas dimensões totalmente diferentes. E se não se começa por reconhecer esta distinção, creio que se fica na vaguidade. Mas é ainda um ponto de vista que me é pessoal, que precisa ser demonstrado”. Interessante retomarmos, aqui, Guimarães (2018, p. 23-55), o qual argumenta que os dois níveis de *significação* da *língua* propostos por Benveniste, apesar de aparecerem expressos nominalmente somente em 2006[1966a], estão, muito antes disso, em funcionamento na teorização do autor, a qual se desenvolve, segundo o autor (2018, p. 53), “na medida em que as análises das línguas exige”. Guimarães conclui: “a distinção não existia, nem tinha nome, o que há é que as operações de análise de Benveniste vão ‘desenhando’ a distinção” (2018, p. 55). Consideramos, consoante com Guimarães (2018), que essa distinção constitui um *acontecimento* na Linguística, dado que continua, até hoje, produzindo efeitos, no modo como o pensamento de Benveniste *circula* nos diferentes mo(vi)mentos da Linguística. Esse modo de *circulação* contribuiu para a (re)inscrição da *significação* no quadro dos problemas linguísticos. É por essa via que *língua* e *cultura* se relacionam na obra benvenistiana.

Na *formulação* em análise, Benveniste continua: “[...] temos que elaborar pouco a pouco um corpo de definições neste imenso domínio, que não compreende somente a língua. E isto me leva à cultura. A cultura é também um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem”. Vejamos: esse “imenso domínio” ao qual Benveniste se refere, do nosso ponto de vista, é a *significação*, a qual compreende, não “somente a língua”, entendida aqui em seu *nível fundamental*, isto é, como sistema de signos linguísticos (*língua-sistema*), mas também como *discurso* (*língua-discurso*), empregada em uma instância de *discurso*. O autor focaliza, nesse momento, a *cultura*, discorrendo que ela “é também um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem”. Se assim o é, o conceito *cultura*, definido pelo autor em 2005[1963b], tal como demonstramos nesta tese (cf. p. 135-140), é significado por Benveniste como sistema semiológico. Contudo, tendo em vista que a *língua* é, para o autor, o *interpretante* de todos os outros sistemas semiológicos, *cultura* é um sistema *interpretado*.

Dando continuidade à sua argumentação, Benveniste apresenta um exemplo não linguístico, de modo a dar a ver “um exemplo de interpretação de sentido no seio da cultura; uma articulação entre uma certa cor e um certo comportamento e, finalmente, um valor inerente à vida social”. Essa *formulação* é, em nossa análise, significativa, haja vista a relação novamente estabelecida pelo autor entre *cultura* e as noções “comportamento” e “valor”. Essa mesma relação figura teoricamente no texto de Benveniste de 2005[1963b], sendo aqui, em 2006[1968b], ratificada. Ele prossegue: “tudo isso se integra numa rede de diferenças: o branco,

o preto não vale na cultura ocidental como na cultura do extremo oriente. Tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistemas de valores. Da articulação entre os valores. Muito bem! Estes valores são os que se imprimem na língua”. Observemos: o conceito *cultura* que antes figurava no singular e significando sistema semiológico, nesse momento da *formulação* de Benveniste, aparece referindo-se a culturas específicas – “ocidental”; “do extremo oriente” –, tal como ocorre em outros momentos da teorização do autor; isto é, o conceito é empregado em seu *nível histórico*.

Na sequência, ele diz: “estes valores são os que se imprimem na língua”. Por ser um sistema *interpretado* pela *língua*, a *cultura* imprime seus valores “na língua”. O autor coloca, mais uma vez, em relação *língua* e *cultura*, de modo a argumentar em prol de uma teoria que conceba a *significação* como escopo de análise, uma vez que os valores semânticos derivam da(s) *cultura(s)*. Ele se questiona: qual o valor semântico de “homem honesto”? Esse valor é relativo à *língua* e à *sociedade-cultura* que possibilitaram essa articulação sintagmática.

Discorrendo sobre a relação entre *língua* e *cultura*, Benveniste salienta que “é, no entanto, um trabalho difícil trazê-los [os valores] à luz, porque a língua carrega consigo toda uma série de dados herdados; a língua não se transforma automaticamente à medida que a cultura se transforma. E é justamente isto que faz frequentemente o leque semântico”. Interessante notar, nessa *formulação*, a filiação de Benveniste a Saussure acerca da *língua* ser concebida como “produto herdado de gerações anteriores” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 86) e o fato de ela, devido ao peso da coletividade e ao tempo, ter “um caráter de fixidez” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 88). É possível ler, da *formulação* de Benveniste, que o *sentido* é histórico e que os diferentes sentidos se mantêm em uma relação de concorrência por *significar*, constituindo o “leque semântico”.

Se assim o é, *designar*, tal como proposto pelo autor, é diferente de *significar*. Essa distinção é, para Benveniste, fundamental. Ratifica ele no prefácio do *Vocabulário das Instituições Indo-européias* (1995[1969], p. 10): “elucidamos a *significação*; outros se encarregarão da *designação*”; e mais: “[...] Trata-se [este estudo], por meio da comparação e de uma análise diacrônica, de fazer surgir uma *significação* ali onde, de início, tínhamos apenas uma *designação*” (1995[1969], p. 11-12). Ao *designar*, referimo-nos ao *signo* destituído de um uso específico; ao *significar*, voltamo-nos ao funcionamento da *língua*, da palavra na *frase*, que coloca em relação, na cena da *enunciação*, de nosso ponto de vista, *língua*, *cultura*, *personalidade*. Nas palavras do autor: “delimitar a noção do ‘sentido’, na medida em que ele difere da ‘designação’. Um e outra são necessários. E os encontramos, distintos mas associados, ao nível da frase” (2005[1962b], p. 137). Eis, em outros termos, os dois modos de *significação*

da *língua*, o modo *semiótico* e o modo *semântico*, os quais, juntos, compõem o leque de possibilidades semânticas da *língua*.

Por fim, Benveniste salienta que: “[...] vê aí uma estratificação da cultura que deixa seu traço nos diferentes empregos possíveis. [...] Em nossa cultura atual integra-se toda a espessura de outras culturas. É nisto que a língua pode ser reveladora da cultura” (BENVENISTE, 2006[1968a], p. 22-23). Logo, para Benveniste, “a língua pode ser reveladora da cultura” na medida em que essa significa e é significada no e pelo uso da *língua*, que é o sistema semiológico *interpretante*. É “reveladora”, dado que é no uso da *língua*, por meio do uso da palavra na *frase*, que é possível atribuir-lhe *sentido*. Esse *sentido*, conforme nosso gesto de leitura da teorização de Benveniste, é histórico, uma vez que em “nossa cultura atual integra-se toda a espessura de outras culturas”. Aqui também observamos Benveniste, em sua rede de filiações, dialogar com Lévi-Strauss, o qual defende: “nenhuma cultura está só; ela é sempre dada em coligação com outras culturas” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 359).

RECORTE 9:

[...] vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio da cultura. E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura. Nenhuma língua é separável de uma função cultural. Não há aparelho de expressão tal que se possa imaginar que um ser humano seja capaz de inventá-la [sic] sozinho. As histórias de língua inventada, espontânea, fora de qualquer aprendizagem humana são fábulas. A linguagem tem sempre sido inculcada nas crianças pequenas, e sempre em relação ao que se tem chamado as realidades que são realidades definidas como elementos de cultura, necessariamente. [...] e o que a criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual ela vive na realidade, que a linguagem lhe dá e sobre o qual ela aprende a agir. Aprendendo o nome de uma coisa, ela adquire o meio de obter esta coisa. Empregando a palavra, ela age, pois, sobre o mundo e se dá conta obscuramente muito cedo. **É o poder de ação, de transformação, de adaptação, que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária** (2006[1968a], p. 23-24, grifo negrito nosso).

Na *formulação* em destaque, Benveniste coordena os sintagmas “seio da sociedade” e “seio da cultura” por meio do uso de uma vírgula, dando-nos a ler, tal como defendemos ao longo desta tese, que “sociedade” e “cultura”, sendo inerentes uma à outra (2005[1963b], p. 31), juntas elas nascem, juntas elas se dão. Logo, se a *linguagem* está no seio da *sociedade*, também está no seio da *cultura*, de modo que não há *cultura* sem *linguagem*, assim como não há *sociedade* sem *linguagem*.

Na sequência, o autor retoma a distinção antropológica, anteriormente aludida, entre *natureza* e *cultura*, asseverando o seu ponto de vista de que “o homem não nasce na natureza, **mas** na cultura”, bem como o fato de que a criança “aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura”. Linguisticamente, pelo emprego da conjunção adversativa “mas”, Benveniste posiciona-se contrário à tradição dos estudos linguísticos que defende a natureza biológica da linguagem humana, tais como a de Chomsky, expoente máximo do inatismo no século XX; e aproxima sua teorização à de Saussure, o qual defende que “[...] o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe [a língua] o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila [a língua]” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 22). Benveniste permanece, portanto, filiado à tradição histórica saussuriana ao dizer que “não há aparelho de expressão tal que se possa imaginar que um ser humano seja capaz de inventá-la [sic] sozinho. As histórias de língua inventada, espontânea, fora de qualquer aprendizagem humana são fábulas”. Sobre isso, Saussure defendeu que “[a língua] é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 22).

Ressoa significativamente, no recorte 9 em análise, a filiação de Benveniste a Saussure. Entretanto, Benveniste desloca sua teorização, entre outros aspectos, ao ressaltar a interdependência entre os dois sistemas semiológicos, *língua* e *cultura*. Diz Benveniste: “nenhuma língua é separável de uma função cultural”. Embora haja essa interdependência, a *língua* é o sistema *interpretante* da *cultura*, dado que é por meio dela, conforme ressaltado pelo autor, que a criança aprende “os rudimentos de uma cultura”. Tendo em vista essa perspectiva, Benveniste refere-se à “realidade” e ao “mundo”, que existem e são (*re*)produzidos “por intermédio da linguagem” (2005[1963b], p. 26). Importante destacar, aqui, que, nessa teorização, “realidade” e “mundo” não são realidades físicas, mas simbólicas, isto é, existem e são significados na e pela linguagem.

Na sequência, Benveniste assevera que a *linguagem* permite a “ação”, a “transformação” e a “adaptação” do homem ao “mundo” e à “realidade”, constituindo, portanto, a “chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária”. Em outros termos, é a *língua-discurso*, tendo em vista a *significação*, que une e coloca em “relação de integração necessária” *língua, cultura, personalidade*.

RECORTE 10:

[...] não se trata mais das origens, mas dos fundamentos, e **como fundamento de tudo encontra-se o simbólico da língua como poder de significação.** [...] A

simbolização, o fato que justamente a **língua é o domínio do sentido**. **E, no fundo, todo mecanismo da cultura é um mecanismo de caráter simbólico**. Damos um sentido a certos gestos, não damos nenhum sentido a outros, no interior da nossa cultura. É assim, mas por quê? Tratar-se-á de identificar, de decompor depois de classificar os elementos significantes de nossa cultura, é um trabalho que ainda não foi feito. Para isso é necessária uma capacidade de objetivação que é muito rara. Ver-se-ia, então, que **há como uma semântica que atravessa todos estes elementos de cultura e que os organiza** – que os organiza em vários níveis. Há em seguida a maneira pela qual estes elementos se comandam na sua valorização, a predominância que se dá a certas imagens hoje: a hierarquia que se estabelece entre valores novos. [...] Há um deslocamento completo que atinge todos os **elementos, materiais ou não, da cultura**, que vai desde o costume, a postura até os fins últimos da vida (2006[1968a], p. 25, grifo negrito nosso).

Aqui, Benveniste, evidenciando os deslocamentos pelos quais passou a Linguística, considera que, ao voltar-se para os seus fundamentos, essa ciência encontra “o simbólico da língua como poder de significação”, justamente o eixo sobre o qual edifica sua teorização. Sendo assim, ele constata: “a **língua** é o domínio do sentido”, por isso a *significação* é o centro de seu interesse. O conceito *língua*, nessa *formulação*, não está empregado no sentido estabelecido por Saussure, mas no sentido que Benveniste o concebe em seu *nível fundamental* (*língua-sistema* e *língua-discurso*). Na sequência, o autor, voltando-se novamente sobre a relação *língua* e *cultura*, agora em 2006[1968a], assevera: “todo mecanismo da cultura é um mecanismo de caráter simbólico”. Notamos, aqui, Benveniste parafrasear discursivamente seu artigo de 2005[1963b], no qual afirma: “Ora, esse fenômeno humano, a cultura, é um fenômeno inteiramente simbólico” (2005[1963b], p. 32). Eis mais um ponto de consistência e permanência na teorização benvenistiana.

Para Benveniste, *cultura* constitui um sistema semiológico cujos *sentidos* se imprimem e são aprendidos no e pelo uso da *língua*. Tanto é assim que o autor observa que “há como uma semântica que atravessa todos estes elementos de cultura e que os organiza – que os organiza em vários níveis”. Contudo, um trabalho de análise sobre esse objeto, a *cultura*, de modo a “identificar”, “decompor” e “classificar os elementos significantes de nossa cultura [...] ainda não foi feito”. Esse trabalho seria possível de ser desenvolvido, conforme aponta Benveniste, no domínio de uma Ciência Geral da Cultura, se a Linguística for (*re*)inserida no âmbito das Ciências Humanas e ocupar a posição central no seio da Semiologia.

TERCEIRA PARTE – ESTRUTURAS E ANÁLISES

CAPÍTULO 6. ESTRUTURA DA LÍNGUA E ESTRUTURA DA SOCIEDADE

Esse artigo expõe a fala pronunciada por Benveniste em uma conferência, em 1968, em Milão, no *Convegno Internazionale Olivetti*⁹⁶. Nessa ocasião, Benveniste propõe-se a “examinar as relações entre duas grandes entidades que são respectivamente a língua e a sociedade” (2006[1968b], p. 93), questionando as evidências e colocando uma contradição. Segundo o autor, “não se descobre da língua para a sociedade nenhuma relação que revelaria uma analogia em sua respectiva estrutura” (2006[1968b], p. 93), embora, a sociedade não seja independente da língua. Retomando Sapir, Benveniste discorda do ponto de vista adotado por ele, dizendo que as ponderações desse autor levar-nos-ia a “concluir que língua e sociedade não são isomórficas, que sua estrutura não coincide, que suas variações são independentes” (2006[1968b], p. 94). Benveniste, também, coloca-se contrário àqueles que tomam a língua como espelho da sociedade. De acordo com ele, “não se pode conciliar estes pontos de vista. Eles mostram que, em todo caso, o problema está longe de ser simples” (2006[1968b], p. 95), propondo-se a examiná-lo.

Segundo Benveniste, essas noções/entidades, *língua e sociedade*, “são grandezas não-isomórficas, vê-se logo na diferença que as separa em sua organização estrutural” (2006[1968b], p. 95). Analisando suas estruturas, o autor constata que “não existe correspondência nem de natureza nem de estrutura entre os elementos constitutivos da língua e os elementos constitutivos da sociedade” (2006[1968b], p. 95). Para ele, ao comparar essas noções, cai-se frequentemente em uma confusão, que ele busca discursivizar, entre duas acepções desses termos. Diz ele:

RECORTE 11:

[...] existe de uma parte a **sociedade** como dado empírico, histórico. Fala-se da sociedade chinesa, da sociedade francesa, da sociedade assíria; existe de outra parte a **sociedade** como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens. Da mesma maneira existe a **língua** como idioma empírico, histórico, a língua chinesa, a língua francesa, a língua assíria; e existe a **língua** como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação. Operando esta primeira distinção, **separamos em cada uma das duas entidades dois níveis, um histórico, outro fundamental**. Percebe-se então que o problema das relações possíveis entre a língua e a sociedade se coloca em cada um destes dois níveis, e que podemos, portanto, admitir duas respostas diferentes. Vimos que, entre uma língua histórica

⁹⁶ A *Convegno Internazionale Olivetti*, realizada em Milão, entre os dias 14 e 17 de outubro de 1968, tinha como tema “Linguaggi nella società e nella tecnica” (“Linguagem na sociedade e na tecnologia”). O congresso homenageava o centenário do nascimento de Camillo Olivetti, fundador da empresa italiana Olivetti, que produzia máquinas de escrever. As apresentações realizadas nessa conferência foram publicadas, pela Edizioni di Comunità, em 1970.

e uma sociedade histórica, não se pode estabelecer correlação como um signo de necessidade; mas num nível fundamental, podemos perceber imediatamente homologias (2006[1968b], p. 96, grifo negro nosso).

Em vista do recorte 11, Benveniste compreende *sociedade* a partir de dois níveis, quais sejam: a) *nível histórico*, (sociedade brasileira); b) *nível fundamental*, “como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens”. No *nível fundamental*, em que “podemos perceber imediatamente homologias”, Benveniste afirma que *língua* e *sociedade* são realidades inconscientes, são sempre herdadas, não são mudadas pela vontade dos homens. Na sequência, o autor assinala que não há correlação estrutural, tipológica, histórica ou genética entre ambas.

Diante do exposto e tendo em vista a nossa argumentação, consideramos que essa distinção feita por Benveniste entre *língua* e *sociedade* compreendidas, de um lado, em seu *nível histórico*, e, de outro lado, em seu *nível fundamental*, estende-se ao conceito *cultura*, uma vez que, sendo inerente à *sociedade*, estão em relação de implicação. Sendo assim, paralelamente, podemos conceber *cultura*, nessa teorização, no *nível histórico* e no *nível fundamental*. No *nível histórico*, Benveniste mobiliza o conceito *cultura* como referindo-se a culturas específicas, por exemplo: “cultura grega” (2006[1966d], p. 268), “cultura helênica” (2006[1966d], p. 272), “cultura ocidental” (2006[1968a], p. 22), “cultura do extremo oriente” (2006[1968a], p. 22), “cultura francesa clássica” (2006[1968a], p. 22) etc. No *nível fundamental*, por seu turno, o conceito é empregado como conjunto complexo de representações organizadas por/em um sistema de valores; em outros termos, *cultura* é tomado por Benveniste como sistema semiológico *interpretado* na e pela *língua*, sistema semiológico *interpretante* de todos os demais sistemas. Desse modo, sendo a *língua* o meio de análise da *sociedade-cultura*, o autor coloca que “a língua é o interpretante da sociedade” e “a língua contém a sociedade” (2006[1968b], p. 97). Do nosso ponto de vista, lemos: a *língua* é o *interpretante* da *sociedade-cultura* e a *língua* contém a *sociedade-cultura*.

O autor, tirando as consequências dessas constatações, ainda nesse texto, afirma, no recorte 12, que:

RECORTE 12:

[...] se pode isolar a língua, estudá-la e descrevê-la por ela mesma sem se referir a seu emprego na sociedade e sem se referir a suas relações com **as normas e as representações sociais que formam a cultura**. Em contrapartida, **é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas**. Neste sentido a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por esta. [...] a língua

fornece a base constante e necessária da diferenciação entre indivíduo e sociedade. Eu digo a língua em si mesma, sempre e necessariamente (2006[1968b], p. 98, grifo negro nosso).

Inicialmente, Benveniste assinala a possibilidade, latente e em relação de dominância naquela época, de se analisar e descrever a *língua* por ela mesma, sem se levar em conta a *sociedade-cultura*, isto é, “sem se referir a seu emprego na sociedade e sem se referir a suas relações com as normas e as representações sociais que formam a cultura”. Nessa *formulação*, coordenada pela conjunção aditiva “e”, novamente, Benveniste coloca em relação *sociedade* e *cultura*, compreendendo essa última por “normas” e “representações sociais”, tal como o fez em 2005[1963b], dialogando com a concepção antropológica de cultura de Lévi-Strauss. Na sequência, destacando o caráter *interpretante* da *língua*, Benveniste conclui que “é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas”. Mais uma vez, o autor coordena “descrever a sociedade” e “descrever a cultura”, por vírgula, dando-nos a ler a relação de implicação entre essas duas entidades, inerentes e distintas.

Outro ponto importante de ser destacado, no recorte 12 em tela, refere-se à seguinte afirmação de Benveniste: “a *língua* fornece a base constante e necessária da diferenciação entre *indivíduo* e *sociedade*”. Consideramos que, aqui, os conceitos que compõem o trinômio em análise estão em operação, haja vista podermos associar: a) *indivíduo* e *personalidade*, conforme demonstramos no capítulo a seguir (cf. p. 161); e b) *sociedade* e *cultura*, tal como discorreremos anteriormente. Mais do que isso: Benveniste vincula os conceitos de tal modo a asseverar que “a língua em si mesma” fornece a possibilidade de existência e de diferenciação entre *indivíduo-personalidade* e *sociedade-cultura*. O *indivíduo-personalidade* só existe e é significado, no e pelo uso da *língua*, em uma *sociedade-cultura*. Aqui o conceito *cultura* abre-se ao conceito *personalidade*, tendo em vista a relação de engendramento entre eles e o conceito *língua*.

SEXTA PARTE – LÉXICO E CULTURA

CAPÍTULO 18. A BLASFEMIA E A EUFEMIA

Este curto artigo, publicado no *L'analyse du langage théologique: il nome di dio*⁹⁷, é fruto de um colóquio organizado pelo Centro Internacional de Estudos Humanistas e pelo

⁹⁷ Organizado pelo *Centro Internazionale di Studi Umanistici* e pelo *Istituto di Studi Filosofici*, esse livro, dirigido por Enrico Castelli, reúne os anais de um evento ocorrido em Roma, entre os dias 5 e 11 de janeiro de 1966, sendo

Instituto de Estudos Filosóficos de Roma. Nele, Benveniste empreende uma análise da relação entre blasfemia e eufemia. A blasfemia, segundo o autor, compreende “um processo de fala; ela consiste, de uma certa maneira, em substituir o nome de Deus por sua injúria” (2006[1966f], p. 260). A eufemia, por seu turno, representa uma censura à blasfemia, dado que corrige a expressão, mascarando-a. Em sua análise, Benveniste constata que a blasfemia não se serve à comunicação, sendo somente expressiva. Segundo ele, no recorte 13,

RECORTE 13:

[...] é preciso prestar atenção à natureza desta interdição que recai não sobre o “dizer alguma coisa”, que seria uma opinião, mas sobre o “pronunciar um nome”, que é pura articulação vocal. É propriamente o saber linguístico: certa palavra ou nome não deve passar pela boca. Ela é simplesmente suprimida do registro da língua, apagada do uso, não deve mais existir. Entretanto, é esta uma **condição paradoxal do tabu**, este nome deve ao mesmo tempo continuar a existir enquanto interdito. É assim, enquanto existente-interdito, que se deve igualmente estabelecer o nome divino, mas, do princípio ao fim, a proibição se acompanha das mais severas sanções, e é acolhida entre povos que ignoram a prática do tabu aplicada ao nome dos mortos. Isto sublinha mais fortemente ainda o caráter singular deste interdito do nome divino (2006[1966f], p. 260, grifo negrito nosso).

A análise benvenistiana dessa forma de tabu linguístico demonstra como, no funcionamento da linguagem, *cultura* “consiste numa multidão de noções e de prescrições, e também em interdições específicas” (2005[1963b], p. 32) que dirigem o comportamento do locutor, ao assumir a *língua* em uma instância de *discurso* específica, “em todas as formas da sua atividade” (2005[1963b], p. 32). Em sua rede de filiações, Benveniste dialoga, nesse artigo, diretamente, com os estudos de Freud, por meio de citação; e indiretamente com os trabalhos de Meillet e de Havers, por meio de ressonância com o texto de 1954a.

Com relação a Freud, Benveniste cita a análise por ele empreendida, na qual caracteriza o tabu em sua ambivalência. Segundo Freud, aqueles homens que obedecem a essa proibição têm, em seu inconsciente, a tendência a transgredi-la, dado que, imposta por uma autoridade, dirige-se “contra os desejos mais intensos do homem”. A ambivalência, nesse caso, para Freud, está entre obedecer e se ter o desejo de transgredir.

Em 2005[1954a], Benveniste, discorrendo sobre a relação entre *língua* e *sociedade*, afirma que “a ação das ‘crenças’ sobre a expressão levanta numerosas questões das quais algumas foram estudadas: a importância do tabu linguístico (Meillet, Havers)” (2005[1954a],

publicados em 1969, sobre linguagem teológica. Além do artigo de Benveniste, essa obra conta com trabalhos de Jean Starobinski e Paul Ricoeur, para citar alguns.

p. 16). Retomando a questão no artigo em análise, de 1966f, julgamos que Benveniste coloca em funcionamento, em sua rede de filiações, os estudos desses dois linguistas. No que concerne a Wilhelm Havers (1879-1961), linguista germano-austriaco, que se dedicou ao estudo da filologia e da linguística, o diálogo efetua-se, em especial, com relação a sua classificação dos tabus. Em seu livro *Neuere Literatur zum Sprachtabu*, publicado em 1946, Havers classifica os tabus em: “1.º) nomes de animais; 2.º) nomes de partes do corpo; 3.º) fogo; 4.º) sol e lua; 5.º) doenças, lesões e anormalidades; 6.º) nomes de deuses e demônios” (HAVERS apud MANSUR GUÉRIOS, 1955, p. 12). No artigo em análise, embora Benveniste não cite diretamente Havers, como feito no artigo de 1954a, ele analisa o tabu em relação aos nomes de deuses, tal como classificado por Havers.

Já Meillet, em seu estudo sobre o tabu, diz que:

[...] parece que certas palavras são proibidas pelo uso, seja para um grupo de homens, seja para certos indivíduos, durante certos períodos, em certas ocasiões; é “tabu” por exemplo o nome de um morto, o de um chefe, o dos membros da família onde tomamos uma esposa, etc.; e o tabu não apenas afeta os nomes próprios em questão, mas se estende aos nomes comuns, idênticos ou não a esses substantivos, que soam de maneira idêntica ou análoga, ou mesmo parcialmente análoga. De maneira geral, a ausência de um nome indo-europeu comum em condições que, a priori, seria de esperar encontrar um sempre chama uma explicação, e isso não é forçar a importância do princípio das interdições linguísticas do que atribuir a tipos de “tabus” a inexistência de um termo indo-europeu para uma noção que normalmente deveria ser um⁹⁸ (MEILLET, 1948[1921], p. 280, tradução nossa).

Nesse momento, Meillet discorre sobre o tabu no indo-europeu, definindo-o como “palavras proibidas pelo uso”. O autor pontua, ainda, que a ausência de um nome indo-europeu onde se esperaria encontrar um exige uma explicação. Benveniste, no artigo em análise, defende que essa “ausência”, “mascarada pela eufemia”, é apenas ilusória, dado que o tabu continua existindo como “interdito”, por isso constitui-se, do ponto de vista de Benveniste, em uma relação paradoxal, uma vez que *significa* em sua ausência-presença.

Consideramos que, no artigo em análise, consoante com Oliveira (2018, p. 233), “Benveniste dá visibilidade ao funcionamento inconsciente da linguagem, e também ao

⁹⁸ « [...] il apparaît que certains mots sont interdits par l’usage, soit à un groupe d’hommes, soit à des individus déterminés, soit durant certaines périodes, en certaines occasions ; on « taboue » par exemple le nom d’un mort, celui d’un chef, celui des membres de la famille où l’on prend femme, etc. ; et le tabou ne touche pas seulement les noms propres en question, mais il s’étend aux noms communs, identiques ou non à ces noms, qui sonnent d’une manière identique ou analogue, ou même partiellement analogue. [...] D’une manière générale, l’absence d’un nom indo-européen commun dans des conditions où a priori on s’attendrait à en trouver un appelle toujours une explication, et ce n’est pas forcer l’importance du principe des interdictions linguistiques que d’attribuer à des sortes de « tabous » l’inexistence d’un terme indo-européen pour une notion qui en devrait normalement avoir un » (MEILLET, 1948[1921], p. 280).

funcionamento coercitivo da sociedade. Ele expõe a desigualdade dos sujeitos enquanto falantes, e os movimentos de imposição e de resistência não consensuais pela linguagem”. Ademais, para nós, o trinômio em foco está em funcionamento na análise de Benveniste, uma vez que, analisando o tabu linguístico, há em jogo a *língua* colocada em funcionamento por um locutor, o qual pertence a uma determinada *sociedade-cultura*. Esse locutor, por sua vez, ao colocar a *língua* em funcionamento, em uma determinada *sociedade-cultura*, (se) enuncia, fazendo-se *significar-se/identificar-se* para o outro, seu interlocutor.



Recordemos a epígrafe que selecionamos para abrir este capítulo: “[...] o trabalho de Benveniste é sempre crítico; desmistificador, ele se dedica incansavelmente em derrubar preconceitos eruditos e em aclarar com luz implacável (pois esse homem de ciência é rigoroso) o fundo social da linguagem” (BARTHES, 1988, p. 182). Ao longo de nossas análises, buscamos ler - considerando as *formulações* teóricas de Benveniste, a *circulação* dessa teoria e a rede de filiações que essas *formulações* engendram em sua *constituição* - de que modo o conceito *cultura* foi discursivizado nos *Problemas de Linguística Geral I e II*. Concordamos com Barthes, quando ele diz que Benveniste lança “luz implacável [...] [a]o fundo social da linguagem”. Ele “derruba” “preconceitos eruditos” sobre a relação estabelecida entre *língua* e *sociedade-cultura*, tal como compreendido em nosso gesto de leitura da teorização de Benveniste.

Benveniste cita Sapir, considera-o em seu corpo teórico, mas não concorda com o delineamento que esse teórico dá à relação entre *língua* e *sociedade-cultura*; isso porque, do ponto de vista de Benveniste, ao analisar essa relação, Sapir volta-se para o *nível histórico* dessas duas entidades; nível em que não se pode estabelecer qualquer correlação entre elas. No entanto, em seu *nível fundamental*, essas duas entidades possuem, entre si, homologias: (1) são, para os homens, realidades inconscientes, (2) sempre herdadas e (3) que não podem ser mudadas pela vontade dos homens (cf. BENVENISTE, 2006[1968b], p. 96).

Com relação a Meillet, é interessante retomarmos uma entrevista, realizada por Pierre Daix, em 2006[1968a], com Benveniste, na qual ele o questiona sobre o que o levou à Linguística. Benveniste responde que:

[...] tive a oportunidade de entrar na carreira científica muito jovem e em grande parte sob a influência de um homem que foi um grande linguista, que

contribuiu fortemente para formar os linguistas e a modelar a linguística durante, pode-se dizer, os vinte ou trinta primeiros anos deste século, era meu mestre Antoine Meillet. Foi pelo fato de tê-lo encontrado muito jovem, quando de meus estudos na Sorbonne, e por eu ter, sem dúvida, muito mais gosto pela pesquisa do que pela rotina do ensino, que este encontro foi decisivo para mim. Ele ensinava estritamente a gramática comparada. É necessário aqui voltar um pouco antes, porque, através dele, foram os ensinamentos de Ferdinand de Saussure em Paris que foram em parte transmitidos aos discípulos de Meillet. Isto tem uma grande importância (BENVENISTE, 2006[1968a], p. 11).

Embora sendo colaborador de Meillet, Benveniste, como demonstramos, volta-se sobre a problemática relação entre *língua* e *sociedade-cultura*, a qual Meillet dedicou-se, teorizando-a de outro modo e, com isso, propondo novos rumos a essa problemática. Isso porque, conforme Benveniste aponta, o programa iniciado por Meillet não é irrealizável; contudo, para que continuasse, seria imprescindível “descobrir” o que se presta à comparação entre *língua* e *sociedade-cultura* e os princípios que as regem. Em 2006[1968b], Benveniste dá sua resposta a essa questão, distinguindo essas duas entidades nos níveis *histórico* e *fundamental*, delineando em que medida elas se prestariam à comparação.

No campo da Antropologia, é com Lévi-Strauss o diálogo mais notável. Benveniste e Lévi-Strauss, estabelecendo um diálogo interdisciplinar, cada qual em seu campo de observação e análise, voltam-se à problemática da relação entre *língua* e *sociedade-cultura*. Sobre essa problemática, consideremos os dizeres de Lévi-Strauss:

[...] o problema das relações entre linguagem e cultura é um dos mais complicados que existem. Pode-se, inicialmente, tratar a linguagem como um *produto* da cultura: uma língua, em uso numa sociedade reflete a cultura geral da população. Mas num outro sentido, a linguagem é uma *parte* da cultura; constitui um dos seus elementos, entre outros. Recordemos a célebre definição de Tylor para quem a cultura é um conjunto complexo que compreende as ferramentas, as instituições, as crenças, os costumes e também, bem entendido, a língua. Segundo o ponto de vista no qual se situa, os problemas colocados não são os mesmos. Mas não é tudo; pode-se também tratar a linguagem como *condição* da cultura, e por duplo motivo: diacrônico, visto que é sobretudo através da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; instrui-se, educa-se a criança pela palavra; ralha-se com ela, lisonjeia-se com palavras. Situando-se de um ponto de vista mais teórico, a linguagem aparece também como condição da cultura, na medida em que esta última possui uma arquitetura similar a da linguagem. Ambas se edificam por meio de oposições e correlações, isto é, de relações lógicas (LÉVI-STRAUSS, 1989[1952], p. 86, grifo itálico do autor).

Lévi-Strauss aborda os diferentes ângulos do problema. Nessa abordagem, ele diz ainda que “a linguagem é ao mesmo tempo o *fato cultural* por excelência (distinguindo o homem do

animal) e aquele por intermédio do qual todas as formas de vida social se estabelecem e se perpetuam” (LÉVI-STRAUSS, 1989[1952], p. 399). Benveniste, por seu turno, assevera: “Vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio da cultura” (BENVENISTE, 2006[1968a], p. 23-24). Os pontos de contato entre eles existem; contudo, o ponto de vista sobre o qual cada um analisa a *sociedade-cultura* é distinto. Benveniste é linguista e sua teorização, conforme defendemos, edifica-se tendo por base o trinômio *língua, cultura, personalidade*; esse aspecto imprime, no todo de sua obra, uma distinção fundamental, da qual diríamos, ainda, autoral.

Conforme destacamos, Benveniste coloca no centro de sua problemática a *significação*, não analisa a *língua* por ela mesma e em si mesma, isso porque a *língua*, sendo um sistema de valores, deriva esses valores da *cultura*, que é em si um fenômeno inteiramente simbólico. Logo, por conceituar a *língua-discurso*, isto é, a *língua* em emprego e em ação, para Benveniste, não há *forma* sem *sentido*, por isso a *significação* é o fundamento. Em outros termos, o valor de uma *forma* está na relação que ela contrai na *paradigmatização*; por isso, o *sentido* da palavra (na *frase*) é seu emprego. Esse *sentido* carrega em si “uma estratificação da cultura que deixa seu traço nos diferentes empregos possíveis” (BENVENISTE, 2006[1968a], p. 22), ou seja, por meio da *cultura*, os *sentidos* aparentemente se “cristalizam”.

Assim sendo, de nosso ponto de vista, na teorização benvenistiana, *cultura* não é simplesmente uma ideia, é um conceito fundante de sua Linguística Geral, o qual, relacionado com os conceitos *língua* e *personalidade*, permite delinear uma teoria das atividades simbólicas do homem.

O CONCEITO *PERSONALIDADE* NA LINGUÍSTICA GERAL DE BENVENISTE

É preciso, portanto, procurar saber como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda a sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as diferencia.

Émile Benveniste (2005[1946], p. 248)

4.1 INTRODUÇÃO

Buscando responder ao nosso questionamento de pesquisa, qual seja: “o trinômio *língua, cultura, personalidade* é a base da Linguística Geral de Émile Benveniste?”, neste capítulo, dedicamos nossa análise ao conceito *personalidade*. Desse modo, analisamos os efeitos de sentidos produzidos por essa teorização, no que concerne ao conceito mencionado, tendo em vista sua *constituição, formulação e circulação* (cf. ORLANDI, 2012, p. 9). Para tanto, este capítulo é dividido em duas partes, quais sejam: “O conceito ‘personalidade’ nas filiações de Benveniste” e “O conceito *personalidade* na teorização benvenistiana”. Na primeira parte, percorremos os sentidos do conceito “personalidade” cunhado por alguns autores da Filosofia, da Psicologia, da Antropologia e da Linguística, com os quais Benveniste entretém relações de filiação. Na segunda parte, subdividida em “O conceito *personalidade* nos *Problemas de Linguística Geral I*” e “O conceito *personalidade* nos *Problemas de Linguística Geral II*”, analisamos, na *formulação* de Benveniste, as discursividades que a *constitui*, as *filiações* que engendra e sua *circulação*. Em face do exposto, buscamos responder, ao longo deste capítulo, aos seguintes questionamentos: Qual o conceito *personalidade* na Linguística Geral de Émile Benveniste?

4.2 O CONCEITO “PERSONALIDADE” NAS FILIAÇÕES DE BENVENISTE

Ao considerarmos teoria como uma configuração discursiva que produz conceitos (MILNER, 1989), torna-se compreensível que haverá diferentes conceitos para/de “personalidade” em *circulação* no espaço da ciência. Por isso, não é definido do mesmo modo nas várias áreas do conhecimento; ao contrário, há uma variabilidade histórica relativa aos contextos teóricos distintos. Por exemplo, no campo da ciência, foi delimitado no espaço da Filosofia, da Psicologia, da Antropologia e da Linguística, contraindo, em cada um desses espaços, concepções e sentidos específicos. “Personalidade” foi definido, quase sempre, nessas diferentes áreas, atrelado a dois outros conceitos, “pessoa” e “eu”, com os quais mantém estreita relação.

No campo da Filosofia, muitos filósofos, ao longo da história, voltaram-se sobre a concepção de “eu” entendendo-a ora como unidade ou identidade, ora como autoconsciência, ora como relação consigo mesmo e com o outro, a depender do enfoque teórico adotado. A concepção filosófica de “pessoa”, por sua vez, compreende, em sentido mais geral, a auto-

relação (a relação do homem consigo mesmo) e a heterorrelação (a relação do homem com outros homens e do homem com o mundo). Derivada do latim “persona”, essa concepção surgiu no estoicismo popular significando “os papéis representados pelo homem na vida” (ABBAGNANO, 2007, p. 761), implicando o caráter não substancial da “pessoa”. “Pessoa”, assim concebida, apresenta um caráter relacional; é relativa à sociedade e suas estruturas heterogêneas. Nessa trama conceitual, as concepções de “eu” e de “pessoa” passaram a ser concebidas como parte da vasta concepção de “personalidade”.

Em sua trama teórica, Benveniste, em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (2005[1946]), analisando a relação estabelecida entre o verbo e a categoria de pessoa, salienta que a categoria de pessoa não é homogênea, dado que é composta por duas pessoas *eu-tu* e uma não-pessoa *ele*. Em sua argumentação, o autor retoma a compreensão de *personae*, elaborada no estoicismo popular e herdada da gramática grega, e a *resignifica* em vista de sua teorização, na qual *personalidade* ganha uma definição específica, conforme apresentamos em nossas análises.

Na Psicologia, entre os vários estudiosos que se dedicaram à análise da “personalidade”, Sigmund Freud (1856-1939) é, sem sombra de dúvidas, um dos nomes mais recorrentemente citado. Para Freud, “personalidade” compreende o conjunto das características comportamentais e emocionais de um indivíduo, o que determina seu modo de ser, estar, pensar e agir no mundo. O autor voltou-se à descrição da “personalidade” em três instâncias: *id* (representa os instintos e está relacionado ao inconsciente); *ego* (lado racional; forma de enfrentamento da realidade) e *superego* (representa a moral e a ética, os valores recebidos da cultura). De acordo com o autor, essas três instâncias formam o modelo estrutural da “personalidade”. Em vista dos estudos de Freud, outros estudiosos desenvolveram várias teorias, no campo da Psicologia, nas quais se dedicaram a descrever e a explicar as particularidades da “personalidade” humana.

Em sua teorização, Benveniste cita os trabalhos de Freud⁹⁹, entretendo com seus estudos, de nossa perspectiva, relações de filiação por aproximação/deslocamento. Embora não diga, Benveniste mobiliza e (*re*)significa conceitos freudianos em sua *formulação* teórica, o que o permite, assim, não cair em uma concepção solipsista de “personalidade”. Além de considerar que “a língua é um mecanismo inconsciente” (2006[1968a], p. 24), Benveniste mobiliza, por exemplo, a concepção de “ego” como centro da *enunciação*, a qual possui ressonâncias com a

⁹⁹ Confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1956a], p. 81-94; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1966f], p. 260; 2006[1968c], p. 36; entre outras.

concepção de Freud. Observemos uma citação, recortada da *formulação* teórica de Benveniste, na qual, analisando o monólogo, o autor pondera:

[...] esta transposição do diálogo em **“monólogo” onde EGO ou se divide em dois, ou assume dois papéis**, presta-se a figurações ou a transposições psicodramáticas: conflitos do “*eu [moi]* profundo” e da “consciência”, desdobramentos provocados pela inspiração etc. **Esta possibilidade é facultada pelo aparelho linguístico da enunciação, sui-reflexivo, que compreende um jogo de oposições do pronome e do antônimo (*eu/me/mim [je/me/moi]*)** (2006[1970a], p. 88, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Nessa citação, Benveniste apresenta “ego” se dividindo “em dois”, assim como Freud, mas dividido a partir de um ponto de vista que lhe é singular, o da Linguística. Conforme o autor, a possibilidade do monólogo é “facultada pelo aparelho linguístico da enunciação” e é “sui-reflexivo”, isto é, “ego” pode assumir “dois papéis” porque o aparelho formal da *língua* o possibilita, referindo-se a uma realidade que o próprio “ego” constitui. Desse modo, no ato de *enunciação*, “ego” surge como *sujeito*, um *sujeito* que é feito e é efeito de linguagem. É pela alteridade, uma alteridade que ocorre no e pelo exercício da linguagem, simbólica, que “‘ego’ diz ‘ego’” (cf. BENVENISTE, 2005[1958a], p. 286). Nessa medida, “ego” em Benveniste não se refere a um indivíduo concreto, dotado de consciência, no mundo empírico que diz “eu”. É necessário que seja dito: em Benveniste, a instância “ego” é simbólica.

No campo da Antropologia, na primeira metade do século XX, os estudos desenvolvidos por Franz Boas e seus colaboradores, os quais formaram o que se convencionou denominar “Escola de Cultura e Personalidade”, estabeleceram profundas relações com a História e a Psicologia, instituindo um novo modo de ver/analisar o homem. Descartando a relação, bastante propalada na época, entre raça e cultura, os estudiosos dessa corrente propuseram, inicialmente, com relação à “personalidade”, suposições de uniformidade e de continuidade da estrutura de “personalidade” no seio de uma determinada cultura. Mais tarde, os estudos de Sapir demonstraram a variabilidade individual da “personalidade” dentro da cultura, o que representou um deslocamento no entendimento dessa noção nesse espaço, haja vista o fato de olhar para o diferente e não para o padrão.

Edward Sapir (1884-1939), em 1933, ao analisar a emergência do conceito “personalidade” nos estudos culturais, salienta que “um dano muito real é causado à nossa compreensão da cultura quando ignoramos de maneira sistemática o indivíduo e seus tipos de inter-relação com outros indivíduos” (SAPIR, 2015[1933], p. 115); por isso, Sapir passa a analisar a relação entre cultura e personalidade ponderando que “são, essencialmente, modos

de projeção da experiência pessoal na análise dos fenômenos sociais” (SAPIR, 2015[1933], p. 113). Criticando os métodos anteriores empregados na análise da cultura, Sapir argumenta que cabe ao antropólogo cultural “interpretar a cultura que ele isolou em termos de sua relevância para a compreensão das personalidades dos próprios indivíduos a partir dos quais ele obteve sua informação. À medida que ele muda de informante, sua cultura necessariamente muda” (SAPIR, 2015[1933], p. 119). E continua:

[...] não há nenhuma razão para que o culturalista tenha medo do conceito de **personalidade**, que não deve, contudo, ser pensado – como tendemos inevitavelmente a fazê-lo, no início de nosso pensamento – como uma entidade misteriosa que resiste à cultura historicamente dada, mas sim como uma configuração característica de experiências que **tende sempre a formar uma unidade psicologicamente significativa**; e que, à medida que agrega cada vez mais símbolos a si mesma, cria afinal o microcosmo cultural do qual a “cultura” oficial pouco mais é que uma cópia metafórica e mecanicamente expandida. [...] Em suma, a aplicação do ponto de vista da personalidade tende a minimizar o bizarro ou o exótico em culturas estrangeiras e nos revelar com mais clareza a ampla base humana sobre a qual toda cultura se desenvolveu (SAPIR, 2015[1933], p. 119-120, grifo nosso).

Nessa citação, Sapir salienta a importância do conceito “personalidade” para os estudos culturais, o qual é por ele definido como “uma configuração característica de experiências que tende sempre a formar uma unidade psicologicamente significativa” e que “agrega [...] símbolos a si mesma”, isto é, Sapir concebe a “personalidade” como simbólica, a qual, atrelada à cultura, institui a “base humana sobre a qual toda cultura se desenvolveu”. Interessante notar que o autor defende que a “personalidade” não está desvinculada da cultura na qual se manifesta, mas não se apresenta como padrão, haja vista a “experiência pessoal” simbolizada pelos “próprios indivíduos” frente aos “fenômenos sociais”; tanto é que à medida que “muda de informante, sua cultura necessariamente muda”.

A filiação que Benveniste estabelece com os estudos de Sapir, no que concerne ao conceito *personalidade*, é uma filiação por afastamento/deslocamento. Há ressonâncias entre os trabalhos desses dois teóricos; por exemplo, ao conceberem *personalidade* relacionada à *cultura*. Contudo, há afastamento no tocante, por exemplo, ao fato de Sapir considerar que a “personalidade” “tende sempre a formar uma unidade psicologicamente significativa”. O modo como Sapir considera o conceito leva-o para o seu sentido comum, caracterizando-o como algo que é próprio ao indivíduo. Não é assim que Benveniste a concebe. Para este autor, a *personalidade*, estando atrelada à *língua* e à *cultura*, é simbólica, assim sendo é o que *diz* “ego” ao *outro* que projeta sua identidade; logo, a linguagem é preponderante. Por isso, em Benveniste, *personalidade* não é solipsista e/ou essencialista, o que está em jogo não é algo que

pertença ou que caracterize um “eu” empírico no mundo, mas aquilo que, pela linguagem, na alteridade, é possível *significar* sobre. Trata-se, por conseguinte, de uma projeção estabelecida no e pelo uso da *língua*.

No campo da Linguística, embora a conceituação de “personalidade” não seja definida explicitamente, tanto é que não figura como verbete nos importantes glossários da área, alguns autores, em especial aqueles cujas teorizações foram classificadas como enunciativas, abordam tal conceito, muitas vezes, atrelado à questão da referencialidade dêitica, bem como da manifestação subjetiva no discurso. Entre esses autores, citamos aqui Michel Bréal, Charles Bally, Antoine Meillet e Roman Jakobson, os quais comparecem, de algum modo, na teorização de Benveniste.

Michel Bréal (1832-1915)¹⁰⁰, em seu consagrado trabalho *Ensaio de Semântica: ciência das significações*, de 1897, afirma que seu intuito, com esse trabalho, foi:

[...] traçar algumas grandes linhas, marcar algumas divisões, como um plano provisório, sobre um **domínio ainda não explorado**, e que reclama o trabalho combinado de várias gerações de linguistas. Peço ao leitor, então, que veja este livro como uma simples Introdução à ciência que me proponho a chamar de **Semântica** (BRÉAL, 1992[1897], p. 20, grifo negrito nosso).

O “domínio ainda não explorado” ao qual Bréal se dedica é o estudo da “significação”, dado que, para ele, no domínio da linguagem, o que importa é o estudo dos sentidos. Em sendo assim, torna-se imprescindível considerar a relação do sujeito com a linguagem, fato que demanda ao autor conceber o estudo da subjetividade no campo da linguagem. Segundo Bréal, a linguagem produz o “desdobramento da personalidade humana” (BRÉAL, 1992[1897], p. 160). Por “personalidade humana”, é possível lermos “pessoas”/“personagens”, as quais o emprego da palavra coloca em cena. Nos dizeres de Bréal:

[...] como essa multiplicidade de sentido não produz nem obscuridade nem confusão? É que a palavra chega preparada pelo que a precede e pelo que a rodeia, comentada pelo tempo e o lugar, determinada pelos **personagens** que estão em cena. Coisa admirável! Não há mais que um sentido, não só para **aquele que fala**, mas ainda para **aquele que escuta**, pois há uma maneira ativa de escutar que acompanha e previne o orador (BRÉAL, 1992[1897], p. 184-185, grifo negrito nosso).

A filiação de Benveniste a Bréal é uma filiação não-reivindicada, na qual podemos notar certa aproximação e certo deslocamento. De acordo com Guimarães (1992, p. 14), as ponderações de Bréal acerca das pessoas verbais e dos pronomes têm semelhanças, em certa

¹⁰⁰ Em Benveniste, confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1963c], p. 37 e 39; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1968a], p. 12 etc.

medida, com a teorização benvenistiana. Contudo, conforme Guimarães, “para Bréal a subjetividade é uma relação homem/mundo, que instala um tu, também uma subjetividade, destacada do mundo”. Para Benveniste, ao contrário, a *subjetividade*, ligada ao ato de *discurso*, é *intersubjetiva*, isso significa que coloca em relação um *eu* e um *outro* mutuamente implicados no *discurso*; trata-se “de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro” (BENVENISTE, 2006[1965a], p. 80). Ademais, enquanto Bréal define o sentido como “relação com o mundo” (GUIMARÃES, 1992, p. 14-15), Benveniste compreende o *sentido* de modo duplo: no *domínio semiótico*, é distintivo e dotado de valores relativos, opositivos e negativos, e no *domínio semântico*, refere-se ao mundo da *enunciação* e ao universo do *discurso*.

Desse modo, o que ambos compreendem por “personalidade” possui diferenças significativas: em Bréal, esse conceito é mobilizado atrelado ao mundo, à empiria; em Benveniste, é simbólico. Em Bréal, há um encaixe perfeito entre os personagens da alocação; em Benveniste, esse encaixe é apenas um efeito pragmático relativo ao fato de que um homem fala com outro homem no mundo. Essa visão de Benveniste sobre o encaixe abre espaço para lermos que há aí em operação “um desencaixe constitutivo”, embora não *formulado*, mas que permanece em sua *formulação* significando no e por meio do não-dito em relação ao dito.

Charles Bally (1865-1947), também no campo da Linguística, em seu livro *Le langage et la vie*, de 1913, embora sem definir precisamente o que compreende por “personalidade”, utiliza esse termo em alguns momentos de sua teorização. Vejamos algumas passagens que julgamos interessantes para refletirmos sobre a relação de filiação de Benveniste ao pensamento do Bally¹⁰¹:

[...] mas nem sempre vivemos a vida. [...] Viver, não é declarar, nem saber, é acima de tudo acreditar, acreditar em qualquer coisa; **a escolha das crenças revela apenas a personalidade própria a cada um**. Todo homem tem a sua fé, mesmo aquele que rejeita toda a fé; acreditar na ciência é superá-la por um elemento que lhe é externo; afirmar que Deus não existe é um modo particular de se ter uma religião; duvidar e sofrer com sua dúvida ainda é acreditar¹⁰² (BALLY, 1952[1913], p. 16, tradução nossa, grifo negrito nosso).

[...] a linguagem não escapa a essas interpretações errôneas, e é especialmente nossa língua materna que julgamos subjetivamente. Ela faz parte de nós mesmos; **expressão de nossa vida, de nossa personalidade**, não pode ser

¹⁰¹ Confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1954a], p. 16; entre outras.

¹⁰² « [...] mais nous ne subissons pas toujours la vie [...]. Vivre, ce n'est ni constater, ni savoir, c'est avant tout croire, croire à n'importe quoi; le choix des croyances révèle seulement la personnalité propre à chacun. Tout homme a sa foi, même celui qui rejette toute foi; croire à la science, c'est la dépasser par un élément qui lui est extérieur; affirmer qu'il n'y a pas de Dieu, c'est une manière particulière d'avoir une religion; douter et souffrir de son doute, c'est croire encore » (BALLY, 1952[1913], p. 16).

mudada sem que tenhamos um sentido para essa mudança¹⁰³ (BALLY, 1952[1913], p. 34-35, tradução nossa, grifo negrito nosso).

[...] sem as imponentes barreiras que até então haviam separado as nações, ver-se-ia que a assimilação de uma língua estrangeira não implica, para um literato, nem coerção paralisante nem abdicação da **personalidade herdada de outro meio social**¹⁰⁴ (BALLY, 1952[1913], p. 130, tradução nossa, grifo negrito nosso).

Nos recortes selecionados, observamos que Bally, em 1913, mobiliza o termo “personalidade” relacionando-o à “cultura” e à “língua”: com a “cultura” quando diz que “a escolha de crenças revela apenas a personalidade de cada um”; com a “língua” quando afirma que a língua faz “parte de nós mesmos, expressão de nossa vida, de nossa personalidade”. Nos dois casos, o emprego do termo está relacionado aos sentidos de “pessoa”, com função individualizante no meio social. Interessante, nesses recortes, que o autor coloca em relação os aspectos individuais (“cada um”) e social-culturais (“crenças”) na formação do que ele denomina “personalidade”. Tanto é assim que, na sequência, ele afirma: a “personalidade” é “herdada” e a relaciona ao “meio social”.

De acordo com Guimarães (2018, p. 25), é possível considerar que há relação de filiação entre Benveniste e Bally. De nossa perspectiva, trata-se de uma filiação não-reivindicada e que ocorre por aproximação e/ou deslocamento. No que se refere ao conceito *personalidade*, há aproximação com a teorização de Benveniste, por exemplo, ao colocar em relação a “língua” e o “meio social”. Entretanto, há uma diferença fundamental e significativa: em Bally, a “personalidade” é uma “escolha”, é “herdada”; em Benveniste, a *personalidade* não se relaciona à “escolha” ou à “herança”: ela, sendo simbólica, é significada na instância discursiva em que é projetada. Por isso, é relacional.

Com relação a Antoine Meillet (1866-1936)¹⁰⁵, chama-nos a atenção o texto “Sur les caractères du verbe”, publicado em 1920, no qual ele diz que:

[...] se o indo-europeu tinha uma oposição dos ativos e dos médios, e se não tivesse oposição dos ativos e dos passivos, é que é uma língua onde os processos são apresentados em geral de forma ativa, e como resultante da intervenção de um **agente mais ou menos pessoal, mais ou menos definido**.

¹⁰³ « [...] le langage n'échappe pas à ces interprétations erronées, et c'est surtout notre langue maternelle que nous jugeons subjectivement. Elle fait partie de nous-mêmes; expression de notre vie, de notre personnalité, elle ne peut se modifier sans que nous attachions un sens à ce changement » (BALLY, 1952[1913], p. 34-35).

¹⁰⁴ « [...] sans les barrières imposantes qui ont séparé jusqu'ici les nations, on verrait que l'assimilation d'une langue étrangère n'implique, pour un littérateur, ni contrainte paralysante, ni abdication de la personnalité héritée d'un autre milieu social » (BALLY, 1952[1913], p. 130).

¹⁰⁵ Confira, por exemplo, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1954a], p. 5 e 15-16; 2005[1963c], p. 37-38 e p. 48; 2005[1962a], p. 99; 2005[1950b], p. 163; 2005[1952b], p. 196 e 198; 2005[1960], p. 213, 215 e 225; 2005[1959], p. 268; 2005[1954b], p. 333; e nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1966d], p. 267; 2006[1968a], p. 11 e 15; 2006[1969d], p. 250; entre outras.

Quando um francês hoje diz “venta”, fala corretamente de um verbo “**impessoal**”: a forma usada significa simplesmente que “o vento sopra”, e **não se refere à ação de qualquer personalidade definida**; mas quando um poeta do período védico dizia vâti, ele queria dizer que vâyu, que é o vento, mas que é também um **agente com uma personalidade**, um “deus”, exerce sua atividade específica de “ventar”. Linguisticamente, as duas construções parecem, em tudo, iguais; mas elas expressam duas mentalidades absolutamente diferentes uma da outra. Agora, numa língua em que qualquer processo é oralmente apresentado como resultante da ação de um **ser mais ou menos pessoal**, é natural distinguir se o processo tem uma relação especial com **aquele que o produz**; mas uma categoria gramatical especial para indicar o processo sem consideração do **agente** é bastante supérflua. Em suma, a oposição do ativo e do médio caracteriza o indo-europeu¹⁰⁶ (MEILLET, 1920, p. 195-196, tradução nossa, grifo negro nosso).

Na citação supracitada, Meillet, analisando a categoria gramatical dos verbos, utiliza o termo “personalidade” atrelado aos termos “agente mais ou menos pessoal”, “pessoa que o produz”, “pessoa” e “agente”; relaciona-o, pois, à pessoa gramatical explicitada pelo emprego da forma verbal, isto é, relaciona-se à “personalidade” projetada pelo emprego da língua. Nisso, as teorizações de Benveniste e Meillet, em sua rede de filiações, se aproximam. Contudo, por Meillet considerar, nesse recorte, o uso do “il” como “impessoal”, sem “qualquer personalidade definida”¹⁰⁷, distancia sua argumentação daquela empreendida por Benveniste. Para esse autor, a “terceira pessoa” é a “não-pessoa”, deslocando a discussão para além da questão dos impessoais. Diz Benveniste: “[...] reencontramos aqui a questão dos impessoais, velho problema e debate estéril enquanto se persistir em confundir ‘pessoa’ e ‘sujeito’” (BENVENISTE, 2005[1946], p. 252). Para o autor, a confusão na compreensão de “pessoa” e “sujeito” faz com que se caracterizem a terceira pessoa como impessoal. Conforme observamos, Benveniste entretém relações de filiação com Meillet ao longo de sua teorização; trata-se de uma filiação não-reivindicada e que se opera por aproximação e por deslocamento.

¹⁰⁶ « Si l'indo-européen avait une opposition de l'actif et du moyen, et s'il n'avait pas d'opposition de l'actif et du passif, c'est que c'est une langue où les procès sont présentés en général d'une manière active, et comme résultant de l'intervention d'un agent plus ou moins personnel, plus ou moins défini. Quand un Français d'aujourd'hui dit « il vente », on parle à juste titre d'un verbe « impersonnel » : la forme employée signifie simplement que « le vent souffle », et on ne fait allusion à l'action d'aucune personnalité définie ; mais quand un poète de l'époque védique disait vâti, il voulait dire que vâyu, qui est le vent, mais qui est aussi un agent ayant une personnalité, un « dieu », exerce son activité spécifique de « venter ». Linguistiquement, les deux constructions ont l'air toutes pareilles ; mais elles expriment deux mentalités absolument différentes l'une de l'autre. — Or, dans une langue où tout procès est présenté oralement comme résultant de l'action d'un être plus ou moins personnel, il est naturel de distinguer si le procès a une relation spéciale avec celui qui le produit ; mais une catégorie grammaticale spéciale pour indiquer le procès sans considération d'agent est assez superflue. En somme, l'opposition de l'actif et du moyen caractérise l'indo-européen » (MEILLET, 1920, p. 195-196).

¹⁰⁷ Em Língua Portuguesa, no lugar de “il”, temos o sujeito nulo, marcado por Ø; por exemplo, “Ø venta”.

Por fim, retomamos Roman Jakobson (1896-1982)¹⁰⁸ em seus estudos sobre a comunicação linguística. Nesses, o autor sistematiza a presença do sujeito na língua. Em sua teoria, “embrayeurs” são elementos linguísticos que se referem ao código e que só ganham significação no processo de enunciação, haja vista articularem o que é falado à significação contextual. Em outros termos, “embrayeurs” constituem uma classe de palavras que varia sua significação conforme a situação em que é empregada. Sobre isso, no texto “Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe”, em sua primeira e segunda partes, Jakobson afirma:

[...] todo código linguístico contém uma classe especial de unidades gramaticais que podem ser chamadas de embrayeurs (3): o significado geral de um embrayeur não pode ser definido fora de uma referência à mensagem. A natureza semiológica dos embrayeurs foi examinada por Burks (4) em seu estudo sobre a classificação de sinais de Peirce. [...] Um exemplo notável citado por Burks é o pronome pessoal. “Eu” significa a pessoa que enuncia “eu”. Assim, por um lado, o signo “eu” não pode representar seu objeto sem estar associado a ele “por uma regra convencional”, e em códigos diferentes o mesmo sentido é atribuído a sequências diferentes, como “eu”, “ego”, “ich”, “eu”, etc.: então “eu” é um símbolo. Por outro lado, o signo “eu” não pode representar seu objeto se não estiver “em uma relação existencial” com este objeto: a palavra “eu” designando o enunciador está em uma relação existencial com a enunciação, por isso ele funciona como um índice (1) [...] Tem sido frequentemente pensado que o caráter particular do pronome pessoal e outros embrayeurs reside na ausência de um único e constante significado geral. Assim, Husserl: a palavra « ich » (eu) denomina, em cada caso, uma outra pessoa, e isso ocorre sempre por meio de um novo sentido (2). Por causa dessa suposta multiplicidade de suas significações contextuais, os embrayeurs, por oposição aos símbolos, foram tratados como meros índices (3). Cada embrayeurs, no entanto, tem uma significação geral própria. Assim, “eu” designa o destinador (e “tu”, o destinatário) da mensagem à qual ele pertence. Para Bertrand Russell, os embrayeurs, ou em sua terminologia, os “particulaires egocentriques” são definidos pelo fato de nunca se aplicarem a mais de uma coisa de cada vez. Isso, no entanto, é comum a todos os termos “syncatégorématiques”. Por exemplo, a conjunção “mas” expressa a cada vez apenas uma relação adversativa entre dois conceitos dados e não a ideia genérica de contrariedade. Na realidade, a única coisa que distingue os embrayeurs de todos os outros constituintes do código linguístico é o fato de que eles necessariamente reenviam a mensagem¹⁰⁹ (JAKOBSON, 1963, p. 178-179, tradução nossa).

¹⁰⁸ Confira, por exemplo, em Benveniste, nos *Problemas de Linguística Geral I*, 2005[1954a], p. 10; 2005[1963c], p. 46; 2005[1962a], p. 100-101; 2005[1952-1953], p. 117; 2005[1946], p. 249; nos *Problemas de Linguística Geral II*, 2006[1970a], p. 90; entre outras.

¹⁰⁹ « [...] Tout code linguistique contient une classe spéciale d'unités grammaticales qu'on peut appeler les embrayeurs (3) : la signification générale d'un embrayeur ne peut être définie en dehors d'une référence au message. La nature sémiologique des embrayeurs a été examinée par Burks (4) dans son étude sur la classification de Peirce des signes. [...] Un exemple frappant cité par Burks est le pronom personnel. « Je » désigne la personne qui énonce « Je ». Ainsi, d'un côté, le signe « Je » ne peut représenter son objet sans lui être associé « par une règle conventionnelle », et dans des codes différents le même sens est attribué à des séquences différentes, telles que « je », « ego », « ich », « I », etc. : donc « je » est un symbole. D'un autre côté, le signe « je » ne peut représenter son objet s'il n'est pas « dans une relation existentielle » avec cet objet : le mot « je » désignant l'énonciateur est dans une relation existentielle avec l'énonciation, donc il fonctionne comme un index (1 - BENVENISTE) [...] On

Nesse recorte, Jakobson explicita em que medida concebe a categoria linguística dos *embrayeurs*, a qual articula o que é enunciado ao evento da enunciação. Jakobson concebe os *embrayeurs* como “símbolo-índices”, retomando Pierce, ao afirmar que eles: a) “não pode[m] representar seu objeto sem estar associado” a ele por uma convenção (símbolo); b) estão “em relação existencial com o objeto da enunciação” (índice). Interessante notar que em “(1)”, na referida citação, Jakobson coloca em nota de rodapé: “Cf. E. Benveniste, « La nature des pronoms », FRJ, La Haye, 1956”; artigo escrito por Benveniste e publicado no *For Roman Jakobson: Essays on the occasion of his sixtieth birthday, 11 October 1956*¹¹⁰. Jakobson insere essa nota no momento em que discorre sobre o aspecto indicial dos *embrayeurs*; logo, permitenos ler que, para ele, Benveniste abordou os pronomes como “índices”.

Outro aspecto relevante de ser aqui assinalado refere-se ao fato de, em (2), Jakobson citar Husserl, na seguinte passagem: “a palavra « ich » (eu) denomina, em cada caso, uma outra pessoa, e isso ocorre sempre por meio de um novo sentido”. Para esse autor, assim como Jakobson, a diferença no emprego de *eu* está na ordem do sentido, enquanto Benveniste coloca a diferença na ordem da *referência*, de modo que, para “estabelecer” *sentido*, é preciso passar pela *referência*. Benveniste desloca a questão do índice que deixa de ser apenas da ordem do sentido para também ser da ordem da referência. No exemplo, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, a *forma* linguística “eu” refere-se a Jesus no discurso cristão. Se, por exemplo, em alguma situação discursiva, *eu* a assumo, haverá mudança na referência, o que afetará o sentido, produzindo efeitos de sentidos, a depender da situação discursiva, por exemplo, de pilheria, de afronta etc. Daí em Benveniste a instância de *discurso* que a provoca pertencer à *enunciação*, a qual pressupõe *eu-tu-ele-aqui-agora*.

No artigo mencionado, Benveniste não analisa a natureza dos pronomes fazendo remissão ao trabalho de Pierce, tal qual faz Jakobson; contudo, mesmo assim, é possível, pela análise de sua *formulação*, considerar que Benveniste não trata os pronomes pessoais apenas

a souvent pensé que le caractère particulier du pronom personnel et des autres *embrayeurs* résidait dans l’absence d’une signification générale unique et constante. Ainsi Husserl : Das Wort « ich » nennt von Fall zu Fall eine andere Person, und est tut dies mittels immer neuer Bedeutung (2). A cause de cette prétendue multiplicité de leurs significations contextuelles, les *embrayeurs*, par opposition aux symboles, furent traités comme de simples index (3). Chaque *embrayeur*, cependant, possède une signification générale propre. Ainsi « je » désigne le destinataire (et « tu » le destinataire) du message auquel il appartient. Pour Bertrand Russell, les *embrayeurs*, ou dans sa terminologie, les « particuliers égocentriques » sont définis par le fait qu’ils ne s’appliquent jamais à plus d’une chose à la fois. Ceci, toutefois, est commun à tous les termes syncatégorématiques. Par exemple la conjonction « mais » n’exprime à chaque fois qu’une relation adversative entre deux concepts donnés et non l’idée générique de contrariété. En réalité, la seule chose qui distingue les *embrayeurs* de tous les autres constituants du code linguistique, c’est le fait qu’ils renvoient obligatoirement au message » (JAKOBSON, 1963, p. 178-179).

¹¹⁰ O artigo de Benveniste figura entre as páginas 34 e 37 do referido livro, publicado em homenagem a Jakobson.

como índices - “essas formas ‘pronominais’ não remetem à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu emprego” (2005[1956b], p. 280) -, mas também como símbolos - “não há ‘objeto’ definível como ‘eu’ ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único” (2005[1956b], p. 278), embora assim não os tenha nomeado.

Há entre o texto de Benveniste sobre os pronomes e o texto de Jakobson sobre os *embrayeurs* uma relação de filiação, de nossa perspectiva, uma relação de filiação não-reivindicada, a qual opera aproximação/deslocamento. Embora haja, entre esses textos, relações de aproximação, por exemplo, quando afirmam o caráter especial dos pronomes e/ou quando pontuam que os pronomes não possuem uma significação única e constante.

Ademais, há relação de deslocamento em Benveniste no que concerne à análise que Benveniste empreende sobre a terceira pessoa, considerada por ele como uma “não-pessoa”. Já dizia Barthes (1988, p. 182): “Benveniste amplia consideravelmente a noção de *shifter* [embrayeurs] lançada com brilho por Jakobson”. Para nós, “amplia” dado que analisa a categoria linguística dos pronomes a partir de um ponto de vista teórico enunciativo que, embora estando em relação de filiação a Jakobson, constitui-se como autoral no espaço político-simbólico da Linguística.

4.3 O CONCEITO *PERSONALIDADE* NA TEORIZAÇÃO BENVENISTIANA

Analizamos, neste tópico, a *formulação* de Émile Benveniste na qual o conceito *personalidade* é mobilizado quer explicitamente, quer implicitamente. Percorremos, assim, as ocorrências desse conceito e interpretamo-las de modo a compreender “como um texto funciona, como ele produz sentidos”, explicitando “como ele realiza a discursividade que o constitui” (ORLANDI, 2005a, p. 70). Analizamos, assim, os efeitos de sentidos produzidos nessa *formulação*, haja vista sua *constituição*, *formulação* e *circulação* (cf. ORLANDI, 2012, p. 9).

Salientamos, de início, que a tradução do termo “personnalité” em Língua Portuguesa por “personalidade”, tal como figura nos *Problemas de Linguística Geral I e II*, de imediato, pode causar, ao leitor brasileiro atento à teorização de Benveniste, certo estranhamento, dado que, nas discursividades do senso comum, recorrentes em nosso espaço de enunciação, o sentido em relação de dominância para “personalidade” refere-se à qualidade e/ou aos aspectos

psíquicos que definem a individualidade de uma pessoa¹¹¹. Esse estranhamento relaciona-se, principalmente, ao fato de, nesse sentido, ser possível ler a teorização benvenistiana a partir de discursividades psicológicas, solipsistas ou egocêntricas, o que, na análise de sua teorização, conforme demonstramos, não se sustenta. É preciso (*re*)conhecer seu valor conceitual no quadro teórico que o produz. A *subjetividade* de que trata Benveniste é da ordem da linguagem; portanto, não é intrínseca, é produto das relações, é efeito. Logo, relaciona-se com a possibilidade que a *língua* dá ao indivíduo de apropriar-se do aparelho formal da *língua* e enunciar-se de sua posição no e por meio de *discurso*. Nessa medida, o conceito *personalidade*, no quadro dessa teorização, relaciona-se com outros conceitos, tais como *pessoa*, *eu*, *indivíduo*, *homem*, *colocutor*, *locutor*, *enunciador*, *sujeito*, entre outros, os quais serão aqui considerados, haja vista a trama conceitual produzida por Benveniste, a partir de sua posição enunciativa.

Ressaltamos ainda, considerando a distinção feita por Benveniste entre *nível histórico* e *nível fundamental* na análise da relação entre *língua* e *sociedade*, que derivamos essa distinção, assim como o fizemos com o conceito *cultura*, ao conceito *personalidade*. Julgamos ser possível ler esse conceito, no âmbito dessa teorização, a partir desses dois níveis: a) no *nível histórico*, *personalidade* compreende o falante que, na condição de locutor, apropria-se da *língua* e a maneja no processo de conversão da *língua* em *discurso*. Ao fazê-lo, o falante constitui-se *sujeito*¹¹²; b) no *nível fundamental*, tal conceito é mobilizado como posição assumida pelo *sujeito* no *discurso*. Por ser simbólica, a *personalidade*, nesse nível, é significada na instância discursiva em que é projetada; logo, não se refere a um indivíduo concreto, no mundo empírico que diz “eu”, mas ao *sujeito* que, projetado na e pela linguagem, na alteridade, é significado. A despeito de podermos ler esse conceito nos dois níveis mencionados, eles estão

¹¹¹ De acordo com o dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009), *personalidade* é um substantivo feminino que significa: “1 qualidade ou condição de ser uma pessoa / 2 conjunto de qualidades que define a individualidade de uma pessoa moral / 3 aspecto visível que compõe o caráter individual e moral de uma pessoa, segundo a percepção alheia - Ex.: foi escolhido por ter personalidade forte / 4 característica ou conjunto de características que distingue uma pessoa, um grupo de pessoas, uma nação - Ex.: a personalidade lusitana / 5 Derivação: sentido figurado: algo que reflete ou é análogo a uma distinta personalidade humana - Ex.: a personalidade de sua casa / 6 indivíduo notável por sua situação ou atividade social; celebridade / 7 Rubrica: psicologia. Conjunto dos aspectos psíquicos que, tomados como uma unidade, distinguem uma pessoa, esp. os que diretamente se relacionam com os valores sociais”.

¹¹² Recortamos, da teorização benvenistiana, uma *formulação* que fundamenta esse nosso gesto de leitura, qual seja: “A ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. [...] A que, então, se refere o *eu*? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância do discurso na qual *eu* designa o locutor que se enuncia como ‘sujeito’. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo” (BENVENISTE, 2005[1958a], p. 286-288).

em relação de interdependência, porque um é na relação com outro; são indissociáveis em seu funcionamento. Para que o ato de *discurso* aconteça, é necessário um falante que diga, o qual é significado na e pela *língua*.

É empregando esse conceito que é possível a Benveniste *formular* o conceito *sujeito* e, por esse, o conceito *subjetividade*. Conforme veremos, para Benveniste, a confusão estabelecida, no âmbito da Linguística, entre “pessoa”, *personalidade no nível histórico*, e “sujeito”, *personalidade no nível fundamental*, provocou e provoca inúmeros equívocos¹¹³. Diz ele: “é homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (2005[1958a], p. 285-287). Em sendo assim, o uso do conceito *personalidade no nível histórico* é restrito nessa teorização, embora apareça, em alguns momentos, significando, o faz de modo a desvencilhar a possibilidade de se conceber “homem” e “linguagem” como instâncias dissociáveis.

Por conseguinte, neste tópico, buscamos, a partir da análise da *formulação* de Benveniste, compreender e expor o conceito *personalidade* nos *Problemas de Linguística Geral I* e nos *Problemas de Linguística Geral II*, a fim de traçar seu mo(vi)mento de (re)formulação teórica e, assim procedendo, dar a ver seu lugar em sua teorização.

4.3.1 O CONCEITO PERSONALIDADE NOS PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL I

PRIMEIRA PARTE – TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA

CAPÍTULO 2. VISTA D’OLHOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LINGUÍSTICA

Conforme já assinalado nas análises anteriores, esse artigo foi publicado em 1963¹¹⁴, na *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*¹¹⁵, em Paris. Nele, Benveniste discorre, em sua

¹¹³ “[...] reencontramos aqui a questão dos impessoais, velho problema e debate estéril enquanto se persistir em confundir ‘pessoa’ e ‘sujeito’” (BENVENISTE, 2005[1946], p. 252).

¹¹⁴ Embora conste, tanto na publicação francesa quanto na publicação brasileira, o ano de 1963 como ano de publicação desse artigo, o texto pertence à “Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres”, 106^e année, n. 2, 1962, p. 369-380, apresentado, exatamente, na sessão pública anual do dia 23 de novembro de 1962.

¹¹⁵ A *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* foi fundada em 1663 e tinha o intuito de compor as *inscrições* e *divisas* dos monumentos erguidos por Luís XIV e das medalhas cunhadas em sua homenagem. A partir de 1701, passou a lidar com toda a história da França e a compor as medalhas de seus principais eventos. De 1717 a 1783, passaram a ser escritas as *Mémoires de l’Académie*, que incluíam estudos de história, arqueologia, linguística etc. Em 1807, teve por missão continuar a *Histoire littéraire de la France*. Benveniste, em 1960, foi eleito, em apresentação única, membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, por indicação de seu amigo Louis Renou. Na ocasião, Benveniste substituiu Joseph Vendryes (1875-1960), que ocupava o lugar da Linguística. Os membros dessa *Academia* são distribuídos em quatro grupos, a saber: “orientalistas”, “do mundo antigo”, “medievalistas” e “diversos”. Benveniste, juntamente com Antoine Meillet e Georges Dumézil, fez parte do grupo

primeira parte, sobre o estado da arte da ciência linguística, percorrendo as três fases pelas quais ela passou até se constituir como ciência. A primeira fase, compreende os estudos realizados pela filosofia grega; a segunda fase, os estudos comparativos; e a terceira fase, os estudos de Ferdinand de Saussure, os quais alteraram substancialmente o método e a pesquisa linguística. Em sua segunda parte, Benveniste apresenta as perspectivas abertas para o desenvolvimento da pesquisa linguística e a posição dele frente a essas perspectivas, qual seja: a posição de que a Linguística é uma Ciência Humana; não somente no sentido de que a Linguística trataria de um objeto tipicamente humano: a *língua*, mas também porque o homem está na *língua*, ele é efeito dela. Esse deslocamento (*re*)significa o conceito “homem” na *formulação* teórica de Benveniste, de modo que não há homem de antemão; o homem é na e pela *língua*. Questionar o homem na *língua* provoca a diferença.

Desse artigo, recortamos para análise uma sequência pertencente à segunda parte do texto. Nela, discorrendo sobre a necessidade de se considerar, além da análise da *forma* linguística, o *sentido*, Benveniste assinala:

RECORTE 1:

[...] a linguagem **reproduz a realidade**. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a **realidade** é produzida **novamente** por intermédio da linguagem. **Aquele que fala faz renascer** pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. **Aquele que o ouve** apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento **reproduzido**. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o **locutor**, representa a **realidade**; para o **ouvinte**, **recria a realidade**. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da **comunicação intersubjetiva**. [...] E a **língua** por sua vez revela dentro do sistema das suas categorias a sua **função mediadora**. Cada **locutor** não pode propor-se como **sujeito** sem implicar o **outro**, o **parceiro** que, dotado da mesma **língua**, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo. A partir da função linguística, e em virtude da **polaridade eu : tu, indivíduo e sociedade** não são mais termos contraditórios, mas termos complementares (2005[1963b], p. 26-27, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Esse recorte, em nosso processo de leitura dessa *formulação*, é fundamental para a compreensão do que é “realidade” e “mundo” no âmbito da teorização de Benveniste. Diz ele: “a linguagem **reproduz a realidade**”; “a **realidade** é produzida novamente por intermédio da linguagem”; e o ato de *discurso* tem “dupla função: para o locutor, representa a **realidade**; para o ouvinte, **recria a realidade**”. A “realidade” a que se refere Benveniste, neste e em outros

“diversos”, que reúne linguistas, historiadores da lei, historiadores das religiões, historiadores do pensamento e pré-historiadores.

momentos de sua *formulação* teórica, é a realidade da *língua*, a realidade do *discurso*. Ele diz: “os acontecimentos empíricos não têm realidade [...] a não ser no – e pelo – ‘discurso’” (2005[1956a], p. 83). Logo, para o autor, é o simbolismo linguístico que nos permite significar a nós, o outro e o mundo/realidade. Ele assevera: “a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano” (BENVENISTE, 2005[1963b], p. 31). E continua: “não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. É preciso haver um intermediário” (BENVENISTE, 2005[1963b], p. 31), qual seja: a *língua*. Conforme o recorte, com sua “função mediadora”, a *língua* organiza o mundo e a sociedade, “especifica e configura o mundo à sua própria maneira” (2005[1956a], p. 88-89). É por isso que a Linguística, sendo uma Ciência Humana, no conjunto de todas as Ciências Gerais da Cultura, por ter como objeto de investigação a *língua*, deve estar no centro da Semiologia, dado que é por meio do simbolismo linguístico, no interior da linguagem, que qualquer outro sistema semiológico é significado/*interpretado*.

Voltemos à *formulação* em destaque no recorte 1. Observamos nela o uso recorrente do prefixo re- por Benveniste, conforme destaques em negrito. Sobre isso, Dessons (2006, p. 13), analisando o *valor* desse prefixo na teorização benvenistiana, afirma que tal prefixo comporta dois valores: o valor de “iteração”, o que é recorrente, que ocorre novamente, repetível; e o valor de “invenção”, o que é novo, irrepetível. Segundo Dessons (2006), o valor de “iteração” está relacionado à *língua*, que impõe, a partir de seu sistema, determinados limites ao locutor. O valor de “invenção”, por sua vez, relaciona-se à atualização da *língua* em uma situação de *discurso* específica, a qual leva em consideração a *reconstrução* referencial dos índices de pessoa-tempo-espço, ou seja, das coordenadas referenciais da instância de *discurso*, e, por isso, é sempre um acontecimento novo.

No caso específico do recorte 1, o emprego do prefixo nos termos “**re**produz”, “**re**nascer”, “**re**produzido”, “**re**cria”, bem como o uso do termo “**novamente**”, permite-nos ler que Benveniste, em sua *formulação* teórica, coloca em funcionamento os sentidos de valor “iterativo” e valor “inventivo” no emprego de cada um desses termos. No que concerne ao valor “iterativo”, ele se manifesta quando o “parceiro”, na “situação inerente ao exercício da linguagem, que é da troca e do diálogo”, “dotado da mesma língua”, tenha “em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo”. O valor “inventivo”, por seu turno, enfatizado pelo uso do prefixo re-, faz sublinhar a atualização do *discurso* no “exercício da linguagem”, que coloca em relação as posições enunciativas ocupadas por um “locutor” e seu “parceiro”, os quais “dotados de mesma língua”, atualizam-na em uma situação específica de *enunciação*, na qual discursivizam seu

“acontecimento e sua experiência do acontecimento”. Logo, nunca é o acontecimento compreendido como fato empírico, mas aquilo que a relação *língua-cultura-homem* permite simbolizar sobre o “acontecimento e a experiência do acontecimento”.

Ainda no recorte 1, Benveniste assinala que a linguagem é “o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva” e que “o locutor não pode propor-se¹¹⁶ como sujeito sem implicar o outro”. Segundo o autor, é a condição de *intersubjetividade* que torna possível a “comunicação linguística”; em outros termos: é por meio da inter-relação entre “*eu : tu*”, no exercício da linguagem, que é possível existir “indivíduo” e “sociedade”, os quais “não são mais termos contraditórios, mas termos complementares”. Não são “contraditórios”, porque juntos eles nascem, juntos significam. São “complementares”, porque um só têm existência no contraste com o outro.

Salientamos ainda que, conforme é observável, no recorte 1, o conceito *personalidade* não figura explicitamente. Contudo, a partir de nossa leitura dessa *formulação* teorização, os sentidos desse conceito estão em funcionamento, em conjunto com outras expressões e conceitos, produzindo sentido(s). As expressões “aquele que fala”, “aquele que ouve” e “polaridade *eu : tu*”, e os conceitos “locutor”, “ouvinte”, “sujeito”, “*outro*”, “indivíduo” e “parceiro”, nesse recorte, instauram os sentidos de *personalidade* no âmbito dessa *formulação*, isso porque, do modo como lemos, o conceito em análise relaciona-se às marcas linguísticas da “pessoa”, isto é, aos índices de pessoa que emergem no exercício da *língua* e permitem o fundamento da *subjetividade*. Assim sendo, conforme expomos, para Benveniste, a *língua* não prescinde do fundamento da *subjetividade* reproduzindo condições de *intersubjetividade* no campo da produção da *significação*. Marca-se, assim, a indissociabilidade entre *língua* e *personalidade*.

¹¹⁶ A tradução para a Língua Portuguesa, ao selecionar o termo “propor-se”, enfatiza certo valor “agentivo” que não deve ser visto aqui, uma vez que dizer algo é dizer algo a alguém.

Tabela 1: *Personalidade* e conceitos relacionados

<i>Personalidade nível histórico</i>	<i>Personalidade nível histórico</i>	<i>Personalidade nível fundamental</i>
Falante	Ouvinte	Intersubjetividade Sujeito Posição
Aquele que fala	Aquele que ouve	
Eu	Tu	
Locutor	Parceiro/outro	

Fonte: as autoras

Na tabela 1, apresentamos os conceitos que, na trama teórica elaborada por Benveniste, contraem relações com o conceito *personalidade*. Retomemos as palavras de Benveniste (2005[1956b], p. 279, grifo negrito nosso): “essas definições visam *eu* e *tu* como **uma categoria da linguagem** e se relacionam com a sua **posição na linguagem**”. Dessa forma, Benveniste teoriza sobre a posição do sujeito na linguagem. É válido salientar, no entanto, que, com relação à essa posição, Benveniste não explicita seu estatuto, isto é, se essa posição na linguagem do sujeito possui estatuto sociológico, antropológico, ideológico etc. Benveniste não diz qual o estatuto dessa posição, mas diz que o exercício da *língua* testemunha a identidade do sujeito.

Por fim, podemos relacionar, em certa medida, a discursividade presente no recorte 1, em sua rede de filiações, com as ponderações de Michel Bréal (1992[1897]) e Charles Bally (1952[1913]). Diferentemente do que argumentou Bréal, para quem a relação homem/mundo funda a subjetividade, a “realidade” de que fala Benveniste é a “realidade do discurso” e a “subjetividade” é “intersubjetiva”. Já com relação a Bally, quando Benveniste assinala que “indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares”, observamos o autor relacionar os aspectos individuais e sócio-culturais da experiência humana da linguagem assim como o considerou Bally.

SEGUNDA PARTE – A COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 5. COMUNICAÇÃO ANIMAL E LINGUAGEM HUMANA

Nesse artigo, publicado na revista *Diogenes*¹¹⁷, em 1952, revista internacional das Ciências Humanas, Benveniste, remetendo-se à pesquisa realizada por Karl Von Frish acerca da “comunicação” das abelhas, encontra meios pertinentes para especificar a natureza da linguagem humana, distinguindo-a do código de sinais constatado na “comunicação” animal. Discorrendo sobre essa diferença, Benveniste afirma:

RECORTE 2:

[...] a mensagem das abelhas não provoca nenhuma resposta do ambiente mas apenas uma certa conduta, que não é uma resposta. Isso significa que as abelhas não conhecem o **diálogo**, que é a **condição da linguagem humana. Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana** (2005[1952a], p. 65, grifo negro nosso).

Conforme assinala Benveniste, nessa *formulação*, a “realidade humana” é a realidade mediada pela linguagem, a qual possibilita ao homem simbolizar o mundo e a si mesmo. Nessa medida, o “diálogo”, para Benveniste, é uma *troca linguística* entre os parceiros (cf. BENVENISTE, 2006[1970a], p. 90) instalados na condição *eu : tu*, por meio da qual os dados da experiência são (com)partilhados e significados sem que haja relação necessária entre a realidade objetiva e a forma linguística. Sendo assim, a linguagem humana é a condição de existência do homem, que só tem consciência de si *intersubjetivamente*, isto é, pelo contraste entre um *eu* e um *outro* na situação de diálogo. Logo, para Benveniste, o homem é homem na e pela linguagem; essa faculdade simbolizante lhe é inerente. Dessa forma, o conceito “homem”, em Benveniste, não cai no idealismo: não é subjetivista, nem sociologista. É do homem na *língua* que ele trata e não do homem no mundo: “é homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (2005[1958a], p. 285-287).

Comparando a *formulação* do recorte 2, de 1952a, com o anterior, de 1963b, observamos Benveniste parafrasear discursivamente seu posicionamento teórico, investindo na repetição de uma base fundadora de modo a marcar a identidade de sua teorização, retornando aos já-ditos e mexendo nas redes de filiações. Benveniste diz: “[...] o diálogo [...] é a condição da linguagem humana. Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana”

¹¹⁷ *Diogenes* é um periódico francês fundado em 1952 por Roger Caillois, com o apoio da UNESCO. Esse periódico trimestral publica trabalhos do *Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines*, sendo de caráter transdisciplinar, divulga trabalhos relacionados às humanidades em geral. O artigo de Benveniste foi publicado na *Diogenes* I, em novembro de 1952. O artigo “Communication animale et langage humain”, de Benveniste, é o artigo de abertura da primeira edição da revista. Interessante ressaltar, nessa edição, a publicação de Alf Sommerfelt, na seção “Chroniques”, do texto “Tendances récentes de la linguistique”, título praticamente homônimo de um artigo de Benveniste analisado nesta tese (cf. BENVENISTE, 2005[1954a]).

(2005[1952a], p. 65). Depois, Benveniste parafraseia: “[...] a situação inerente ao exercício da linguagem, que é da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, *representa* a realidade; para o ouvinte, *recria* a realidade” (2005[1963a], p. 26). Nos dois trechos dessa teorização, temos o “diálogo” compreendido como “condição da linguagem humana” e como “situação inerente ao exercício da linguagem”. Sendo assim, de nossa perspectiva, consoante com Guimarães (2018, p. 53), consideramos que “Benveniste, como linguista das línguas, não produz um trabalho teórico direto a partir do qual faz suas análises. Ao contrário, o que ele faz é um trabalho permanente de teorização que se desenvolve na medida em que as análises das línguas exige”.

A importância do recorte 2 para a nossa compreensão do conceito *personalidade*, nessa teorização, refere-se ao fato de que, circunstanciando sobre a presença do homem na linguagem por meio do diálogo, Benveniste circunscreve de que modo a realidade simbólica da linguagem permite ao homem posicionar-se em seu *discurso* e enunciar-se de sua posição, qualquer que seja essa posição, real ou imaginária. Ele diz: “Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana”, isto é, a realidade do *discurso* que permite simbolizar a si mesmo, o *outro*, o mundo e a experiência do mundo. O modo como Benveniste encaminha sua argumentação parece levá-lo a conclusões simplistas, mas não o é. No momento em que Benveniste teoriza, ir contra o idealismo e não positivar é algo que rompe uma tradição de modo a instituir uma nova identidade teórica e fazer isso é produzir uma Linguística autoral. Eis o que ele faz.

SEGUNDA PARTE – A COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 7. OBSERVAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DA LINGUAGEM NA DESCOBERTA FREUDIANA

Nesse artigo, publicado na revista *La Psychanalyse*¹¹⁸, em 1956, Benveniste retoma a obra de Freud para dar a ver como a linguagem é o campo de ação e o instrumento privilegiado da Psicanálise. Nele, Benveniste apresenta uma distinção entre “simbolismo do inconsciente” e “simbolismo da linguagem”, de modo a apresentar as diferenças e as analogias que são possíveis de serem consideradas aí, tendo em vista o batimento entre a teorização de Freud e de Lacan e a teorização linguística. Benveniste, nesse momento de sua teorização, em sua rede de

¹¹⁸ *La Psychanalyse: Revue de la Société Française de Psychanalyse*, em seu volume I, de 1956, dirigida e organizada por Jacques Lacan, possuía como temática « de l’usage de la parole et des structures de langage dans la conduite et dans le champ de la psychanalyse », tendo como texto de abertura o artigo de Benveniste, que figura entre as páginas 3-16. Benveniste escreve esse artigo, para essa revista, a convite de Lacan. Sobre esse artigo, diz Lacan (2003, p. 408), foi “uma contribuição que pedi ao maior [linguista] que existiu entre os franceses, para ilustrar o lançamento de uma revista de minha criação (...) – *La Psychanalyse*, nada menos”.

filiações, dialoga com os estudos psicanalíticos desses dois teóricos de modo a circunscrever a especificidade do simbolismo da linguagem, sobre o qual teoriza.

Dando decorrências a uma citação de Lacan sobre o método analítico, Benveniste pontua:

RECORTE 3:

[...] pela simples **alocução, aquele que fala de si** mesmo instala o **outro** nele e dessa forma se capta a si mesmo, se confronta, se instaura tal como aspira a ser, e finalmente se historiza nessa história incompleta ou falsificada. A linguagem, assim, é utilizada aqui [na psicanálise] como palavra, convertida nessa expressão da subjetividade iminente e evasiva que constitui a condição do diálogo. **A língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer nele.** Ora, a **língua é uma estrutura socializada**, que a palavra sujeita **a fins individuais e intersubjetivos**, juntando-lhe assim um perfil novo e estritamente pessoal. **A língua é um sistema comum a todos**; o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de ação. Nesse sentido, **as configurações da palavra são cada vez únicas**, embora se realizem no interior - e por intermédio - da linguagem. Há, pois, antinomia no **sujeito** entre o **discurso** e a **língua** (2005[1956a], p. 84, grifo negrito nosso).

Chama-nos a atenção, em nosso processo de leitura dessa teorização, o fato de Benveniste, voltando-se à análise do simbolismo linguístico, ressaltar fortemente o caráter paradoxal da *língua*, a qual, ao mesmo tempo, é social e comum a todos; e é pessoal e única em sua realização discursiva. Diz ele no recorte 3 em análise: “a língua é uma estrutura socializada”, “língua é um sistema comum a todos”, “as configurações da palavra são cada vez únicas”. Aqui, está em funcionamento, nessa *formulação*, o conceito *língua*, tal como o analisamos anteriormente, compreendido em seu *nível fundamental* como sistema de formas significantes, e o conceito *discurso*, o qual se realiza “no interior – e por intermédio – da linguagem”, possibilitando o emprego da palavra “a fins individuais e intersubjetivos”. Ele conclui: “há, pois, antinomia no sujeito entre o discurso e a língua”. Essa conclusão, por si só, é extremamente relevante para embasar o conceito *personalidade* no quadro dessa teorização, uma vez que é reconhecendo a “natureza profundamente paradoxal da língua” (BENVENISTE, 2006[1968b], p. 97) que Benveniste elabora seus conceitos *língua-discurso*, *enunciação*, *subjetividade* etc. Em outros termos, é por reconhecer que a *língua* possui um duplo funcionamento social e subjetivo que Benveniste teoriza sobre o duplo funcionamento da *língua*: o modo *semiótico* e o modo *semântico*.

Ainda na *formulação* em destaque, Benveniste, ao discorrer sobre o simbolismo inerente à linguagem, afirma que: “a **língua** fornece o instrumento de um **discurso** no qual a **personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer nele**”. Ao mobilizar a expressão “personalidade do sujeito”, Benveniste emprega seu conceito *personalidade*, dado que, para ele, em nosso gesto de leitura, ela é simbólica, ocorre *na e por meio* do simbolismo linguístico – “a língua fornece o instrumento de um discurso”. Atrélendo discursivamente os conceitos *personalidade* e *sujeito* na expressão “personalidade do sujeito”, Benveniste diz que ela: “se liberta”, dado que, pela apropriação que o locutor faz do aparelho formal da *língua*, ele instala o *outro* diante de si, se apresenta como sujeito e enuncia de sua posição; “se cria” porque, por contraste, faz *renascer* pelo *discurso* sua experiência do acontecimento; “atinge o outro” com o qual está mutuamente implicado; e “se faz reconhecer nele”, porque a consciência de si se dá por contraste. Logo, a *personalidade* de que trata Benveniste é aquela que se constitui na e pela *enunciação*, dado que, entre outros aspectos, “supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 2006[1970a], p. 83), conversão essa que instaura condições de produção de processos de *significação intersubjetivos*, remetendo um *sujeito* a outro.

QUINTA PARTE – O HOMEM NA LÍNGUA

CAPÍTULO 18. ESTRUTURA DAS RELAÇÕES DE PESSOA NO VERBO

Nesse artigo, publicado no *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*¹¹⁹, XLIII, fascículo 1, nº 126, em 1946, Benveniste discute a relação necessária e fundamental estabelecida entre o verbo e a categoria de pessoa. O autor salienta que essa categoria não é homogênea, dado que é composta por duas pessoas *eu-tu* e uma não-pessoa *ele*. Para justificar tal argumento, Benveniste cita inúmeros exemplos. Além disso, nesse artigo, o autor discute a pluralização dessa categoria, assinalando que, ao contrário do que se apregoa, “o plural é um fato de ilimitação, não de multiplicação” (BENVENISTE, 2005[1946], p. 258). Desse texto, selecionamos para análise quatro recortes que nos são relevantes na delimitação do conceito *personalidade* no âmbito dessa teoria.

No primeiro, estabelecendo uma relação entre o verbo e o pronome que são submetidos à categoria da pessoa, Benveniste pondera:

¹¹⁹ O *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* é uma revista acadêmica publicada pela *Société de Linguistique de Paris* desde 1869. O artigo de Benveniste é o primeiro publicado no fascículo 1, nº. 126, de 1946. Nessa época, Benveniste era secretário da revista e responsável pela redação dos *Mémoires* e do *Bulletin*.

RECORTE 4:

[...] em todas as línguas que possuem um verbo, classificam-se as formas da conjugação segundo a sua **referência à pessoa**, constituindo a enumeração das pessoas propriamente a conjugação; distingue-se três no singular, no plural e eventualmente no dual. **Essa classificação é notoriamente herdada da gramática grega, na qual as formas verbais flexionadas constituem πρόσωπα, personae, “figurações” sob as quais se realiza a noção verbal** (2005[1946], p. 247, grifo itálico do autor e negrito nosso).

No recorte 4, Benveniste mobiliza um termo importante para a compreensão do conceito *personalidade*, a saber: “*personae*”. A concepção de *persona*, *-ae*, surgiu no estoicismo popular significando, conforme já discurremos, “os papéis representados pelo homem na vida” (ABBAGNANO, 2007, p. 761). Isto é, implica o caráter não substancial da “pessoa” a partir da qual “se realiza a noção verbal”. Esse fato, por si só, constitui, desde já, um ponto de afastamento da teorização benvenistiana frente às teorizações que substancializam a concepção de “pessoa”, ligando-a à seres reais no mundo. Benveniste, em nosso gesto de leitura, não substancializa sua compreensão de “pessoa”, dado que, para ele, as duas pessoas – *eu-tu* – e a não-pessoa – *ele* – não se referem a seres no mundo físico, mas a posições representadas/figuradas na instância de *discurso* na qual aparecem. Tanto é assim que a mesma forma linguística *eu* pode ser assumida por diferentes sujeitos e representar simbolicamente diferentes posições, por isso ela só significa na relação dialógica na qual aparece e em virtude da projeção de uma posição.

Benveniste, na sequência, expõe mais detalhadamente as diferenças entre as pessoas *eu-tu* e a não-pessoa *ele*. Ele assevera:

RECORTE 5:

[...] **nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre “eu”**: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu”. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do “eu-tu”; essa forma é assim exceptuada da relação pela qual “eu” e “tu” se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como “pessoa”. Estamos aqui no centro do problema. A forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma “pessoa” específica. [...] **a “terceira pessoa” não é “pessoa”; é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a “não-pessoa”** (2005[1946], p. 250-251, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Benveniste, no recorte 5, especifica o que vem a ser, em sua teorização, “pessoa” e “não-pessoa”, haja vista as posições assumidas pelo *sujeito* no *discurso*. Primeiramente, o autor salienta que em *eu-tu* “há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa”. Na sequência, discordando do caráter de “pessoa”, herdado da gramática grega, atribuído à “terceira pessoa”, Benveniste, em sua tomada de posição teórica, expõe que *ele* não tem legitimidade como “pessoa”, dado que “a forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma ‘pessoa’ específica”. Em outros termos, a “terceira pessoa” não se refere às “pessoas” envolvidas no *discurso*, mas a algo fora dessa relação, já que “tem por função exprimir a ‘não-pessoa’”.

É válido ressaltar, ainda no recorte 5, o emprego recorrente de aspas e de itálicos por Benveniste. Esses usos, no processo de significação, constituem vestígios que remetem ao não-dito (posto em silêncio), espaço de incompletude, à opacidade. Essas marcações, de nosso ponto de vista, relacionam-se à tentativa do sujeito-autor de completar o que é por natureza incompleto, de elidir outros sentidos possíveis de serem relacionados nessa *formulação*, mas que não são ditos. Em outros termos, “marca-se a falta de um outro sentido. Esse efeito só é possível porque o silêncio se inscreve nesse mecanismo de pontuação [no nosso caso, nesses mecanismos tipográficos], considerando que para dizer é preciso não-dizer. Ao mesmo tempo, a falta aponta que um sentido, não-dito, excede os limites do dizível ao marcar que algo foi elidido” (COSTA; SANTOS, 2012, p. 107).

Benveniste coloca aspas, no recorte 5, em “eu”, “tu”, “eu-tu”, “pessoa”, “terceira pessoa”, “não-pessoa”, e grafa em itálico o termo *eu* em quatro momentos dessa *formulação*, diferenciando-o do “eu” entre aspas. No caso dos termos aspeados, Benveniste nos possibilita interpretá-los, haja vista nossa leitura dessa teorização, não como formas linguísticas que remetem a seres presentes no mundo físico, mas como formas linguísticas que, quando empregadas no *discurso*, permitem ao sujeito enunciar de certa posição. Sendo assim, por exemplo, “pessoa” aqui não é pessoa física no mundo, substancial, mas “pessoa” não substancial, discursiva, aquela que existe só e somente só por ser simbolizada na e pela *língua-discurso*. No caso do termo *eu* em itálico, por exemplo, quando afirma: “*Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre ‘eu’”, há, pois, distinção semântica entre *eu* e “eu”. No primeiro caso, *eu* pode ser lido como a forma linguística “eu” empregada em um *discurso* específico, remetendo, pois, a uma determinada posição discursiva; trata-se, pois, de um *eu* em uso específico na *língua-discurso*. Já “eu” compreende a forma linguística que a

língua, como sistema semiológico, oferece “àquele que fala” para se designar e se implicar como *sujeito* no *discurso*.

No terceiro recorte por nós selecionado, Benveniste assevera seu posicionamento teórico:

RECORTE 6:

[...] segue-se que, muito geralmente, **a pessoa só é própria às posições “eu” e “tu”. A terceira pessoa é, em virtude da sua própria estrutura, a forma não pessoal da flexão verbal.** [...] Não se deve, portanto, **representar** a “terceira pessoa” como uma **pessoa apta a despersonalizar-se. Não há aférese da pessoa, mas exatamente a não-pessoa**, que possui como marca a ausência do que qualifica especificamente o “eu” e o “tu” (2005[1946], p. 252-253, grifo negrito nosso).

Benveniste, aqui, ratifica sua argumentação acerca das diferenças entre as “posições ‘eu’ e ‘tu’” e a não-pessoa “ele”. Diz o autor: “a pessoa só é própria às posições ‘eu’ e ‘tu’”. A terceira pessoa é, em virtude da sua própria estrutura, a forma não pessoal da flexão verbal”. Nessa *formulação*, Benveniste empreende um jogo opositivo entre “pessoa” e “não-pessoa”, de modo a realçar as características assumidas por cada uma dessas “posições” discursivas. Interessante, em nosso gesto de leitura, observar Benveniste mobilizando o termo “posições”, dando-nos a ler, novamente, que não se tratam de pessoas no mundo físico, substancializadas, mas de “posições” engendradas no e pelo *discurso*.

Na sequência, o autor afirma que “não se deve, portanto, representar a ‘terceira pessoa’ como uma pessoa apta a despersonalizar-se”. Nessa *formulação*, primeiro, chama-nos a atenção o emprego do termo “representar” pelo autor, ratificando seu posicionamento linguístico de que as “pessoas” são, antes de tudo, simbólicas, sendo “representadas” na e pela *língua-discurso*. Em outros termos, nessa teorização, há formas linguísticas na *língua* responsáveis por “representar” as “pessoas” no e pelo *discurso*. Segundo, Benveniste emprega a forma derivada “**despersonalizar-se**”/“**dépersonnaliser**”. O prefixo des-, indicando separação e/ou ação contrária, atrelado ao conceito em análise, possibilita-nos compreender que a “terceira pessoa” não pode, em momento algum, assumir algum aspecto pessoal, dado que sua estrutura não porta “pessoa”. Em outros termos: não é possível à “terceira pessoa” ser capaz de perder o aspecto pessoal, empreender a “aférese da pessoa”, porque ela não é, desse ponto de vista teórico, portadora de “pessoa”. Sendo assim, Benveniste opõe, novamente, as formas pessoais *eu-tu* à forma não-pessoal *ele*.

No quarto recorte, Benveniste, concluindo sua exposição, afirma:

RECORTE 7:

[...] assim, as expressões da pessoa verbal são, no seu conjunto, organizadas por duas correlações constantes: 1 – ***Correlação de personalidade***, que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*; 2 – ***Correlação de subjetividade***, interior à precedente e opondo *eu* a *tu* (2005[1946], p. 258-259, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Por “correlação” compreende-se a relação mútua entre termos, isto é, a interdependência entre variáveis. Nesse caso específico, Benveniste assinala:

- a) Na “correlação de personalidade”, a oposição *eu/tu* à não-pessoa *ele*, já destacada anteriormente, está fundamentada na relação discursiva que o processo de *enunciação* põe em mo(vi)mento. Ao especificar essa oposição, o autor afirma que a forma *ele* é privada da marca de “pessoa” e que sua função é “representar” um invariante não-pessoal, dado que predica verbalmente e não se refere particularmente a nenhuma “pessoa”; e
- b) Na “correlação de subjetividade”, há a indissociabilidade entre *eu* e *tu*. Em sua *formulação*, *eu* e *tu* se constituem reciprocamente, isto é, um só tem existência em concomitância com o outro; essas formas se dão juntas e em virtude da realidade do diálogo. Ademais, conforme assinala o autor, a “correlação de subjetividade” é interior à “correlação de personalidade”, dado que suas marcas são sustentadas pela categoria de pessoa próprias a *eu-tu*. Em vista disso, Benveniste divide-as, respectivamente, em “pessoa subjetiva”, transcendente, e “pessoa não-subjetiva”, “quase-pessoa”, única possível e imaginável na estrutura do diálogo. Sendo assim, a *subjetividade* se determina pelo *status* linguístico da pessoa; e a inter-relação entre *eu* e *tu* reflete a *intersubjetividade*, condição da comunicação linguística.

Ante à explicitação dessas duas correlações elencadas por Benveniste, podemos ler que, no que se refere à “correção de personalidade”, que coloca em cena a oposição *eu/tu* à não-pessoa *ele*, *personalidade* é aí mobilizado como o que é próprio à “pessoa discursiva”. No que concerne à “correlação de subjetividade”, por seu turno, que circunscreve a indissociabilidade entre *eu* e *tu*, *subjetividade* é aí empregado porque, tendo o “atributo” da *personalidade*, só é possível por contraste.

Analisemos, na sequência, o próximo recorte.

QUINTA PARTE – O HOMEM NA LÍNGUA

CAPÍTULO 20. A NATUREZA DOS PRONOMES

Divulgado em 1956, no *For Roman Jakobson: Essays on the occasion of his sixtieth birthday, 11 October 1956*¹²⁰, esse artigo apresenta a análise de Benveniste sobre a natureza dos pronomes¹²¹, formas linguísticas que, nessa teorização, não constituem uma classe unitária, dado que uns pertencem à “sintaxe da língua” e outros às “instâncias de discurso”. Benveniste inicia sua análise a partir dos pronomes pessoais, salientando, novamente, que a noção de “pessoa” é própria apenas para *eu-tu* e falta a *ele*, a não-pessoa. Discorrendo mais detalhadamente sobre a organização referencial dos pronomes, Benveniste questiona:

RECORTE 8:

[...] qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma **“realidade de discurso”, que é coisa muito singular**. *Eu* só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*”. [...] a forma *eu* só tem existência linguística no ato de palavras que a profere. [...] **Essas definições visam *eu* e *tu* como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem**. [...] Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que **essas formas “pronominais” não remetam à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço e no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego**. [...] A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de **signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que o locutor os assume em cada instância do seu discurso**. [...] É essa propriedade que fundamenta o **discurso individual** em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira. [...] Há enunciados de discurso, que a despeito da sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos mas a uma **situação “objetiva”**. É o domínio daquilo a que chamamos a “terceira pessoa” (2005[1956b], p. 278-282, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Em nossa análise dessa *formulação*, chama-nos a atenção, novamente, a marcação tipográfica feita por Benveniste com aspas e itálicos. Conforme já ponderamos, o uso dessas marcas, assim como da pontuação, serve, conforme Orlandi,

[...] para dar uma dimensão ao discurso no espaço textual. O texto dimensiona, por assim dizer, o discurso, e a pontuação é um de seus “instrumentos”. Ao mesmo tempo em que é um mecanismo de espacialização dos sentidos na superfície do texto – e como, do ponto de vista discursivo, nunca temos o completo porque não podemos esgotar os sentidos – a pontuação [assim como as aspas e os itálicos] é uma violência simbólica necessária: um mecanismo

¹²⁰ O artigo de Benveniste figura entre as páginas 34 e 37 do referido livro, publicado em homenagem a Jakobson.

¹²¹ Interessante notar que, em 1946, no artigo “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, Benveniste diz: “o verbo é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria da pessoa. **O pronome**, entretanto, tem tantos outros caracteres que lhe pertencem particularmente e comporta relações tão diferentes que **exigiria um estudo independente**” (2005[1946], p. 247, grifo negrito nosso); o que ele faz nesse artigo de 1956.

que administra nossa relação à incompletude da linguagem, trabalhando a incompletude do sentido e o inacabamento do sujeito. É o espaço simbólico das relações de sentidos que é pontuado. [...] A pontuação administra – sem eliminar – a falta e o equívoco (ORLANDI, 2012, p. 116).

Benveniste grifa em itálico os termos *eu* e *tu*, por exemplo, em: “Essas definições visam *eu* e *tu* como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem”. O autor, ao diferenciar a forma como grifa esses termos, permite-nos ler que se tratam de formas linguísticas que, cada vez que são empregadas, remetem a uma realidade de *discurso* distinta, não se tratando aqui do “eu” e do “tu” que são colocados em funcionamento no ato discursivo dessa *formulação*, mas a qualquer pessoa que assuma essa posição em um *discurso* específico. Dessa forma, quando estamos diante de um enunciado como “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, por ser um enunciado reconhecidamente pertencente ao espaço da cristandade e atribuído a Jesus, esse “eu”, presente na *enunciação*, atualiza-se em referência à pessoa Jesus, construída discursivamente. Dito de outra forma, esse “eu” significa e faz significar Jesus na instância de *discurso* que produziu esse enunciado, de modo que “Jesus” torna-se uma “realidade” do *discurso* que o constitui como pessoa: o discurso religioso cristão.

Com aspas, Benveniste grifa “realidade”, “realidade do discurso”, “pronominais”, “objetiva(s)”, “vazios”, “plenos”, “terceira pessoa”. Cada um desses termos e/ou expressões é aqui destacado de seu emprego comum, convocando o leitor a considerar os sentidos específicos que contraem nessa teorização. Por exemplo: 1) a “realidade”, para Benveniste, é simbólica, é “realidade do discurso”; nunca realidade física; logo, as aspas levam o leitor a suspender o sentido comum do termo e a considerá-lo na trama teórica engendrada por Benveniste; 2) “terceira pessoa”, embora assim denominada pela tradição, para Benveniste, não possui o que caracteriza “eu” e “tu”, sendo por ele considerado como não-pessoa; 3) as aspas em signos “vazios” e “plenos” são essenciais, dado que, levando em conta a *enunciação* cada vez única, torna-se incongruente afirmar que há signos na *língua* que são vazios ou plenos de *significação*; eles são “vazios” porque contraem, no *discurso*, cada vez, uma referência única; e são “plenos” só e somente só quando assumidos por um locutor em um ato de *discurso* específico.

No recorte 8, outra relação se institui na trama conceitual elaborada por Émile Benveniste: a relação *personalidade-enunciação*. Conforme o autor pontua, é no uso da *língua*, por um ato individual de utilização, que a categoria linguística da pessoa se constitui. Os pronomes pessoais *eu-tu*, essas formas “vazias” de referência, só adquirem *significação* na e pela *enunciação* que converte *língua* em *discurso*; esse ato que implica a apropriação da *língua* pelo locutor. De acordo com essa *formulação*, a partir daí, essas formas “vazias” passam a ter referência e tornam-se, portanto, “plenas”, mas essa referência é única e atual, dado que remete

à “realidade do discurso”, organizada pela categoria de pessoa, e que leva em conta a temporalidade e a espacialidade em torno do *sujeito*. Por isso, o *eu-tu-ele-aqui-agora*, coordenadas referenciais do discurso, indicadores da dêixis, só se definem na instância de *discurso* na qual são enunciados. Desse modo, a “realidade” de que fala Benveniste é a “realidade de discurso”.

Além disso, é válido destacar ainda o emprego feito por Benveniste da expressão “posição na linguagem”. O autor, voltando-se à análise da realidade do *discurso*, salienta que o locutor, no processo de apropriação da *língua*, assume uma “posição” na linguagem; ao fazê-lo, o *sujeito* implanta um “tu”, qualquer que seja seu grau de presença. Em outros termos, é a condição de correlação *intersubjetiva* entre os parceiros do diálogo, essas “figuras” necessárias, que torna possível a linguagem humana.

O recorte 8, de nosso ponto de vista, entretém relação de filiação com a teorização de Michel Bréal sobre as pessoas verbais. Diz Bréal que:

[...] sobre as três pessoas do verbo, há uma que ele [o homem] se reserva de modo absoluto (a que se convencionou chamar a *primeira*). Desse modo, ele opõe sua individualidade ao resto do universo. Quanto à segunda pessoa ela não nos distancia ainda muito de nós mesmo, já que a segunda pessoa não tem outra razão de ser que a de achar-se interpelada pela primeira. Pode-se, pois, dizer que só a terceira pessoa representa a porção objetiva da linguagem” (BRÉAL, 1992[1897], p. 161).

Analisando esse trecho de Bréal, Guimarães (1992, p. 14) argumenta que “não há como não ver nessa passagem a inspiração de Benveniste para o seu estudo sobre as pessoas verbais e os pronomes”. E continua: “bastaria que omitíssemos as duas frases iniciais do que citamos de Bréal no parágrafo anterior para termos uma afirmação claramente benvenistiana”. A filiação de Benveniste a Bréal, conforme Guimarães (2018, p. 24), é uma filiação não-reivindicada: Benveniste dialoga com a obra de Bréal, mas o faz em prol de uma identidade teórica própria. Tanto é assim que o conceito subjetividade é discursivizado de modo distinto por esses teóricos, conforme assinalou Guimarães (1992): para Benveniste, a *subjetividade* é *intersubjetiva*; para Bréal, a subjetividade é uma relação homem/mundo.

Uma decorrência fundamental da posição de Benveniste é a de que, ao assumir que a *subjetividade* é *intersubjetiva*, assume juntamente, de modo correlato, que a história de que ele trata é uma história produzida na e pela *enunciação*, de modo que o conceito história, em Benveniste, não pode ser reduzido à cronologia. Diz Benveniste: “não é a história que dá vida à linguagem, mas sobretudo o inverso. É a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história” (2005[1968c], p. 32). Esse deslocamento na compreensão da

história não está manifesto na teorização de Bréal. Nessa, ao considerar a relação linguagem/mundo, encontra-se marcada pela concepção de história que pode ser lida como datação dos acontecimentos, como contagem do tempo.

QUINTA PARTE – O HOMEM NA LÍNGUA

CAPÍTULO 21. DA SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM

Publicado no *Journal de Psychologie*¹²², em 1958, esse artigo apresenta a análise realizada por Benveniste da *subjetividade* na linguagem a partir da categoria de pessoa e da polaridade entre *eu-tu*. Falando sobre a relação entre homem e linguagem, Benveniste pontua:

RECORTE 9:

[...] não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência de outro. **É homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.** [...] **É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito***; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego” [...] Ora, essa “subjetividade”, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que **a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem.** É “ego” que *diz ego*. **Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* linguístico da “pessoa”.** [...] Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém que será na minha locução um *tu*. **Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade** – que eu me torne *tu* na locução daquele que por sua vez se designa por *eu*. [...] A linguagem só é possível porque **cada locutor se apresenta como *sujeito***, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. [...] **A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental**, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática. [...] **Essa polaridade não significa igualdade nem simetria: *ego* tem sempre uma posição de transcendência, quanto a *tu***; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; **são complementares**, mas segundo uma oposição “interior/exterior”, e ao mesmo tempo **são reversíveis**. Procure-se um paralelo para isso; não se encontrará nenhum. **Única é a condição do homem na linguagem**” (2005[1958a], p. 285-287, grifo itálico do autor e negrito nosso).

¹²² O *Journal de Psychologie : normale et pathologique* foi fundado por Pierre Janet e Georges Dumas em 1903, sendo considerado um dos principais periódicos franceses de Psicologia, com renome internacional. O artigo de Benveniste foi publicado no terceiro volume de 1958, de juill-sept. Esse volume foi dirigido por P. Guillaume e I. Meyerson e teve como secretário da redação J.-P. Vernant. A temática o periódico era « Formes nouvelles d’analyse du langage », sendo o artigo de Benveniste o texto de abertura.

No recorte 9, Benveniste discute em que medida concebe, no seu corpo teórico, a polaridade *eu-tu*. Ele coloca o *eu* como “interior” ao enunciado, pois é por meio dele que o “homem” ganha realidade na e pela linguagem, e “exterior” a *tu*, única “figura” imaginável nessa polaridade, por isso e somente nessa medida “são complementares”. Benveniste, assinala, ainda, o aspecto não simétrico dessa relação, dado que a natureza desigual da *experiência de linguagem* de cada um dos parceiros do *discurso*, embora apropriando-se do mesmo sistema de referência pessoal, impossibilita pensar que haja, no processo de comunicação, uma *troca* simétrica entre eles. Sendo assim, não há “igualdade nem simetria” nessa relação, embora *eu-tu* estejam mutuamente implicados. Logo, o processo de correferência é somente um efeito pragmático, dada a impossibilidade de ocupar a “mesma” “posição” na linguagem que o outro. Ademais, conforme é possível notar nesse recorte, a ênfase do autor está em asseverar que a linguagem só funciona porque introduz a “pessoa” no *discurso*; eis, portanto, a importância capital do conceito *personalidade* na teorização linguística benvenistiana.

Esse recorte nos é relevante para pensarmos a relação estabelecida entre os conceitos “homem”, “sujeito” e “locutor” no âmbito dessa teorização, relacionando-os ao conceito *personalidade* em análise. Vejamos duas passagens, nessa *formulação*, em que esses conceitos são empregados: “É na linguagem e pela linguagem que o **homem** se constitui como **sujeito**” e “cada **locutor** se apresenta como **sujeito**”. Por essas *formulações*, podemos ler que, para Benveniste, esses três conceitos, “homem”, “sujeito” e “locutor”, não se recobrem teoricamente, sendo, cada qual, mobilizado em sua especificidade, embora juntos, nessa trama teórica, permitam-nos pensar a especificidade do conceito *personalidade* nessa teorização. Nas duas passagens em destaque, “homem” e “locutor” diferenciam-se de “sujeito” na medida em que esses só se constituem enquanto tal no e pelo uso da *língua*, em um ato de *discurso* específico, que coloca em relação de polaridade um “eu” e um “tu” mutuamente implicados. Benveniste diz nesse recorte: “única é a condição do homem na linguagem”, a condição do diálogo, que permite ao “homem” e ao “locutor” se constituírem/se proporem como “sujeito”. Logo, para esse autor, só se é “sujeito” por um ato individual de utilização da *língua*; isto é, “sujeito” constitui uma posição de discurso.

Outro aspecto que ressaltamos, no recorte 9, refere-se à seguinte *formulação*: “encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que determina o *status* linguístico da ‘pessoa’”. Benveniste, aqui, mais uma vez, distancia-se da compreensão de “pessoa” como ser no mundo ao considerá-la simbolicamente no uso da *língua*, haja vista seu “*status* linguístico”.

4.3.2 O CONCEITO *PERSONALIDADE* NOS *PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL II*

SEGUNDA PARTE – A COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 4. A LINGUAGEM E A EXPERIÊNCIA HUMANA

Esse artigo foi publicado no periódico *Diogène*¹²³, em Paris, em 1965. Nele, Benveniste propõe-se a analisar duas categorias fundamentais do *discurso*, as quais são ligadas, a saber: a pessoa e o tempo. Segundo o autor, essas categorias tiveram suas *formas* registradas nas descrições; contudo, suas *funções*, que estão relacionadas à produção do *discurso*, não. Nos dizeres do autor: “são categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos” (2006[1965a], p. 68). Desse artigo, selecionamos para análise quatro recortes.

Primeiramente, analisando a categoria da pessoa, Benveniste pontua:

RECORTE 10:

[...] ora, este ato de discurso que enuncia *eu* aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para **aquele que o entende**, mas para **aquele que o enuncia**, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez a inserção do **locutor** num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos. Assim, em toda língua e a todo momento, **aquele que fala** se apropria desse *eu*, este *eu* que, no inventário das formas da língua, não é senão um **dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível** (2006[1965a], p. 68-69, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Conforme temos argumentado, o conceito *personalidade* na teorização benvenistiana é fundamental à sua Linguística Geral, dado que, colocado em relação com os conceitos *lingua* e *cultura*, permite considerar a especificidade da passagem de “homem”/“locutor” a “sujeito”. Essa passagem, conforme pondera Benveniste, marca-se na *lingua* por meio de formas linguísticas - no recorte, denominadas como “dato lexical semelhante a qualquer outro” - que, quando mobilizadas - “post[as] em ação no discurso” - “introduz[em] a presença da pessoa sem

¹²³ *Diogène* é um periódico francês fundado em 1952 por Roger Caillois, com o apoio da UNESCO. Esse periódico trimestral publica trabalhos do *Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines*, sendo de caráter transdisciplinar, divulga trabalhos relacionados às humanidades em geral. O artigo de Benveniste foi publicado na *Diogène* cuja temática era « Problèmes du Langage », edição n. 51, de julho a setembro de 1965. O referido artigo abre a edição da revista e a seção « Nature du langage ». Ainda na seção « Nature du langage » figuram os artigos « De quelques constantes de la théorie linguistique », de Noam Chomsky, e « À la recherche de l'essence du langage » de Roman Jakobson.

a qual nenhuma linguagem é possível”. Nessa medida, para nós, é por considerar imprescindível a categoria da pessoa no *discurso* que Benveniste edifica, em seu corpo de definições, a especificidade do *sujeito* e coloca o conceito *personalidade* como uma das bases de sua teorização.

No recorte 10 em análise, as expressões “aquele que o entende”, “aquele que o enuncia”, “aquele que fala” e os conceitos “locutor” e “eu” estabelecem relação direta com o que compreendemos por *personalidade* nessa teorização, dado que se referem à *(inter)subjetividade*, condição da experiência humana inerente à linguagem. Em outros termos, a inter-relação entre um *eu* e um *outro* mutuamente implicados no *discurso* é que torna possível a linguagem.

RECORTE 11:

[...] quando alguém os pronuncia, este alguém os assume, e o pronome *eu*, de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação única e **produz, a cada vez, uma nova pessoa**. Esta é a atualização de uma **experiência essencial, que não se concebe possa faltar a uma língua**. Esta é a experiência central a partir da qual se determina a possibilidade mesma do discurso. Necessariamente idêntica em sua forma (a linguagem seria impossível se a experiência cada vez nova devesse inventar para cada pessoa uma expressão cada vez diferente), **esta experiência** não é descrita, ela **está lá, inerente à forma que a transmite, constituindo a pessoa no discurso e conseqüentemente toda pessoa desde que ela fale**. Por outro lado, este *eu* na comunicação muda alternativamente de estado: **aquele que o entende** o relaciona ao *outro* do qual ele é signo inegável; mas, **falando por sua vez**, ele assume *eu* por sua própria conta. **Uma dialética singular é a moda da subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira**. Mas, fora do discurso efetivo, **o pronome não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ela recebe sua realidade e sua substância somente do discurso** (2006[1965a], p. 69, grifo itálico do autor e negrito nosso).

No recorte 11, Benveniste *reafirma* seu posicionamento teórico sobre a experiência única da pessoa no *discurso*. Segundo ele, “a língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira”, dado que, a cada instância de *discurso*, “produz [...] uma nova pessoa”. Eis porque, para o autor, o *diálogo* é a mola da *subjetividade*, haja vista permitir àquele que diz enunciar de sua posição e àquele que ouve se

assumir/atualizar/apropriar-se d[o] “mesmo sistema de referências pessoais” para enunciar “por sua própria conta”.

Ressaltamos ainda que Benveniste, no recorte 11, ratifica mais uma vez seu posicionamento acerca da “realidade” a que se referem os pronomes. Comparando essa *formulação* 1965a com a *formulação* de 1956b, anteriormente analisada (Recorte 8), notamos que Benveniste parafraseia discursivamente seu posicionamento teórico. Em 1956b, Benveniste afirma: “a linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que o locutor os assume em cada instância do seu discurso” (2005[1956b], p. 280). Aqui, em 1965a, ele afirma: “o pronome [como elemento do paradigma pronominal] não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ela recebe sua realidade e sua substância somente do discurso”. Sendo assim, notamos que o ponto de vista de Benveniste, em seu trabalho permanente de teorização, sobre os pronomes resiste e, por isso, permanece em funcionamento no quadro de sua teorização, sendo melhor desenvolvido/circunstanciado em vista das demandas de análise a que se propõe.

As ponderações benvenistianas, presentes no recorte 11, rememoram, sobremaneira, a posição expressa por Michel Bréal sobre os pronomes e a presença da pessoa no discurso. Vejamos um trecho da *formulação* de Bréal:

[...] os pronomes são o que há de mais móvel na linguagem, pois eles **não estão jamais definitivamente vinculados a um ser**, viajam continuamente. Há tantos *eu* quantos indivíduos que falam. Há tantos *tu* quantos indivíduos a quem se possa dirigir. Há tantos *ele* quanto os objetos reais ou imaginários que o mundo contém. Essa mobilidade existe, porque **eles não contêm nenhum elemento descritivo** (BRÉAL, 1992[1897], p. 132, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Os trechos em destaque mostram certa filiação do pensamento de Benveniste ao pensamento de Bréal, filiação, para nós, por aproximação/deslocamento. Por exemplo, quando Benveniste diz: a) “essas formas ‘pronominais’ não remetam à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço e no tempo” (2005[1956b], p. 278-282); b) e no recorte 11 em análise, “necessariamente idêntica em sua forma [...] **esta experiência não é descrita**, ela está lá, inerente à forma que a transmite, constituindo a pessoa no discurso e conseqüentemente toda pessoa desde que ela fale”. Contudo, há diferenças fundamentais, por exemplo, quando Bréal diz que os pronomes “não estão jamais definitivamente vinculados a um ser”, tendo em vista a relação homem/mundo a qual ele mobiliza, esse “ser” permite-nos ler como sendo “indivíduo”/“pessoa” concreta no mundo. Por seu turno, para Benveniste, os pronomes pessoais

não remetem “à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço e no tempo, mas à enunciação, cada vez única” (2005[1956b], p. 280). A *personalidade* de que fala Benveniste é simbólica: realiza-se no e pelo *discurso*, por meio do qual é significada como “posição” assumida por um *sujeito*.

Na sequência, discorrendo mais pormenorizadamente sobre a especificidade do tempo linguístico em sua própria ordem, Benveniste pondera:

RECORTE 12:

[...] o mesmo ocorre com um *eu* subtraído ao discurso que o introduz e que, adequado então a todo **locutor** possível, não designa seu **locutor real**: é necessário atualizá-lo acrescentando o nome próprio deste **locutor**: “eu, X...”. **Donde resulta que as coisas designadas e organizadas pelo discurso (o locutor, sua posição, seu tempo) não podem ser identificadas senão pelos parceiros da comunicação linguística** (2006[1965a], p. 78, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Nesse recorte, assim como no anteriormente analisado, o conceito *personalidade*, embora não figure explicitamente, aparece aí significado por meio do emprego de outros conceitos com os quais se relaciona – “*eu*”, “locutor”, “parceiros” – e que evidenciam a presença daquele que diz e se constitui *sujeito* no e pelo *discurso*. Para o autor, conforme analisado, é impossível conceber a *língua* sem expressão da “pessoa”. Essa tomada de posição, em si mesma, provoca, se comparada às teorizações daquela época, deslocamentos significativos e importantes a uma compreensão do funcionamento da *língua* para além do idealismo vigente à época, instituindo uma nova identidade teórica. Por exemplo, Benveniste, considerando a *personalidade* como simbólica, isto é, significada na e pela realidade do *discurso*, desvencilha-se de qualquer relação objetiva, idealista, solipsista ou positivista que possa ser estabelecida no tocante àquele que assume/atualiza/apropria-se [d]o aparelho formal da *língua* e enuncia (de) sua posição. Isso porque, conforme explicitado, o conceito *sujeito* em Benveniste refere-se a uma posição adotada no *discurso*, e não a seres reais no mundo.

No recorte 12 em tela, Benveniste, voltando-se novamente à análise da “realidade” a que se refere o pronome “eu”, assevera que “as coisas designadas e organizadas pelo discurso (**o locutor, sua posição, seu tempo**) não podem ser identificadas senão pelos **parceiros da comunicação linguística**”. Em outros termos, é no e pelo *discurso* somente que é possível significá-lo; é no e pelo *discurso* que ganha “realidade”.

Analisemos o próximo recorte.

RECORTE 13:

[...] a **intersubjetividade** tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o **falante** e seu **parceiro**. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a **experiência humana inscrita na linguagem** (2006[1965a], p. 80, grifo negrito nosso).

Antes desse recorte, no mesmo artigo, Benveniste afirma: “a condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística” (2006[1965a], p. 78). O conceito *intersubjetividade*, nessa teorização, compreende a relação de implicação entre *eu* e *tu* no *diálogo*, “experiência humana inscrita na linguagem”. Essa experiência é: sempre dual e indissociável “entre o falante e seu parceiro”¹²⁴; reversível, dado que *tu* pode tornar-se *eu* na alocação; e única, dado que sua referência é significada só e somente só no ato de *discurso* em que é proferida. Logo, a *intersubjetividade* implica a presença de duas figuras como protagonistas da *enunciação*, por isso relaciona-se ao conceito *personalidade*, dado que implica a presença daquele que diz no *discurso*.

SEGUNDA PARTE – A COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 5. O APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO

O artigo “O aparelho formal da enunciação” foi publicado em 1970, no periódico *Langages*¹²⁵, em Paris. Nele, Benveniste assevera a distinção de descrição e de interpretação entre emprego das *formas* e uso da *língua*, de modo a (de)limitar o que compreende por *enunciação*. Segundo o autor, o processo da *enunciação* pode ser estudado, ao menos, sob três aspectos: como realização vocal da língua; como conversão individual da língua em discurso ou no quadro formal de sua realização. Nesse artigo, o autor volta-se para a *enunciação* nesse terceiro aspecto, definindo-a “como um processo de apropriação” (2006[1970a], p. 84), o qual “introduz aquele que fala em sua fala” (2006[1970a], p. 84), fato que coloca em relação os índices de ostensão, a classe dos indivíduos linguísticos e as formas temporais, haja vista serem definidos apenas no ato de *enunciação*. Por fim, o autor assevera: “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (2006[1970a], p. 87, grifo itálico do autor), colocando em relação

¹²⁴ Vale lembrar que se trata de lugares na *língua* e que, por isso, esse “parceiro” pode, inclusive, ser representado por instituições, grupos, classes etc.

¹²⁵ *Langages* é um periódico trimestral da área da Linguística. O artigo de Benveniste foi publicado no n°. 17, organizado por Tzvetan Todorov, cuja temática foi « L’énunciation ».

diálogo e *enunciação*. Por fim, o autor discute sobre os limites do *diálogo* e sobre as possibilidades que as formas complexas de *discurso* abrem para análise.

Desse artigo, selecionamos dois recortes para análise do conceito *personalidade*.

RECORTE 14:

[...] é preciso ter cuidado com a **condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado**, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. **Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação** (2006[1970a], p. 82, grifo negrito nosso).

Definindo a *enunciação* como “ato mesmo de produzir um enunciado”, Benveniste, nessa *formulação*, salienta que “este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta”, isto é, que assume/atualiza/se apropria da *língua* e enuncia (de) sua posição discursiva, constituindo-se como *sujeito* e remetendo-se a si em seu *discurso*. Benveniste continua sua argumentação dizendo que, na *enunciação*, do ponto de vista do locutor, ele “toma a língua por instrumento”, dado que tem a “impressão” de dominá-la, e emprega os “caracteres linguísticos que marcam esta relação”; a “relação” do locutor com seu parceiro, com seu *discurso* e com o mundo simbolizado na e pela linguagem. Ao agenciar determinadas palavras e não outras em um emprego específico, essas palavras contraem sentidos particulares, tendo em vista as relações estabelecidas no e pelo *discurso*.

RECORTE 15:

[...] o que em geral caracteriza a enunciação é a ***acentuação da relação discursiva com o parceiro***, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo. Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o *quadro figurativo* da enunciação. **Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do diálogo. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação.** Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação (2006[1970a], p. 87, grifo itálico do autor e negrito nosso).

O recorte 15, definidor da tomada de posição de Benveniste com relação à *enunciação*, coloca, implicitamente em funcionamento o conceito *personalidade*, dado que prevê como característica da *enunciação* “a acentuação da relação discursiva com o parceiro”, a qual

pressupõe, na “estrutura do *diálogo*”, “duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma origem, a outra, fim da enunciação. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação”. “Figuras” que fundam o “quadro figurativo da enunciação” e que representam o *sujeito* em (seu) *discurso*.

QUINTA PARTE – O HOMEM NA LÍNGUA

CAPÍTULO 14. O ANTÔNIMO E O PRONOME EM FRANCÊS MODERNO

Nesse artigo, publicado no *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*¹²⁶ em 1965, Benveniste salienta que o estatuto das duas séries de pronomes pessoais do francês (primeira: *je*, *tu*, *il*; segunda: *moi*, *toi*, *lui*) não está, até esse momento, claramente definido. As abordagens históricas dessas *formas* falam “do caso sujeito e do caso regime, da forma átona ou fraca *je* e da forma tônica, acentuada e forte *moi*” (2006[1965c], p. 201). Por seu turno, as abordagens que tentam analisá-las no emprego atual assinalam “o valor de ‘insistência’ ou de ‘relevo’ próprio a *moi*, ausente em *je*” (2006[1965c], p. 201). Contudo, de acordo com Benveniste, “é preciso ver que tal valor não passa de um efeito, não é uma causa; este valor resulta de uma função sintática que não se tem tido a preocupação de apreciar” (2006[1965c], p. 201).

Retomando os estudos dos gramáticos Pichon e Damourette, Benveniste opõe-se a eles ao afirmar que “inexiste coocorrência entre as duas séries pronominais” (2006[1965c], p. 202), dado que “*je* e *moi* não podem permutarem-se em nenhum caso. Falar, então, em ‘pessoa fraca’ e ‘pessoa forte’ é somente fantasiar com noções psicológicas uma realidade linguística insuficientemente descrita” (2006[1965c], p. 202). Sendo assim, o autor propõe-se a examinar a distribuição dos dois pronomes *je* e *moi*.

No que concerne ao pronome autônomo *moi*, Benveniste assinala que ele “se comporta, em todos os sentidos, como um nome próprio” (2006[1965c], p. 204). Contudo, embora esse pronome tenha homologia funcional com os nomes próprios, ele é distinto, isso porque a característica do nome próprio é referir-se a um indivíduo único. O pronome *moi* só possui referência no ato de *discurso* em que é pronunciado:

[...] *moi*, nome próprio de todo locutor, instantâneo à locução, sui-referencial no discurso, antônimo; *Pierre*, nome próprio permanente de um indivíduo, referência objetiva na sociedade, antropônimo. Esta conjunção “*Moi, Pierre*”

¹²⁶ O *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* é uma revista acadêmica publicada pela *Société de Linguistique de Paris* desde 1869. Nessa época, Benveniste era secretário da *Société de Linguistique de Paris*.

define o sujeito de um lado por sua situação contingente de falante, e por outro lado por sua individualidade distinta na comunidade (2006[1965c], p. 205).

Na sequência, propondo-se descrever, em francês moderno, as relações de emprego dos antônimos e dos pronomes, Benveniste assinala: “*Je* é uma pessoa única; *tu* é uma pessoa única, mas *il* representa não importa que sujeito compatível com seu gênero e número, e pode, repetido num mesmo enunciado, remeter a sujeitos diferentes” (2006[1965c], p. 206). Voltando-se sobre o jogo complexo de combinação das séries de pronomes, o autor assinala que esse jogo é determinado por três variáveis: a pessoa, o modo do verbo e a função gramatical do pronome. Em sua extensa descrição e análise, ele conclui: “Tudo concorre, então, para ilustrar esta constatação geral de que a 3.^a pessoa é fundamentalmente diferente das duas outras em seu estatuto, sua função e distribuição de suas formas, e que especialmente nos antônimos e os pronomes, o singular e o plural na 3.^a pessoa podem nem mesmo ser simétricos” (2006[1965c], p. 219).

Desse artigo, selecionamos para análise o seguinte recorte:

RECORTE 16:

[...] os dois se completam: MOI, nome próprio de todo locutor, instantâneo à locução, **sui-referencial no discurso**, antônimo; Pierre, nome próprio permanente de um indivíduo, referência objetiva na sociedade, antropônimo. Esta conjunção “MOI, Pierre” define o sujeito de um lado por sua situação contingente de falante, e por outro lado por sua individualidade distintiva na comunidade. [...] *Je* é uma pessoa única; *tu* é uma pessoa única, mas *il* representa não importa que sujeito compatível com seu gênero e número, e pode, repetido num mesmo enunciado, remeter a sujeitos diferentes (2006[1965c], p. 205-206, grifo itálico do autor e negrito nosso).

No recorte 16, Benveniste compara o uso do substantivo próprio “Pierre” e do pronome “moi”. Em sua análise, o autor caracteriza o pronome “moi” como “sui-referencial no discurso”, ratificando suas argumentações anteriores sobre as características dos pronomes, haja vista que tanto essa *forma* linguística como outros indicadores autorreferenciais remetem ao seu próprio emprego e só adquirem *significação* no ato de *discurso* em que são mobilizados. A realidade a que se referem é a “realidade do discurso”.

Isso posto, nas análises apresentadas, buscamos compreender os efeitos de sentidos que o conceito *personalidade* instaura na teorização linguística elaborada por Émile Benveniste. Conforme demonstramos, o conceito foi mobilizado sob diferentes perspectivas e na análise de diferentes problemáticas. Mesmo que ele não tenha sido definido com precisão por Benveniste, sua *ideia* está lá, de alguma forma, integrada ao aparelho conceitual dessa teorização. Em muitos dos recortes analisados, embora o conceito não tenha figurado explicitamente, ele está em operação por meio de outros conceitos com os quais contrai relações de estruturação e de *significação*, quais sejam: “pessoa”, “locutor”, “sujeito”, “homem”, “eu”, “indivíduo” etc.

Esses conceitos, nessa teorização, são empregados, conforme compreendemos, em vista de uma tomada de posição radical de Benveniste: a Linguística não é uma Ciência Natural, dado que seu objeto não existe na natureza, mas na *cultura*. A Linguística é uma Ciência Humana; a linguagem, por um lado, não tem realidade fora da atividade humana; e o homem, por outro lado, é por ela constituído e significado como homem. Se assim o é, torna-se imprescindível à Linguística, em sua investigação sobre a estrutura e o funcionamento da linguagem, considerar o “homem” nesse agenciamento, o qual marca uma relação com a linguagem e, por meio dela, uma relação discursiva com *outro* homem. Sendo assim, analisar a *língua* por ela mesma, desconsiderando a *cultura* e a *personalidade*, para Benveniste, torna o debate “estéril”, haja vista que essa desconsideração torna impossível trabalhar a *significação* nas questões da linguagem.

Conforme salientamos, o conceito “humano” (cf. BENVENISTE, 2006[1965a]) de Benveniste não cai no idealismo, nem subjetivista nem sociologista. Esse é um grande diferencial do pensamento de Benveniste. Um linguista que “captou” certa demanda da época a que a linguística dominante fechava os ouvidos, embalada no e pelo canto das sereias, seja o da cientificidade, seja o do abstracionismo, seja o do naturalismo. Esse canto produziu/fomentou o sonho de constituir-se ciência segundo as discursividades positivistas das chamadas Ciências da Natureza.

Ademais, em nossas análises, estendemos a divisão estabelecida por Benveniste entre *nível histórico* e *nível fundamental* ao conceito *personalidade*, compreendendo-o, em seu *nível histórico*, como “falante”, “locutor”; e, em seu *nível fundamental*, como posição assumida pelo *sujeito* no *discurso*. Logo, *personalidade*, em Benveniste, constitui uma unidade significativa, simbólica, dado que evidencia a presença daquele que diz e se constitui *sujeito* no e pelo *discurso*. É por colocar esse conceito como um dos tripés de sua teorização que Benveniste pode considerar a *subjetividade* na linguagem e, assim, “escapar” ao idealismo vigente no estruturalismo ortodoxo em relação de dominância na época. Desse modo, para além da

compreensão da teorização de Émile Benveniste, julgamos ter demonstrado, com a análise, que os deslocamentos teóricos e os processos de ressignificação conceitual da teorização de Benveniste no quadro geral de suas filiações significam sua Linguística Geral como autoral e como *acontecimento* no espaço político-simbólico da Linguística. Um *acontecimento* que merece ser (*re*)visitado por aqueles linguistas que desejam “fugir” ao idealismo e ao positivismo em Linguística. Para estes, a teorização de Benveniste, presente nos *Problemas de Linguística Geral I* e nos *Problemas de Linguística Geral II*, pode constituir um ponto de filiação. Daí o interesse em Benveniste.

Ademais, buscamos evidenciar o aspecto paradoxal que perpassa o conceito *personalidade* nessa *formulação*: ao mesmo tempo que é sócio-cultural, é individual. É sócio-cultural, porque manifesta-se em uma determinada *sociedade-cultura*, a partir da mobilização de um sistema de formas significantes específico que, quando agenciado, em vista da relação entre os parceiros da comunicação linguística, em uma situação sempre única de *discurso*, coloca em jogo os aspectos subjetivos daquele que o faz: ele agencia seu dizer com determinadas palavras e não com outras. Eis, aí, novamente, a inter-relação entre o trinômio em análise.

Por conseguinte, o conceito *personalidade*, na trama teórica elaborada por esse autor, é mais complexo que o jogo das formas indiciais que certas leituras automatizadas da obra de Benveniste colocam em *circulação*. O exercício da *língua* é o testemunho da identidade – da *subjetividade* na linguagem – e essa identidade não é fixa, porque é relacional à situação de *discurso* que provoca a *enunciação*. Assim, a ideia de “pessoa” é invariavelmente ligada àquela de “pronome”, seja nas relações que entretêm com o verbo, seja quando se pensa nos atos de *discurso*.

O conceito *personalidade* deve ser compreendido, nesse esforço teórico de Benveniste, como um mo(vi)mento de contra-identificação às discursividades em relação de dominância no espaço político-simbólico da Linguística em sua época de produção intelectual (1920-1969). Daí falarmos que Benveniste “capta” (ou melhor, é captado) por certa demanda da época: como linguista, no ritual de interpelação ideológica. Nesse mo(vi)mento de contra-identificação reside a abertura para a emergência de sua posição marcadamente autoral. Um linguista que, dada sua história e relação com as línguas, foi impelido a ousar e a colocar a *significação* no centro de suas preocupações. Assim, constituiu-se o projeto de Linguística Geral de Émile Benveniste.

O PROJETO DE LINGUÍSTICA GERAL DE ÉMILE BENVENISTE: O ESTUDO DA SIGNIFICAÇÃO

Há em todo criador uma certa exigência, escondida, permanente, que o sustenta e o devora, que lhe guia os pensamentos, lhe designa a sua tarefa, estimula-o nas suas fraquezas e não lhe dá trégua quando tenta escapar-lhe.

Émile Benveniste (2005[1963c], p. 35)

Saber o que se recusa e por que se recusa pode estimular a consciência do que há para inventar, e ajudar a descobrir os quadros nos quais se pode inventar.

Émile Benveniste (2006[1968a], p. 27)

Eu tenho consciência, cada vez mais viva, de que o nível significativo uniu o conjunto das ciências do homem.

Émile Benveniste (2006[1968c], p. 38)

5.1 INTRODUÇÃO

As sugestivas epígrafes que abrem este capítulo sinalizam, desde já, a posição-sujeito assumida por Benveniste frente à Linguística. Há, em sua teorização, uma “exigência” que “o sustenta e o devora” (BENVENISTE, 2005[1963c], p. 35), qual seja: a necessidade de centrar a problematização linguística no estudo da *significação*, deslocando-o do domínio filosófico, de modo a *reins*erir a Linguística no domínio das Ciências Humanas. Nessa medida, Benveniste “recusa” o estudo linguístico pautado pelo estruturalismo ortodoxo de seu tempo, o qual se centra na descrição e na análise da *forma* linguística, apregoando a autonomia dos estudos da linguagem, expurgando a *significação* e retirando a Linguística do quadro das Ciências Humanas. Segundo Benveniste, “o nível significante uniu o conjunto das ciências do homem” (2006[1968c], p. 38). É a partir dessa tomada de posição, no espaço político-simbólico da Linguística, que Benveniste propõe um novo “quadro” teórico de análise-interpretação linguística.

Ao longo dos capítulos anteriores, percorrendo as *formulações* desse autor, buscamos analisar o estatuto teórico dos conceitos *língua*, *cultura*, *personalidade* em sua Linguística Geral. Em nossa análise, esse trinômio é basilar a essa Linguística dado que é por meio dele que o estudo da *significação* pode se edificar. Neste capítulo, buscamos, relacionando os conceitos que compõe o trinômio, analisar de que modo o interesse pelo estudo da *significação* possibilita a Benveniste fundar/*formular* uma Linguística autoral.

5.2 O PROJETO DE LINGUÍSTICA GERAL DE ÉMILE BENVENISTE

Apresentamos, inicialmente, trechos de uma carta escrita por Émile Benveniste, em 20 de abril de 1953, a Edward d’Arms, então diretor da Fundação Rockefeller, a qual inscreve Benveniste em seu *exchange visitor program* e subsidia sua viagem à América do Norte para estudar as línguas indígenas. Nessa carta, diz Benveniste:

*[...] Todas as pesquisas que fiz nos últimos anos e o projeto que criei têm o mesmo propósito em vista. Você me pergunta como pretendo tornar acessível aos outros o[s] resultado[s]. Eu posso lhe dizer os títulos de alguns dos cursos que ministrei nos últimos anos: - Sintaxe Geral (abrangendo os vários tipos de enunciados e suas características distintivas). - Teoria das línguas classificatórias (comparação dos processos utilizados nas diversas famílias linguísticas para classificar as noções, e a **significação** desses processos). - Problemas de morfologia geral (em particular, exame da flexão, da derivação, da composição e de suas relações, questões que estão na base da descrição). Pretendo, se o meu projeto for bem-*

sucedido, fazer um curso no próximo ano sobre as línguas indianas **do ponto de vista da linguística geral**. Tudo isso prepara uma publicação geral da qual eu estendo a documentação. (...) A viagem de investigação da qual te expus o propósito geral tem o mesmo objetivo.

Em termos resumidos, minha preocupação é saber como a língua “significa” e como ela “simboliza”. As tendências atuais de uma determinada escola de linguistas vão analisar a língua com base na distribuição e nas combinações formal[is]. Parece-me que é hora de abordar com métodos novos o conteúdo dessas formas e ver com quais princípios está organizado. Aqui é importante comparar os tipos linguísticos diferente[s] refletindo **culturas** tão diferentes quanto possível, porque é provável que tenhamos diferentes modelos de hierarquias em funções semânticas como em estruturas formais: por exemplo, a **significação** de um enunciado nas línguas ocidentais é assegurada principalmente pela combinação da flexão, da derivação e de partículas com valor “lógico”. Precisamos ver como essa **significação** é obtida nas línguas cujos recursos e a construção são inteiramente diferentes. Se conseguirmos formular os princípios dessas organizações, facilitaremos a introdução na linguística dos métodos de formalização logística.

Tal estudo não pode ser abordado para línguas “primitivas” com as descrições publicadas. É preciso experiência pessoal e contato direto. O campo que escolhi coloca, além disso, um importante problema do ponto de vista genético, que mencionei. A mesma investigação poderá assim avançar nas pesquisas de aparência diferentes, que todos no final concordam. Gostaria de acrescentar que, se eu desejo concluir este ano o estudo que comecei no ano passado, é para não voltar e **concentrar agora meus esforços no desenvolvimento de uma teoria que vai exigir todo meu tempo.**

Com meus melhores desejos,
Sinceramente para você.

BnF – Coll. Papiers d’Orientalistes, don 06-15, pochette 7¹²⁷

¹²⁷ [...] Toutes les recherches que j’ai faites ces dernières années et le projet que j’ai formé ont le même dessein en vue. Vous me demandez comment je compte rendre accessibles aux autres les résultat[s]. Je puis vous indiquer les titres de quelques uns de[s] cours que j’ai donnés ces dernières années: – Syntaxe générale (portant sur les divers types d’énoncés et sur leurs caractéristiques distinctives). – Théorie des langues classificatoires (comparaison des procédés employés dans les diverses familles linguistiques pour classifier les notions, et signification de ces procédés). – Problèmes de morphologie générale (notamment, examen de la flexion, de la dérivation, de la composition et de leurs rapports, questions qui sont à la base de la description). J’ai l’intention, si mon projet aboutit, de faire l’année prochaine un cours sur les langues indiennes au point de vue de la linguistique générale. Tout cela prépare une publication d’ensemble dont j’élargis la documentation. (...) Le voyage d’enquête dont je vous ai exposé le dessein général a le même but.

En termes sommaires, ma préoccupation est de savoir comment la langue « signifie » et comment elle « symbolise ». Les tendances actuelles d’une certaine école de linguistes vont à analyser la langue sur la base de la distribution et des combinaisons formel[les]. Il me semble qu’il est temps d’aborder avec des méthodes nouvelles le contenu de ces formes et de voir selon quels principes il est organisé. Ici il importe de comparer des types linguistiques différent[s] reflétant des cultures aussi différentes que possible, car il est probable que nous avons différents modèles de hiérarchies dans les fonctions sémantiques comme dans les structures formelles : par exemple la signification d’un énoncé dans les langues occidentales est assuré principalement par la combinaison de la flexion, de la dérivation et de particules à valeur « logique ». Il faut voir comment cette signification est obtenue dans des langues dont les ressources et la construction sont entièrement différentes. Si on parvient à formuler les principes de ces organisations, on facilitera l’introduction en linguistique des méthodes de la formalisation logistique.

Une pareille étude ne peut être abordée, pour les langues « primitives » avec les descriptions publiées. Il faut une expérience personnelle et un contact direct. Le domaine que j’ai choisi pose, en outre un important problème au

Em sua *formulação*, nessa carta, datada de 1953 e arquivada na Biblioteca Nacional da França, Benveniste afirma: “todas as pesquisas que fiz nos últimos anos e o projeto que criei têm o mesmo propósito em vista”. Esse propósito, “saber como a língua ‘significa’ e como ela ‘simboliza’”, fez com que ele abordasse os problemas linguísticos a partir de “métodos novos”, recusando, assim, as “tendências atuais de uma determinada escola de linguistas” que analisam “a língua com base na distribuição e nas combinações formal[is]”. De nosso ponto de vista, o método de análise proposto por Benveniste, por focalizar o emprego da *forma* e o uso da *língua*, articula *língua, cultura, personalidade*, o trinômio em análise, que constitui o alicerce de sua Linguística Geral, a qual possui como centro de interesse o estudo da *significação*. Em outros termos: o que une esse trinômio é o interesse de Benveniste em investigar a *significação*, que decorre do emprego da *forma* e do uso da *língua*. Ademais, Benveniste explicita seu desejo de concentrar seus “esforços no desenvolvimento de uma teoria” que irá demandar todo seu tempo. Benveniste afirma, nessa carta, que há “projeto”, há “teoria” em elaboração; há tomada de posição frente aos problemas linguísticos. Para nós, é isso que faz de sua pesquisa uma Linguística autoral, um *acontecimento* na Linguística.

É válido salientar que Benveniste, em diferentes textos, apresenta sua teorização como “esforço”, “pontos de vista pessoais”, “esboço”. Confira, por exemplo, algumas dessas colocações: a) “a presente exposição é um esforço para situar e organizar estas noções gêmeas de sentido e de forma, e para analisar suas funções fora de qualquer pressuposto filosófico” (2006[1966a], p. 221); b) “o que eu formulei são pontos de vista pessoais, são proposições que, de resto, precisam ser discutidas, precisadas, estendidas, circunscritas em todos os domínios da linguística” (2006[1966a], p. 240); c) “demos aqui apenas um esboço sumário de um assunto vasto que exigiria longas análises e estatísticas pormenorizadas” (2005[1959], p. 276); d) “amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui” (2006[1970a], p. 90). Em nosso gesto de leitura, esse seu modo de dizer/significar sua produção intelectual marca a posição assumida por ele ante o trabalho de produção de conhecimento. Essa posição mostra que, para ele, o conhecimento é aberto e

point de vue génétique, que j'ai mentionné. La même enquête pourra ainsi faire avancer des recherches d'apparence différente, qui toutes à la fin se concordent. J'ajoute que, si je souhaite achever cette année même l'étude que j'ai commencée l'année dernière, c'est pour n'y plus revenir et concentrer désormais mes efforts sur l'élaboration d'une théorie qui demandera tout mon temps.

*Avec mes meilleurs souhaits,
Sincèrement à vous.*

provisório, de modo que a produção de conhecimento está em constante processo de (re)elaboração.

Vale salientar que, na carta a Rockefeller, de 1953, Benveniste manifesta o desejo de concentrar, em futuro próximo, seus “esforços no desenvolvimento de uma teoria que vai exigir todo [seu] tempo”. Essa colocação de Benveniste sugere que ele estaria pensando em produzir um texto de apresentação de sua teorização em Linguística Geral. No entanto, em dezembro de 1956, ele sofre um infarto, que o debilita sobremaneira. É possível que a conjuntura na qual ele passou a viver o tenha impedido de realizar tal projeto. Assim, em 1966, em certo sentido “motivado” por P. Verstraetem e N. Ruwet, Benveniste compila e republica alguns de seus artigos em Linguística Geral. Para nós, essa republicação constitui uma reapresentação de sua Linguística Geral; essa que, dispersa no espaço político-simbólico da Linguística e das Ciências Humanas, pouco *circulou* até essa republicação. Assim sendo, podemos dizer que a publicação dos *Problemas de Linguística Geral* pode ter tomado o lugar desse texto de apresentação, uma vez que são eles que possibilitaram/possibilitam, em certo sentido, a permanência e a *circulação* da Linguística de Émile Benveniste no espaço político-simbólico da Linguística.

Ante ao exposto, neste capítulo, haja vista alguns recortes dos *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*, analisamos, na *formulação* teórica de Benveniste, como o trinômio *língua, cultura, personalidade* se articula em prol do objetivo teórico do autor: “saber como a língua ‘significa’ e como ela ‘simboliza’”. A natureza da teorização linguística de Benveniste, a qual analisamos, conforme assinalamos, está centrada no “âmago mais profundo da linguagem” (BENVENISTE, 2006[1966a], p. 222), na contemplação dessa “cabeça de Medusa” que constitui a própria natureza da linguagem: a *significação*.

RECORTE 1:

[...] **entretanto, a linguagem é também um fato humano**; é no homem o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação. **Uma outra linguística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade** (2005[1954a], p. 17, grifo negrito nosso).

Conforme anteriormente exposto, assumimos como hipótese de nosso trabalho a afirmação *formulada* por Benveniste no recorte 1. De nossa perspectiva, ao afirmar, ao final do artigo “Tendências recentes em Linguística Geral” (2005[1954a]), que “uma outra linguística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade”, essa “outra linguística” se refere à própria Linguística Geral que Benveniste pratica, haja vista seu

interesse, conforme nossas análises anteriores e a carta que abre este capítulo, de “saber como a língua ‘significa’ e como ela ‘simboliza’”.

No recorte 1, o uso do verbo “poder” no futuro do pretérito (na *formulação* em francês, verbo “pourrait” no “conditionnel présent”), joga com os sentidos hipotéticos de algo que ainda não ocorreu e que constitui uma possibilidade no campo da Linguística. Possibilidade essa que Benveniste, em seu trabalho permanente de teorização, traça as bases, fundando uma perspectiva autoral de teoria e análise da *língua*.

RECORTE 2:

[...] nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito. O voo do pensamento liga-se muito mais estreitamente às capacidades dos homens, às condições gerais da cultura, à organização da sociedade que à natureza particular da língua. A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade de linguagem, pois **a língua é uma estrutura enformada de significação** e pensar é manejar os símbolos da língua (2005[1958b], p. 80, grifo nosso).

O recorte 2 pertence ao artigo “Categorias de pensamento e categorias de língua” (2005[1958b]). Nesse artigo, Benveniste, analisando a relação *pensamento-língua*, assinala que, de sua perspectiva, o pensamento só pode ganhar forma pela *língua*, dado que é a *língua* que “delimita e organiza o que se pode pensar” (2005[1958], p. 76). Contudo, conforme ressalta o autor, pensamento e *língua* não são solidários, simétricos e não são indispensáveis um ao outro, tanto que “nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito”.

Ainda nessa *formulação*, diz o autor: “a língua é uma estrutura enformada de significação”. É por considerar “a língua” “uma estrutura enformada de significação” que a teorização benvenistiana difere-se daquelas de seu tempo e instaura-se, no espaço político-simbólico da Linguística, como autoral. Para analisar a *significação*, Benveniste precisa levar em conta o trinômio *língua, cultura, personalidade*, uma vez que é por meio dele, considerando o emprego da *forma* e o uso da *língua*, que é possível “compreender os efeitos e sentidos daí resultantes” (2006[1972], p. 144). Contudo, entre os termos desse trinômio, a *língua* se sobressai, haja vista se constituir o sistema *interpretante* de todos os demais sistemas, inclusive dela mesma. Nessa medida, é a *língua* que funda “a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura” (2006[1969a], p. 60). É, por isso, que a Linguística,

tendo por objeto de estudo a *língua*, do ponto de vista de Benveniste, constitui ciência no conjunto das Ciências Humanas e está em posição central no seio da Semiologia, isso porque:

RECORTE 3:

[...] a língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento: 1º ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de; 2º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo; 3º ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade; 4º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva (2006[1969a], p. 63).

O recorte 3, presente no artigo “Semiologia da língua” (2006[1969a]), assinalando a natureza paradoxal da *língua* em seu modo de *significação*, Benveniste caracteriza a *língua* em sua “estrutura formal” e em “seu funcionamento”, parafraseando, em seu modo *semiótico* e seu *modo semântico*. No que concerne ao modo *semiótico*, o autor assinala que a *língua* consiste “formalmente de unidades distintas”, os signos, e que é “produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade”, haja vista ser compreendida como herança e se sustentar pelo uso comum de signos. No que se refere ao *modo semântico*, Benveniste indica que a *língua* “se manifesta pela enunciação” e “é a única atualização da comunicação intersubjetiva”. Observemos que é nessas e por essas características que o conceito *língua*, no âmbito dessa teorização, por recobrir uma definição específica, a qual foi *formulada* em virtude do *acontecimento* da distinção *semiótico* e *semântico*, alça a Linguística Geral benvenistiana a uma posição autoral.

RECORTE 4:

[...] o **ato individual** pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. **Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua.** Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. Enquanto **realização individual**, a enunciação pode se definir em relação à língua, como um **processo de apropriação**. **O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor** por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro (2006[1970a], p. 83-84, grifo itálico do autor e negrito nosso).

Tendo em vista a definição de *língua* anteriormente analisada, nessa *formulação*, recortada do artigo “O aparelho formal da enunciação” (2006[1970a]), observamos Benveniste especificar o que vem a ser *enunciação* em seu corpo de definição. Segundo o autor, a *enunciação* consiste no “ato individual” e/ou “realização individual” por meio da qual o locutor “se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor”. Em outros termos, a *enunciação* consiste no ato de o locutor se apropriar da *língua-sistema* e enunciar, pela *língua-discurso*, de sua posição de locutor, a qual coloca em funcionamento o que Benveniste compreende por *cultura e personalidade*.

No recorte 4, Benveniste marca tipograficamente “apropriação” em *itálico*, o que, na linearidade discursiva, produz efeitos de sentidos ao leitor, dado que “marca a tensão entre formulação e constituição, entre unidade e dispersão, entre paráfrase e polissemia, entre dizer e não-dizer” (ORLANDI, 2012, p. 113). Esse termo figura na teorização benvenistiana vezes de modo bastante específico. “Apropriar-se”, nessa teorização, em nosso gesto de leitura, não se refere a tomar a *língua* como instrumento, ao contrário, refere-se ao manejo da *língua* de modo a convertê-la em *discurso*. Logo, não se refere a algo da empiria – “tomar para si, tomar como propriedade; arrogar-se a posse de; apoderar(-se), assenhorear(-se)”, conforme o Houaiss –, muito menos está relacionado com as teorias cuja noção de sujeito é concebida como uma entidade consciente e dotada de intenção. Para Benveniste, o locutor apropria-se da *língua* no sentido de fazer dela algo que lhe seja próprio, isso porque, conforme o recorte 4, antes de ser enunciada, “a língua não é senão possibilidade de língua”. Dito de outro modo, “fazer da língua algo que lhe seja próprio” deve ser compreendido no sentido de fazer algo que lhe seja próprio a um emprego específico da *língua*, ou seja, que lhe sirva para viver na e pela linguagem, implicando-se subjetivamente de modo a produzir uma *troca*, premissa básica da *enunciação*. É preciso lembrarmos de que “a realidade da língua permanece, via de regra, inconsciente; [...] não temos senão uma consciência fraca e fugidia das operações que efetuamos para falar” (2005[1958b], p. 68).

RECORTE 5:

[...] para cada falante o falar emana dele e retoma a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, **a língua que é assim a emanção irreduzível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva à toda a coletividade**. E esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supra-individual, e a produção individual do falar que fundamenta a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade. Com efeito, **a língua fornece ao falante a estrutura formal de base, que permite o exercício da fala. Ela fornece**

o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso (2006[1968b], p. 101, grifo negrito nosso).

No recorte 5, Benveniste assinala o aspecto *intersubjetivo* da *língua*, que pressupõe um *eu* e um *outro* mutuamente implicados em uma situação de *discurso* específica. Para ele, a *língua* consiste, ao mesmo tempo, em “emanação irreduzível do eu mais profundo de cada indivíduo” e “uma realidade supra-individual e coextensiva à toda a coletividade”, ou seja, respectivamente, “produção individual do falar” e uma “realidade objetivável”. De acordo com Dessons (2006, p. 54, tradução nossa), nessa *formulação*, “Benveniste enfatiza a impossibilidade de confinar o estudo do ‘sentido’ linguístico à designação”¹²⁸, dado que a *língua*, sendo paradoxal em sua natureza, articula a significância *dos signos* e a significância *do discurso*. Em sendo assim, é possível compreendermos que, se se focaliza o estudo da *designação*, o conceito *língua* mobilizado é *língua-sistema*, furtando-se de qualquer relação possível com a situação de *discurso*. Por seu turno, se se enfoca o estudo da *significação*, o conceito *língua* mobilizado consiste na articulação entre *língua-sistema* e *língua-discurso*, a qual compreende a articulação *semiótico* e *semântico*, isto é, entre a *língua* concebida como sistema de signos e a *língua* assumida como exercício do indivíduo. É nessa e por essa medida que Benveniste focaliza sua teorização e sua análise na *significação* e, por isso, não pode abster-se em considerar *cultura* e *personalidade*, as quais, com a *língua*, implicam no jogo significativo.

Na sequência, diz o autor: “a língua fornece ao falante a estrutura formal de base, que permite o exercício da fala. Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso”. Aqui, novamente, é a distinção *semiótico* e *semântico* que Benveniste *formula* e que está em operação ao longo de sua teorização linguística. Sobre isso, diz ele: “[...] o hábito nos torna facilmente insensíveis a essa diferença profunda entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício do indivíduo” (2005[1956b], p. 281), por isso a necessidade de distingui-las e de especificá-las em suas propriedades, possibilitando, após isso, a constituição de uma “semiologia de ‘segunda geração’” (2006[1969a], p. 67), a qual, partindo de Saussure e ampliando suas bases, possibilite o estudo da *significação*.

Significar, para Benveniste, conforme o recorte 6,

¹²⁸ Nas palavras do autor: « Benveniste met l’accent sur l’impossibilité de cantonner l’étude du ‘sens’ linguistique à la désignation » (DESSONS, 2006, p. 54).

RECORTE 6:

[...] **é ter um sentido, nada mais.** E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por **aqueles que manuseiam a língua**, aqueles para os quais **esta língua é a língua e nada mais**. Nós erigimos, desta forma, a noção de uso e de compreensão da língua como um princípio de discriminação, um critério. É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. **Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua** (2006[1966a], p. 227, grito itálico do autor e negrito nosso).

Nessa *formulação*, recortada do artigo “A forma e o sentido na linguagem” (2006[1966a]), Benveniste diz que “significar é ter um sentido, nada mais”. Ter “sentido”, em Benveniste, “é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico” (2005[1962b], p. 130). Em vista do *acontecimento* da distinção benvenistiana entre os dois modos de significância da *língua*, o *semiótico* e o *semântico*, esse “ter um sentido” é por nós lido: a) no modo *semiótico*, relacionado ao signo linguístico, consiste em *reconhecer* o valor *distintivo* da *designação* em *relação paradigmática*; e b) no modo *semântico*, relacionado ao *discurso*, consiste em *compreender* a *significação* da *enunciação*, na *relação sintagmática*, levando em conta a instância de *discurso* e o simbolismo que implica. Notemos: há *sentido* no *semiótico*, que é *distintivo*, e há *sentido* no *semântico*, que é *integrativo*; assim como há *forma* no *semiótico*, o signo linguístico, e há *forma* no *semântico*, a frase.

Em “Os níveis da análise linguística” (2005[1962b]), Benveniste teoriza explicitamente sobre o *semiótico* e o *semântico*, tratando em termos de *níveis* as análises possíveis no âmbito dessas duas Linguísticas. Ao expor as *relações de substituição*, o que ele apresenta são as relações entre *forma* e *sentido* possíveis no modo *semiótico*, o qual pressupõe *reconhecer* os constituintes e as relações distribucionais no *eixo paradigmático*. Por seu turno, ao considerar as *relações integrativas*, é sobre o modo *semântico* que Benveniste se detém, o qual pressupõe *compreender* as unidades como integrantes no *eixo sintagmático*. Conforme expresso pelo autor, as unidades podem estabelecer relações no mesmo nível – restringindo as análises ao modo *semiótico*, por exemplo, por meio da *designação*, e entre níveis diferentes, no modo *semântico*, considerando as relações integrativas em vista da *significação*.

Voltando-nos ao recorte 5, nele Benveniste assevera o fato de serem os falantes, “aqueles que manuseiam a língua”, aqueles capazes de dizer “este *sim* ou *não*” com relação ao *sentido*. Esse aspecto nos é importante, dado que coloca em relação o que compreendemos por *personalidade* e por *cultura* no âmbito dessa teorização. *Personalidade* porque há um falante

que, ao apropriar-se da *língua*, torna-se *sujeito* e assume uma determinada posição em relação ao *discurso*. Essa posição assumida pelo *sujeito* no *discurso* não é isenta da *cultura*, sistema simbólico ao qual pertence, o qual o faz significar a si, ao *outro* e ao mundo. Na sequência dessa *formulação*, o autor assinala que, para “aqueles que manuseiam a língua”, “esta língua é a *língua* e nada mais”. Interessante, aqui, a marca tipográfica de itálico utilizada pelo autor no conceito “língua”, o qual, antecedido pelo artigo definido “a”, em nosso gesto de leitura, coloca em jogo o ponto de vista do linguista e o ponto de vista do falante com relação à *língua*. Para o linguista, *língua* é um sistema de formas significantes; para o falante, “a *língua*” é um instrumento de comunicação, tal como Benveniste expressa em “Da subjetividade na linguagem” (2005[1958a]), e “nada mais”.

Por fim, o autor assinala que erigiu “a noção de uso e de compreensão da língua” como “um critério”, isso não poderia ser diferente, dado seu interesse em analisar a *significação*. E justifica: “é no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua”. Logo, as análises da *forma*, desconsiderando o uso da *língua*, o *sentido*, o qual pressupõe *personalidade* e *cultura*, em certa medida, são estéreis, uma vez que se tenta analisar a *língua* como estando fora dela, fato impossível do ponto de vista de Benveniste. É nessa e por essa medida que Benveniste, ao teorizar o *acontecimento* da dupla significância, propõe, no recorte 7, que o *domínio semântico*:

RECORTE 7:

[...] nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na **língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas**, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constrangendo; **em resumo, organizando toda a vida dos homens** (2006[1966a], p. 229, grifo negrito nosso).

Esse recorte também pertence ao artigo “A forma e o sentido na linguagem” (2006[1966a]). Nele, Benveniste assinala a “função mediadora” da língua “entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas”, de modo a organizar “toda a vida dos homens”. Só é possível falar em “função mediadora” porque a *língua* *significa*, e *significa* “de uma maneira específica e que não está senão nela” (2006[1969a], p. 64), haja vista ser, para Benveniste, investida de uma dupla significância. Por isso,

RECORTE 8:

[...] na linguagem unifica-se esta dualidade de homem e de cultura, de homem e de sociedade, graças a propriedade de significação, de que tentamos desentranhar a natureza e o domínio (2006[1966a], p. 242, grifo negrito nosso).

Também selecionado do artigo “A forma e o sentido na linguagem” (2006[1966a]), no recorte 8, ao afirmar que “na linguagem unifica-se esta dualidade de homem e de cultura, de homem e de sociedade, graças a propriedade de significação”, Benveniste mobiliza os conceitos *personalidade*, por meio do emprego de “homem”, e *cultura*, por meio do uso de “cultura” e “sociedade”, relacionando esses dois conceitos com o conceito *língua*, por meio do emprego de “linguagem”. Interessante, aqui, o modo como Benveniste articula “de homem e de cultura, de homem e de sociedade”, separando essas dualidades com o uso de vírgula. Esse modo de escrita, em si, em nosso gesto de leitura, significa, dado que, conforme analisamos anteriormente (cf. O conceito *cultura* na Linguística Geral de Émile Benveniste), o autor considera *sociedade* e *cultura* inerentes uma à outra, por isso as coloca em relação de implicação, reescrevendo-as. Dito isso, essa *formulação* coloca em relação os termos do trinômio em análise em função da “propriedade de significação” específica da *língua*, a qual Benveniste busca “desentranhar a natureza e o domínio”. Conforme expusemos em momento anterior (cf. O conceito *língua* na Linguística Geral de Émile Benveniste), essa “busca” do autor por compreender “a natureza e o domínio” da *significação* perpassa sua teorização, pelo menos, desde 2005[1939].



Para Benveniste, *significar* é a propriedade fundamental da *língua*. Vejamos, nos dizeres do autor:

[...] o que eu formulei são pontos de vista pessoais, são proposições que, de resto, precisam ser discutidas, precisadas, estendidas, circunscritas em todos os domínios da linguística [...] Acho totalmente e altamente vantajoso, para a clarificação das noções pelas quais nos interessamos, que se avance por linguísticas diferentes, se elas devem, separadas, conquistar cada uma maior rigor, deixando para ver em seguida como elas podem se juntar e se articular (BENVENISTE, 2006[1966a], p. 240).

De acordo com Barthes (1988, p. 207), a Linguística elaborada por Benveniste, centrada na *enunciação*, tem a capacidade de promover a *reconfiguração* das Ciências Humanas, haja vista trabalhar “uma velha antinomia mal liquidada: a do subjetivo e do objetivo, do indivíduo

e da sociedade, da ciência e do discurso”. De nosso ponto de vista e com base em nossas análises, reescreveríamos essa *formulação* da seguinte forma: a Linguística Geral elaborada por Benveniste, ao centrar-se no estudo da *significação*, projeta uma *reconfiguração* das Ciências Humanas, uma vez que, teorizando sobre a dupla significância da *língua*, demonstra, teórica e metodologicamente, como a *língua significa* e o que faz dela um sistema semiológico singular. As antinomias citadas por Barthes pouco são relevantes se se considera as evidências sobre as quais Benveniste se volta, a fim de questioná-las. Por conseguinte, é por colocar no centro de seu interesse o estudo da *significação* que é possível a Benveniste teorizar sobre a *enunciação*. Benveniste é reconhecidamente discursivizado como o linguista da enunciação; para nós, um linguista geral que, a partir de suas análises das línguas, teorizou sobre a significância da *língua*, o que o possibilitou refletir sobre a *enunciação*.

Dessons pondera que Benveniste “baseou sua linguística sobre a questão da subjetividade. Essa atitude contraria todo o movimento da linguística estrutural, que por muito tempo ‘pôs de lado’ o problema do sujeito”¹²⁹ (DESSONS, 2006, p. 97, tradução nossa). De nossa perspectiva, por basear sua Linguística Geral sobre a questão da dupla *significação*, Benveniste funda sua Linguística Geral no trinômio *língua, cultura, personalidade*, o qual implica não só a questão da *subjetividade*, mas também a questão da significância da *língua*, a questão da relação *sociedade-cultura*, a questão do *sujeito* etc. É por basear-se nesse trinômio que Benveniste, de nosso ponto de vista, e concordando com Dessons (2006), caminha na contramão do movimento estruturalista ortodoxo de sua época, uma vez que, ao eleger como objeto de investigação a *significação*, *reinsere* a Linguística no espaço das demais Ciências Humanas e a coloca em posição central no seio da Semiologia. Nas palavras de Benveniste: o que é importante “é o mecanismo da significação. É neste nível que o estudo da língua pode tornar-se uma ciência piloto” (2006[1968a], p. 24), isso porque, de seu ponto de vista, todas as Ciências Humanas contraem relações necessárias com a significância da *língua*.

Conforme temos asseverado, a Linguística Geral de Émile Benveniste elege como objeto de investigação a *significação*, e não a *enunciação*. Para nós, é por centrar-se no estudo da *significação* que Benveniste teoriza sobre a *enunciação*. Desse modo, de nosso ponto de vista, a Linguística Geral de Émile Benveniste não se restringe ao estudo temático da *enunciação*, embora o contemple como poucos o fizeram. Tendo se dedicado a diferentes temas

¹²⁹ Benveniste « fondé sa linguistique sur la question de la subjectivité. Cette attitude allait à contre-courant de l'ensemble du mouvement de la linguistique structurale, qui avait longtemps ‘mis de côté’ le problème du sujet » (DESSONS, 2006, p. 97).

no campo da Linguística, o que une e dá coerência à sua teorização é, como dissemos, a preocupação em compreender como a *língua significa e simboliza*.

Essa questão – como a *língua significa*? – que perpassa todo o trabalho autoral de Émile Benveniste, tendo em vista o *acontecimento* da distinção entre *semiótico* e *semântico*, coloca em relação de base o trinômio *língua, cultura, personalidade*, dado que pensar a *significação*, em Benveniste, implica pensar a *forma* e o uso da *língua*. Logo, conforme explicitado, para nós, os conceitos que compõem o trinômio em análise adquirem, em seu corpo de definições, valor técnico, ou seja, o sentido por eles veiculados distingue-se do sentido usual. Em outros termos: o significado mobilizado por esses conceitos, no conjunto de proposições que estão neles inscritos, é diverso daquele da linguagem cotidiana, assim como é diverso de outras *formulações* da Linguística. Conforme Pêcheux (2014[1975], p. 176), no campo da ciência, os conceitos não possuem “a rigor, *um sentido*, mas uma função em um processo” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 176) discursivo. Sobre isso, segundo Silva Sobrinho,

[...] a prática teórica inventa ou reinventa os conceitos de que necessita para a formulação de seu problema ou questão. No caso da reinvenção de conceitos existentes em práticas teóricas já estabelecidas, produzem-se deslocamentos, deslizamentos, transferências de sentidos para que o conceito [...] se ajuste aos outros conceitos da prática teórica da qual passa a fazer parte (SILVA SOBRINHO, 2013, p. 309).

Nessa medida, conforme nossas análises, os conceitos que compõem o trinômio, na prática teórica de Émile Benveniste, ganham sua especificidade conceitual. A compreensão dessa especificidade é fundamental à compreensão de sua Linguística Geral. Portanto, esses conceitos não podem ser tomados do modo como aparecem em outros discursos, mas relacioná-los a outros discursos teóricos da Linguística é, também, delimitar sua especificidade, seu alcance e seus efeitos de sentidos possíveis.

CONSIDERAÇÕES “FINAIS”

Adoro Reticências... Aqueles três pontos intermitentes que insistem em dizer que nada está fechado, que nada acabou, que algo sempre está por vir! A vida se faz assim! Nada pronto, nada definido. Tudo sempre em construção. Tudo ainda por se dizer... Nascendo... Brotando... Sublimando... Vivo assim... Numa eterna reticência... Para que colocar ponto final? O que seria de nós sem a expectativa de continuação?

Nilson Furtado

Em 8 de outubro de 1976, cinco dias após a morte de Émile Benveniste, consta, nos registros das sessões da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, um discurso realizado por Félix Lecoy, então presidente da Academia, em ocasião da morte de Benveniste. Diz Lecoy (1976, p. 492-493):

Émile Benveniste nasceu em 27 de maio de 1902; ele morreu em 3 de outubro de 1976. Desde dezembro de 1969, ele luta contra a doença e mantém contato com seus colegas.

Aos vinte, ele é um estudioso de gramática; aos vinte e cinco anos, diretor de estudos da Hautes Etudes; aos 35 anos, professor do Collège de France. Basta que apareça; portas se abrem diante dele. Quando, em 1960, a morte de Joseph Vendryes deixou vago entre nós o lugar da linguística, ele foi apresentado por Louis Renou e, a partir dessa apresentação única, eleito. Não que ele fosse ambicioso; não que ele gostasse de honras; poucos foram menos que ele. Mas esse homem discreto e secreto irradiava uma autoridade extraordinária.

Como seu mestre Antoine Meillet moldou a linguística do primeiro meio século, ele modelou a do segundo. A gramática comparada e a teoria geral da linguagem permanecem, ambas impressas por sua marca. Outros, mais qualificados que eu, lembrarão qual foi sua abordagem lúcida e rigorosa, essa admirável aliança entre o sentido do real e o espírito do sistema. Eles nos contarão sobre o vasto e variado trabalho escrito que, na véspera da catástrofe, coroa os Problemas da Linguística Geral, publicados em 1966, e o Vocabulário das Instituições Indo-Europeias, publicado em 1969. Eles também lhe dirão que professor ele foi, em ambos os lados da Rua Saint-Jacques, e que impressão, que fascínio intelectual ele exerceu sobre o público.

*Estamos todos conscientes de perder, com ele, uma das maiores mentes do nosso tempo.*¹³⁰

Esse discurso, emocionante para aqueles que se dedicam a ler os estudos de Émile Benveniste, situa, em certa medida, como a teorização desse autor *circulou* e foi significada no espaço francês daquele tempo. Diz Lecoy: “basta que apareça; portas se abrem diante dele”; “homem discreto e secreto irradiava uma autoridade extraordinária”; “ele modelou a [linguística] do segundo [século]”; “abordagem lúcida e rigorosa”; “vasto e variado trabalho escrito”; “uma das maiores mentes do nosso tempo”. Elogios a parte, para nós, no que concerne

¹³⁰ Allocution à l’occasion de la mort de M. Émile Benveniste : «Émile Benveniste était né le 27 mai 1902 ; il s’est éteint le 3 octobre 1976. Depuis décembre 1969, il luttait contre la maladie et gardait le contact avec ses compagnons d’études. A vingt ans, il est agrégé de grammaire ; à vingt-cinq ans, directeur d’études aux Hautes Études ; à trente-cinq ans, professeur au Collège de France. Il suffit qu’il paraisse ; les portes s’ouvrent devant lui. Lorsqu’en 1960 le décès de Joseph Vendryes laisse vacante parmi nous la place de la linguistique, il est présenté par Louis Renou et, dès cette unique présentation, élu. Non qu’il fût ambitieux ; non qu’il fût friand d’honneurs ; peu l’ont été moins que lui. Mais de cet homme discret, secret, rayonnait une extraordinaire autorité. Comme son maître Antoine Meillet avait façonné la linguistique du premier demi-siècle, il a façonné celle du second. Grammaire comparée et théorie générale du langage restent, l’une et l’autre, marquées de son empreinte. D’autres, plus qualifiés que moi, rappelleront quelle a été sa démarche, lucide et rigoureuse, cette admirable alliance entre le sens du réel et l’esprit de système. Ils nous parleront de la vaste œuvre écrite, si diverse et si une, que couronnent, à la veille de la catastrophe, les Problèmes de linguistique générale, parus en 1966, et le Vocabulaire des institutions indoeuropéennes, paru en 1969. Ils vous diront aussi quel professeur il a été, d’un côté et de l’autre de la rue Saint-Jacques et quelle emprise, quelle fascination intellectuelle il a exercées sur ses auditoires. Nous avons tous conscience de perdre, avec lui, un des plus grands esprits de notre temps » (LECOY, 1976, p. 492-493).

à Linguística Geral produzida por esse autor, em nosso gesto de leitura, tomando como eixo de análise a *circulação*, a *constituição* e a *formulação* de sua teorização, consideramos que Benveniste ocupou/ocupa um lugar de contradição no espaço político-simbólico da Linguística, porque, ao mesmo tempo que em *circula* e é requisitado nesse espaço, ele também é silenciado, de alguma forma, ao menos por dois motivos: (1) as cátedras que ocupou na *École Pratique des Hautes Études* e no *Collège de France* são destinadas à Gramática Comparada, o que o fez ser significado nesse lugar e, com a emergência da chamada Linguística Moderna, cujo foco é a linguística sincrônica, a Gramática Comparada perde seu lugar de dominância na Linguística; e (2) sua tomada de posição frente à Linguística, por eleger como objeto de investigação a *significação* e por apregoar a necessidade de *reinsérer* a Linguística no conjunto das Ciências Humanas, fatos não contemplados pelo estruturalismo ortodoxo de seu tempo, silenciou, em certa medida, seu trabalho em Linguística Geral.

Desde 1920, quando se graduou em Letras, até 1969, quando é acometido pela doença, são aproximadamente 49 anos dedicados ao estudo das línguas e da linguagem. Ao longo desses anos, Benveniste dedicou-se aos estudos sobre o iraniano, à gramática comparada das línguas indo-europeias e à Linguística Geral. Com relação à Linguística Geral, somente no final de sua jornada intelectual, com a publicação dos *Problemas de Linguística Geral*, que Benveniste passa a ser significado e reconhecido nesse lugar, mais propriamente, como linguista da enunciação¹³¹. Consoante com Normand (2007, p. 232, tradução nossa), julgamos que “o sucesso do termo [enunciação], utilizado a fins diversos, muitas vezes longe do que pretendia Benveniste, escondeu o resto da obra e nos fez acreditar na simplicidade de uma nova teoria que permitiu - finalmente! - deixar sem dor o estruturalismo”¹³². Em nossos termos, silenciou parte considerável da Linguística Geral desse autor, fazendo-nos acreditar na simplicidade dessa teoria. Isto é, para nós, o modo como o pensamento benvenistiano *circulou* e se historicizou gerou um “efeito de evidência” sobre sua teorização, naturalizando os efeitos de sentidos sobre sua linguística reduzida à enunciação e sobre o caráter indicial da linguagem.

Vários foram os estudiosos que, analisando o trabalho teórico de Benveniste, o consideraram “vasto e variado” (LECOY, 1976), “pensamento multifacetado” (ONO, 2007),

¹³¹ Conforme Ono (2007, p. 27), « se référer à Benveniste lorsqu'on définit l'énonciation est devenu, on le sait, une pratique courante en linguistique française ». Tradução nossa: « se referir a Benveniste ao definir a enunciação tornou-se uma prática comum na linguística francesa ».

¹³² « le succès du terme [enonciation], utilisé à des fins diverses, souvent bien éloignées de ce que visait Benveniste, a caché le reste de l'oeuvre et fait croire à la simplicité d'une théorie nouvelle qui permettait – enfin ! – de sortir sans douleur du structuralisme » (NORMAND, 2007, p. 232).

aparentemente, sem unidade teórico-metodológica. Kristeva, por exemplo, analisando os dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*,

[...] ainda baseado no estudo das línguas antigas e na linguística comparada, os trabalhos de Benveniste reunidos no tomo I dos *Problèmes de Linguistique Générale* (1966) já respondiam a essas questões teóricas. **Um segundo Benveniste, que esclarece e desloca as principais interrogações de sua primeira linguística geral, surge no tomo II** dos *Problèmes de Linguistique Générale* (1974), publicado depois de seu acidente vascular cerebral e que reúne artigos escritos de 1965 a 1972. A leitura atenta desses dois volumes possibilita distinguir duas etapas principais na *evolução de seu pensamento* (KRISTEVA, 2014[2012], p. 37, grifo itálico da autora e negrito nosso).

Kristeva considera os dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral* duas etapas distintas, dado que o segundo tomo apresenta, para ela, “um segundo Benveniste, que esclarece e desloca as principais interrogações de sua primeira linguística geral” (KRISTEVA, 2014[2012], p. 37). Consoante com Guimarães (2018, p. 54-55), discordamos desse gesto de leitura, haja vista considerarmos o *acontecimento* da republicação dos artigos que compõem essas coletâneas como decisiva do percurso teórico de Benveniste. Para nós, não há “uma primeira linguística geral” e “uma segunda linguística geral”, um “primeiro” Benveniste e um “segundo” Benveniste; e/ou “duas etapas principais na *evolução de seu pensamento*”. Os artigos reunidos nessas coletâneas dão forma, visibilidade e *circulação* à Linguística Geral proposta por esse autor e permite-nos analisar o trabalho permanente de teorização que desenvolve: Benveniste “não abre mão da relação de significação própria da linguagem e dos fatos humanos” (GUIMARÃES, 2018, p. 55). Sendo assim, considerações semelhantes às de Kristeva (2014[2012]), conforme Guimarães (2018, p. 55), distorcem “fortemente o sentido do trabalho de Benveniste”.

Nesta tese, voltando-nos à análise dos textos científicos produzidos por Émile Benveniste, compreendidos como instrumentos linguísticos, e publicados nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral*, articulando Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas, trabalhamos a questão do trinômio *língua, cultura, personalidade*, que constitui a base da Linguística Geral proposta por Benveniste. Ao longo de nossas análises da *formulação*, da *constituição* e da *circulação* da obra benvenistiana, de nossa perspectiva, o estudo da *significação* nessa teorização só é possível levando em conta a relação indissociável entre os conceitos que compõem esse trinômio. As questões que embasam o projeto benvenistiano de Linguística Geral são: “como a *língua* significa?” e “como a *língua* simboliza?”. Segundo ele, é no nível signifiante “que o estudo da língua pode tornar-se uma ciência piloto” das Ciências

Humanas (BENVENISTE, 2006[1968a], p. 24). Observemos: o interesse de Benveniste pela semantização da *língua* nasce no quadro de uma semiologia distinta da de Saussure, embora a considere em seu corpo teórico; distinta porque, centrando-se na *significação*, desloca-se do estruturalismo ortodoxo de seu tempo e funda uma Linguística autoral.

Em sua *constituição*, essa teorização linguística, em sua rede de filiações, dialoga com outras teorizações, filiando-se, a partir de sua tomada de posição frente ao objeto da linguística, de modo reivindicado – por aproximação/deslocamento – e de modo não-reivindicado – por afastamento/ressonância – a alguns autores. Conforme apontamos e consoante com Guimarães (2009, p. 5), “o processo de circulação de conhecimento afeta as próprias condições de sua produção, na medida em que produz sentido no embate político de que participa”. Teorizando no período do apogeu do estruturalismo ortodoxo, a tomada de posição desse sujeito-autor pelo estudo da *significação*, o fez posicionar-se: (1) por afastamento/ressonância a estudiosos que se voltaram à análise estrutural e lógica da língua, tais como Bloomfield e Harris; e (2) por aproximação/deslocamento a estudiosos das diversas áreas das Ciências Humanas, por exemplo, Saussure, Freud, Lévi-Strauss etc. O trabalho teórico de Benveniste engendra uma rede de filiações teóricas que leva em conta a conjuntura política, a prática histórica e social da época de sua produção, isso porque, ao se filiar por afastamento/ressonância ao estruturalismo ortodoxo, direciona os sentidos de sua teorização para um outro modo de fazer ciência, o qual considera que a análise da *forma* linguística só tem sentido se se levar em consideração o uso da *língua*. Ou seja, Benveniste, voltando seu interesse sobre a *significação*, o excluído do espaço político-simbólico da Linguística e relegado do domínio filosófico, institui um *acontecimento* na Linguística, dado que, ao surgir, produz diferenças (cf. GUIMARÃES, 2004).

Conforme Orlandi (2014, p. 122), as *formulações* teóricas possuem “seus sentidos divididos em posições que procedem de maneiras distintas de descrição, análise e consideração de seus diferentes objetos teóricos, em distintas maneiras de significar a exterioridade”. Assim sendo, nessas maneiras distintas, “considerar o ‘equivoco’ como parte da constituição de *qualquer* sentido é fundamental na construção da ciência. Porque é no equivoco que, do irrealizado, podemos fazer irromper um outro sentido, podemos fazer a ciência fazer (outro) sentido” (ORLANDI, 2003b, p. 19, grifo itálico da autora). A tomada de posição de Benveniste sobre a *significação* “contraria todo o movimento da linguística estrutural, que há muito ‘deixava de lado’ o problema do sujeito”¹³³ (DESSONS, 2006, p. 97, tradução nossa). Esse que,

¹³³ « contre-courant de l’ensemble du mouvement de la linguistique structurale, qui avait longtemps ‘mis de côté’ le problème du sujet » (DESSONS, 2006, p. 94).

em Benveniste, aparece atrelado ao conceito *personalidade*. Acrescentamos à citação de Dessons: que há muito “deixa de lado” o uso da *língua* e o simbolismo cultural nela presente.

Com relação ao conceito *língua*, esse é empregado por Benveniste a partir da distinção entre: *nível histórico*, sinônimo de idioma, por exemplo, língua portuguesa, língua francesa etc.; e *nível fundamental*, significando sistema de formas significantes (*língua-sistema*) e atividade manifestada na instância de *discurso* (*língua-discurso*). Desse modo, no *nível fundamental*, a *língua* possui natureza paradoxal, haja vista abarcar o *acontecimento* da distinção *semiótico* e *semântico*¹³⁴. É *no* e *por meio* desse *acontecimento* que Benveniste especifica seu conceito *língua*, tornando sua Linguística Geral autoral, haja vista analisar a *língua* do ponto de vista da *significação*, isso porque, para ele, o princípio da *língua* é *significar*.

Para nós, em nosso gesto de leitura, é estabelecendo como princípio de descrição e análise linguística a *significação* que Benveniste coloca a sua Linguística no centro da Semiologia. A *língua*, o nível *significante*, é, para ele, o ponto de convergência entre as ciências que falam do homem, por isso a Linguística, *reinserida* nesse espaço político-simbólico, poderia ser alçada à ciência piloto das demais Ciências Humanas. As Ciências Humanas, de seu ponto de vista, devem ter relação necessária com a significância da *língua*, a qual é o *interpretante* de todos os demais sistemas semiológicos. Conforme expomos, para Benveniste, não há *forma* sem *sentido*, por isso a *significação* é o fundamento. Em outros termos, o valor de uma *forma* está na relação que ela contrai na *sintagmatização*; por isso, o *sentido* da palavra (na *frase*) é seu emprego.

No que concerne ao conceito *cultura*, ao considerá-lo em sua teorização relacionado à *língua* e à *personalidade*, Benveniste mobiliza-o em dois níveis: *nível histórico*, referindo-se a culturas específicas, por exemplo: “cultura grega”, “cultura ocidental”, “cultura do extremo oriente” etc. No *nível fundamental*, por seu turno, o conceito é empregado como conjunto complexo de representações organizadas por/em um sistema de valores; em outros termos, *cultura* é tomado por Benveniste como sistema semiológico *interpretado* na e pela *língua*, sistema semiológico *interpretante* de todos os demais sistemas. Para Benveniste, a Linguística não é uma Ciência Natural, dado que seu objeto não existe na natureza, mas na *cultura*. A Linguística é uma Ciência Humana; a linguagem não tem realidade fora da atividade humana. Sendo assim, de nosso ponto de vista, na teorização benvenistiana, *cultura* não é simplesmente

¹³⁴ De acordo com Arrivé, referindo-se ao par conceitual semiótico e semântico, “Benveniste não tinha, infelizmente, nenhum talento terminológico” (ARRIVÉ, 2007, p. 12, tradução nossa de « Benveniste n’avait, hélas, aucun talent terminologique »). Discordamos do posicionamento assumido por Arrivé, dado que, de nosso ponto de vista, no interior dessa prática teórica, esses conceitos contraem sentidos e funções nesse processo discursivo.

uma ideia, é um conceito fundante de sua Linguística Geral, o qual, relacionado com os conceitos *língua* e *personalidade*, permite fundar uma teoria das atividades simbólicas do homem.

No tocante ao conceito *personalidade*, estendemos a divisão estabelecida por Benveniste entre *nível histórico* e *nível fundamental* ao conceito *personalidade*, compreendendo-o, em seu *nível histórico*, como “falante”, “locutor”; e, em seu *nível fundamental*, como posição assumida pelo *sujeito* no *discurso*. Logo, *personalidade*, em Benveniste, constitui uma unidade significativa, simbólica, dado que evidencia a presença daquele que diz e se constitui *sujeito* no *discurso*. É por colocar esse conceito como um dos tripés de sua teorização que Benveniste pode considerar a *subjetividade* na linguagem e, assim, “escapar” ao idealismo vigente na Linguística em relação de dominância na época. Desse modo, para além da compreensão da teorização de Émile Benveniste, julgamos ter demonstrado, com a análise, que os deslocamentos teóricos e os processos de ressignificação conceitual da teorização de Benveniste no quadro geral de suas filiações significam sua Linguística como autoral.

Sabemos que toda interpretação marca uma tomada de posição, e aqui, em nosso caso, não é diferente. Em nossa análise, tentamos expor o olhar-leitor aos sentidos que a *formulação* teórica de Émile Benveniste possibilita-nos instaurar, bem como as articulações teóricas engendradas na *constituição* de sua teorização. De nosso ponto de vista, a teorização linguística elaborada por Benveniste é fundamentada na relação indissociável do trinômio *língua, cultura, personalidade*, a qual o permite centrar no estudo da *significação*. Para esse autor, *língua* e homem não se separam: só há *língua* se há homem, só há homem se há *língua*. Ao longo de nossas análises, observamos que Benveniste instaura um aprofundamento da compreensão da estrutura e do funcionamento da *língua* em *discurso*, por isso a necessidade desse teórico em considerar esse trinômio em sua base linguística. De nossa perspectiva, Benveniste é um linguista que contrai relações fortes com as Ciências Humanas, isso o constitui tão forte que ele não dissocia *língua* de *cultura* e *personalidade*. Para ele, é o simbolismo da *língua* que liga *cultura* e *personalidade*.

Para nós, nossa pesquisa contribui para a constituição da História das Ideias Linguísticas, uma vez que toma como instrumento linguístico a teorização em Linguística Geral de Émile Benveniste e analisa esse instrumento a partir de uma visada discursiva, a qual possibilita-nos, considerando a opacidade da linguagem, realizar leituras que deslocam a teorização desse autor, considerada dispersa e sem unidade teórico-metodológica, para (re)situá-la como *acontecimento* no espaço político-simbólico da Linguística. Para tanto,

tomamos posição face à história da ciência, o que exige nosso esforço em ler, interpretar e compreender essa nossa história. Não nos esqueçamos que a constituição de um *arquivo* é um gesto político-simbólico que produz efeitos nas redes do(s) sentido(s).

À guisa de conclusão, retomamos uma frase de Roland Barthes sobre a obra de Benveniste, a qual é recorrentemente citada. Diz o crítico: “Tudo é claro no livro de Benveniste, tudo nele pode imediatamente ser reconhecido como verdade; e, no entanto, tudo também nele não faz mais do que começar” (BARTHES, 1988, p. 181). Muitas são as pesquisas, no Brasil e no exterior, que, ao se voltarem sobre a obra de Benveniste, citam à revelia essa passagem da qual, haja vista nosso posicionamento assumido, discordamos. Somos admiradoras do trabalho de Barthes e da fascinação com que esse analisou a obra de Benveniste; contudo, nessa passagem, o “tom poético” de Barthes serviu, em certa medida, para popularizar as ideias de que: (1) a obra de Benveniste é “clara”, no sentido de ser compreensível facilmente, e que não conjuga nenhuma complexidade conceitual; (2) a obra de Benveniste “não faz mais do que começar” reverbera a ideia de que há não teorização/projeto de estudo em seus escritos. Conforme discorreremos ao longo desta tese, nada é “claro”, no sentido de evidente, porque os sentidos são sempre suscetíveis de se tornarem outros (cf. PÊCHEUX, 2008, p. 53) em vista da posição sujeito e da inscrição daquele que diz em uma determinada formação discursiva. Ademais, apostar na ideia de que a teorização benvenistiana “não faz mais do que começar” é apostar em uma visão científica de completude, quando, de fato, “não há ponto final como não há começo absolutos” (ORLANDI, 2012, p. 114); essas são, pois, instâncias do imaginário, dado que “a incompletude é característica de todo processo de significação” (ORLANDI, 2012, p. 19). Dito isso, entre um ponto final e reticências, conforme a epígrafe que abre esse tópico, escolhemos as reticências para “finalizar”. Segundo Orlandi, as reticências

[...] são signos de silêncio, presença de uma ausência anunciada. Um acréscimo radical que abre para tudo, para qualquer coisa. Não é o vazio: elas marcam o lugar de um acréscimo possível, mesmo necessário, livrado à memória, aberto ao efeito leitor. Presenças que aludem a uma ausência apenas delineada. Evocação, ausência, buraco, falta mostrada pela relação com uma completude impossível, mas imaginariamente referível (ORLANDI, 2012, p. 121).

De nosso ponto de vista, conforme Agustini (2019), retomando Pêcheux (2010[1969]),

[...] o arquivo pode constituir-se como evidência: que umas partes sejam expostas ao olhar-leitor e que outras permaneçam à margem, silenciadas, que certos documentos ganhem projeção e visibilidade ao circularem socialmente e que outros restem “escondidos”, “perdidos”, “bloqueados”, na e pela

conjuntura sócio-histórica e ideológica, ao olhar-leitor. A circulação dos arquivos responde, assim, a relações de poder instituídas na e pela sociedade, que instauram uma divisão desigual dos sujeitos e de seus modos de circulação/participação social. Quem e por que meios “recebe” acesso aos arquivos? Há restrições e coerções de diferentes ordens em funcionamento, explícitas e implícitas, que regem a heterogeneidade social, a luta de classes e o modo de circulação dos arquivos nessa heterogeneidade (AGUSTINI, 2019).

Em nossa leitura, consideramos que Benveniste, no espaço político-simbólico da Linguística, constitui, com a compilação e republicação dos *Problemas de Linguística Geral* um *arquivo* com 48 artigos por ele publicados de 1939 a 1972. Esse gesto de político-simbólico de republicação dá visibilidade e *circulação* à Linguística Geral por ele produzida, ao mesmo tempo em que silencia muitos outros artigos, os quais restam, conforme Agustini (2019), “‘escondidos’, ‘perdidos’, ‘bloqueados’, na e pela conjuntura sócio-histórica e ideológica, ao olhar-leitor”.

Esse *arquivo* constituído por Benveniste, e legado a seus leitores, permite diferentes gestos de leitura, uma vez que, como bem o diz Orlandi (2014, p. 123) os sentidos “não existem em si, mas nos efeitos de sua ligação com a exterioridade, que aponta para a abertura do simbólico”. Em nosso gesto político-simbólico de leitura desse *arquivo*, constituímos um “arquivo de leitura”. Esse mo(vi)mento de constituição de um “arquivo de leitura” rompe com certas discursividades automatizadas sobre a Linguística de Benveniste e instaura uma *outra* leitura. Essa outra leitura foi possível porque, ao nos colocarmos na posição de analistas de discurso, fazendo História das Ideias Linguísticas, lidamos com a *constituição*, a *formulação* e a *circulação* (cf. ORLANDI, 2012) da teorização de Benveniste e isso implica um modo de fazer história que considera o como os textos científicos, como instrumentos linguísticos, se constituem, se formulam e circulam no espaço político-simbólico da produção de conhecimento científico.

Finalmente, cabe dizer que esse modo de leitura não cai na ingenuidade da datação historiográfica e da “descoberta”, porque considera, no mo(vi)mento de análise, o caráter político das relações de força subjacentes à produção de conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGUSTINI, Cármen Lúcia Hernandes Agustini. (N)as dobraduras do dizer e (n)o não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.). *Análise do Discurso no Brasil. Mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, SP: Claraluz, 2007, p. 303-312.

AGUSTINI, Cármen Lúcia Hernandes Agustini; ARAUJO, Érica Daniela de; LEITE, João de Deus. Émile Benveniste: uma letra que encarna a linguagem. In: *Entremeios*, v. 10, p. 115-121, 2015. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/232.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

AGUSTINI, Cármen Lúcia Hernandes Agustini; SILVA, Flávia Santos da. A frase como unidade de discurso. (n)as teorizações de Émile Benveniste. In: *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 1, p. 217-235, 2015. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao35/artigo9.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

AGUSTINI, Cármen; RODRIGUES, Eduardo Alves. O conceito de língua em/de Benveniste. In: *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 41, n. jan.-jun., p. 9-30, 2018a. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao41/edicao41.html>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

AGUSTINI, Cármen. Émile Benveniste: o duplo funcionamento da língua no discurso. In: AGUSTINI, Cármen; RODRIGUES, Eduardo Alves (Org.). *Uma vida pela linguagem. Homenagem a Émile Benveniste*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

AGUSTINI, Cármen. Discurso proferido na conferência de abertura do XII Workshop do Grupo de Pesquisa e Estudo em Linguagem e Subjetividade, realizado nos dias 1 e 2 de julho de 2019, na Universidade Federal de Uberlândia, cujo tema foi: “AAD-69 e depois: a problemática do arquivo nos estudos”.

AGUSTINI, Cármen. Os termos da língua em Benveniste: (N)as marcas de sua filiação a Saussure. No prelo.

ARISTÓTELES. *Organon. I – Categorias. II - Periérmenias*. Lisboa: Guimarães Editores Ltda, 1985.

ARRIVÉ, Michel. Préface. ONO, Aya. *La notion d'enonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007, p. 9-13.

AUROUX, Sylvain. La notion de linguistique générale. In: *Histoire Épistémologie Langage*, tome 10, fascicule 2, 1988. Antoine Meillet et la linguistique de son temps, sous la direction de Sylvain Auroux. p. 37-56. Disponível em: <www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_1988_num_10_2_2260>. Acesso em: 29 jan. 2019. <https://doi.org/10.3406/hel.1988.2260>

AUROUX, Sylvain (Org.). *Histoire des idées linguistiques: la naissance des métalangages em Orient et Occident*. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1989. Tomo I.

AUROUX, Sylvain. L'histoire des sciences du langage et le paradoxe historiographique. In: ***Le Gré des langues*** 8, 1995, p. 40-62.

AUROUX, Sylvain. Les modes d'historicisation. In: ***Histoire Épistémologie Langage***, tome 28, fascicule 1, 2006. Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection, p. 105-116. Disponível em : <https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2006_num_28_1_2869>. Acesso em: 15 jan. 2018. <https://doi.org/10.3406/hel.2006.2869>

AUROUX, Sylvain. ***A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências***. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

AUROUX, Sylvain. ***A revolução tecnológica da gramatização***. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. ***Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004[1982].

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa (s). Trad. Celene M. Cruz e João W. Geraldi. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 19, 1990, p. 25-42.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (2012). Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: ***Cadernos De Estudos Linguísticos***, 19, p. 25-42, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BALDINI, Lauro José Siqueira. ***Um linguista na terra da gramática***. 2005. 132 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2005 Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270352>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

BALLY, Charles. ***Le langage et la vie***. Genève: Droz, 1952[1913].

BARTHES, Roland. ***O rumor da língua***. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENVENISTE, Émile. Natureza do signo linguístico. In: BENVENISTE, Émile. ***Problemas de Linguística Geral I***. Campinas, SP: Pontes, 2005[1939]. p. 53-59.

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: BENVENISTE, Émile. ***Problemas de Linguística Geral I***. Campinas, SP: Pontes, 2005[1946], p. 247-259.

BENVENISTE, Émile. O sistema sublógico das preposições em latim. In: BENVENISTE, Émile. ***Problemas de Linguística Geral I***. Campinas, SP: Pontes, 2005[1949a], p. 141-149.

BENVENISTE, Émile. Eufemismos antigos e modernos. In: BENVENISTE, Émile. ***Problemas de Linguística Geral I***. Campinas, SP: Pontes, 2005[1949b], p. 340-347.

BENVENISTE, Émile. Ativo e médio no verbo. In: BENVENISTE, Émile. ***Problemas de Linguística Geral I***. Campinas, SP: Pontes, 2005[1950a –jan.-fev.], p. 183-191.

BENVENISTE, Émile. A frase nominal. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1950b], p. 163-182.

BENVENISTE, Émile. Dom e troca no vocabulário indo-europeu. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1951a], p. 348-360.

BENVENISTE, Émile. A noção de “ritmo” na sua expressão linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1951b], p. 361-370.

BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1952a], p. 60-67.

BENVENISTE, Émile. A construção passiva do perfeito transitivo. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1952b], p. 192-203.

BENVENISTE, Émile. A classificação das línguas. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1952-1953], p. 105-126.

BENVENISTE, Émile. Tendências recentes em Linguística Geral. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1954a], p. 3-18.

BENVENISTE, Émile. Problemas semânticos da reconstrução. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1954b], p. 319-339.

BENVENISTE, Émile. Civilização: contribuição à história da palavra. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1954c], p. 371-381.

BENVENISTE, Émile. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1956a], p. 81-94.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1956b], p. 277-283.

BENVENISTE, Émile. A frase relativa, problema de sintaxe geral. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1957-1958], p. 228-244.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1958a], p. 284-293.

BENVENISTE, Émile. Categorias de pensamento e categorias de língua. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1958b], p. 68-80.

BENVENISTE, Émile. Os verbos delocutivos. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1958c], p. 306-315.

BENVENISTE, Émile. As relações de tempo no verbo francês. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1959], p. 260-276.

BENVENISTE, Émile. “Ser” e “ter” nas suas funções linguísticas. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1960], p. 204-227.

BENVENISTE, Émile. “Estrutura” em Linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1962a], p. 97-104.

BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1962b], p. 127-140.

BENVENISTE, Émile. Para a análise das funções casuais: o genitivo latino. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1962c], p. 150-159.

BENVENISTE, Émile. A filosofia analítica e a linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1963a], p. 294-305.

BENVENISTE, Émile. Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1963b], p. 19-33.

BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1963c], p. 34-49.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1965a], p.68-80.

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de auxiliaridade. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1965b], p. 181-198.

BENVENISTE, Émile. O antônimo e o pronome em francês moderno. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1965c], p. 201-219.

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1966a], p. 220-242.

BENVENISTE, Émile. Convergências tipológicas. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1966b], p. 105-114.

BENVENISTE, Émile. As transformações das categorias linguísticas. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1966c], p. 129-139.

BENVENISTE, Émile. Como se formou uma diferenciação lexical em francês. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1966d], p. 263-277.

BENVENISTE, Émile. Formas novas da composição nominal. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1966e], p. 165-180.

BENVENISTE, Émile. A blasfêmia e a eufemia. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1966f], p. 259-262.

BENVENISTE, Émile. Fundamentos sintáticos da composição nominal. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1967], p. 147-164.

BENVENISTE, Émile. Estruturalismo e linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1968a], p. 11-28.

BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1968b], p. 93-104.

BENVENISTE, Émile. Esta linguagem que faz a história. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1968c], p. 29-40.

BENVENISTE, Émile. Semiologia da língua. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1969a], p. 43-67.

BENVENISTE, Émile. Mecanismos de transposição. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1969b], p. 115-128.

BENVENISTE, Émile. Gênese do termo “scientifique”. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1969c], p. 252-258.

BENVENISTE, Émile. Difusão de um termo de cultura: o latim orarium. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1969d], p. 245-251.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1970a], p. 81-90.

BENVENISTE, Émile. Dois modelos linguísticos da cidade. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1970b], p. 278-287.

BENVENISTE, Émile. Para uma semântica da preposição alemã vor. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1972], p. 140-144.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-européias I*. Campinas, SP: Unicamp, 1995[1969].

BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-européias II*. Campinas, SP: Unicamp, 1995[1969].

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris: Gallimard, 1974.

BENVENISTE, Émile. *Baudelaire*. Paris: Lambert-Lucas, 2011.

BENVENISTE, Émile. *Dernières Leçons: Collège de France (1968 e 1969)*. França: Seuil, 2012.

BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014[2012].

BLOOMFIELD, Leonard. *Le langage*. Paris: Payot, 1970[1933].

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003. p. 45

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2001.

BRANCO, Luiza Katia Andrade Castello. *A língua em além-mar: sentidos à deriva - o discurso da CPLP sobre língua portuguesa*. 2013. 325 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270483>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. São Paulo: EDUC, 1992[1897].

Cahiers Ferdinand de Saussure : Revue de linguistique générale. Genève: Librairie Broz Genève, v. 20, 1963. Disponível em : <http://www.cerlefdsaussure.org/download/cfs_pdf/Volume_20_1963.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.

CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. *Le langage et ses disciplines : XIXe-XXe siècles*. Paris, Bruxelas: Editions Duculot, 1999.

CHOMSKY, Noam. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. Brasília: Editora da UnB, 2000.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

COPPIETERS, Gibson Daniel de. Le XIIIe Congrès des Sociétés de philosophie de langue française (Genève, 2-6 septembre 1966). In: *Revue Philosophique de Louvain*. Troisième série, tome 64, n°84, 1966. p. 611-621. Disponível em : <https://www.persee.fr/issue/phlou_0035-3841_1966_num_64_84>. Acesso em: 10 jan. 2018.

COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène. Introdução. In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 67-86.

COSTA, Greciely Cristina da; SANTOS, Mírian dos. Entre “ ”: falta e excesso na relação com o silêncio. In: *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, n. 30, jul-dez 2012, p. 101-112. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao30/edicao30.html>>. Acesso em 25 jan. 2019.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113-126.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Éditions in Press, Paris, 2006.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Editora Perspectivas, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia Antonia Guedes. História das ideias linguísticas: origem, método e limitações. In: **Revista da ANPOLL**, São Paulo, v. 16, p. 131-146, 2004. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/553/563>>. Acesso em: 6 mai. 2017. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.553>

FURTADO, Nilton. **Reticências...** Disponível em: <<http://www.imgrum.org/tag/nilsonfurtado>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. (Org.) **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b, p. 169-191.

GUIMARÃES, Eduardo. A Linguística é uma Ciência Histórica? In: BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica: ciência das significações**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 9-15.

GUIMARÃES, Eduardo. **História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e Conhecimento: Produção e Circulação da Ciência. **RUA**, n. 15, v. 2, 2009. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/capaArtigo.rua?id=75>>. Acesso em: 12 jan. 2019. <https://doi.org/10.20396/rua.v15i2.8638851>

GUIMARÃES, Eduardo. O interesse de Benveniste. In: AGUSTINI, Cármen; RODRIGUES, Eduardo Alves (Org.). **Uma vida pela linguagem. Homenagem a Émile Benveniste**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p. 23-55.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010, p. 11-38.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão eletrônica.

JAKOBSON, R. Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe. In: **Essais de Linguistique Générale I**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1963, p. 176-196.

KRISTEVA, Julia. Prefácio: Émile Benveniste, um linguista que não diz nem oculta, mas significa. In: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: Editora Unesp, 2014[2012]. p. 29-66.

KROEBER, Alfred Louis; KLUCKHOHN, Clyde. Culture: A critical review of concepts and definitions. In: **Papers**. Peabody Museum of Archaeology & Ethnology, Harvard University, n. 1, v. 47. Cambridge: Peabody Museum, 1952. Disponível em: <

<http://www.pseudology.org/Psychology/CultureCriticalReview1952a.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

LECOY, Félix. Allocution à l'occasion de la mort de M. Émile Benvéniste, membre de l'Académie. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 120^e année, N. 3, 1976. p. 492-493. Disponível em: <www.persee.fr/doc/crai_0065-0536_1976_num_120_3_13279>. Acesso em: 15 jan. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003[1950], p. 11-46.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 1989[1952].

LÉVI-STRAUSS, Claude. Natureza e Cultura. In: *Revista Antropos*, v. 3, ano 2, dezembro de 2009[1949]. p. 17-26. Disponível em: <<http://revista.antropos.com.br/downloads/dez2009/Artigo%203%20-%20Natureza%20e%20Cultura%20-%20Claude%20L%E9vi-Strauss.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural 2*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

LORENSET, Rossaly Beatriz Chioquetta. *Língua e Direito: uma relação de nunca acabar*. Curitiba: Appris, 2017.

MANSUR GUÉRIOS, Rosario Farâni. Tabus Linguísticos. In: *Revista Letras*, [S.l.], v. 3, jul. 1955, p. 7-37. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20057/13237>>. Acesso em: 16 set. 2018.

MAURO, Tullio de. *Cours de Linguistique Générale - édition critique*. Paris: Editions Payot, 1972.

MEILLET, Antonie. Sur les caractères du verbe. In: *Revue Philosophique de la France Et de l'Étranger*. n. 89, jan.-dez. 1920. p. 1-22. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k17228s.r=meillet?rk=21459;2>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MEILLET, Antonie. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1921].

MEIRELES, Cecília. *Mar absoluto e outros poemas: retrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MILNER, Jean-Claude. *Introduction à une science du langage*. Paris: Le Seuil, 1989.

NEVES, Maria Helena de Moura. A teoria linguística em Aristóteles. In: *Alfa*, São Paulo, v. 25, 1981. p. 57-67.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, Sergio Lopes; PARLATO, Erika Maria; RABELLO, Silvana. (Orgs.) **O Falar da Linguagem** (Série linguagem). São Paulo: Lovise, 1996. p. 127-152.

NORMAND, Claudine. SAUSSURE-BENVENISTE. **Letras**, [S.l.], n. 33, p. 13-21, dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11920/7341>>. Acesso em: 16 set. 2017.

NORMAND, Claudine. Postface. In: ONO, Aya. **La notion d'enonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

NUNES, José Horta. Uma articulação da Análise de Discurso com a História das Ideias Linguísticas. In: **Letras**, n. 37, p. 107-124, dez. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11982/7396>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

ONO, Aya. **La notion d'enonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. Linguagem, interdição e subjetividade em Benveniste. In: AGUSTINI, Cármen; RODRIGUES, Eduardo Alves (Org.). **Uma vida pela linguagem. Homenagem a Émile Benveniste**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p. 227-246.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Segmentar ou recortar? In: **Linguística: questões e controvérsias**. Uberaba, FIUBE, 1984, p. 9-26.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. In: **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n. 1, p. 73-81, jul.-dez. 1998a. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6915/6378>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **RUA** (UNICAMP), v. 4, n. 1, p. 9-20, 1998b. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. N/o limiar da cidade. **RUA** (UNICAMP), número especial, p. 7-19, 1999a. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640678/8222>>. Acesso em: 15 jan. 2018

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre. *et al.* **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999b. p. 59-69.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Um fato, um acontecimento, uma história: ideias linguísticas no Brasil. In: **Relatos**. Campinas, n. 06, 2000. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_06.html>. Acesso em: 1 jun. 2017.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (Org.). **História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, p. 21-40, 2002a. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139>>. Acesso em: 20 jan. 2018. <https://doi.org/10.20396/cel.v42i0.8637139>

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Ideias no Brasil***. São Paulo: Cortez, 2002b.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (Orgs.). ***Para uma enciclopédia da cidade***. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003a, p. 7-20.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Introdução: a leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (Orgs.). ***A leitura e os leitores***. Campinas, SP: Pontes, 2003b.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico***. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***Análise de Discurso: princípios e procedimentos***. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). ***Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar***. São Carlos: Claraluz, 2005b. p. 75-88.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***As formas do silêncio: no movimento dos sentidos***. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. <https://doi.org/10.7476/9788526814707>

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo***. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***Língua Brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil***. Campinas, SP: Editora RG, 2009a.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***O que é linguística***. São Paulo: Brasiliense, 2009b.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso***. Campinas, SP: Pontes, 2011a.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A casa e a rua: uma relação político-social. In: ***Educação e Realidade***, v. 36, p. 693-703, 2011b. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/18491/14348>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos***. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. ***Ciência da Linguagem e Política - Anotações ao pé das Letras***. Campinas, SP: Pontes, 2014.

PÊCHEUX, Michel. (HERBERT, Thomas). Observações para uma Teoria Geral das Ideologias. In: **Rua**, n. 1, v. 1. Campinas: Nudecri/Unicamp, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638926/6529>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014a[1975].

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. (Org.) **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b, p. 57-67.

PERROT, Jean. Benveniste et les courants linguistiques de son temps. In : SERBAT, Guy ; TAILLARDAT, Jean ; LAZARD, Gilbert (Orgs.). **Émile Benveniste aujourd'hui : actes du colloque international du C.N.R.S**, tome I, Université François Rabelais, Tours, 28-30 septembre 1983, Louvain – Paris, Éditions Peeters, 1984, p. 13-33.

REDARD, Georges. Émile Benveniste (1902-1976). In: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: Editora Unesp, 2014[2012]. p. 199-233.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1980[1921].

SAPIR, Edward. Cultura: autêntica e espúria. In: **Sociologia & Antropologia**, v. 02, n. 04, 2012[1924]. p. 35-60. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v2n4/2238-3875-sant-02-04-0035.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2018. <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v243>

SAPIR, Edward. A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas. In: MEAD, Margaret; BENEDICT, Ruth; SAPIR, Edward. **Cultura e personalidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2015[1933], p. 110-123.

SAPIR, Edward. **Culture, language and personality : selected essays**. Berkeley: The University of California Press, 1949[1934].

SILVA SOBRINHO, José Simão da. Museu Da Língua Portuguesa: instrumento linguístico em tempos da ideologia do lazer. In: **Letras**, [S.l.], n. 46, p. 307-315, nov. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11736>>. Acesso em: 20 nov. 2018. <https://doi.org/10.5902/2176148511736>

SILVA SOBRINHO, José Simão da. Discursos sobre língua, tecnologias e efeitos de memória no museu da Língua Portuguesa. In: **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 22, n. 31, p. 101-114, jan.-jun., 2015. Disponível em:

<<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/3123/2192>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SILVA SOBRINHO, José Simão da; ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Entrevista com Eni Puccinelli Orlandi. In: **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 22, n. 31, p. 565-585, jan-jun, 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/3148/2188>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

STEFANIU, Luciana Fracasse; RAIMO, Luciana C. Ferreira Dias di. O espaço urbano, o grafite e a identidade do sujeito catador. **RUA** (UNICAMP), v. 1, n. 22, p. 19-32, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8646064/13207>>. Acesso em: 2 fev. 2018. <https://doi.org/10.20396/rua.v22i1.8646064>

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Revista Desenredo**, v. 8, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2639>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

TEIXEIRA, Marlene; MELLO, Vera Helena Dentee de. O aposto como marca de intersubjetividade: uma análise enunciativa. **Letras & Letras**, v. 29, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25966>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela Markmann. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. In: **Estudos da Língua(gem)**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 97, out. 2015. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/447/410>>. Acesso em: 18 ago. 2019. <https://doi.org/10.22481/el.v13i1.1281>

TODOROV, Tzvetan. Émile Benveniste, o destino de um erudito. In: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 243-262.

TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.